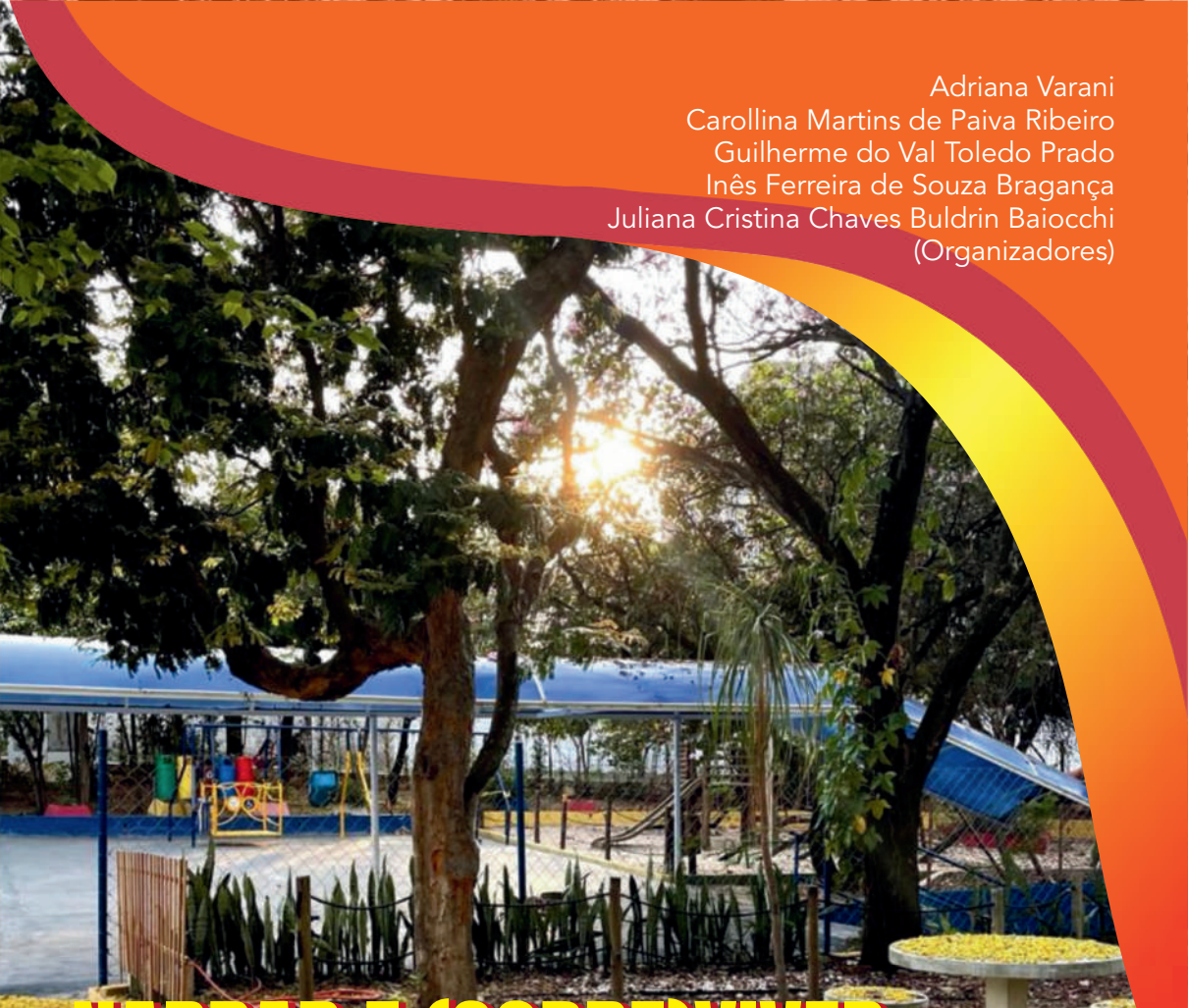
Adriana Varani
Carollina Martins de Paiva Ribeiro
Guilherme do Val Toledo Prado
Inês Ferreira de Souza Bragança
Juliana Cristina Chaves Buldrin Baiocchi
(Organizadores)



NARRAR E (SOBRE)VIVER EM PROCESSOS DE ENSINARAPRENDER

Movimentos formativos nos cotidianos da escola

Pedro & João editores

NARRAR E (SOBRE)VIVER EM PROCESSOS DE *ENSINARAPRENDER*:

MOVIMENTOS FORMATIVOS NOS COTIDIANOS DA ESCOLA

Pedro & João editores
20 Años

Adriana Varani
Carollina Martins de Paiva Ribeiro
Guilherme do Val Toledo Prado
Inês Ferreira de Souza Bragança
Juliana Cristina Chaves Buldrin Baiocchi
(Organização)

NARRAR E (SOBRE)VIVER EM PROCESSOS DE *ENSINARAPRENDER*:

MOVIMENTOS FORMATIVOS NOS COTIDIANOS DA ESCOLA

Pedro e João editores
20 anos

Copyright © Autoras e autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

Adriana Varani; Carollina Martins de Paiva Ribeiro; Guilherme do Val Toledo Prado; Inês Ferreira de Souza Bragança; Juliana Cristina Chaves Buldrin Baiocchi [Orgs.]

Narrar e (sobre)viver em processos de *ensinaraprender*: Movimentos formativos nos cotidianos da escola. São Carlos: Pedro & João Editores, 2026. 357p. 16 x 23 cm.

ISBN: 978-65-265-2706-1 [Impresso]
978-65-265-2707-8 [Digital]

1. Narrativas. 2. Formação. 3. Vida escolar. 4. Memórias. I. Título.

CDD – 370

Capa: Marcos Della Porta
Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB – 8-8828
Diagramação: Diany Akiko Lee
Editor: Valdemir Miotello
Diretores executivos: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Editorial da Pedro & João Editores:
Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil); Ana Patrícia da Silva (UERJ/Brasil).

Pedro & João Editores
www.pedroejoaoeditores.com.br
13568-878 – São Carlos – SP
2026

APRESENTAÇÃO

Decorrente do trabalho realizado na área de Teorias Pedagógicas da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (DEPRAC/FE/UNICAMP), vimos estabelecendo vínculos e parcerias com escolas públicas da região metropolitana de Campinas/SP. Parcerias que atravessam o trabalho com o ensino, a extensão e a pesquisa. Não foi diferente com a EMEF/EJA Padre Leão Vallerié que durante a pandemia fortaleceu vínculos e partilhas de trabalhos no campo da formação inicial, participando do programa da Residência Pedagógica vinculada à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Buscamos nas parcerias encontros cotidianos em que são reconhecidos os *saberesfazeres* de professoras e professores como potências no trabalho de uma escola socialmente e humanamente referenciada. E por tal, reconhecemos o papel da narrativa como propulsora do *pensarfazer* cotidiano potencializada pela perspectiva da *pesquisaformação.*

Em 2022, em colaboração com profissionais da escola, a saber: orientadora pedagógica, professores e professoras dos Anos Iniciais e Finais do Ensino Fundamental e da Educação de Jovens e Adultos da EMEF/EJA Padre Leão Vallerié, tecemos uma nova parceria institucionalizada através de projeto encaminhado para a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), no contexto do edital PROEDUCA 2022, coordenado pelo professor doutor Guilherme do Val Toledo Prado, intitulado como "Narrar e (sobre)viver em processos de *ensinaraprender*". Enquanto projeto de *pesquisaformação*, teve como objetivo potencializar a produção e sistematização de conhecimentos e saberes sobre a organização do trabalho pedagógico, as práticas instituintes e os aprendizados dos/as estudantes no atravessamento (inter/trans)disciplinar e coletivo, envolvendo leitura e escrita, ciências, educação física e arte.

Diante das experiências desenvolvidas com a orientação de estágio curricular, bem como nas pesquisas realizadas, construímos um conjunto de conhecimentos que têm indiciado a necessidade de um movimento *teóricopráticoteórico* e *práticoteóricoprático* nas experiências formativas que extrapolam a defesa de propostas pautadas na racionalidade técnica (Bragança, Leal, Cid, 2021; Varani, Souza, 2021; Guedes-Pinto; Fontana, 2006; Guedes-Pinto, 2015; Guedes-Pinto, 2019). E, como tal, temos também reconhecido que elaborar tais reflexões pela via das experiências vividas problematizadas, por meio de abordagens narrativas e (auto)biográficas, tem sido um caminho de superação da racionalidade técnica, nos encaminhando para entender e contribuir com a complexidade do trabalho realizado junto às crianças, jovens e adultos/as, em uma perspectiva ética, estética e política.

Neste sentido também problematizamos, no projeto desenvolvido, os processos de *ensinaraprender*, tanto das/os estudantes das escolas como das/os estudantes da universidade no contexto dos históricos distanciamentos entre universidade e escola, bem como as hierarquias de saberes e conhecimentos do contexto acadêmico e do cotidiano escolar, em uma abordagem que aponta para os encontros e potências que circulam e fertilizam diálogos entre as/os profissionais da educação da escola e da universidade, em um dinâmica calcada no isomorfismo pedagógico.

Por isomorfismo pedagógico, estamos entendo, em diálogo com o Movimento da Escola Moderna de Portugal e do Movimento Internacional da Pedagogia Freinet, que a possibilidade de praticar a formação das/os estudantes das escolas pode ser realizada com as mesmas bases materiais da formação inicial e continuada de professores/as, numa perspectiva sócio-centrada em que o cerne da relação *ensinaraprender* está posto nas interações sociais (não na transmissão de conteúdos disciplinares - sejam do ensino fundamental, seja da formação inicial de professores/as) como promotoras da formação humana (Niza, 2015).

Vale lembrar que o projeto foi elaborado no ano do retorno presencial das escolas, pós-isolamento social decorrentes da

pandemia de COVID-19 e, portanto, num contexto marcado pelas consequências tanto nas aprendizagens, nos afetos e nas condições de trabalho docente.

Várias frentes de trabalho na perspectiva da *pesquisaformação* foram desenvolvidas ao longo dos anos. Dentre elas, ressaltamos os encontros quinzenais com os/as professores/as bolsistas vinculados ao projeto. No diálogo com o objetivo de "potencializar a produção e sistematização de conhecimentos e saberes sobre a organização do trabalho pedagógico", nesses encontros, as professoras e os professores escreveram narrativas de experiências vividas na escola, que foram partilhadas e, deste movimento, temas pertinentes ao cotidiano eram problematizados e provocavam conversações. Alguns dos temas dos encontros disparados pela leitura das narrativas foram: a dimensão do planejamento coletivo; os saberes docentes que se constituem cotidianamente; a criação no ato docente; precarização do trabalho docente; docência como militância; trabalho coletivo e compartilhado; vidas e fases da docência; professores da escola como formadores de professores; dentre outros.

Inspirados na Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas (DNEP) (Suarez, 2016), realizamos a leitura entre pares do conjunto de narrativas de cada colega para a composição da tematização. A DNEP é um dispositivo que tem como referência a potência e a necessidade de circulação dos saberes produzidos no cotidiano escolar, promovendo um trabalho que mobiliza a escrita, a partilha entre pares, comentários, edição pedagógica, tematização e circulação. A tematização consiste no momento de retomada coletiva e reflexiva dos textos produzidos, identificando questões que disparam novas elaborações coletivas. Todas as pessoas tiveram suas narrativas lidas por um colega que, a partir da leitura, produzia uma reflexão, trazendo para o coletivo temas emergentes a serem refletidos coletivamente. As narrativas, de forma geral, davam a ver experiências cotidianas, marcadas pelas singularidades e pelas histórias cotidianas não documentadas reverberando na continuidade da problematização das questões

partilhadas (Rockwell; Ezpeleta, 2007). Toda essa produção foi recolhida, extensivamente trabalhada em diálogo com as narradoras e narradores e está, em parte, consolidada no presente livro. Dizemos em parte, pois, cada professor/a-autor/a escolheu até cinco narrativas do seu conjunto de produções para compor esse livro.

Para dar continuidade ao movimento iniciado na leitura entre pares, o livro está organizado da seguinte maneira: cada conjunto de narrativas de autoria de um/a professor/a é precedido por uma abertura composta por uma fotografia do cotidiano escolar e pela narrativa do/a professor/a que, durante a leitura entre pares, se debruçou sobre a totalidade da produção do colega.

O conjunto de narrativas, aqui partilhado, documenta experiências instituintes vividas e produzidas no cotidiano da EMEF/EJA Padre Leão Vallerié, reafirmando a potência da escola pública e do trabalho coletivo entre docentes. Fica o convite à leitura e o desejo de que nos inspire na formação inicial e continuada docente.

Referências

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza; LEAL DA COSTA, Conceição; CID, Marília. Formação inicial de professores/as no Brasil e em Portugal: contribuições de narrativas co-construídas. In Narrativas e Formação: diálogos universidade e escola. PRADO, Guilherme do Val Toledo; SERÓDIO, Liana Arrais; SIMAS, Vanessa França [Orgs.]. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021.

GUEDES-PINTO, Ana Lúcia e FONTANA, Roseli A. C. Apontamentos teórico-metodológicos sobre a prática de ensino na formação inicial. In Educação em Revista, Belo Horizonte, v. 44, dez, 2006.

GUEDES-PINTO, Ana Lúcia. Práticas de escrita na formação de professores: indícios de apropriação da profissão docente. Campinas: Mercado de Letras, 2015.

GUEDES-PINTO, Ana Lúcia. Professores iniciantes: pesquisa e organização do ensino no cotidiano escolar. In Desatando os nós da formação docente. (3a ed.) Porto Alegre: Mediação, 2019.

NIZA, Sérgio. As associações pedagógicas e a construção do conhecimento profissional. In. NÓVOA, Antonio; MARCELINO, Franciso; RAMOS DO Ó, Jorge (Org). Sérgio Niza: escritos sobre educação. Movimento da Escola Moderna e Edições Tinta da China, Lisboa, Portugal, 1a edição em 2012, Ano de Publicação: 2015.

ROCKWELL, Elsie; EZPELETA, Justa. A escola: relato de um processo inacabado de construção. In EZPELETA, Justa & ROCKWELL, Elsie. Pesquisa participante (2 ed.) São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1989.

SUÁREZ, Daniel Hugo Escribir, Leer Y Conversar Entre Docentes En Torno De Relatos De Experiência. Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica, v. 1, n. 3, p. 480-497, 13 dez. 2016.

VARANI, Adriana, SOUZA, Thais L. Avaliação, narrativas e os outros: reflexões na formação inicial de professores. In PRADO, Guilherme V. T., SERODIO, Liana A., SIMAS, Vanessa F. (Orgs.) Narrativas e Formação: diálogos universidade e escola. São Carlos, Pedro&João Editores, 2021, p.139-168.



Grafite em homenagem aos 40 anos da escola, realizado em 2021 pelo artista Leandro Ferreira dos Santos (Kranium) / Autora da foto: Juliana Cristina Chaves Buldrin Baiocchi

SUMÁRIO

PREFÁCIO **17**
Luiz Antonio Callegari Coppi

Anália em conversa com *Rogério Gerolineto Fonseca* **29**
DA LARANJA AO GLOBO 35
MAPA DE DESCOBERTAS 39
FINALMENTE, A IDA AO BOSQUE! 43
UMA TARDE NO BOSQUE 47
O CAMPO GRANDE É UMA PERIFERIA?! 49

Rogério em conversa com *Juliana Viana Fachinele* **53**
A PRIMEIRA CAMINHADA PEDAGÓGICA 61
UM INSTANTE 63
FÉRIAS 65
SOMOS 69
DUPLA DOCÊNCIA: UMA EXPERIÊNCIA DE APRENDIZADO E COOPERAÇÃO 71

Juliana Fachinele em conversa com *Augusto César Lima e Silva* **75**
PIBID (ANO) 2023 79
O FAZER LUTA NA EDUCAÇÃO FÍSICA É LUTAR? 87
MEU PRIMEIRO PRIMEIRO ANO 93
AI, MEU DEUS! 97
ANCESTRALIDADE? 103

Augusto em conversa com *Anália Maria da Silva* **109**
FALTARAM DEZ ALUNOS 121
FIM DO 1º TRIMESTRE 125
QUESTÕES 129

Carlos em conversa com *Fabiulla Nascimento Batista de Oliveira* **133**
TERCEIRÃO 2022 - NARRATIVA DE UM TRABALHO DOCENTE COLETIVO 139
DOS PRIMEIROS ANOS COMO PROFESSORA 145
REUNIÃO DE PAIS: QUEM ACOLHE O PROFESSOR? 153
ESPADA DE OGUM OU ESPADA DE SÃO JORGE? 159

Fabiulla em conversa com *Magda Aparecida Teodosio Ribeiro* **163**
MEMÓRIAS NA PASSARELA 171
DEFESA PESSOAL 175
AUTOCONHECIMENTO 181

Magda em conversa com *Jonathan Henrique Semmler* **185**
CAMPO GRANDE 191
CHEIRO DA MASSINHA 195
HÁ ESCOLAS QUE MATAM OS ARTISTAS 199
AMOR É COMO CRIANÇA 203

Jonathan em conversa com *Carlos Henrique Callegari Coppi* **207**
DAS PRIMEIRAS VEZES 209
QUANDO O MA FEZ UM CIRCUITO ELÉTRICO 213
DAS PRIMEIRAS VEZES (PARTE 2) 217

Juliana Baiocchi em conversa com *Leila Munhoz Silva* **221**
SOBRE A BELEZA DO INESPERADO 229
COMEÇO, MEIO E FIM 231
"PESSIMISMO DA INTELIGÊNCIA E OTIMISMO DA VONTADE" 235
1º SEMESTRE DE 2008 E 2024 - CONVERSANDO COM NARRATIVAS ANTIGAS 241

Leila em conversa com *Maria Laedna Delfino Borges Silva* **249**
TDC - RECADOS??? 255
VISITA 257
CAFÉ COM LEITURA 261
ACRÓSTICO 263

Maria Laedna em conversa com *Marinalva Justino do Carmo* **265**
O QUE FAZER COM O CONHECIMENTO QUE CONSTRUÍMOS… 271
FRAUDE NAS ELEIÇÕES - REPRESENTANTE DE SALA – 2024 277
ME SENTINDO COMO NA RODA DO HAMSTER… 281

Marinalva em conversa com *Katia Guimarães* **287**
SERÁ QUE DÁ TEMPO PARA EU TRABALHAR TUDO ISSO? 297

Kátia em conversa com *Juliana Cristina Chaves Buldrin Baiocchi* **301**
AO SOM DO CAJÓN… 303
CAMINHOS DO MAR E DA VIDA… 305
UM GRUPO DE PROFESSORAS E PROFESSORES: INDÍCIOS E SINAIS DE QUALIDADE SOCIAL NA EDUCAÇÃO PÚBLICA 307

Marjory Alana Marcello
DAS PARCERIAS QUE FAZEM O CAMINHAR MAIS BONITO 313
AS COMIDAS SAUDÁVEIS DA AMÉRICA LATINA: REELABORANDO PRÁTICAS, AGORA DE FORMA INTERDISCIPLINAR 321
D. E ANÁLIA 331
A PRIMEIRA VEZ NUMA LIVRARIA 333

NARRATIVA SEM TÍTULO 2 339

Miriã Ferreira Braga
AS TRÊS AULAS DE TODA TERÇA E QUARTA 343
MEU MENINO ZEZÉ: CORAÇÃO DE OURO 345
POR QUE VOCÊ QUER TANTO SABER SOBRE MINHA VIDA? 347

SOBRE AS(OS) PROFESSORAS(ES) AUTORAS(ES) 349

SOBRE AS(OS) ORGANIZADORAS(ES) 355



Autora da foto: Juliana Cristina Chaves Buldrin Baiocchi

PREFÁCIO

Palavra. Que é a palavra?

Palavra não é reflexo do que existe desde sempre, como se o que existe desde sempre estivesse esperando pela eternidade inteira a chegada de seres humanos que lhe nomeassem como quem cola etiquetas no topo de caixas a fim de delimitar o que há — e o que pode haver — em seu interior. Fosse reflexo, fosse etiqueta, a coisa mais fácil do mundo seria traduzir de uma língua para outra aquilo que se escuta, aquilo que se lê: a *casa* viraria *house*, viraria *maison*, viraria *oca*, viraria *hous*, viraria *shabono* e pronto e acabou. Sem discussão. E ponto final. Fosse reflexo, fosse etiqueta, na verdade, nem haveria nada a traduzir, afinal, sendo o mundo sempre igual apenas à espera dos nomes que já lhe seriam naturais, uma única língua bastaria para dizer de tudo o que existe, de tudo o que existiu e de tudo o que há ainda de existir. E aí casa já não seria mais lar, já não seria mais aconchego, já não seria mais cantinho, já não seria mais toca, já não seria mais goma, já não seria mais sonho, já não seria mais refúgio, já não seria mais onde o coração está.

Não, a palavra não é reflexo não. Palavra só é reflexo se na boca e na mão de quem não precisa prestar contas do que diz. De quem pode dizer como as coisas são e como devem ser e, porque não conversa e apenas decreta, faz da realidade reflexo de quem é, reflexo do que quer. Para esses, a alegria está em encaixotar e em etiquetar: cada coisa em sua caixa, cada pessoa em seu quadrado, cada emoção calculada, cada pensamento apropriado. Tudo na mais perfeita ordem. Tudo na mais sufocante ordem. Aí não é preciso palavra, creem eles, basta apontar e o que consideram autoevidente se desnuda aos olhos e à razão de quem quer que seja. Se não se desnudar, o problema está sempre nos olhos de quem vê...

Mas deixemos esses para lá por enquanto.

Para quem não afina no coro da palavra-reflexo, então, que é a palavra? Palavra, para quem sabe que as coisas nem sempre são como são, para quem teima em dizer diferente da ordem, para quem ousa sonhar com a invenção das palavras e para quem insiste em balbuciá-las, em gritá-las, em reivindicá-las, palavra é reflexão. Palavra é decisão.

Explico melhor para que as palavras que me saem daqui cheguem suaves até aí.

Sendo palavra reflexão, o mundo já não estava pronto antes dela aguardando impacientemente que lhe dessem um nome. O mundo estava era indiferente à gente. Mas, aí, a gente chegou. E a gente chegou diferente. Num canto frio de lá de cima, a água em seu estado sólido não podia ser gelo apenas: há, afinal, gelo sobre o qual se pode andar e gelo que é frágil, há gelo que se usa para erguer um iglu e há gelo que cai do céu. Num canto quente e verde daqui debaixo, não é todo mato que é igual: tem mato que se come na hora colhendo do chão, tem mato que se ferve por 7 dias para que se possa comer sem morrer, tem mato que cura, tem mato que mata. E, para cada gelo, para cada mato, um nome diferente, uma decisão diferente, uma interpretação diferente. Palavra, agora, é reflexão.

Mas palavra não acaba em reflexão, talvez sequer comece por ela. Fôssemos nós, esses seres de palavras, completamente autossuficientes, independentes a ponto de vivermos na mais plena solidão, talvez até organizássemos o mundo a nosso redor, mas não precisaríamos de palavra. A cada um, sua organização. E pronto e acabou. Sem discussão. E ponto final. E, de tanto vivermos sozinhos, sem contraste algum à organização que propusemos a nós mesmos, talvez, aos poucos, fôssemos nos habituando tanto com as coisas como as deixamos que já não as compreendêssemos mais como resultado de um trabalho interpretativo, de decisões. A realidade, enfim, nos pareceria, apesar de tudo, reflexo de nós mesmos.

Talvez a realidade só se abra em palavras — assim, no plural — quando dos encontros.

É do encontro com o outro que a palavra pode emergir. Sozinho, organizo meu mundo e vivo nele sem maiores consequências uma vez que não preciso comunicá-lo. Sozinho, vive o outro em seu mundo organizado por si sem consequências maiores já que não necessita comunicá-lo. Eis, no entanto, que nos encontramos. E aí o que fazia sentido numa interioridade ainda talvez escassa de palavras não se pode mais sustentar no silêncio. Talvez ainda pudesse se eu visse no outro não um outro, mas um instrumento ou um subalterno a quem me bastaria dirigir ordens; um recipiente passivo a quem bastaria doutrinar; um inimigo a quem só me interessaria dirigir invectivas variadas. Mas, se é um outro que vejo no outro, se é como um outro que entendo o outro, e se há uma disposição a esse outro, uma inclinação a sair de mim mesmo e compartilhar um mundo com tal outro, nada disso basta. A comunicação é algo que tem a ver com tornar algo comum. Mais do que isso: comunicar tem a ver com criar o comum. Eu interpreto de um lado, reflito, tomo minhas decisões; o outro, faz o mesmo por seu lado. Juntos, precisamos nos explicar, precisamos contar por que caminhos seguimos para chegar a uma ou a outra palavra, precisamos negociar, ceder, recombinar. E, nesse diálogo, inventamos as palavras, reinventamos as palavras, tomamos de empréstimo as palavras um do outro e criamos um mundo.

Um mundo. Com o artigo indefinido que não nos deixa esquecer jamais que poderia ser outro esse *um mundo* que criamos. Fôssemos nós outros, fosse o outro outro, talvez outros acordos se tivessem feito, talvez por outras veredas se tivessem encaminhado as reflexões, as interpretações, as decisões. São tantos os mundos, portanto, quanto o forem os encontros. São tantos os sentidos das palavras, portanto, quanto o forem os encontros.

A polissemia é a condição humana.

A polissemia, que é a condição humana, é condicionada pelo encontro.

A polissemia, condição humana e condicionada pelo encontro, é o que liberta a humanidade dos sentidos únicos e definitivos, é o

que nos convida à autoria e a sermos capazes de responder sobre aquilo que inventamos.

A polissemia, então, é filha da conversa.

E são conversas instigantes e potentes que se encontrarão nas páginas a seguir.

Gestado ao longo de 2022 e iniciado efetivamente em 2023, o projeto "Narrar e (sobre)viver em processos de *ensinaraprender*: movimentos formativos no cotidiano da escola" organizou-se em torno de um encontro. De um lado, docentes, pesquisadoras e pesquisadores da Faculdade de Educação da Unicamp; do outro, docentes, gestoras e funcionários da EMEF/EJA Padre Leão Vallerié, localizada no distrito do Campo Grande em Campinas. Na verdade, não há essa divisão imposta pelo "de um lado" e pelo "de outro": se é conversa, se o outro é um outro tão legítimo quanto o próprio eu, essa segmentação se esfuma até desaparecer. A conversa pede roda. A roda pede presença. E, no centro da roda, o comum: o cotidiano escolar e o cuidado para que ele não desapareça.

E como salvar da ruína do tempo, da correria dos prazos dos calendários, da impessoalidade das avaliações externas, do ensimesmamento, do esgotamento e do esquecimento o que faísca no cotidiano escolar?

Annie Ernaux, a certa altura da entrevista que ocupa a maior parte de "A escrita como faca e outros textos"[1], afirma que escreve para "salvar do apagamento os seres e as coisas" de que foi "protagonista, palco ou testemunha em uma sociedade e em um tempo dados". "É por isso", reflete a autora, que escrever, conforme compreende, é "uma maneira de salvar a própria existência". É pelas palavras que se salvam também os lampejos do cotidiano. É pelas palavras que o vivido deixa de ser idiossincrático e que o vivente busca traduzir o que experienciou naquilo que é comum a um outro também. É pelas palavras que o mundo permanece. É pelas palavras que a própria existência permanece. E, porque as

[1] ERNAUX, Annie. A escrita como faca e outros textos. São Paulo: Fósforo, 2023.

palavras são encontros, o mundo e a existência não só permanecem, mas ganham a consistência que só a partilha pode ofertar. E, porque são encontros as palavras, já não é tão próprio assim o mundo, já não é tão própria assim a existência que, por meio das palavras, não se deixam apagar: existência e mundo são coletivos.

Ou não são.

Mas por que, pode-se objetar, ler as palavras e os cotidianos desse corpo docente que fez parte desse projeto? Não seria mais produtivo ler as palavras dos artigos dos acadêmicos envolvidos? Estes sim, diz-nos o senso comum, são apropriados para dizer, são autorizados a pensar sobre, a falar de, a instruir, a orientar, a determinar. São as autoridades, afinal!

Neste livro, todavia, a autoridade é a alteridade. E não porque seja essa a conduta correta a se seguir como se se devesse assinalar num *check-list* de boas condutas o que se deve fazer de acordo com a moral vigente. A autoridade é a alteridade aqui por uma questão de sobrevivência. Para que não nos deixemos enrijecer na visão única, nas palavras-reflexo, na condenação inapelável do que não é plural.

Esta, no entanto, é uma ideia que demanda um cuidado maior para poder se tornar comum; e, para tanto, vale escutar vozes outras.

A primeira é a de Ailton Krenak. Logo no início de "Ideias para adiar o fim do mundo"[2], Krenak coloca em xeque uma certa abstração chamada "Humanidade": essa abstração, afirma, foi historicamente um clube fechado no qual apenas os brancos europeus podiam entrar e sustentou-se a partir da premissa de que havia apenas "um jeito de estar aqui na Terra". As andanças que fez pelo mundo, no entanto, permitiram ao autor questionar essa pretensão ao universal: "há centenas de narrativas de povos que estão vivos, contam histórias, cantam, viajam e nos ensinam", afirma ele antes de concluir que esse clube fechado não é o reduto

[2] KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

de tudo o que há de interessante no mundo. Mas "por que essas outras narrativas não nos entusiasmam e vão sendo esquecidas em favor de uma narrativa globalizante, superficial que quer contar sempre a mesma história para a gente?", se questiona o autor em outra passagem. A resposta talvez tenha a ver com um movimento também flagrado por Krenak: descolamo-nos da terra, do chão, para viver numa "abstração civilizatória", uma espécie de ausência que nosso tempo é especialista em criar.

A outra voz que importa escutar é a de Grada Kilomba. A certa altura de "Memórias da plantação"[3], a autora, cujo trabalho envolve o registro de narrativas de mulheres negras alvo do racismo, comenta que, no ambiente universitário, seu trabalho costumava ser recebido com certa desconfiança. Reconheciam-se, em geral, o interesse que despertava e a importância do que ela discutia, mas, ao mesmo tempo, seu modo de abordagem era classificado como "acientífico", como "subjetivo", como "pessoal, emocional, parcial". Kilomba, no entanto, não se dobra:

> [...] Quando acadêmicas/os brancas/os afirmam ter um discurso neutro e objetivo, não estão reconhecendo o fato de que elas e eles também escrevem de um lugar específico que, naturalmente, não é neutro nem objetivo ou universal, mas dominante. É um lugar de poder. [...] Meus escritos podem ser incorporados de emoção e de subjetividade, pois, contrariando o academicismo tradicional, as/os intelectuais negras/os se nomeiam, bem como seus locais de fala e de escrita, criando um novo discurso com uma nova linguagem. Eu, como mulher negra, escrevo com palavras que descrevem minha realidade, não com palavras que descrevam a realidade de um erudito branco, pois escrevemos de lugares diferentes. Escrevo da periferia, não do centro.

As narrativas que nos oferecem as professoras e os professores da EMEF/EJA Padre Leão Vallerié não são narrativas em que se põe em cena uma "abstração escolar". Não se fala da escola a partir de

[3] KILOMBA, Grada. Memórias da plantação. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. p. 58.

uma ausência. Fala-se *da* escola; fala-se *na* escola; fala-se *com a* escola; fala-se *a partir da* escola. É por isso que, em lugar de uma abstração pretensamente neutra, limpa, objetiva sob temperatura e pressão apropriadas, com iluminação controlada, o que esse corpo docente nos oferece é um lugar, são palavras que brotam de um território específico e dos encontros das pessoas com esses territórios, dos encontros das pessoas com outras pessoas, e dos encontros das pessoas consigo mesmas.

É por isso que, diferentemente das palavras firmes e esterilizadas que se autoriza entrar em um artigo acadêmico tradicional, as palavras que se lerão ao longo deste livro gritam a todo instante que são reflexões e encontros: as palavras, aqui — ensinam-nos os questionamentos da professora Anália acerca de suas propostas pedagógicas ou da professora Kátia sobre a imensidão do que deseja tratar em sala em confronto com a exiguidade do tempo disponível —, trazem um pouco do balbucio, da incerteza, do ensaio, das tentativas. São palavras que não se ancoram em verdades pretensamente definitivas, mas que emergem da dúvida e da coragem de não a calar, de a provar e de, a partir dela, da dúvida, experimentar a si mesmo; são palavras que reconhecem seus limites e que tomam de empréstimo outras linguagens para poderem se expressar. São palavras que, justamente por saberem que não são o próprio reflexo da realidade, buscam suas origens e revisitam sua história como nos ensina a professora Leila ao contar sobre os diários que escreveu enquanto era aluna da graduação e que revisita hoje enquanto rompe com a linearidade de uma concepção temporal incapaz de perceber que passado, presente e futuro se amalgamam a todo instante na experiência docente.

São palavras que nos ensinam que as palavras não são o outro em relação ao corpo que as reivindica. Para as compreender, portanto, não basta a mente aberta: é preciso atenção às narinas, ao tato, aos ouvidos, à visão, ao paladar.

Isso porque há momentos em que as palavras têm cheiro: ora é o cheiro das laranjas que o professor Rogério leva para a sala de

aula a fim de ensinar as formas de representação da superfície terrestre; noutros momentos, o cheiro que elas têm é o cheiro do café que a professora Laedna prepara para "deixar o ambiente perfumado e despertar os sentidos" de um grupo que se dedicará à leitura. Há também, é importante não se enganar, situações em que as palavras exalam odores não tão agradáveis, mas que são profundamente necessários sentir para que se possa compreender os impactos de nossas próprias ações sobre o mundo, como quando, do cheiro do lixo e do ímpeto da professora Marinalva de falar sobre ele, nasce um projeto educativo fundamental.

As palavras, aqui, têm também texturas que se percebem no encontro do corpo com o mundo: elas são inventadas nas caminhadas pelo bosque que circunda e acolhe a escola nas quais a professora Juliana F. estimula seus alunos a tocarem as pedras, as folhas, os troncos e os fungos e entenderem que até mesmo eles, os fungos, têm algo a dizer sobre nós; elas são inventadas em mistura com o suor das crianças que, sob a orientação do professor Augusto, pulam corda e aprendem os movimentos do boxe e que, no dia seguinte, reclamam por perceberem que um corpo tão potente desaprendera, enfurnado na sala de aula, sua própria potência.

As palavras que seguem neste livro têm também sabores: ora de docinho de leite, ora de bolo de fubá que trazem doçura para a amarga constatação da professora Fabiulla acerca de como retornaram do isolamento social decorrente da pandemia de covid-19 seus alunos do terceiro ano; ora do sal e da acidez latina da guacamole e do ceviche preparados pelos oitavos anos a partir do encontro entre a professora Marjory e o professor V — e, se é latino, que os sabores venham embebidos na música de nossa região! As palavras que se assumem territorializadas, afinal, não podem se pretender silenciosas demais; elas se forjam em meio a ruídos que só podem se produzir quando não há vácuo: há, em meio a elas, o som do cajón que aviva o interesse da professora Juliana B. e a faz encontrar as crianças fazendo pulsar sua ancestralidade enquanto tocam o instrumento em uma aula.

Mas as palavras, não raro, não surgem somente dos encontros, mas dos confrontos também, fazendo-nos ver aquilo que não sabíamos sobre o mundo, sobre nós mesmos. "Por que você quer saber tanto da minha vida?", pergunta, por exemplo, à professora Miriã um estudante autista a quem ela encaminhara uma atividade descontextualizada: do confronto com a pergunta, a professora reflete sobre si, reflete sobre a profissão, repensa tudo e, nesse repensar, pode falar de si, e com palavras nem sempre confortáveis, uma professora com coragem de se erigir autora de sua própria docência. Numa outra ocasião, as palavras vêm feito pedrada: é também uma pergunta vinda de uma estudante que balança o professor Jonathan e o faz repensar em como não matar os artistas que há nos alunos da escola, que o faz repensar em como, artisticamente, inventar-se um professor. Noutras vezes, o confronto de que surgem as palavras é o confronto consigo mesmo, como quando o professor Carlos nos conta de seus alunos da EJA que não imaginavam que "giz pastel seco, oleoso, tintas (aquarela e acrílica), lápis de cor aquarelável, nanquim, pincéis, canetas 'diferentonas'" pudessem ser manuseados por mãos como as suas, calejadas por uma vida inteira de trabalho: é possível a arte para quem passou a vida a faxinar, a capinar, a plantar, a construir paredes, a arrumar fiação, a se sujar de graxa de motor? E seria a educação outra coisa que não esse convite a experimentarmos aquilo que não foi feito para a gente? A pensar aquilo que, para gente como a gente, seria impensável, interditado? O que decorre desse confronto com lugar que nos disseram ser apropriado para nós, com as paredes da caixa em que fomos colocados? Às vezes, é apenas do confronto que podemos, de fato, nascer, como o #Papodemenina encabeçado pela professora Magda ensina: tudo o que historicamente se manteve calado e silenciado em benefício de uma bela, recatada e doméstica caixa ganha corpo e visibilidade em palavras até então jamais ditas e que, quando ditas — benditas sejam — abrem os horizontes para novas formas de existir.

O que este livro oferece, então, são essas narrativas que tremem e que têm história, que têm cheiro, que têm textura, que

têm sabor, que fazem barulho, que têm emoção e subjetividade, que confrontam e que encontram. Narrativas que salvam o cotidiano por meio de sentidos singulares construídos em coletividade, em roda ante algo em comum que se quis também salvar: a escola. E que, antes mesmo daquilo que carregam como conteúdos específicos, nos contam sobre a pluralidade de olhares, sobre a polissemia das palavras, sobre a experiência do fazer junto. Do fazer-se junto.

É do fazer junto que as palavras podem surgir.

É do fazer junto que as palavras *polissemizam*.

É do fazer junto que as palavras nos contam que a realidade não está pronta e acabada como pregam as normativas, as diretrizes e as avaliações que vêm de fora; é do fazer junto que as palavras nos contam que a experiência singular nunca é completamente só como prega o individualismo neoliberal e algorítmico contemporâneo; é do fazer junto que as palavras nos contam que não há palavra final, definitiva.

É do fazer junto que as palavras nos abrem o mundo. Que criam *mundos*. No plural.

Krenak, ao final de suas "Ideias para adiar o fim do mundo", afirma que adiar o fim só tem sentido se for para contar mais histórias, para contar outras histórias. É nessa profusão narrativa que nos damos conta de que a sustentação das histórias únicas em que as palavras podiam ser reflexo da realidade era justamente o fato de serem únicas, de serem repetidas à exaustão, de saturarem todos os espaços de circulação. De eliminarem quaisquer contrapontos. E, porque assim, não precisavam negociar, não precisavam se explicar, não precisavam refletir. A pluralidade de histórias, nesse sentido, nos convoca à reflexão. E a pluralidade de experiências escolares que temos em mãos em "Narrar e (sobre)viver em processos de *ensinaraprender*: movimentos formativos nos cotidianos da escola" é um convite a entendermos que a docência não é caixa fechada, não é quadrado delimitado esperando que nos acomodemos. É um convite generoso e sensível

à fala, ao diálogo, ao encontro. E, porque juntos uns dos outros, é um convite fundamental a nos tornarmos autores de nosso ofício.

Para finalizar, gostaria de contar uma breve observação. Numa ocasião em que pude acompanhar um desses encontros, uma dessas rodas em que os professores da Leão se reuniam para discutir suas narrativas, ouvi algo que me parece dar o tom do que pode ser uma busca instigante na leitura das narrativas que compõem este livro. A certa altura do debate, a professora Magda, comentando aquilo que havia lido, diz o seguinte:

— Eu procuro gente...

Não se encontrarão, aqui, abstrações sobre o que é o humano ou sobre o que é a docência. O que se encontrará é gente, são professoras e professores com carne, ossos, sangue, pele, pelos, cheiros. Não se encontrarão ausências. O livro é, de cabo a rabo, presença. E o presente? O presente, conclui a própria Magda na sequência de sua fala, é poder tornarmo-nos, juntos, quem somos. O presente, ela diz, é que:

— ...e a gente é é com o outro.

Luiz Antonio Callegari Coppi[4]

[4] Professor da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (FE/UNICAMP). Bacharel em Letras pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo e Mestre e Doutor em Educação pela Faculdade de Educação da mesma Universidade.



Autora da foto: Kátia Guimarães

ANÁLIA EM CONVERSA COM *ROGÉRIO GEROLINETO FONSECA*

Anália Maria da Silva
Segundo semestre de 2024

Me propus, neste trabalho, dialogar com o professor Rogério, por meio das suas narrativas. Que eu me lembre, acho que tivemos poucos momentos de conversa na escola. O fato de trabalharmos em períodos e ciclos diferentes não favorecia um processo de aproximação e trocas do cotidiano de trabalho. Para minha surpresa, ao ler suas narrativas, fiquei com a sensação de que poderíamos ter ótimas conversas sobre: alunos; escola; e práticas pedagógicas e, com certeza, não iria faltar assunto.

Ao realizar a primeira leitura das narrativas, já me identifiquei com seus escritos. Rogério trouxe, em suas narrativas, muitas contribuições sobre práticas pedagógicas. Eu, particularmente, gosto muito de pensar sobre práticas. Acredito que o processo de reflexão nos dá mais consciência, aprendizado e aprofundamento, como professores. Sabemos que a maneira com que o professor realiza sua prática pedagógica tem relação com suas concepções individuais sobre o mundo e a forma como entende o desenvolvimento dos indivíduos.

Eu escolhi pensar sobre práticas pedagógicas, a partir dos fundamentos da pedagogia Libertadora, proposta por Paulo Freire.

"A prática docente crítica, implicante do pensar certo envolve o movimento dinâmico, dialético entre o fazer e o pensar sobre o fazer." 103 anos de Paulo Freire (19 de setembro de 2024)



Fonte: https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2021/10/01/interna_gerais,1310608/criancas-citam-paulo-freire-para-protestar-e-ganham-mais-tempo-de-recreio.shtm

A ideia de ver Paulo Freire, educador e filósofo brasileiro, levantando do túmulo um cartaz com os dizeres aumenta o recreio é, no mínimo, inusitada. Agora, imagine que essa cena saiu da cabeça de uma criança de menos de nove anos de idade. Foi isso que aconteceu na Escola da Serra, em Belo Horizonte, onde uma turma com alunos entre seis e nove anos fizeram cartazes e protestaram pelo aumento do tempo do recreio.

O professor Rogério traz, em seus relatos, algumas atividades realizadas com os alunos do 7º ano. Ao ler suas narrativas, procurei elementos para que pudéssemos refletir sobre nossas práticas pedagógicas. E esse refletir, para mim, significa pensar nos elementos que são transformadores de alunos e professores, as dificuldades e facilidades do cotidiano e novas possibilidades que podem ser desenvolvidas.

Na primeira narrativa, intitulada: Finalmente, a ida ao bosque! Rogério discorre sobre seu retorno à escola, após uma licença médica, e como foi recebido por seus alunos desejosos por uma aula diferente.

> Vamos ter uma aula diferente lá fora? Confesso que, depois de tanto tempo sem vê-los, fiquei tentado a satisfazer suas vontades. Mas não havia preparado nenhuma atividade para ser executada fora da sala de aula, então, abriu-se uma sessão de negociação: o conteúdo estava atrasado (devido à minha licença) e, então, eu daria aquela e a próxima aulas mais teóricas, em sala de aula, e, depois, seguiríamos

> para a aula prática, no bosque, ambiente escolhido pela maioria. (Trecho da narrativa "Finalmente, a ida ao bosque!", de autoria do professor Rogério).

Destaco e reflito sobre: a importância do diálogo com os estudantes para entender quais são suas necessidades. Isso não significa que tudo que o estudante deseja o professor irá realizar, mas que o professor, ao oportunizar o diálogo com seus estudantes, pode conhecer as motivações deles e saber como poderá afetá-los com precisão.

Do mesmo modo, temos a preocupação do professor com o planejamento da atividade. De fato, o planejar é fundamental para a realização do nosso trabalho e é, nesse momento, que organizamos a nossa prática de modo coerente e contextualizado; vejo, inclusive, a problemática do currículo na escolha do conteúdo formal, na separação entre teoria/prática. Destaco, também, os inúmeros imprevistos e as frustrações que aconteceram que o impediram de levar os estudantes para o bosque. No entanto, as situações foram contornadas, a partir da prática do diálogo, com os estudantes, permitindo que eles expressassem seus desejos.

Em um segundo momento, o professor Rogério descreve como se deu a tão desejada Tarde no Bosque. Nessa narrativa, logo me chamou atenção a superação de questões que haviam sido entraves, na prática do Professor, no relato da primeira narrativa.

> Antes de deixarmos a sala, entreguei a folha com o roteiro, expliquei como seria a atividade, a relação que tinha com o conteúdo que estávamos trabalhando no trimestre (urbanização e meio ambiente) e que faríamos uma caminhada guiada, observando todos os aspectos possíveis do bosque. Ao fim do percurso, teriam que responder as perguntas do roteiro sobre o bosque e a utilidade do mesmo. Finalizei a explicação com as regras da saída, salientando que todos deveriam manter-se juntos, não poderiam interagir com os outros frequentadores do bosque e que teriam que estar sempre atentos às explicações e comentários realizados durante o trajeto.

> (Trecho da narrativa "Uma tarde no Bosque", de autoria do professor Rogério).

Nesse trecho, é possível perceber a importância do planejamento para o trabalho dos professores. Rogério apresenta sua proposta pedagógica bem contextualizada, tendo ela (Teoria, prática e objetivos definidos) uma prática consciente e intencional, pois, a partir do que os alunos trouxeram, o professor se pôs a realizar desejos. Em um outro momento da narrativa, o referido professor confirma esse fato, dizendo que foi a primeira saída pedagógica, integralmente, planejada por ele. Também, podemos perceber a superação da questão curricular *teoriaprática*, ambas presentes e articuladas na atividade realizada.

Na descrição do trabalho, algumas palavras interessantes aparecem no detalhamento do professor: refletimos, identificamos, relembramos. Isso me fez pensar na construção coletiva do conhecimento. Professor e aluno.

> Para a minha surpresa, todos começaram a responder as questões sem que eu tivesse que ficar pedindo para focarem na atividade, como acontece, algumas vezes, nas aulas que são realizadas em sala de aula. Para ser professor, é preciso ter ousadia. Só a gente tem coragem de propor e orientar mais de trinta indivíduos diferentes a realizar o que nem a gente tem total certeza de que vai dar certo. (Trecho da narrativa "Uma tarde no Bosque", de autoria do professor Rogério).

Em um dado momento, Rogério disse que sentiu alívio, porque tudo correu bem. Na nossa prática cotidiana, para ousar realizar algo diferente, encontramos inúmeros desafios, mas também podemos ser surpreendidos pela participação e aprendizado dos nossos alunos. Fica a lição: ousadia na educação traz muito aprendizado para estudantes e professores.

Por fim, Rogério concluiu que, apesar de todos os entraves para a realização da atividade, somaram-se LAZER e APRENDIZAGEM. Essa, talvez, seja uma das melhores sensações que um professor pode ter. Quando realizamos uma avaliação da

atividade, percebemos que os meios utilizados garantiram o aprendizado do aluno. É claro que nem sempre dá tudo certo, por isso é tão importante a reflexão. Na narrativa o Campo Grande é uma Periferia?! Rogério se propõe a trabalhar com os alunos um tema diferente:

> Me veio à mente, então, a lembrança de um trabalho apresentado no Congresso Brasileiro de Organização do Espaço, no ano passado, cuja temática foi o racismo ambiental. Para muitas pessoas, o tema, até este momento, é uma novidade. Mesmo os professores de Geografia, não são muito familiarizados com assunto, pois, em seus cursos de licenciatura, pelo menos, até recentemente, o racismo ambiental, especificamente, não aparecia de forma explícita. (Trecho da narrativa "O Campo Grande é uma periferia?!", de autoria do professor Rogério).

Me chamou atenção, nesse trecho, quando o Rogério destacou que muitos profissionais não estão familiarizados com a temática do racismo ambiental. Pensei logo sobre a importância de espaços para a formação de professores em busca de novos conhecimentos que irão refletir em novas possibilidades de práticas pedagógicas. Na escola, eu enxergo como *espaçostempos* formativos: o de Trabalho Docente Coletivo (TDC) e o das exposições de trabalhos realizados na própria escola. Ouvi colegas da escola, dizendo como estavam aprendendo com os trabalhos que foram expostos. Na EMEF/EJA Padre Leão Vallerié, que carinhosamente chamamos de Leão, realizamos, no ano passado, um seminário temático que ilustra, também, esse cenário de trocas de ideias e construção de novas práticas. Ademais, os Projetos parceiros entre universidade e escola e os seminários temáticos da Rede, que, outrora, eram presenciais, também, são excelentes espaços formativos. Nos seminários temáticos da Rede, destaco a importância de estarmos atentos aos documentos oficiais, que nos trazem os princípios que irão fundamentar nossa prática pedagógica: as famosas diretrizes curriculares.

Desse modo, destaco o seguinte trecho:

> Depois de explicar sobre a relação do racismo ambiental e as áreas periféricas das grandes cidades, perguntei se saberiam dar exemplos de situações que configurassem racismo ambiental em Campinas. Logo, alguns alunos começaram a falar que os espaços e serviços públicos, no Campo Grande, não recebiam os mesmos cuidados dos bairros mais elitizados da cidade; quando uma aluna perguntou com grande surpresa: O Campo Grande é uma periferia?! (Trecho da narrativa "O Campo Grande é uma periferia?!", de autoria do professor Rogério).

Paulo Freire (Freire, 1996, p. 98) nos diz que "Ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo"; "Não posso ser professor se não percebo cada vez melhor que, por não poder ser neutra, minha prática exige de mim uma definição. Uma tomada de posição. Decisão. Ruptura" (Freire, 1996, p. 22).

Para concluir, essas foram algumas das importantes reflexões e contribuições que esse diálogo com as narrativas do Professor Rogério me trouxe. Espero que possam ser valiosas para as reflexões das práticas de todos os colegas do grupo.

Referência

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

DA LARANJA AO GLOBO

Rogério Gerolineto Fonseca[5]
Primeiro semestre de 2023

Trabalhar conteúdos mais aprofundados de cartografia com estudantes do Ensino Fundamental é sempre um desafio. Há familiaridade maior com atividades, como pintar mapas, localizar territórios e objetos, mas a compreensão de como os mapas são produzidos e todas as técnicas e convenções cartográficas se apresentam mais complexas de se apreender. Eis que, então, comecei a planejar algumas aulas sobre a regionalização mundial em continentes e senti a necessidade de relacionar os mapas-múndi que pintamos nas folhas de papel com a forma real do planeta, um geoide, semelhante a uma esfera, ou, da forma, comumente, representada, o globo.

Decidi recorrer à atividade de produção de um globo terrestre, a partir de bolinhas de isopor, remontando a uma oficina que participei em uma das disciplinas, quando cursava minha Licenciatura em Geografia. Para tanto, além de preparar a parte teórica que explica sobre os tipos de projeção que possibilitam representar a superfície curva da Terra, em uma folha plana, precisaria de bolinhas de isopor de dez centímetros, um mapa-múndi impresso em uma folha de papel, lápis de colorir, cola e tesoura. Solicitei, então, a compra das bolinhas de isopor.

As bolinhas chegaram, fui até a vice-direção pegar minha encomenda e, depois, à orientação pedagógica (OP) pedir a impressão dos mapas. Quando falei para a Orientadora Pedagógico R sobre a atividade, ela me contou de uma outra que fazia com seus alunos e me sugeriu começar a aula, descascando uma laranja,

[5] Professor de Geografia dos Anos Finais do Ensino Fundamental e da Educação de Jovens e Adultos na EMEF/EJA Padre Leão Vallerié.

junto com os estudantes, com o auxílio de uma colher, de modo que a casca saísse quase inteira para, em seguida, ser picotada nos locais certos e aberta de forma plana, como são os mapas. Fiquei um pouco confuso, tentando imaginar se aquilo daria certo; nunca havia descascado uma laranja com uma colher, muito menos esticado a casca. A experiência que tinha era a de transformar uma superfície plana em esférica, mas o caminho inverso, também, fazia sentido. Resolvi, assim, testar a técnica especial de descascamento, passei no sacolão e comprei algumas laranjas. E não é que deu certo?! Animado, comprei laranjas para levar para as aulas da EJA e fui para a escola.

Cheguei à sala de aula com um monte de bolas de isopor e uma sacola de laranjas. O que chamou a atenção dos alunos foram, justamente, as laranjas. De pronto, perguntaram se a gente iria chupar laranja, o que respondi que sim, mas, apenas, se conseguíssemos extraí-las com o auxílio de uma colher e sem dividir a casca. Eles, também, não conheciam essa técnica de descascamento, mas toparam. Com uma faca, fiz um corte inicial bem superficial nas cascas e as entreguei, juntamente, com as colheres aos alunos. Apesar de alguma dificuldade, conseguimos extrair as laranjas sem partir as cascas. Antes de dar continuidade na atividade, logicamente, fizemos uma pausa para chupar as laranjas, momento alegre e aguardado pelos estudantes. Em seguida, fizemos os picotes nas cascas para que ficassem esticadas e, então, pudesse ser compreendida a forma como uma superfície esférica poderia se tornar plana. Depois, procedemos o caminho inverso: pintamos os mapas, recortamos e colamos nas bolinhas de isopor, resultando nas maquetes terrestres que cada estudante levou com orgulho para casa. Nas aulas seguintes, houve quem dissesse que passou a usar como objeto de decoração na estante de casa.

Sem dúvidas, a atividade favoreceu uma aprendizagem mais concreta e facilitada sobre as formas de representação da superfície terrestre, dos continentes, dos oceanos, das principais linhas imaginárias da Terra e dos hemisférios. A laranja (elemento surpresa) e a oficina de maquetes tornaram a aula mais dinâmica e

participativa, trabalhando a criatividade, a ludicidade e a abstração, além da sensação de satisfação dos estudantes, que levaram, para casa, o globinho que produziram.

MAPA DE DESCOBERTAS

Rogério Gerolineto Fonseca
Segundo semestre de 2023

Minha atuação, como professor em turmas da Educação de Jovens e Adultos (EJA), é recente. Até assumir meu cargo no concurso da Prefeitura de Campinas e entrar em exercício em 2022, já havia atuado, como professor de Geografia da Educação Básica nos Anos Finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio, tanto em redes públicas, quanto particulares, mas sempre no ensino regular. Quando soube que além de duas turmas de sétimos anos do período da tarde haveria, também, quatro turmas de EJA, à noite, fiquei um pouco receoso: "Como será essa experiência? Trata-se de um público totalmente diferente dos quais já trabalhei". Já fui professor no Ensino Superior, também, portanto, experimentei o processo de ensino-aprendizagem com adultos, mas não na Educação Básica. No acolhimento, quando da minha chegada à Padre Leão, todos os colegas de trabalho ressaltavam que é ótimo trabalhar na EJA e que eu gostaria muito, o quê, de fato, ajudou um pouco a controlar minha ansiedade.

Desde então, o cotidiano vivenciado com os estudantes tem sido muito enriquecedor. Graças a esses contatos, somei muitos conhecimentos ao meu próprio fazer pedagógico, além de ter sido gratificante participar da construção de conhecimentos dos alunos, descobertas e interações amistosas no dia a dia da sala de aula. Não há sensação melhor, como professor, do que ver a expressão de um aluno empolgado na realização de uma atividade, ou quando infla o peito, ao inspirar, enquanto admira a atividade que acabou de finalizar e dá uma última conferida antes de me mostrar, ou, quando ocorre um leve cair de queixo em reação à descoberta de algo que não imaginava ou que é diferente do que tinha como pré-concebido.

Compartilho um dos episódios em que tais reações ocorreram. Estava trabalhando conteúdos de cartografia com as turmas dos Jacarandás, mais especificamente, cartografia temática. Na primeira abordagem do tema, fiz uma explanação teórica com o suporte do projetor, expliquei e mostrei vários exemplos de objetos e fenômenos geográficos que são espacializados nos mapas, mas as expressões dos alunos e a sua pouca participação oral acionaram, em mim, um alerta de que o modo, como até então eu estava abordando o conteúdo, não estava sendo suficiente para fazer sentido para aqueles alunos. O tempo da aula acabou e deixei a sala com aquela sensação: hoje, a aula não rendeu.

No planejamento dessa sequência didática, havia elaborado uma atividade que daria prosseguimento ao conteúdo na aula seguinte, em que levaria alguns dados demográficos e um mapa, apenas, com os contornos dos estados brasileiros e os alunos elaborariam uma legenda e classificariam os estados, colorindo seus territórios, de acordo com a legenda. Naquela noite, fui embora pensando que precisaria reformular essa proposta, aproximando o fenômeno a ser mapeado das experiências de vida dos alunos e torná-los participantes mais ativos na própria construção da atividade.

Na aula seguinte, cheguei empolgado, explicando que faríamos uma atividade diferente, que produziríamos um mapa temático com base na origem de todos os estudantes da escola, que sairíamos para visitar todas as outras salas de aula, perguntando, para cada aluno, qual é o seu estado de origem e, depois, transformaríamos os dados colhidos em informações demonstradas no mapa temático. Ninguém gostou! A maioria fez cara de tédio ou desconfiança. Tentei animar a turma, dizendo: Vai ser legal, vamos dar um rolezinho pela escola! A aluna M começou a repetir sem parar: Não! Não! Não! Não vou em outra sala perguntar, não! Tenho vergonha! Ainda desanimados, outros começaram a perguntar sobre a proposta como seria, como fariam as anotações. Expliquei como anotar os registros, que os acompanharia até as salas, pediria licença e explicaria para os

professores do que se tratava a atividade e então eles teriam apenas que entrar e perguntar a cada aluno o nome do estado em que nasceu e anotar. Pedi para se organizarem em duplas, para não sentirem tanta vergonha de adentrarem em outras salas sozinhos e, apesar das resistências, fomos para o pátio.

Cada dupla se dirigia, comigo, até a porta das salas, de forma tímida, encolhidas. Quando começavam a perguntar aos demais alunos de onde eram, a voz saía baixa, embargada, trêmula. Alguns dos entrevistados dizia que não estava ouvindo a pergunta, que era para falar mais alto. Do lado de fora, os colegas lamuriavam *coisas* do tipo: Ai meu Deus! Que vergonha! Surpreendentemente, os novos recenseadores da escola pegavam o jeito e se soltavam, tomavam gosto e finalizavam as consultas, aliviados e satisfeitos. A aluna M, que, no início, se negou, radicalmente, a visitar outras salas, foi a que mais se soltou. Percorreu as salas com muita desenvoltura e interação com seus entrevistados, esboçando felicidade, quando alguém respondia que era de algum estado do nordeste, e, mais ainda, quando se deparava com algum conterrâneo. Após a coleta dos dados, mais leves, todos retornaram para a sala.

Em um trabalho coletivo, auxiliei na classificação e contabilização dos resultados. Criamos uma tabela e, depois, elaboramos a legenda. Coube, então, colocar a mão na massa e pintar o mapa temático. Cada um elaborou seu mapa, conversando sobre as escalas de cores que estavam utilizando e comentando sobre a distribuição dos resultados.

Após finalizar o mapa, realizamos a sua leitura. Na escola, há muitos alunos dos estados das regiões Nordeste e Norte, principalmente, Bahia, Pará, Maranhão e Piauí. Percebi que foi uma surpresa, para todos, saber que quase metade dos estudantes da escola nasceram fora de São Paulo, e, assim como eu, pois me incluí no exemplo, são imigrantes. Além disso, constatamos que boa parte dos estudantes da turma que é natural de São Paulo tem os pais ou avós nascidos em outros estados. Refletimos sobre as razões que

fizeram e fazem Campinas exercer essa atração de população tão grande.

Mais do que aprender o que é um mapa temático, acabamos por empregar procedimentos de pesquisa, técnicas cartográficas, análise e correlação de fenômenos demográficos, culturais e econômicos que fizeram sentido à vida dos estudantes. Ao pintarem o mapa, perceberam e ressaltaram como a escola é diversa em relação às suas origens e, no caso dos imigrantes, que não estamos sozinhos; que a saída por melhores condições de vida, trabalho e renda em uma terra distante é uma característica comum à grande parte dos estudantes e a busca pela aprendizagem é o laço que os (re)une todas as noites.

FINALMENTE, A IDA AO BOSQUE!

Rogério Gerolineto Fonseca
Segundo semestre de 2023

Esta narrativa é sobre a saga da turma do sétimo ano B, em sua ida ao Bosque. Tudo começou quando, no dia 29 de setembro, retornei da minha licença médica. Ao me aproximar da sala de aula, vários alunos vieram me receber com abraços e apertos de mão. Os rostos felizes de grande parte deles fizeram me sentir, realmente, bem-vindo. Primeiro, vieram as perguntas: Por que você não estava vindo? O que aconteceu? Você está melhor? Depois de saciar as curiosidades, começaram os pedidos: Leva a gente *pra* quadra? Leva a gente *pro* pátio? Vamos ter uma aula diferente lá fora? Confesso que, após tanto tempo sem vê-los, fiquei tentado a satisfazer suas vontades. Mas não havia preparado nenhuma atividade para ser executada fora da sala de aula, então, abriu-se uma sessão de negociação: o conteúdo estava atrasado (devido à minha licença) e, então, eu daria aquela e a próxima aulas mais teóricas, em sala de aula, e, depois, seguiríamos para a aula prática no bosque, ambiente escolhido pela maioria.

Os dias se passaram e, então, chegou a aula no bosque, localizado ao lado da escola. Porém, era a semana da criança, cuja carga horária seria destinada a brincadeiras e jogos. Ao chegar à escola, vários alunos correram em minha direção com seus corpos todos molhados e escorregadios. Estavam no brinquedo inflável de futebol de sabão e vieram confirmar (na verdade, afirmar), que a atividade, no bosque, ocorreria na aula seguinte. Seus rostos apreensivos, logo mudaram a expressão para a de comemoração, pois eu concordei com eles. A próxima aula seria, justamente, no dia 13 de outubro, recesso de um feriado. Já, a semana seguinte foi dedicada à gincana que movimentou todas as turmas do período da tarde. Novamente, correm em minha direção para, mais uma

vez, afirmar, que a aula no bosque ocorreria na próxima aula. Acontece, que a aula ocorreria no dia 20 de outubro, dia em que os alunos de toda escola receberam avisos de que não haveria aula, em virtude da RPAI comemorativa do Dia dos Professores, com atividade formativa de caminhada de descida à pé da Serra do Mar entre Santo André e Cubatão. Por uma ironia do destino, não houve atividade no bosque e nem descida da serra, pois, no fim da tarde da véspera da viagem, fomos notificados que a prefeitura de Santos, onde faríamos a finalização das atividades do dia, havia suspendido a entrada de ônibus de turismo na cidade, em virtude das fortes chuvas que estavam previstas de acontecer.

Depois disso, novos desdobramentos seguiram impedindo a realização da atividade. Houve uma semana em que uma onda de calor, por muitos, jamais vivenciada, em Campinas, estabeleceu-se na região. Foram dias difíceis: a semana começou com alunos passando mal, acometidos, provavelmente, por pressão baixa e desidratação. As aulas de terça, em que ocorreria a atividade no bosque, foram suspensas e retomadas, na quarta, com um novo esquema, em que as turmas revezariam entre os ambientes mais frescos e ao ar livre. Na sexta-feira, entrei na sala de aula e os estudantes, logo me intimaram a levá-los ao bosque. Porém, o calor, ainda, estava muito forte, pois eram 14h30min. Para a nossa aula, estava reservado o espaço do laboratório de informática. Foi então que, apreensivo, disse que teria outra proposta. Reclamaram muito, antes de ouvir o que eu tinha a propor. Reclamaram que não estavam aguentando o calor e até se deitaram no chão, na esperança de que o mesmo estivesse em temperatura mais baixa e refrescasse seus corpos. Então, expliquei que os deixaria escolher a atividade a ser realizada, mas, aconselhei que seria melhor deixar a ida ao bosque para um dia em que o sol não estivesse tão escaldante. Fizeram silêncio e ouviram minhas propostas: ou iríamos ao bosque, ou realizaríamos uma pesquisa no laboratório de informática, que possui ar-condicionado. A resposta foi, praticamente, uníssona e em um tom elevado de voz: LABORATÓRIOOOOO! A reação da turma me surpreendeu, não

esperava uma adesão tão grande ao adiamento da proposta, sinal de que o calor daquela semana era, de fato, sem precedentes. Porém, depois de tantos adiamentos, as crianças quiseram garantias, uma formalização de que a atividade seria realizada; tive que escrever na lousa que, na próxima aula, iríamos ao bosque. Prontamente, vários celulares foram sacados e dispararam fotos que criaram fatos do comprometimento com a realização da proposição.

Na aula seguinte, tive que abonar para me dedicar à finalização da minha tese de doutorado. No meu lugar, a aula foi ministrada pela professora adjunta de Artes, que, logo, foi coagida a levá-los ao bosque. Argumentaram que eu havia prometido e que estava furando com eles, há várias semanas. Ela, então, cedeu. Quando cheguei para a aula, na semana seguinte, as cobranças não diminuíram, pelo contrário. Queriam porque queriam que eu os levasse ao bosque. De acordo, mas, brincando, disse que eles já haviam ido ao bosque com a professora de Artes, mas seus argumentos eram fortes e consistentes: disseram que deviam estudar o conteúdo de Geografia, no bosque, e que se eu não os levasse, ficariam com sua aprendizagem faltando, como disseram. Então, para a alegria de todos, eu disse: Peguem uma caneta e um caderno, vamos ao bosque!

UMA TARDE NO BOSQUE

Rogério Gerolineto Fonseca
Segundo semestre de 2023

Essa narrativa é sobre a atividade que a turma do sétimo ano B realizou no Bosque Ferdinando Tilli, localizado ao lado da escola. Como narrado, anteriormente, houve uma saga para que a atividade fosse realizada. Ao chegar à sala de aula, os alunos que me esperavam, junto à porta de entrada, prontamente, perguntaram: Hoje, iremos ao bosque, né?!. Respondi, positivamente, e houve uma comemoração generalizada.

Antes de deixarmos a sala, entreguei a folha com o roteiro, expliquei como seria a atividade, a relação que tinha com o conteúdo que estávamos trabalhando no trimestre (urbanização e meio ambiente) e que faríamos uma caminhada guiada, observando todos os aspectos possíveis do bosque. Ao fim do percurso, teriam que responder as perguntas do roteiro sobre o bosque e sua utilidade. Finalizei a explicação com as regras da saída, salientando que todos deveriam se manter juntos, não poderiam interagir com os outros frequentadores do bosque e que teriam que estar sempre atentos às explicações e comentários realizados durante o trajeto.

A ocasião estava perfeita para a atividade. Já eram 17h e o calor armazenado durante o dia que, ainda fazia da sala de aula um forno, deu lugar a uma brisa fresca que soprava no ambiente sombreado pelas árvores. Percorremos as calçadas e trilhas, fazendo observações sobre o que nos chamava atenção; refletimos sobre o pequeno córrego que drena os terrenos do local; identificamos uma nascente, provavelmente, temporária, localizada ao lado de uma trilha calçada. Foi a ocasião para relembrarmos, dessa vez, com visualização em *loco*, a organização de uma bacia hidrográfica. Caminhamos pela trilha, ao lado do córrego, passamos pelas quadras e campos de futebol e nos dirigimos às mesas de concreto, situadas sob as copas das árvores.

Chegando às mesas, pedi que respondessem a lista das perguntas do roteiro da atividade que havia entregado, ainda, na sala de aula. Imaginei que essa parte poderia ser um tanto difícil, pois já era final do dia, estavam cansados, o dia havia sido muito quente e estavam, no bosque, um local com muitos atrativos tentadores, como as quadras e o parquinho. Para a minha surpresa, todos começaram a responder as questões sem que eu tivesse que ficar pedindo para focar na atividade, como acontece algumas vezes nas que são realizadas em sala de aula.

Antes de recolher as folhas de respostas, nos reunimos e fizemos breves comentários a respeito do que haviam acabado de escrever. Refletimos sobre a importância do bosque para a qualidade ambiental dos bairros localizados em seu entorno, o estado de conservação e os problemas ambientais observados, aspectos da relação entre arborização e conforto térmico, a função de ofertar um ambiente para lazer e a prática de esportes para a população da região e as espécies da fauna e da flora que foram identificadas.

As respostas trouxeram um grande alívio a este professor, pois foi a primeira saída pedagógica que realizei na escola para uma atividade que foi, integralmente, planejada, por mim, e sem a companhia e auxílio de outro professor. Constatar que tudo tinha ocorrido bem, que todos estavam retornando inteiros para a escola e que a atividade havia ajudado a consolidar conhecimentos de temas que havíamos trabalhado, foi extremamente gratificante.

As duas últimas perguntas do questionário foram: Você gostou dessa atividade no bosque? Do que você mais gostou na realização da atividade? Para a primeira pergunta, o sim foi unânime. Para a segunda, as respostas foram as mais variadas, desde as relacionadas à aprendizagem de conteúdo (aprender mais sobre o meio ambiente; conhecer a nascente do córrego; experienciar o conforto térmico) até as voltadas para a socialização e lazer (passear com os amigos; sair da sala de aula; tirar fotos). Apesar dos atrasos para sua realização, o saldo da tão pedida atividade no bosque, que somou lazer e aprendizagem, foi muito positivo.

"O CAMPO GRANDE É UMA PERIFERIA?!"

Rogério Gerolineto Fonseca
Segundo semestre de 2024

A Educação Antirracista foi o tema escolhido para ser trabalhado de forma transversal pela rede municipal de ensino de Campinas no ano de 2024. Além de todas as ações que a escola realiza, coletivamente, e dos conteúdos de Geografia que já tratam o tema do racismo, quando são abordadas as questões sociais, econômicas e territoriais, na análise do espaço geográfico brasileiro e mundial, senti que deveria apresentar aos estudantes uma abordagem ou temática diferente, que fosse algo novo a eles, mas que estivesse dentro do escopo da Geografia.

Me veio à mente, então, a lembrança de um trabalho apresentado no Congresso Brasileiro de Organização do Espaço, no ano passado, cuja temática foi o racismo ambiental. Para muitas pessoas o tema, ainda, é uma novidade. Mesmo os professores de Geografia não são muito familiarizados com o assunto, pois em seus cursos de licenciatura, pelo menos, até recentemente, o racismo ambiental, especificamente, não aparecia de forma explícita.

Definido o tema, passei a elaborar uma sequência didática que envolvesse um diálogo inicial sobre o que é (ou viria a ser) o racismo ambiental, a apresentação do contexto histórico de surgimento e expansão do conceito, bem como de exemplos de diversas situações midiáticas ocorridas, no Brasil, que configuram racismo ambiental. Por fim, um momento de reflexão e pesquisa em que os estudantes se organizariam em grupos para expor, de forma mais detalhada, em cartazes, os exemplos de situações de racismo ambiental.

Ao iniciar as aulas nas turmas dos sétimos anos, falei aos estudantes que passaríamos a trabalhar com racismo ambiental e perguntei se alguém já o conhecia. Como pensei, o tema era inédito

a todos. Perguntei, então, o que eles achavam que poderia ser o racismo ambiental e, por dedução, alguns estudantes se aproximaram do conceito, relacionaram a algum tipo de preconceito étnico, mas não souberam dar exemplos concretos. Aqui, faço uma observação de algo que me preocupava no início da aula, o receio de que algum estudante pudesse fazer algum comentário engraçadinho, no momento, em que os incentivei a falar o que achavam que poderia ser o racismo ambiental; já estava preparado para fazer alguma repreensão mais séria. Felizmente, todos levaram a sério a temática de trabalho proposta, demonstrando um interesse maior do que o costume em relação aos assuntos abordados em outras aulas. Acredito que isso se deve, além do fato de ser um tema novo, ao trabalho coletivo que tem sido realizado na escola em todas as matérias; um sinal de que aos poucos temos contribuído com o combate ao racismo.

Ao mostrar e explicar os exemplos de racismo ambiental, no Brasil, falamos sobre acontecimentos sensíveis, como preconceito étnico-cultural aos quilombolas, deslizamentos de terra, enchentes, os rompimentos das barragens de Mariana e Brumadinho; porém o que mais sensibilizou os estudantes foi a crise Yanomami, em Roraima, provocada pela invasão do garimpo nas terras indígenas.

Pelas apresentações das pesquisas que realizaram, fiquei feliz em perceber como as alunas e os alunos se apropriaram não apenas do entendimento do que é racismo ambiental, como se posicionaram, criticamente, em relação aos casos que pesquisaram e apresentaram.

Finalizo esta narrativa, relembrando algo que não era o objetivo central da sequência didática, mas que adquiriu um grande destaque durante as discussões. Depois de explicar sobre a relação do racismo ambiental e as áreas periféricas das grandes cidades, perguntei se saberiam dar exemplos de situações que configurassem racismo ambiental em Campinas. Logo, alguns alunos começaram a falar que os espaços e serviços públicos, no Campo Grande, não recebiam os mesmos cuidados dos bairros mais elitizados da cidade; quando uma aluna perguntou com

grande surpresa: O Campo Grande é uma periferia?! Claro que tive que voltar o foco à geografia urbana e, por alguns minutos, falar sobre os aspectos socioeconômicos que produzem espaços com grandes desigualdades nos centros urbanos, mas percebi que estava trabalhando um dos maiores objetivos do ensino de geografia, conduzir os estudantes à construção de conhecimentos sobre os ambientes e as relações que os cercam.



Autor da foto: Rogério Gerolineto Fonseca

ROGÉRIO EM CONVERSA COM
JULIANA VIANA FACHINELE
Pinceladas de Juliana

Rogério Gerolineto Fonseca
Segundo semestre de 2024

Como parte das atividades do projeto *Narrar e (sobre)viver em processos de ensinareaprender: pesquisar em movimentos formativos nos/dos/com os cotidianos escolares*, fiquei responsável pela leitura e sistematização das narrativas redigidas pela professora Juliana Fachinele.

A leitura das narrativas me proporcionou conhecer, mais a fundo, sobre os próprios colegas de trabalho e projeto: o que fazem nos seus cotidianos escolares, o que pensam, o que sentem, como se relacionam com nossos estudantes, os sucessos e as dificuldades pelos quais passamos a cada dia. Com a Juliana não foi diferente. Apesar do nosso pouco contato, ao longo do ano letivo – ela, professora no período da manhã e eu, nos períodos da tarde e da noite – a leitura das suas narrativas me revelaram a atuação de uma docente que se preocupa com a aprendizagem dos estudantes e se envolve por inteiro nas atividades e projetos da escola.

A rica produção de narrativas da Juliana demonstra, também, sua criatividade. Ao todo, li suas vinte e quatro narrativas elaboradas em diferentes modalidades: texto, imagem e poesia. Ao longo das leituras, procurei destacar o que mais me chamou atenção em cada uma delas, como se cada narrativa constituísse uma pincelada, que, ao final, construiu a imagem da Juliana que se revela, por meio delas. A seguir, falo um pouco sobre cada pincelada de Juliana.

Na narrativa A PRIMEIRA CAMINHADA PEDAGÓGICA, Juliana fala da sua participação, junto a outros professores, com uma turma do quinto ano realizada na perspectiva do

pertencimento ecológico, em que viu, nas crianças, o prazer do estudo, curiosidade e questionamentos interessados na busca pelo conhecimento, tudo ao vivo e em muitas cores, sensações e afetividade.

Na AULA DE ARTES, fala sobre o dia em que, como professora adjunta, foi substituir, nas aulas de Arte, e deu continuidade ao tema festa junina, que estava sendo trabalhado pela professora titular. O resultado foi uma aula regada à música, dança, risadas, corpo e ideias em movimento, pura criatividade espontânea.

A narrativa EIS QUE ME SURGE ALFREDO conta sobre o dia em que sua turma recebeu a visita de Adriana, M e Y para realizar, junto aos pequenos, a criação de histórias sobre a múmia nomeada Alfredo. A profusão criativa, curiosidade e empolgação foram fruto das trocas de experiências do grupo de estudos e pesquisa, que tocou Juliana e a moveu a experimentar, também, momentos de ludicidade, invenção e descobertas.

SALADA DE FRUTAS fala sobre o dia em que juntou vinte e oito criaturinhas e se aventuraram a fazer a típica mistura de frutas. Apesar de muitos alunos, no início, reclamarem que não gostavam de certas frutas ou do mel adicionado para agregar doçura, no fim das contas, todos participaram empolgados da preparação, gostaram da salada e ficaram orgulhosos do que realizaram. Aqui, percebemos a professora que cativa os estudantes, que, mesmo com certo desgosto inicial, vira o jogo e desperta, neles, o interesse de participar e se envolver na dinâmica proposta.

A narrativa UM INSTANTE conta sobre o dia em que acompanhou um estudante da educação especial na realização de atividades. Esse relato destaca a calma, paciência, apoio e respeito da Juliana ao ritmo do aluno, ao seu tempo de reflexão, para, assim, emergir sua autonomia na resolução das atividades. Com isso, Juliana lança uma reflexão, de que, talvez, todos nós precisássemos de um tempo, um respiro, a evocação de uma inspiração na articulação entre as diferentes atividades que realizamos. Concordo plenamente!

Referente ao tema da educação antirracista, produziu quatro narrativas relacionadas às bonecas ABAYOMI. Na primeira, Juliana encarna a professora pesquisadora, que buscou compreender as origens das bonecas feitas de retalhos, sem cola e sem costura. Buscou sobre a versão mais conhecida, de que as bonecas eram feitas por mães em navios negreiros, como forma de gerar segurança e transmitir afeto para os filhos que as acompanhavam no trajeto, versão que simboliza resistência. Chegou, também, a outra origem, quando, em 1987, a artesã Lena Martins criou a boneca, batizada por uma das artesãs do grupo, que grávida, escolheria o nome Abayomi (que significa meu presente, em yorubá), caso nascesse uma menina. A segunda versão não tira o símbolo da resistência negra, pois o grupo deu origem à *Coop Abayomi, "[...]* uma cooperativa de artesãs negras organizadas como 'Artesãs Livres Associadas', que virou um espaço referência na época." A segunda narrativa é sobre o dia em que, em dupla docência, desenvolveu com a professora Anália, junto ao segundo ano, a oficina sobre as bonequinhas, para serem expostas na Mostra Cultural da escola em setembro de 2024. Trazendo aos pequenos a origem das bonecas, trabalharam sobre identidade e a ancestralidade negras. Exercitando seu lado poetisa, escreveu uma narrativa em forma de poema e, ainda, um acróstico sobre a Abayomi, traduzindo sentimentos, cultura, tradição e ancestralidade.

DIA DAS MULHERES se tornou uma narrativa, mais uma vez poética, sobre os agraciamentos vividos junto às pequenas grandes mulheres da escola, quando recebeu o carinho das alunas e, voltou para casa, coroada com ramos e folhas secas.

Na narrativa DÍGRAFOS, Juliana relaciona sua prática pedagógica atual, recordando-se da sua professora de português da quarta série, Dona B, que ensinava, por meio de músicas, e que foi uma das suas inspirações a ser uma professora criativa. Ao se deparar com a realidade, que nem sempre o que se idealiza se concretiza, teve a sensibilidade de estar aberta e captar o interesse dos alunos, adaptando o desenrolar da aula. Naquele dia, mais do

que ensinar dígrafos, Juliana refletiu "[...] *que cada um tem o seu jeito de ensinar assim como cada aluno tem o seu jeito de aprender* [...]".

Ao ler FESTA JUNINA, percebi a participação da Juliana na organização da referida festividade, especialmente, no lanche junino e no bingo, após as contundentes reivindicações dos alunos para que a comemoração acontecesse.

As FÉRIAS, também, foram inspiração para uma narrativa. Por estar inserida na comunidade escolar, viver no Campo Grande, acompanha como se dá esse momento de descanso dos estudantes e perceber a diversidade de vidas, oportunidades e obrigações que compõem nossa clientela. Percebe que, para muitos, a escola é o mais importante e, talvez, único lugar, onde as crianças são, realmente, acolhidas, ouvidas e cuidadas. "[...] *lugar onde eles podem ser o que realmente são e viver o que precisam viver, um lugar onde encontram segurança, paz, amizades, atenção e carinho, criança sendo criança e podendo desfrutar da sua infância*." É, Juliana; tenho certeza de que, no retorno das aulas, seu olhar para essas crianças foi diferente, capaz de entender melhor o porquê de, às vezes, um aluninho se mostra mais triste, preocupado ou descarregando na forma de agitação e peraltices os sentimentos que traz de casa, não é mesmo?

O CICLO DA VIDA E UM OBRIGADA são uma homenagem, em forma de narrativa, à M (nossa ex-vice-diretora) e S (psicóloga do Projeto ECOAR) pelo apoio nos momentos difíceis no âmbito particular. Aqui, temos a Juliana que se ergue e vai à luta com vontade de viver e conquistar aquilo a que se propõe realizar.

Na narrativa PROJETO BILBIOTECA – O GRANDE DIA, conheço sobre a Juliana que ama contar histórias e que já desenvolveu projetos de contação de histórias, sendo premiada em concurso da Fundação DPaschoal. No relato de uma contação de história encenada na escola, encarnou uma árvore. Só não contava que o galho que a fez se sentir sortuda ao encontrar no caminho para escola, já havia sido encontrado antes por algum cachorro que o fez de alvo para marcação de território. Nesse dia, a história foi

um sucesso, mas os efeitos olfativos não agradaram muito o público e as companheiras de cena ("*alívio cômico*").

PASSEANDO PELO MUNDO narra sobre uma verdadeira aula de geografia, que começou com a diferenciação de paisagens naturais e culturais, e seguiu-se com o *Google Earth* no reconhecimento da escola e seu entorno, onde os alunos vivem. Depois, descambou para uma volta ao planeta, desbravando lugares sugeridos pelos estudantes: Nova York, Disney, Itália, China, Coreia do Sul, São Paulo, Arábia Saudita – Quanta areia! – e quanta empolgação em se conhecer o mundo. De vez em quando, também, viajo com meus alunos pelo *Google Earth*, e, realmente, é uma das atividades que mais os empolgam.

A narrativa RELEMBRANDO O PASSADO é sobre o dia que foi acompanhar um estudante da educação especial no período da tarde e reencontrou, na mesma turma, um aluno que, outrora, tinha dificuldades de aprendizagem e cometia as mais impensáveis estripulias. Alegria da professora, que o reencontrou como um adolescente calmo, educado, alfabetizado, que se desenvolveu e a reconheceu do tempo em que era sua professora, demonstrando, com um abraço, que as lembranças que guarda são boas.

UMA NARRATIVA VISUAL destaca a imagem de um toco de árvore da escola que foi cortada, tendo toda a sua área ao redor concretada, mas que, mesmo assim, brotou novos galhos, como resistência e busca por vida. Juliana relaciona as agressões à árvore a nós mesmos (humanidade), que, dia após dia, ao longo das nossas vidas, nos deparamos com situações que machucam, nos "tiram pedaços" e nos desafiam a continuar lutando pela vida.

Em uma série de poemas, SOMOS, faz uma analogia entre o crescimento das crianças e o das plantas, se desenvolvendo, junto à terra e à natureza, que as nutre e renova com alegria e esperança de melhores dias. SEMANA DA CRIANÇA relata os acontecimentos e as alegrias vivenciados nas atividades da semana da criança, picolé, touro mecânico, cama elástica, gincana, futebol de sabão e até um pintinho vivo, como adereço de cabelo maluco. KIRIRI é sobre a Reunião de Planejamento e Avaliação Institucional (RPAI)

na Aldeia Kiriri em Poços de Caldas (Minas Gerais) e traduz, na forma de poema, o que viu, sentiu e aprendeu com aquele povo e questiona, afinal, o que é civilização? Quem vive geração após geração, buscando evoluir em harmonia com a Terra ou quem a destrói pela ganância financeira? SOU PROFESSOR ADJUNTO descreve, em versos, a rotina polivalente de professora adjunta, que sem saber com muita antemão com que turma ou atividade irá se deparar, ajuda a escola a acontecer.

Na mesma linha, UM OLHAR COSMOVISIONÁRIO DO PROFESSOR ADJUNTO, Juliana dialoga com as narrativas que leu do professor Augusto, igualmente a ela, adjunto, destacando e compartilhando das mesmas dificuldades, anseios e preocupações com uma educação pública de qualidade e inclusiva, que direcione os pequenos sujeitos a uma cidadania planetária.

Por fim, na narrativa IDENTIDADE, que começou sobre um projeto desenvolvido com os estudantes sobre suas origens e as histórias das suas famílias, conheci um pedacinho da Juliana criança e as motivações que a levaram a se tornar professora. É admirável ver que, hoje, Juliana abraça a vocação de ensinar, embalada por sua vontade de ajudar crianças que, como ela, contam com certas dificuldades nos primeiros anos escolares. Mais bonito, ainda, é ver assumir com orgulho e tranquilidade que sempre tenta fazer o seu melhor, lidando com as limitações (que todos nós temos), "[...] *errando ou acertando, enfrentando os desafios e tirando um aprendizado de cada obstáculo*."

Para além do que eu já conhecia, professora adjunta que atua nos ciclos 1 e 2, cada narrativa revela pinceladas de Juliana: uma característica, um sentimento, um anseio ou uma forma de se portar no mundo e perante os pequeninos em formação. Suas narrativas têm de tudo, práticas pedagógicas, reflexões, pesquisas... relatam rotinas regadas a novidades, experimentos, surpresas e desafios. É uma pessoa carinhosa, receptiva, criativa, mãe de duas filhas (se não me engano) e, assim como eu, é mineira.

Em exercício de tematizar as narrativas, em síntese, destaco a rotina árdua dos professores, a sobrecarga de trabalho e de

preocupação com os estudantes, frente às carências que eles trazem, nossos compromissos em fazermos sempre o nosso melhor perante as condições que nos são dadas.

Finalizo, expressando o quão bom foi ler suas narrativas, Juliana. Poder conhecer o seu fazer e o seu ser. Esporadicamente, quando nos vemos, pessoalmente, na escola, acontece um cumprimento normal, às vezes, com a impressão de você ser uma pessoa muito séria. Ler suas narrativas nutriu uma grande admiração por você e sinto que a conheço mais. Da próxima vez que nos encontrarmos pessoalmente, gostaria de te pedir um abraço, demonstração de um afeto sincero por quem se conhece e se admira.

A PRIMEIRA CAMINHADA PEDAGÓGICA

Juliana Viana Fachinele[6]
Primeiro semestre de 2024

O ano era 2022, assumi o quinto ano A e, em parceria com o professor H (hoje supervisor), e a querida professora M, da Educação Especial (...), baseada na proposta da escola de trabalharmos com as caminhadas pedagógicas, que, na época, a ideias estava iniciando (ao menos, para mim, que estava ingressando na escola), por meio da proposta de Cidadania Planetária e já com as ideias de pertencimento ecológico, onde as pessoas e o meio fossem um só e a necessidade de apresentar essa ideia de respeito e cuidado com o meio, unindo ao conteúdo; tivemos a ideia de fazer uma caminhada no Bosque Ferdinando Tilli.

No decorrer da caminhada, fomos parando e a professora Márcia, que nasceu e cresceu nessa região, foi contando como era, antigamente, o local, que havia um rio caudaloso que nascia no bosque e as crianças brincavam ali, hoje, infelizmente, não passa de uma pequena nascente, devido à poluição, assoreamento e até mesmo o desmatamento, que se não cuidada e preservada, em breve, secará.

Expliquei a eles a diversidade da mata, onde é possível encontrar a vegetação da Mata Atlântica, com árvores finas, altas e com folhas grandes e a vegetação do cerrado com árvores pequenas e retorcidas, com folhas mais miúdas; também, foi possível verificar a qualidade do ar, por meio da coloração dos fungos, que se encontravam bem acinzentados, indicando que o ar não estava tão puro, (...) o professor H falou da diversidade de insetos e animais que vivem nessas matas.

---

[6] Professora Adjunta dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental na EMEF/EJA Padre Leão Vallerié.

Andamos por todas as trilhas do bosque, as crianças coletaram folhas, flores, pedras, para fazermos o registro das nossas descobertas e contarmos um pouco de como era e como se encontra o local, hoje, foi muito divertido e promissor, pois, em outras saídas pedagógicas e estudos do meio, eles sempre lembravam das explicações e comentavam: *Prô*, essa árvore pertence à Mata Atlântica? ou O ar, aqui, não está puro, olha esse fungo.

Essa experiência tornou-se importante, pois via, nas crianças, o prazer de estar estudando, curiosos, questionando e interessados em buscar mais informações. Essa prática foi muito além de fotos em livros, foi um compartilhamento de conhecimento, afetividade e aprendizado.

UM INSTANTE

Juliana Viana Fachinele
Segundo semestre de 2023

Chego à escola, após uma rápida saída para comer algo, ele já estava lá com as mãos melecadas de geleia de brinquedo, pega em minha mão com um suave sorriso de lado, quase como se somente eu percebesse ser um sorriso, talvez, nem fosse, mas parecia ser. Subimos, lentamente, a escada para a sua sala, nos organizamos e a professora de Português iniciou a sua aula; ele começou a limpar as suas mãos, esfregando-as uma na outra e, às vezes, as passava na parede da sala, como se estivesse agoniado com aquilo, então, começou a olhar o pote de geleia e parecia se conectar a outro mundo, em um universo distante. Toda sala encontrava-se silenciosa, como se o tempo estivesse parado, os alunos faziam prova, ouvia-se apenas o barulho do ventilador e, de longe, as crianças agitadas e felizes, indo fazer algum estudo do meio, fora da escola, ouvia o barulho de alguns carros que passavam pela rua e nada mais. De repente, o tempo voltou a correr, meu aluno retornou do seu mundo particular, apontou as letras das palavras que precisava escrever. Uma pessoa vira para mim e diz: Coitado! Sacudindo a cabeça como se estivesse com pena daquela criança ou reprovando o seu jeito tão especial de ser, imagino que mal sabia ela que ele conseguia fazer suas atividades, só precisava de um tempo, um momento para processar suas ideias, que, muitas vezes, nos é cobrado um tempo que, nem sempre, é suficiente para processarmos tudo que é necessário e ele estava no momento dele. Cabe a nós, professores, estimularmos e respeitarmos o tempo de cada um. Meu aluno olhou para a folha, para as suas mãos e as balançou como se estivesse abanando uma à outra, ficava um tempo assim, observava a figura da sua atividade, mexia em seus materiais dispostos em cima da mesa e soltava as letras que

estavam presas em sua mente, saindo a palavra esperada, de forma correta, sem intervenções e com toda calma e paciência que tenho com ele, aguardei o próximo *insight* para concluirmos a atividade adaptada pela professora de Educação Especial do período vespertino, Ana Sophia. Após concluirmos, ele passou a mão, levemente, em meu braço, tocou a minha mão e ficou por um momento observando. Imagino se estava comparando os tons das peles (a minha é mais escura que a dele) e, logo, percebeu os dois calos que tenho nos dedos, se assustou e tirou sua mão da minha com repulsa do que viu, voltou a olhar para a parede e a folha de atividade concluída colada em seu caderno, guardou o seu material e pegou a sua mochila, chegava a hora do lanche, e a cuidadora veio buscá-lo, ele me olhou de rabo de olho, com o seu sorriso de lado, como se dissesse *tchau*, até amanhã. Arrumei minhas coisas, me despedi e saí.

FÉRIAS

Juliana Viana Fachinele
Primeiro semestre de 2024

Férias é um período de descanso, um momento mais pessoal que profissional, no qual voltamos nossos pensamentos, planejamentos, projetos, para nós, nossa família e amigos, sem nos preocuparmos tanto com rotinas, horários, até nos darmos ao luxo de dormir e acordar mais tarde (isso quem não tem crianças pequenas em casa), mas, mesmo assim, podemos desfrutar um pouco mais, sem tanta pressão ou responsabilidades, e nossos alunos? Caminhando pelo bairro onde moro, próximo à escola Leão Vallerié, observo luzes e enfeites natalinos, famílias e amigos se reunindo, outras discutindo, escuto diversos tipos de sons, cachorros latindo, pássaros, carros, conversas, músicas diversas, vejo crianças, na rua, rindo, conversando, gritando, brincando e, às vezes, até algum palavrão. As brincadeiras são diversas: tem bola, bicicleta, pipa, pique, esconde-esconde, boneca, carrinho, mímica, escolinha, ora brincam sozinhas com seus celulares, outras, sobem em árvores, colhem frutas da época, como mangas e acerolas, passeiam com seus animais de estimação, como cachorro e cavalo; me surpreendo com crianças em bicicletas motorizadas e até mesmo empinando moto, sim, meninos de quatorze e quinze anos sem capacete, empinando moto, nas ruas de terra do bairro, outros, sentados no colo do responsável, dirigindo o carro sem cinto, vejo crianças no semáforo, vendendo doces, cansados, em um sol de amargar, outros, no comércio da família, trabalhando, para ajudar em casa, me deparo com meninos pedindo auxílio na rua e até mãe desesperada, porque o filho fugiu de casa, mas, depois de alguns dias, foi encontrado bem. Muitas dessas crianças são ex-alunos ou conhecidos do bairro que encontro por onde passo, alguns vêm conversar, contam como estão aproveitando as férias, viagem,

passeios com familiares, outros dizem ter ficado em casa de parentes, babá, escolinhas de férias, um diz que fica sozinho em casa, tem ex-aluno, no terminal de ônibus do Campo Grande, que me vê, sorri e, timidamente, manda um *tchauzinho*. No Shopping Bandeiras, vejo uma pequena de longe, vindo correndo em minha direção e dizendo para a mãe: Mãe, aquela é professora na minha escola. OI!!! Chega toda animada, perguntando se irei dar aula para ela esse ano, cumprimento mãe e filha e explico que não, que será outra professora, ela me abraça e diz que gostaria muito, mas que está feliz mesmo com outra professora, porque gosta muito da escola, relata, ainda, que a mãe estava de folga, que iam tomar sorvete e brincar no parque externo, nos despedimos e a pequena sai toda sorridente e saltitante. No ônibus, encontro um ex-aluno, sem camisa, de chinelo e bermuda, disse estar cansado e queria que retornasse logo as aulas, sentia saudades dos colegas e professores, em casa está muita confusão e cansativo, disse a ele para ter paciência que logo retornaria e que as coisas iriam melhorar, ele sorriu meio desacreditado e nos despedimos. Seguimos de férias e as crianças seguem suas vidas, umas alegres e dispostas, outras cansadas e nem tão animadas, mas com esperança das aulas retornarem logo para reencontrar a alegria que falta em suas vidas. Vejo crianças vivendo sua infância e outras não tendo tantas oportunidades assim e como o papel da escola é importante, principalmente, para esses, que não têm essa oportunidade de desfrutar com segurança, carinho e atenção a sua infância. Na escola, muitas vezes, é o único lugar onde eles podem ser o que realmente são e viver o que precisam viver, um lugar onde encontram segurança, paz, amizades, atenção e carinho, criança sendo criança e podendo desfrutar da sua infância. Minhas férias foram, aqui, entre a praça Concórdia e o Shopping Parque das Bandeiras, observando as nossas crianças em seus momentos de construção e aprendizagem fora da escola, escutando elogios, desabafos, lhes vendo fazer coisas boas e ruins e fico imaginando quanta diversidade passa em uma sala de aula e temos de lidar diariamente, acredito ainda mais que a escola é um espaço

importante para promover uma infância melhor a essas crianças e, por vezes, um dos principais caminhos para oferecer sonhos, expectativas e esperança de um bom futuro a eles, não é possível acabar com os problemas de todos, mas é possível amenizar a dor e abrir caminhos.

SOMOS

Juliana Viana Fachinele
Primeiro semestre de 2024

Terra berço
Berço de planta
Berço de gente
Gente criança
Criança semente
Semente que germina,
Cresce, cria
Como a criança que brota
Revigora, aprende, floresce, frutifica
"Menino semente"
Que corre, que pensa
Que cria, que grita
Que planta as ideias
É semente que
Cresce descalço na terra
Brotando todos os dias
Novas ideias, novos sonhos
Novos berços
Que renova com alegria
e esperança
De melhores dias em
Nossas vidas!

Referência

ZAPATA, Renato. **Menino semente**. Ilustrações: Talita Nozomi. 1ª ed., Editora Movimenta, 2014.

DUPLA DOCÊNCIA: UMA EXPERIÊNCIA DE APRENDIZADO E COOPERAÇÃO

Juliana Viana Fachinele
Segundo semestre de 2024

Em 2024, vivenciei uma experiência diferente que foi a dupla docência. A princípio, atenderia o quarto b e quintos anos, trabalhando com os alunos que apresentavam maiores dificuldades em acompanhar as aulas ministradas pelas regentes, atuando, diretamente, no desenvolvimento da leitura e escrita, ora em duplas, ora em trios e, algumas vezes, individualmente, conforme o objetivo discutido e trabalhado com a professora da sala. Devido à necessidade de uma maior atenção, priorizamos o trabalho no segundo ano a e quarto b, com a turma do segundo ano da professora Anália, trabalhei com jogos, como bingo de letras, sílabas, completar as palavras, atividades fonéticas e, na sala de informática, com jogos interativos, individuais, onde os alunos trabalhavam desde os sons das letras até a formação das palavras. Com o quarto ano da professora Marinalva, auxiliei nas oficinas de experimentos científicos, que acontecia toda segunda-feira, onde os alunos levantavam hipóteses, vivenciavam experiências e discutiam resultados, expondo suas opiniões e conclusões, de forma curiosa e criativa, instigando o interesse pela ciência e a pesquisa.

Outra experiência foi a Feira Ubuntu. Este ano, tive a oportunidade de trabalhar com uma professora incrível que me deu muitas oportunidades de atuar na Dupla Docência, respeitou e acatou as minhas ideias e deu corda para minhas maluquices (risos).

Segundo Ano A, turminha do peru, faltando menos de um mês para a nossa amostra cultural Ubuntu e a professora Anália comentou comigo sobre o que pensou em fazer, então, sugeri uma oficina de abayomis que sei fazer. Tomamos o cuidado de repassarmos a verdadeira história da boneca, não apenas a história

romantizada dos navios negreiros. Descobrimos que a intitulada abayomi é obra de uma costureira nordestina, brasileira, erradicada no rio de janeiro, chamada Lena Martins, em homenagem à sua comadre que estava grávida e, se fosse uma menina, se chamaria abayomi que, em Yorubá, significa meu presente, dessa forma, a boneca de pano e sem costuras, se transformou em um símbolo de identidade e ancestralidade, criada por mulheres negras um ano antes do centenário da abolição da escravidão no Brasil (1987). O processo de confecção das abayomis com a turma do segundo ano da professora Anália iniciou-se com uma conversa entre a professora titular e eu, que decidimos que contaríamos aos alunos, apenas, a história verdadeira, para que não se confundissem, mas apresentaríamos ambas as histórias na feira. Conversei com uma amiga costureira que, gentilmente, nos doou retalhos pretos e outros com diversas estampas, pesquisei diversos vídeos e versões da abayomi, até encontrar um de fácil entendimento e que possuía um passo-a-passo fácil e prático para auxiliar nas explicações. Agora, mãos à obra, meninada!!!! Ebaaaa!!!! O que faremos hoje? Passamos o vídeo com a história real, distribuímos retalhos e, com o apoio da professora Anália, a cuidadora, estagiária, se não me engano até a Carol (pesquisadora, doutoranda) e a L (psicóloga – Projeto ECOAR[7]) entraram na brincadeira para nos ajudar. (Risos) Meninada atenta e animada, amarrando os panos, criando detalhes, lindas abayomis coloridas surgiam; a criançada agitada, corria, falava e pulava, de repente, alguém gritou: Professora, a minha boneca está no telhado. Um bicudo e pimba! A boneca, toda

[7] Projeto ECOAR – Espaço de Convivência, Ação e Reflexão foi proposto para auxiliar o enfrentamento às diferentes formas de violência que se expressam na escola (e que, contudo, apresentam diferentes origens e cenários), a partir de uma prática psicossocial voltada para o desenvolvimento de ações preventivas, prevalecendo a noção da relação teoria e prática, ou seja, práxis revolucionária e crítica, com proposições de um modelo profissional para a mudança da realidade. Desde 2014, o Projeto ECOAR tem sido desenvolvido em escolas municipais de Campinas-SP. (Fonte: http://gep-inpsi.org/psicologia-escola/projeto-ecoar/. Acesso em: 05 de novembro de 2025.)

desarrumada; pose para fotos; recolhe e guarda, antes que não reste mais nada, pois a meninada estava arretada.

Dia da exposição - montamos painéis Brasil e África, ligados de mãos dadas, as abayomis foram homenageadas, mesmo com certo receio, rejeição e discriminação de alguns da população, essa história negra, brasileira, de amor, esperança e brincadeiras teve uma bela representação em nossa exposição, que não deve ser esquecida e sempre recontada, valorizando a história brasileira e os povos africanos.



Autora da foto: Juliana Viana Fachinele

JULIANA FACHINELE EM CONVERSA COM
AUGUSTO CÉSAR LIMA E SILVA
Um olhar cosmo-visionário do professor adjunto

Juliana Viana Fachinele
Segundo semestre de 2024

Quando foi proposta a análise das narrativas dos colegas, pensei em fazer um mapa mental e uma reflexão, então, no sorteio, fui contemplada com o professor Augusto. Li as suas oito narrativas, fui marcando trechos e palavras, levantando ideias e associando-as com as minhas. O professor adjunto é um profissional que tem a oportunidade de atuar em diversas áreas e ampliar o seu olhar nas atividades educacionais, tendo a chance de colocar em prática suas experiências profissionais e intuitivas que vão além do que é proposto, de forma conteudista ou formal. Ele tem um olhar transversal da aplicabilidade e prática, criando, inventando, improvisando, buscando o catalisador da aula, de forma subjetiva, para ver e entender a prática escolar. "É importante o professor ter coragem para enfrentar e se preparar para situações que fogem do controle…"; "Ao longo do ano, eu e as crianças fomos entendendo como a escola e as aulas funcionam e as coisas foram se ajeitando…", é marcante, nas narrativas do professor, a preocupação e o cuidado com os seus alunos, envolvendo principalmente o público alvo da Educação Especial, buscando meios para que todos participem de suas atividades, dando autonomia e voz àquelas crianças, respeitando os seus momentos e condições, buscando atender as necessidades e demandas dos seus alunos, é visto quando ele se questiona e coloca: "Como será essa criança? Quais dificuldades terei em ensiná-la? Ela é autônoma?", saindo assim da sua zona de conforto. Augusto levanta as problemáticas da profissão de Professor Adjunto, a inconstância, insegurança, vulnerabilidade e instabilidade,

inclusive, financeira, fala dos desafios e busca sempre estar se autoavaliando.

> Vida de professor adjunto, na rede municipal de Campinas, é uma incógnita constante, a variação de horários, turmas e até mesmo de escola é corriqueira na vida profissional deste segmento docente, nem sempre (quase nunca) é possível organizar e planejar a vida profissional e pessoal com antecedência que traga sensação de segurança (profissional, pessoal e financeira) (Trecho de uma das narrativas escritas pelo professor Augusto ao longo do nosso Projeto).

São colocadas as angústias e, também, a coragem para enfrentar e se preparar para a diversidade, se descobrindo um novo professor a cada experiência. Seus textos tratam, ainda, das questões culturais, práticas corporais, equidade de gêneros, racismo, ancestralidade, preocupando se em ensinar com comprometimento ético-político, trabalhando de forma interdisciplinar e transversal, sempre atuando com os projetos propostos pelos demais professores, buscando formações, informações e apoio dos seus colegas e estagiários, dando protagonismo a eles.

> Apoiado no Projeto Político Pedagógico da escola que tem como tema Cidadania Planetária, e como princípios a Democracia e Emancipação Humana, a Consciência Socioambiental, a equidade de gêneros, raça e diversidade e de formação integral e humana. Seguindo os temas dos ciclos I e II, sobretudo, Identidade e Grupos Sociais, dentre os quais, os negros. (Trecho de uma das narrativas escritas pelo professor Augusto ao longo do nosso Projeto).

É posto o questionamento do papel da mulher na sociedade, levando exemplos, vivências e experimentações para as crianças, fazendo surgir, nelas e nele, o encantamento das aulas. Podendo ser desafiadoras, mas conseguindo transformar algo que lhe causava estranhamento, como a experiência do "Sapo Aurélio", em

algo de seu profundo domínio, como o atletismo ou, ainda, com o seu violão transformar uma aula de Inglês. Transmitindo aos alunos a aprendizagem, o desenvolvimento e a afetividade, enxergando os estudantes em sua totalidade e compartilhando para além do seu desenvolvimento intelectual, buscando o desenvolvimento pessoal.

Fecho esta análise reflexiva referente às narrativas do professor Augusto com uma questão importante, que ele levantou e, por várias vezes, já me peguei pensando sobre: "Quais ferramentas temos que ter domínio para executar um trabalho e estar de acordo com uma proposta de educação pública de qualidade?". Para termos uma qualidade social na educação, devemos pensar em uma escola democrática, inclusiva, considerando a diversidade cultural, e a formação de uma educação intercultural, promovendo a formação de pessoas críticas, conscientes e respeitosas, com um olhar cosmo-visionário.

Sou professor adjunto. Entre bolas, cordas, saltos e um violão, corre, pare, pule… um sim, um não. Entre cada substituição, Artes, Inglês, Educação Física e alguma canção. às vezes, conversa, outras, silêncio; Meninos prestem atenção! As crianças aprendem, brincam e se movimentam. Todos se agitam, é surpreendente como nós ensinamos e como eles aprendem! Vida de adjunto é assim entre gritos, sorrisos, choros e conflitos. Estamos aí… Mesmo sem saber o que vai acontecer, para onde vamos? Como vai ser? Estamos aí, ajudando a escola acontecer.

PIBID (ANO) 2023

Augusto César Lima e Silva[8]
Segundo semestre de 2024

A minha relação com o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, PIBID, começou de forma inusitada.

Antes, é preciso contextualizar como estava a minha vida na escola e o desenvolvimento das aulas.

No ano de 2023, eu tinha somente quatro salas atribuídas, dessas, duas na Leão. Essa situação inédita, para mim, trazia um conforto, principalmente, na experimentação pedagógica. Havia acertado com o meu colega recém-ingressado, E, de trabalharmos nas aulas de Educação Física da escola os mesmos temas das professoras referência das turmas, assim pude deixar a imaginação rolar e preparar atividades novas, nos diversas temas que conversam, diretamente, com o projeto-político-pedagógico da escola. Em fevereiro, trabalhei jogos e brincadeiras populares, ajudando a compor o alfabeto de brincadeiras dos primeiros anos; em março, pesquisei quatro mulheres que são referências nos seus esportes, Aída dos Santos, Maria Esther Bueno, Fabiana Mürer e Raíssa Leal; já em abril, o trabalho se desenvolveu com o tema indígenas, pelo qual pude pesquisar e aprender várias brincadeiras dos povos originários do Brasil, como Huka-huka, Woratchia, Heiné Kuputisü, O'ta inyu e o arranca-mandioca. Até esse momento, as aulas seguiam como eu costumava encará-las: um aquecimento, parte principal e uma volta à calma. A parte principal seguia uma linha de aumento de complexidade, mais ou menos, linear, para cada grupo de crianças e para cada atividade, as aventuras estavam na escolha das atividades e conversa com o

[8] Professor Adjunto de Educação Física dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental na EMEF/EJA Padre Leão Vallerié.

tema das salas. Sentia que estava um bom trabalho e me sentia orgulhoso do que estava fazendo.

Em um certo dia, o E me chamou e falou sobre um projeto com estagiários, perguntando-me o que eu achava. Falei que seria ótimo, pois é sempre bom contar com apoio durante as aulas. Ele me explicou que o professor G havia iniciado o projeto, mas não poderia seguir nele, pois não tinha tempo suficiente de magistério para seguir supervisionando o estágio, mesmo motivo que o E não poderia assumir.

Bem, o projeto caiu no meu colo e foi providencial, pois eu havia contraído uma dívida grande não programada e estava precisando de um dinheiro extra.

Para mim, esse projeto veio na hora certa. Não posso mentir, o valor da Bolsa foi crucial para o aceite e eu estava precisando. Mesmo que não fosse um projeto com o qual eu tivesse total acordo, teria assumido a responsabilidade. Essa situação evidencia que, apesar de ser servidor público concursado, a desvalorização docente (na parte financeira, sobretudo) é presente, pois os ganhos com salário não acompanham o aumento de preços de produtos e serviços, deixando qualquer professor vulnerável financeiramente. Essa situação se sustenta mesmo em uma metrópole rica, com um dos maiores PIBs do país (12ª), a qual deveria ter um salário compatível com a captação de recursos. Mas não é isso o que acontece, de fato. Os meus treze anos, na Prefeitura, me mostram que o salário não acompanha, sequer, a inflação, muito menos aumento real. Não quero nem imaginar como está de salários na rede do Estado de SP; um dos grandes motivos que me fizeram sair, em 2010, entre outras questões, foi a salarial. Resumindo, o motivo principal que me fez assumir o PIBID foi a questão financeira, não tinha outra motivação tão evidente, assim.

No meio de maio, iniciei o processo burocrático para assumir o projeto. De início, estava em uma posição de vantagem, pois sabia de a necessidade de algum professor topar supervisionar o estágio para evitar a perda de Bolsas e uma possível redução da oferta para o próximo edital. Isso me deixava tranquilo em tentar

moldar o estágio aos meus interesses e horários. De certa forma, isso foi muito bom, pois me trouxe uma nova motivação para que eu afirmasse o meu interesse. Soube, em uma conversa por aplicativo com o Professor M quais seriam os procedimentos a serem tomados e como funcionaria, mais ou menos, a supervisão, quem, quantos e quais seriam os meus estagiários. Que interessante! Tudo foi se firmando, de forma muito rápida e simples, via troca de mensagens por *Whatsapp*. Depois de tudo organizado, veio o primeiro trabalho a ser realizado pelo programa, ler um livro.

Nossa, há quanto tempo que eu não lia um livro, ou mesmo, uma publicação científica sobre Educação Física. Coordenei um Grupo de Estudos em Educação Física na Prefeitura durante dois anos, mas, desde 2016, eu não havia tido contato com mais nada, talvez, por preguiça, falta de curiosidade ou entender que com o que eu tinha em mãos fosse o suficiente para desenvolver meu trabalho.

Epistemologia e didática do currículo cultural da Educação Física, este é o nome do livro. Não sei se foi esquecimento do Mário, ou se foi intencional, mas não foi indicado um capítulo para leitura e o texto seria debatido no próximo encontro (meu primeiro) do PIBID. Não poderia passar vergonha frente aos estudantes da Unicamp, teria que ler o livro inteiro em uma semana. Confesso, não consegui. Logo de cara, fiquei assustado, um tal de HALL e o, para mim, famoso Foucault tomavam conta do início do livro. Um debate filosófico que estava, e ainda está, longe de mim, difíceis de compreender. Comecei a não me sentir tão confiante, pois aquela linguagem era nova para mim. Foquei a leitura do texto com minha prática docente, conversando e questionando aquilo que, de alguma maneira, me atravessava, olhando minhas anotações, vejo o quanto critiquei o livro. Penso que foram dois grandes motivos, arrogância e ignorância. Conversava com o Erick sobre o que estava lendo e debatíamos sobre o que eu havia entendido do texto e como ele estava longe da realidade da escola. Fui para o primeiro encontro sem ter lido todo o livro e cheio de dúvidas e medos. Conheci pessoalmente o Mário, achei ele maior do que eu imaginava.

Começaram os debates sobre o texto e eu estava entendendo menos ainda. Eu parecia alguém muito fora do lugar. Os e as jovens estudantes falavam, muitas vezes, com vigor, mostrando grande competência na compreensão e eu não fazia ideia do que eles estavam conversando. Em um olhar mais atento, descobri que eles estavam discutindo um trecho do livro que eu não tinha lido, pois estava mais para o final. UFA! Naquele momento eu senti um alívio! Afinal, eu não poderia ser tão burro assim.

Outros textos vieram e todos eles na mesma toada. Filosofia, Hall, Foucault, Deleuze, sem contar nas citações de Nietzsche, ao longo dos encontros, para mim, muita viagem, mas, aos poucos, fui conseguindo compreender a linha de raciocínio e as conversas daqueles sujeitos com a Teoria do Currículo Cultural (Neira; Nunes, 2023), fui me apropriando de alguns conceitos que, até então, eu não tinha tido contato. As conversas e debates nos encontros promoveram, também, um melhor entendimento daquilo que estava nos textos. Apesar de tudo isso, olhando as minhas anotações, continuei crítico à linha de pensamento, pois os textos vieram em uma linha, inclusive, de julgar os pensadores da Educação Física com os quais tinha conversado nos meus estudos na graduação e, algumas vezes, criticava minha própria organização e fundamentação do trabalho. Continuo com alguns juízos pontuais aos textos e entendo que tenho fundamentos teóricos e práticos para isso, mas, de forma abrangente e juntamente com as discussões nos encontros, vejo o rigor da linha teórica do currículo cultural e como ele conversa diretamente com o trabalho do professor, em uma perspectiva de compreensão de mundo, do olhar sobre as relações entre os seres sociais que produzem e são produtos delas, em uma disputa das relações de poder, o que me levou a internalizar que o Currículo Cultural da Educação Física (Neira; Nunes, 2023) expressa e tenta organizar o que de fato é a Educação Física integrada, de verdade, com a escola. A leitura dos códigos existentes nas práticas corporais, o mapeamento de práticas que vão além dos muros da escola, o levantamento de temas que conversem com o projeto da escola e

vivenciar e experimentar as práticas corporais, já faziam parte das minhas aulas, mesmo eu não sabendo, ou não reconhecendo. Isso mostra a importância de entrar em contato com outras fontes teóricas e outras pessoas, que trarão um novo olhar sobre o mesmo fenômeno, acabamos por entender ou perceber aquilo que se faz naturalmente, dando sustentação às tomadas de decisão, fortalecendo-as ou modificando-as. As questões da ampliação e aprofundamento e registro e avaliações, também, me motivaram, apesar de pouco conversar com minha prática docente, pois nunca fiquei, totalmente, satisfeito com a forma de se pensar na organização das avaliações das aulas e, ainda que trabalhasse com temas de aprofundamento, os tratava como temas transversais. Foi interessante aprender um novo ponto de vista, com o qual pude dialogar em uma parte da minha experiência no programa. Tentando ser breve, voltar a conviver na academia, em uma outra perspectiva metodológica e teórica, com diferentes pessoas e em um outro momento de vida, pode contribuir para uma nova significação do meu trabalho docente, dito isso, não posso deixar de entender como imprescindível a continuidade dos estudos acadêmicos para a carreira de professor. Não estou falando, aqui, de cursinhos de atualização ou reciclagem, de forma continuada. Quero dizer sobre estudo com rigor teórico que possa suscitar discussões internas e que podem promover, ou não, mudanças significativas sobre o trabalho docente, ou então, afirmar aquele já praticado, mas com pouca sustentação.

Paralelamente a isso, as aulas continuavam. No mês de junho, o tema a ser trabalhado foi imigrantes e refugiados. Foi, nesse momento, que os e as estagiárias começaram a frequentar as minhas aulas, fiquei tão empolgado que, no primeiro dia, que um trio apareceu na escola, coloquei-os dentro do carro e fomos para a minha outra escola, foi engraçado, mas inconsequente. No desenvolvimento do tema, trabalhamos três práticas corporais, o Badminton, o Levantamento do Peso e a Canoagem. Ainda com pouco contato com o Currículo Cultural (Neira; Nunes, 2023), as aulas seguiam como eu sempre fiz, com um avanço de

complexidade do movimento. Dessa vez, com companhia que me auxiliava na execução das aulas. A chegada de estagiário(a)s foi muito bom, compartilhar e trocar informações é muito gratificante, mas, para além disso, dividir uma turma de trinta crianças em mais pessoas é fundamental para um bom andamento das aulas. Quando não tem alguém para auxiliar, tenho a percepção de que as aulas não caminham com a qualidade esperada, não dá para atender as crianças em suas necessidades (que são muitas, desde execução até as emocionais, passando pelas de convivência e afeto), deixando a impressão de não ter sido o suficiente. Mas com colegas auxiliando, parece que as aulas fluem melhor.

Após o recesso de julho, estava programado o tema da Copa do Mundo de Futebol Feminino. Nunca havia trabalhado esse esporte de forma sistemática nas minhas aulas. Inicialmente, a ideia era fazer jogos com a lógica do esporte até chegar nele de fato. Delicadamente, fui criticado em uma das reuniões do PIBID por decidir que faria jogos de invasão para chegar no futebol. Na hora, confrontado na minha prática de anos, comecei a conversar comigo mesmo e tentar justificar a minha escolha metodológica. Ainda é um lugar de reflexão, para mim, mas deixo, aqui, a admissão de que é melhor colocar a meninada para fazer a atividade. fim. Fomos conhecendo a Marta e a Formiga e vivenciando situações que apareceram nas discussões. Uma dessas situações foi a crítica de um aluno à goleira dos Estados Unidos em uma semifinal de Copa do Mundo com o Brasil, na qual a Marta marcou um gol. O aluno disse que a goleira era ruim e que até ele defendia o chute. Dessa discussão, resolvemos fazer três atividades diferentes. A primeira era medir a altura da trave. Fizemos isso em sala. Cada aluno, para ir à quadra, deveria tentar tocar na altura marcada na parede com um salto, poderia tentar de qualquer modo, desde que usasse apenas a força das suas pernas. Obviamente, nenhuma criança alcançou a marca. Depois nós colocamos cones na largura oficial do gol de futebol de campo e colocamos o crítico no gol para a estagiária (que treina futebol pela faculdade) chutar e ele tentar defender. Aproveitamos e colocamos outros meninos para tentar

defender o chute dela também. Por fim, as meninas iriam chutar a bola no nosso gol e os meninos tentariam defender. Não me lembro, exatamente, quantos chutes foram defendidos, mas foram muito poucos. A divertida brincadeira transformou-se em um momento de possível reflexão sobre a potencialidade das mulheres em praticar o futebol e a percepção masculinizada sobre a capacidade feminina. A observação e avaliação que faço dessa situação é de que aquela criança que criticou a goleira pode rever o seu posicionamento, pois, explicitamente, não fez outras críticas às mulheres, inclusive, pareceu estar convencido da capacidade das atletas. O tema seguinte, conversava com as pessoas com deficiência e, na minha cabeça e planejamento, eu seguiria com as atividades que já tinha realizado em outros anos, entretanto o contato com uma nova perspectiva da Educação Física, trouxe uma outra possibilidade de trabalho, assim, entendendo que o futebol estava fazendo parte da cultura das crianças e que o tema não estava esgotado, combinei o tema em andamento com o planejado. Dessa forma, segui trabalhando com o futebol a partir de pessoas com deficiência. Essa ampliação do tema foi significativa para mim e, acredito, para as crianças, pudemos observar o esporte estudo sobre um outro ponto de vista, que não aquele competitivo e esportivo. O tema calhou, também, com a visita dos estagiários ao centro de esportes paralímpicos e eles puderam trazer o conhecimento deles para a nossa escola. Trabalhamos o futebol adaptado para pessoas com deficiência motora e visual.

O último tema do ano seria a Luta, parte do planejamento anual, realizado no começo do ano, do qual, a capoeira compunha como conteúdo. Entretanto, envolvido com a temática das salas do Ciclo 2 e amparado pela presença do(a)s estagiário(a)s na escola, decidi trabalhar somente com o conteúdo da capoeira. Tal decisão se mostrou um grande desafio pessoal, para mim, pois nunca havia trabalhado de forma sistemática com esse tema e pouco sabia dele. Tive que estudar para compreender seus signos e, mais, estar atento as(os) estudantes, e ao que eles traziam como conhecimento. Compartilho, no fim, a narrativa produzida sobre esse tema.

Desses dois últimos temas, destaco a importância de estar em contato com a universidade e com uma nova (para mim) forma de pensar e abordar a Educação Física, nesse caso, o Currículo Cultural, procurando traduzir os pensamentos teóricos em práticas pedagógicas, experimentando e se arriscando no novo, que só foi possível graças a participação no PIBID nesse formato. Este contato me permitiu procurar produzir um trabalho de melhor qualidade (sob a minha perspectiva) para o(a)s estudantes da minha escola, confiante de estar apoiado em uma base teórica-científica e com apoio de colegas para a execução das aulas.

Para resumir tudo, a participação no PIBID só foi possível graças a bolsa oferecida e pela possibilidade em receber estagiário(a)s bolsistas para ajudar no desenvolvimento das aulas e, além desses benefícios, o retorno ao mundo acadêmico contribuiu muito para uma reflexão sobre a minha prática pedagógica, questionando algumas ações e fortalecendo outras. Sou grato por ter a oportunidade em participar desse programa.

Referência

NEIRA, Marcos Garcia e NUNES, Mario Luiz Ferrari. **Epistemologia e didática do currículo cultural da Educação Física**. São Paulo. FEUSP, 2022.

O FAZER LUTA NA EDUCAÇÃO FÍSICA É LUTAR?

Augusto César Lima e Silva
Primeiro semestre de 2024

Ao longo da minha carreira docente, trabalhei com lutas, por diversas vezes, sempre acreditei que essa prática corporal deveria estar presente no plano anual de ensino, independentemente da modalidade de ensino e idade d@s alun@s. É uma prática que envolve uma manifestação tão antiga como a humanidade, expressada em diferentes culturas, ao longo da história, e institucionalizada, como esporte.

Essas aulas tinham, como objetivo, a própria prática corporal; definir e compreender a diferença entre luta e briga; o conceito e as classificações de luta, além de descobrir e vivenciar diversas modalidades de lutas, comparando e diferenciando-as em suas particularidades.

Assim, ao longo dessa minha trajetória, fui me modificando, tendo novos entendimentos, outras percepções e me aproximando de outras fundamentações teóricas da Educação Física, da Sociologia, da Filosofia e da Educação em geral. Assim, para esta narrativa, escolhi um trabalho para relatar, aliás, bem recente, finalizado há duas semanas, no início do último mês de junho. Escolhi, como tema orientador deste ano, os Jogos Olímpicos A ideia era conversar esse tema com outros espectros das relações sociais, apoiado no Projeto-Político-Pedagógico da escola que tem, como tema, a Cidadania Planetária, e, como princípios, a Democracia e Emancipação Humana, a Consciência Socioambiental, a Equidade de gênero, raça e diversidade e de Formação integral e humana. Seguindo os temas dos ciclos 1 e 2, sobretudo, o de Identidade e Grupos Sociais, dentre os quais, os Negros.

Dessa forma, nos meses de maio e junho, as minhas aulas debateram o racismo dentro do esporte, a partir dos Jogos

Olímpicos de Berlim, 1936. Ao longo das aulas, foram apresentadas diversas personalidades negras no esporte, como Jesse Owens, Carl Lewis, Usain Bolt e as irmãs Williams. Os alunos, além de conhecerem @s atletas e vivenciarem suas modalidades, discutiram as relações étnico-raciais e o racismo estrutural, nos esportes e na sociedade, respeitando a capacidade de aprofundamento de cada turma e idade.

Um dos destaques desse trabalho foi o estudo sobre o atleta Muhammad Ali. A personalidade foi escolhida não somente por ser um exímio atleta, mas, principalmente, por sua luta antirracista na segregação racial dos Estados Unidos. Foram planejados três dias de aulas, sendo uma de apresentação do atleta e a discussão da sua atuação militante, e as outras duas, com práticas características do boxe.

Na apresentação teórica, observamos a história do atleta, sua atuação, como boxeador e ativista político. Nessas observações, apareceram diversas dúvidas e curiosidades sobre a vida pessoal e profissional do atleta, como a capacidade dele de se esquivar dos golpes. Apontamentos sobre a força física e a velocidade de Ali eram frequentes nas salas em que eu o apresentava. Já havia escolhido fazer uma simulação de luta, utilizando prendedores de roupas, porém, durante a minha observação das aulas, decidi incluir uma atividade que pertence a cultura do boxe, mas que, na minha percepção, é pouca evidenciada, que é uma prática simples e bem comum: pular corda.

Consequentemente, dedicamos duas aulas para observar atletas pulando corda e para vivenciar essa prática sob a perspectiva do boxe. As crianças pareceram adorar essa experiência, pois estavam mais acostumadas a pular corda, como uma brincadeira coletiva, com músicas folclóricas/populares, compartilhando os materiais e experiências. No boxe, pular corda é uma atividade individual, com alto grau de dificuldade, na força, resistência e, como uma nova habilidade motora, diferente daquelas, costumeiramente, praticadas pelas crianças.

Como, na minha escola, não há cordas individuais para tod@s, dividia as turmas em dois grupos, um que pulava corda de forma coletiva e outro, que iria vivenciar o pular corda, como no boxe. As crianças pareceram muito empolgadas em praticar essa nova modalidade e não viam a hora de chegar a sua vez. Algumas demonstravam medo, muito por não ter vivenciado essa prática, mas, logo, o perdiam e já ficavam envolvidas, ficava sempre impressionado, pois elas aprendiam com rapidez a pular corda, como no boxe, muitas, até, imitando atletas, testando bater a corda duas vezes, cruzar os braços e bater a corda de lado. Nessa minha experiência, percebi que não seria necessário um programa para desenvolver uma habilidade, a própria prática e experimentação já deram elementos suficientes para que as crianças pudessem executar a brincadeira.

Até aqui, parece que a prática escolhida não tem relação com lutas, mas, de fato, tem. O pular corda foi escolhido, como prática corporal, a partir do conhecimento e debate de um lutador, Muhammad Ali, que está entre os maiores atletas do século XX, prêmio concedido pelo Comitê Olímpico Internacional (COI), juntamente com Pelé (vencedor), Carl Lewis e Michael Jordan. Pular corda é um aspecto muito importante para o boxe, pois prepara o atleta para a luta, condicionando seu corpo, trazendo resistência, ritmo, fortalecimento e relaxamento articular e velocidade. Além disso, aprendemos que faz parte da exibição do treinamento do boxeador, fazendo parte da cultura da luta.

Apesar da boa recepção e interação das crianças com essa prática, percebi que muitas delas se queixaram de dor após essas aulas, inclusive, com reclamação de pais, mas essas queixas não passavam da falta de experiência em vivenciar a dor tardia tão presente nas atividades e exercícios físicos e que, fatalmente, todos atletas enfrentam ou já enfrentaram. Isso me fez pensar o quanto as crianças não estão acostumadas com uma atividade que demanda um pouco mais de força ou intensidade, mesmo cada uma realizando dentro das suas possibilidades físicas e técnicas,

pois, em momento algum, é cobrada performance ou a primazia da execução.

Na aula seguinte, fomos para a simulação da luta. Utilizei uma atividade bem conhecida, que consiste em fixar prendedores de roupas na camiseta da escola e tentar tirá-los do seu oponente, defendendo para que não retirem os seus. Nem fiz uma prática preparatória para essa atividade. Montei os ringues, com cordas, no chão, e coloquei a molecada para lutar. Dividi as turmas em pequenos grupos, nos quais duas crianças lutavam e as outras ficavam responsáveis pela arbitragem e marcação dos pontos. Essa atividade, apesar de parecer mais perigosa, fluiu muito bem em todas as turmas. Aliás, nunca tive problemas com essa atividade, há sempre cuidados a serem tomados, como colocar os prendedores próximos da linha da cintura, a parada da luta a cada retirada de prendedor e a proibição do agarramento. As queixas de dores foram quase nulas e o fato de ter árbitros entre os próprios alunos, ajudou na mediação de conflitos e organização das brincadeiras.

Como o tema principal não está ligado à luta, mas sim aos Jogos Olímpicos, sob a perspectiva do racismo no esporte, nesses meses, essa prática corporal foi trabalhada por menor tempo, pois ela se encaixa, apenas, como uma ferramenta e não como um objetivo nela mesma ou qualquer ligação com o desenvolvimento motor, esportivo ou da prática por ela mesma.

A aproximação das aulas de Educação Física com os temas desenvolvidos nas séries iniciais, na percepção da comunidade escolar, tem se mostrado potente na formação das crianças, pois elas demonstram estar percebendo que um mesmo assunto atravessa diferentes áreas do conhecimento e que cada uma utiliza suas estratégias e ferramentas para trabalhar e apresentar os temas. O que percebo, dia a dia, e isso modificou muito, nesse período pós-pandemia, e tem me incomodado, é a relação das crianças com as aulas de Educação Física e o corpo em movimento. Elas parecem enfrentar as aulas como um grande momento de recreação. Muitas crianças só querem chegar a um espaço amplo (e, na minha escola,

nem é tão amplo assim) e correr, pegar o material e fazer o que bem entender com ele. Apesar de uma pequena mudança nessa cultura, várias delas, ainda, mantêm esse comportamento e, por isso, tenho dedicado muito tempo para resolver essa questão e organizar as aulas. Entretanto, nas aulas práticas sobre Muhammad Ali, principalmente, a simulação de luta, foi um momento em que as crianças conseguiram se organizar melhor e desenvolver bem as aulas. Não sei se foi a curiosidade em lutar ou o próprio tema em si.

Estudantes do 3º ano, pulando corda do Boxe e estudantes do 1º ano, na atividade com prendedores e na simulação da luta.



Fonte: Arquivo do Autor.

Estudantes do 5º ano, na atividade com prendedores, na simulação do boxe e visão geral dos ringues.



Fonte: Arquivo do Autor.

MEU PRIMEIRO PRIMEIRO ANO

Augusto César Lima e Silva
Segundo semestre de 2023

Vida de Professor Adjunto, na rede municipal de ensino de Campinas, é uma incógnita constante, a variação de horário, turmas e, até mesmo, de escolas é corriqueira, na vida funcional desse segmento docente, nem sempre (quase nunca) é possível organizar e planejar a vida profissional e pessoal com antecedência de forma que traga sensação de segurança (profissional, pessoal e financeira).

No ano de 2023, como de costume, adentrei, no ano letivo, sem turmas atribuídas e, logo nos primeiros dias, fui informado de que iria assumir turmas em outra escola; junto à essa informação veio a sensação de angústia. Concomitantemente, surgiu a oportunidade de assumir duas turmas de primeiro ano, na EMEF/EJA Padre Leão Vallerié, minha escola, e fiquei com um misto de sentimentos, por duas razões. A primeira foi de um certo alívio, pois teria turmas atribuídas, na minha escola, gosto de ser professor de uma turma e ser a referência dela, isso me deixa mais seguro e consigo organizar diferentes áreas da minha vida. A segunda razão foi a de insegurança pedagógica, eu iria, pela primeira vez, assumir turmas do primeiro ano do Ensino Fundamental, crianças que haviam acabado de completar seis anos, algumas nem isso. Sempre me identifiquei como professor de adolescentes ou de crianças mais velhas (10-11 anos); as poucas experiências que tive com crianças menores (8-9 anos) não me traziam boas lembranças e sempre fugia dessa faixa etária. Vieram medos de como conduzir aulas de Educação Física sustentadas em uma miscelânea de referenciais pedagógicos que me atravessaram, durante a minha vida profissional, que fugissem da prática pela prática, ou de um pensamento, puramente, desenvolvimentista ou psicomotor.

Como já disse em outro texto, é importante o professor ter coragem para enfrentar e se preparar para situações que fogem ao controle. Na verdade, mesmo sem coragem, teria que enfrentar os primeiros anos, pois é minha função, como servidor público, não cabe a mim a escolha de com quem vou trabalhar, mas é relevante dizer que encarar de frente, se preparando para as situações que aparecem é um marcador de coragem.

Minha primeira visita ao primeiro ano B me marcou profundamente, pois, naquela turma, encontrei o pequeno B, uma figura de cinco anos de idade, cara e comportamento de uma criança bem pequena, mas de grande carisma e sem o adestramento corporal que a escola formal tanto exige. Já comecei a achar legal a experiência, no primeiro ano A; a O foi quem me marcou, na minha chegada, mesmas características do B, mas com uma esperteza diferenciada, muito bem articulada e inteligente. Com o passar dos dias e aulas do mês de fevereiro, fui me observando como professor das duas turmas e fiquei impressionado com a alegria que eu estava sentindo em ir ao encontro delas, estava achando as crianças uma gracinha e até corri o risco de desmoralizar a professora referência do primeiro ano A, na reunião de pais, que queria marcar uma posição firme com os pais e eu fui falar que a turma era excelente e a criançada fofa.

Ao longo das atividades que fui elaborando e aplicando, pela primeira vez, com essa faixa etária, fui me descobrindo um novo professor e, equivocadamente, me surpreendia com a devolutiva das crianças, várias vezes, me peguei pensando e até falando que as crianças haviam me surpreendido em certa atividade ou tema. Uso a palavra equivocadamente, nessa situação, pois eu não deveria me surpreender que um ser humano, dotado de capacidade intelectual, percepções e saberes que não são os meus, fosse capaz de ir além das minhas expectativas que estavam baseadas em uma percepção de que as crianças não conheciam aquilo que eu lhes apresentava. Nesse sentido, tenho a convicção de que eu aprendi mais com as duas turmas do que elas comigo.

Trabalhar com turmas do primeiro ano me mostrou algumas particularidades que não havia tido, ainda, como os choros do começo (às vezes, no decorrer) do ano. Quantas crianças choraram nas minhas aulas, alguns empacavam na escada ou no meio do pátio e eu tinha que convencê-las a entrar na sala ou continuar a andar para quadra/sala. Foi cansativo, mas, agora, revivendo as situações, vejo-as como engraçadas. Receber abraços apertados e falas afetuosas das crianças que acabaram de sair do infantil, também, foi muito significativo para mim. Ao longo do ano, eu e as crianças fomos entendendo como a escola e as aulas funcionam e as coisas foram se ajeitando, mais do que nunca eu ficava encantado com as crianças.

É natural que nem todas as situações tenham sido agradáveis ou fáceis de lidar, mas não é sobre isso que quero me debruçar. O fato de enfrentar duas turminhas de crianças que, ainda, não passaram pela regulação dos corpos da Educação Física ou no processo civilizatório e disciplinador que a escola formal procurar imbuir nas pessoas e perceber a potencialidade delas, e ser surpreendido a cada aula ou estímulo à molecada foi mais enriquecedor do que quaisquer outros problemas que possam ter surgido ao longo do percurso. A afeição que tomei pelas crianças, como o V, o LT, os Ms e a Y, mesmo em momentos de desobediência, me deram um outro olhar e significância a essa faixa etária, da qual sempre fugi.

Brincamos e aprendemos com Jogos Populares, falamos e experimentamos atividades e práticas corporais realizadas por mulheres importantes, observamos e aprendemos, juntos, brincadeiras indígenas, corremos, não só, no recreio, mas nas aulas de Educação Física de várias formas, sozinho, de mãos dadas, em grupo, pegando, fugindo, conhecemos e praticamos esportes da equipe de refugiados, jogamos MUITA bola, de diversas formas, olhos vendados, pernas amarradas, na quadra, no pátio, com gol do tamanho oficial, em pequenos grupos e grandes times, experimentamos outras práticas adaptadas e, por fim, vivemos a Capoeira, gingando, contando e ouvindo histórias, tocando

instrumentos e cantando músicas, conversando com mestre, fazendo acrobacias, ficando de cocorinha e produzindo a nossa própria maneira de praticar a Capoeira, finalizando com uma bela oficina de CA-XI-XI.

Nosso ano de 2023 foi de muita produção e experimentação, indo além da prática por si só, fundamentada nos princípios da escola, respeitando os saberes e a cultura das crianças, oferecendo uma enorme quantidade de possibilidades de vivenciar o movimento, fugindo ao máximo da reprodução não sistematizada de atividades que se repetem ao longo da história da Educação Física na escola.

AI, MEU DEUS!!

Augusto César Lima e Silva
Segundo semestre de 2023

Tenho a impressão de que sempre que professores e professoras vão ter contato com pessoas com deficiência, em suas aulas, gera uma angústia: Como será essa criança? Quais dificuldades terei em ensiná-la? "Ela é autônoma? e tantos outros questionamentos que emergem em nossa cabeça, colocando em xeque nossa capacidade didática, nossa relação humana com as crianças e provocando as nossas premissas e valores pedagógicos. Vejo, como produtivo, sair da zona de conforto e ser confrontado nas minhas convicções, pois me permite fortalecer ou modificar minhas intencionalidades e minhas fundamentações. Acredito que isso é ser professor, principalmente, com a responsabilidade da educação básica. Para amenizar essas pequenas, ou grandes, agonias, julgo que é importante trabalhar em parceria com outras pessoas, que além de oferecer ajuda prática, vêm contribuir com outros pontos de vista, outros pontos de partida, outras histórias, resumindo, outros saberes.

Já vivenciei e observei que algumas pessoas têm dificuldade em trabalhar em parceria e, até mesmo, com estagiários em suas aulas. Para mim, isso nunca foi um problema, pelo contrário, fico estimulado e prefiro que tenham pessoas que possam contribuir com meu trabalho de forma geral, ajudando na execução, no preparo, ou na discussão/reflexão das atividades, até quando, só pela presença dessa(s) pessoa(s), eu fico coagido a fazer um trabalho melhor só para mostrar como se faz.

Desde o final de maio deste ano, sou preceptor do PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência), e recebo, semanalmente, sies estagiários em minhas aulas de Educação Física dos primeiros anos.

Aos poucos, fomos criando algum tipo de laço pessoal e pedagógico. Apesar da pouca idade, essas pessoas me surpreendem no dia a dia, com seus saberes, proatividade e alegria em estar comigo e com as crianças.

No retorno do recesso de julho, recebemos a notícia de que havia se matriculado, no primeiro ano B, uma criança com deficiência. Essa deficiência era uma novidade, para mim, pois nunca havia ouvido falar da Síndrome de Kniest. Pronto, todas aquelas perguntas começaram a emergir na minha cabeça. Em uma pesquisa rápida e, em conversa com a Professora da sala, já obtive informações importantes sobre essa síndrome, o que me trouxe um pouco de alívio. Essa condição genética afeta, principalmente, o desenvolvimento ósseo, visão e audição, mantendo o cognitivo preservado. Bem, a preocupação foi para outro caminho, que é a própria prática corporal, pois teríamos uma criança (de 6-7 anos) com uma condição esquelética incomum e que, aparentemente, traz dificuldades e perigos na execução da atividade física. A Síndrome de Kniest tem como característica o alargamento dos ossos e rigidez progressiva das articulações, deixando a pessoa com essa síndrome, com baixa estatura e com maior dificuldade na movimentação do corpo.

Compartilhei a informação da chegada dessa criança com meus estagiários e, para minha surpresa, o M, no encontro seguinte, já veio falando que havia três artigos sobre a síndrome. Achei interessantíssimo que um jovem de apenas 18 anos, recém-ingressado, na faculdade, tivesse a curiosidade, a preocupação e o cuidado em receber essa criança, mesmo a encontrando uma vez na semana.

Começou o mês de agosto e o H chegou à minha aula. Ele é uma criança bem pequena, seu corpo é bem incomum, com um andar duro, usa óculos e aparelho auditivo. Ele se sentou na sua cadeira especial e fui recebê-lo, oficialmente, na minha aula. Perguntei seu nome, sua idade, de onde vinha, do que gostava e outras questões para começar a criar vínculo, já percebi que ele era super comunicativo, não apresentava dificuldades em

compreender as perguntas e nem em respondê-las. Estava com a informação de que ele não poderia cair nas atividades, mas que ele já tinha ralado o joelho nas aulas de Educação Física da outra escola, e que a mãe tinha ciência de que ele era uma criança ativa. Fiquei meio intrigado, como seria (ou como ainda será) nas minhas aulas? Eu acompanho o primeiro ano, na hora do recreio deles, e, nesse primeiro dia, aproveitaria para observá-lo. Com todo o cuidado, levei o H de mãos dadas comigo ao refeitório, logo chegou uma cuidadora que ficou do mesmo modo com ele. Após o lanche, fomos ao pátio para as crianças brincarem e o H ficou próximo a mim e às outras pessoas, sem brincar. Todos preocupados com ele.

O tema das minhas aulas era o futebol, isso me deixou um pouco mais ansioso em como seria para ele participar das aulas. A atividade do dia era uma brincadeira de rua, o Rouba-bandeira. Subimos à quadra do mesmo modo, mãos dadas. Chegando lá, após dividir os grupos e com todo o cuidado, colocamos o H para brincar. Muita gente de olho para ele não se machucar. Acredito que, nesse dia, ele, também, estava observando a aula, colegas, professor e as outras pessoas que estavam por lá. Percebi que ele tinha uma certa desenvoltura com a corrida e compreendeu a atividade. Finalizamos a aula e, para retornar à sala, deixei ele ir sem ajuda. Ele desceu todas as rampas e escadas sozinho.

Na aula seguinte, um outro tipo de Rouba-bandeira, ele já estava jogando sozinho e mais livre, entretanto, em uma trombada tive que segurá-lo pelo colarinho para ele não cair.

Observava, durante os intervalos de outros dias, que ele gostava de jogar futebol com a criançada e não se importava com nada, chutando a bola para o lado para qual estivesse virado. Mais alguns recreios, ele já tinha uma bola sua, mais leve e macia, brincava de igual com as outras crianças.

As aulas de Educação Física continuavam e fomos para uma atividade que cada dupla de criança recebia um número e, quando chamado, a criança que chegasse primeiro na bola deveria chutá-la ao gol e a outra deveria defender. Levei uma bola mais leve para que o H pudesse jogar e o coloquei em uma dupla com outra

criança. A atividade foi se desenvolvendo e a dupla do H foi chamada para disputar o chute da bola de borracha. Deu tudo certo. Ótimo, estava tudo dentro do que nós havíamos planejado.

Nesse dia, eu estava com o trio de estagiários A, M e L. Chamei as duplas mais de uma vez. Em um certo momento, comecei a aumentar a velocidade das chamadas, para as crianças virem mais rapidamente disputar a bola, pensando que iria chamar a dupla do H, já deixei a bola de borracha próxima da bola de futsal. Chamei a dupla do H, ele veio mais rápido que o colega, mirou e deu um super chute em sua bola. Comemoramos.

Para a nossa surpresa, ele voltou para o local da bola, deu uma corrida e chutou com muita força a bola de futsal. Ela veio forte em minha direção, me abaixei para não ser atingido. Todo mundo estava rindo. Eu virei de costas para pegar a bola, enquanto o L corria atrás da bola de borracha para colocá-la de volta no lugar. Enquanto isso acontecia, só ouvi um grito: **"AI, MEU DEUS!!!"** Sabia que quem havia gritado era o estagiário A. Rapidamente olhei para trás e vi o H deitado de bruços no chão. Em uma fração de segundos eu imaginei o pior. Mas, para a surpresa de TODO MUNDO, o H, em sua comemoração havia se jogado no chão e ria como se não houvesse amanhã. Perguntei se estava tudo bem e ele nem respondeu, só ria descaradamente. Todos voltamos a rir, novamente, menos o A que estava com um ar de preocupação, mas rimos dele também.

Essa situação me fez refletir sobre a prática docente como um todo. Eu já vinha (e ainda estou) sendo surpreendido com a resposta que as crianças do primeiro ano têm dado às minhas propostas, todas elas de maneira muito positiva. Os saberes múltiplos das crianças estão superando as minhas expectativas e isso me leva a pensar sobre o fato de projetar saberes nas outras pessoas, ou projetar expectativas que tenho sobre o que o outro é capaz, ou não, de fazer. Apesar disso, sempre procuro me despir dessas amarras para experimentar e provocar outras práticas. Gosto de ter dado oportunidade ao H de voltar sozinho, no primeiro dia da nossa aula, e de ter incentivado ele a competir com

um colega em uma disputa sem adaptações. Penso que essas provocações que recebemos, no cotidiano escolar, promovem a solidificação da nossa atuação ou nos levam a pensar de forma diferente, modificando a nossa atuação pedagógica. É preciso estar atento a esses sinais.

Outro pensamento que me atravessa é o fato de eu poder estar comungando com outras pessoas essas experiências, talvez, sozinho, eu não pudesse ter a coragem de experimentar ou oferecer aquilo que é um direito. Complementando, vejo, como importantíssimo, ter estagiários comigo, não para carregar a sacola de bolas, mas para estar ali, em parceria, nos momentos de aprendizado mútuo e no vínculo que vai se construindo que são de uma riqueza sem tamanho e que somente o fazer da prática pode permitir. O experimentar não está nos livros.

ANCESTRALIDADE?

Augusto César Lima e Silva
Segundo semestre de 2024

A visita à comunidade indígena, Aldeia Ibiramã Kiriri do Acré, estava, aos poucos, despertando a minha curiosidade. Nunca havia visitado uma aldeia, até então, todo o meu contato havia sido por meios iconográficos. Com o avanço do conhecimento e da capacidade da captação de imagens e acesso da ciência aos povos originários, os estereótipos estão, há muito, desconstruídos do imaginário, apesar de, ainda, observar o reforço desses rótulos, principalmente, na aproximação do Dia dos Povos Indígenas, como as moradias, vestimentas e outros elementos levantados, de forma pejorativa, sobretudo, em coletivos de cunho religioso. Ou seja, particularmente, fui com a expectativa de conhecer e observar uma forma de organização não isolada, bem próxima da urbanidade branca, mas com traços e modelo que, de alguma forma, se diferenciasse daquela na qual vivo, sabendo que alguns dos modelos estereotipados, ainda, existem e poderiam ser confrontados.

No tempo em que antecedeu a visita, pensei na minha avó materna, Dona Francisca, ou simplesmente Vó Chica, filha de indígenas, nascida na Bahia, em Livramento do Brumado. Ela tinha a pele vermelha e cabelos tão pretos e lisos, que, mesmo próximo aos cem anos, quando faleceu, suas mechas não estavam brancas. Não foi possível identificar qual a etnia da minha avó, pois ela só sabia dizer que era filha de índio com português, a história oral não sobreviveu à miscigenação forçada. Nem mesmo acessando os *sites* da cidade, ou das Terras indígenas no Brasil, consegui vestígios de qual(is) eram as etnias da região. Será que conseguiria estabelecer alguma conexão com parte da minha ancestralidade, quando

chegasse à aldeia? Fiquei com esse pensamento, até os momentos, que antecederam a minha chegada.

Após a chegada, fiquei, momentaneamente, emocionado com as placas informativas, principalmente, a de proteção pelo Ministério da Justiça. No meu pensamento, é estranho proteger quem é da própria terra, mas é um marcador importante que nos mostra a agressividade da civilização branca.

Descemos o pequeno morro até a aldeia e fui observando as construções de taipa de pilão, mas logo vi uma de alvenaria. Fomos conduzidos para dentro do espaço da escola, recepcionados pelo Cacique, uma figura com trajes típicos, um dos seus adereços era um cocar, provavelmente, feito com penas sintéticas. No espaço para o encontro, havia muitos produtos de artesanato, também, produzidos com materiais sintéticos e outros não. Naquele momento, fiquei pensando sobre a produção desse material, em uma mistura de sentimentos opostos em algum sentido, que vão da necessidade de se manter viva a tradição da produção artesanal de adereços, bem como do reforço do estereótipo das penas na cabeça do Cacique e nos colares de outros membros da comunidade. No fim, não consegui chegar a um pensamento consensual; tendo a acreditar que há a necessidade de se fazer os materiais estereotipados para se manter viva a tradição de produção artesanal e a manutenção de algum estereótipo para que se consiga vender a produção. Não vi as garrafas com os produtos medicinais, talvez, ali, poderia ter um outro ponto de vista.

Eu estava muito apurado e precisava ir ao banheiro, ouvi a C, de longe, um pouco abafado, quando saí, já havia começado o Toré. Fiquei, absolutamente, envolvido com os sons vindo da expressão apresentada. Os chocalhos me faziam sentir como se estivesse no meio da mata com os sons de grilos, cigarras e pássaros em um *loop* infinito. Os cantos das pessoas, harmonizando as notas, traziam um conforto, misturando com o som de lavadeiras, cantado pelas mulheres, que me traziam uma sensação de lamento e devoção. Por alguns instantes, ficava absorto, me imaginando no meio do mato.

Como em um estalo, olhei para as crianças que estavam, ali, no meio da roda, e como um raio, vieram lembranças da minha infância.

As crianças que observava, ali, estavam consumindo, inteiramente, a cultura, se apropriando e se identificando com ela, misturando o seu ser com a própria manifestação, elas estavam vivendo a sua ancestralidade.

Mas não era da minha avó indígena que veio a lembrança, mas sim da família nordestina do meu pai. Peguei-me em uma noite em que deixei meus pais na casa do Tio Pedro; eu devia ter menos de sete anos. Tio Pedro era irmão do meu avô paterno, que não conheci. Poucas vezes o vi, a lembrança que tenho dele é a de que era um homem alto e sisudo, sempre bem arrumado, com roupas impecáveis e sapatos muito bem engraxados, pelas fotos consigo descrevê-lo melhor, ele era um senhor com a pele negra clara, bigode fino, óculos e careca. Segundo minha mãe, meu avô era um homem alto, branco e de olhos azuis. Ou seja, a família do meu pai, também, tinha traços de uma miscigenação forçada. Em uma das vezes que Tio Pedro foi a nossa casa, fiquei tão fascinado com seu sapato que brincava com um penduricalho dele e acabei quebrando-o, lembro vagamente do meu tio-avô ter ficado bravo, reforçado pelo meu pai que disse que ficou tão vermelho, mas não brigou com o sobrinho-neto. Ele foi o primeiro dos irmãos que vieram de Alagoas para São Paulo tentar uma vida nova, um retirante que trouxe consigo, apenas, a roupa do corpo, uma pequena mala e o pouco dinheiro que tinha, deixando todo o restante para trás, inclusive, a própria família. Foi ele quem mandou uma carta para meu avô, dizendo que tinha trabalho por essas bandas e transformou a vida dele e, diretamente, a minha, mas essa história fica para depois.

Tio Pedro realizava festas na sua casa e eu não tenho lembranças de ter ido a alguma delas. Fiquei pensando nas crianças indígenas, vivendo a sua cultura desde pequenos, observando os mais velhos e imitando os seus comportamentos. Não foi possível

observá-los, mas tenho a impressão de que, em suas brincadeiras, o Toré está presente.

Viver a cultura, apropriar-se dela, sentir-se parte e, por fim, reproduzi-la e transformá-la é manter viva a história e estar mais perto e, até mesmo, dentro da sua ancestralidade. Voltando aos meus pensamentos, que estavam acontecendo ali, naquele momento, fiquei um pouco indignado por não ter participado dos Forrós de Pedro Ignácio. Caramba, eu identifico a minha ancestralidade na família do meu pai, nordestina, miscigenada, com tios e tias-avós preto(a)s e outros de olhos azuis, como meu avô e meu homônimo, Tio Augusto, e não participava da manifestação cultural que se mantinha viva em minha família. Fui perguntar à minha mãe o porquê que eu não frequentava as festas, já que meu pai morreu e não posso questioná-lo.

Na nossa conversa, minha mãe explicou que as festas do Tio Pedro, eram em homenagem à São Pedro e que se assemelhavam às festas juninas. Começavam sempre com a reza do terço para o santo. Depois, levantavam o mastro com os três santos, Antônio, João e Pedro, que ficava à cargo dos homens, após o mastro em pé, todos eram convidados a socá-lo na terra para obter a proteção divina, cada um(a) fazia à sua maneira. Após, o forró comia solto, pois a festa corria a madrugada toda. Havia muita comida típica, principalmente, a batata doce, o milho verde e a pipoca, e a bebida principal era o quentão, minha mãe não se recordava de outra bebida disponível. Ela me informou que a festa era aberta a toda família, amigos e comunidade local, região do Jardim das Bandeiras, aqui, em Campinas. Era uma típica festa junina nordestina, que mantinha uma grande fogueira acesa durante toda ela.

- E por que eu não participava?

Minha mãe não soube responder, em sua lembrança ela achava que eu frequentava, mas ela trouxe duas informações que ajudam a explicar a minha ausência. O fato de as festas serem sempre em noites muito frias (lembro de estar no corcel do meu tio Arnaldo, com um cobertor enrolado em uma das vezes) e que, com a esposa do Tio Pedro, Dona Geni, adoentada as festas foram

diminuindo de tamanho e frequência. Após a morte do meu tio, tudo morreu com ele.

Não pude viver, diretamente, essa parte da cultura ancestral da minha família, que é de tantas outras retirantes do nordeste, mas, no meu imaginário, carrego e sinto comigo. Voltando à aldeia, com o fim da apresentação do Toré, observamos o documentário da história daquela comunidade e entendi que aquele povo, também, é retirante e, naquele espaço, está construindo a sua identificação com aquela terra. Interessante eu ter esse pensamento. A humanidade não é, também, nômade? A nossa terra não é toda ela originária do povo indígena? A legitimidade do espaço, da terra, da cultura, da ancestralidade, pertence àquele povo.

Esse povo, na barbárie da civilização branca, sofreu com a imposição de uma organização de um sistema político-econômico-cultural-religioso que implodiu sua ancestralidade, retirando não só sua terra, mas utilizando-o como recurso para acumulação, expropriando sua força e espoliando suas riquezas, colocando as várias etnias na base de uma estratificação, ajudando nos pilares do início do capitalismo, vemos, hoje, que, apesar da demarcação de terras, do reconhecimento de algumas comunidades indígenas, fruto de muitas lutas, a exploração da natureza, ancestral, é o que ajuda na sustentação dos pilares capitalistas.

A forma de organização não estratificada, sem base salarial, sem o objetivo de entesouramento e de não exploração, expropriação da natureza é aquela buscada para quem pensa de maneira coletiva.

No fim das contas, o que todo mundo precisa é: Paz, Terra e Pão.



Autora da foto: Juliana Cristina Chaves Buldrin Baiocchi

AUGUSTO EM CONVERSA COM *ANÁLIA MARIA DA SILVA*

Augusto César Lima e Silva
Segundo semestre de 2024

Não é sempre que temos a oportunidade de conhecer, mais profundamente, o autor dos textos que vamos ler ou analisar. Para minha sorte, tive a felicidade de me debruçar sobre as narrativas da Professora Anália. Apesar de não sermos íntimos, convivemos, além do ambiente físico do trabalho, a escola, indo e voltando do trabalho juntos, além de uma convivência mais próxima em algumas viagens, encontros, aniversários e outras oportunidades de convívio social. E não é que essa informação é importante? Tenho a impressão de que a convivência coletiva, apenas, dentro do seu local de trabalho não seja suficiente para gerar pertencimento, filiação, e envolvimento que julgo necessários tanto para o trabalho com educação, quanto para o desenvolvimento de uma coletividade que questiona, se mobiliza e tensiona o campo de disputa entre forças. Assim, quando coloquei um olhar mais aprofundado sobre os textos da minha amiga, em muitas falas, a reconheci, pessoalmente, e já compreendia as intenções, além daquelas explícitas nas falas, absorvendo, rapidamente, as entrelinhas.

Inicialmente, gostaria de apresentar a Professora Anália, a partir do meu ponto de vista, que, como disse anteriormente, vai além da convivência somente no ambiente escolar e essa apresentação é necessária para contextualizar as suas narrativas e como tem se posicionado, frente à sua realidade pedagógica e como trabalhadora docente. A Anália foi formada em Universidade Pública, uma das melhores do país, e dentro de uma perspectiva de que a educação vai muito além dos muros da escola, eu a vejo como uma marxista que, na materialidade dialética, busca oportunizar um rompimento da narrativa ideológica que vem sendo soberana, e ela não busca

isso, apenas, para suas crianças estudantes, mas pensa isso na forma de coletividade entre os pares. Quantas conversas tivemos, nessas idas e vindas, sobre capitalismo, trabalho, coletividade, sindicato, racismo, gênero, machismo e outras questões do nosso ideário, que, para nossa felicidade, tem se mostrado comum. Mas ela não fica fechada, somente, nessas abstrações teóricas da vida do trabalhador, ou na aplicação prática da teoria, a Anália se debruça sobre questões pedagógicas, na sua atuação docente, diretamente, com as crianças, tanto com as questões burocráticas que essa profissão (e a função pública) exige. E é por aí que começarei uma breve análise da produção dela, sem me aprofundar tanto, pois, em suas narrativas, esta questão pouco apareceu.

A professora Anália faz uma autocrítica da sua atuação docente, questionando-se sobre suas ações pedagógicas. Na sua narrativa Questões, a professora levanta algumas interrogações sobre um caso particular de uma aluna e faz indagações sobre as suas intervenções com ela e amplia estas questões para como agir enquanto professora e melhorar o seu trabalho e, assim, conseguir alfabetizar seus alunos. Ela traz três questões que transcrevo, integralmente, aqui:

> 1- Eu tenho clareza sobre quais ações pedagógicas tenho usado para trabalhar com os alunos que têm mais dificuldades?
> 2- Como melhorar meu fazer pedagógico para que eu ofereça mais possibilidades de avanços aos alunos?
> 3- Quais são as maiores dificuldades que encontro, nesse momento, para realizar meu trabalho pedagógico?
> (Trecho da narrativa "Questões", de autoria da professora Anália)

O que me trouxe à reflexão sobre essa passagem, foi a preocupação da Anália em se auto- avaliar e buscar embasamento metodológico que vise a melhorar sua atuação docente e entender quais as dificuldades que ela vem enfrentando no seu trabalho. Bem, poderia buscar uma fundamentação, no senso comum docente, ou uma análise, a partir da auto ajuda, com palavras de

conforto e incentivo. Nunca é ultrapassado recorrer aos clássicos para pensar sobre questões do dia a dia docente e invoco Paulo Freire (1996) para poder, de alguma forma, explicar esse posicionamento da Anália. No livro Pedagogia da Autonomia (Freire, 1996), Freire apresenta e faz reflexões sobre elementos que visam à autonomia dos educandos, e faz a indicação, logo, na introdução do seu texto, como uma reflexão da prática docente "educativo-progressista". No capítulo 1 do referido livro, Freire aborda a importância de refletir sobre a prática e formação docente e apresenta alguns elementos que sustentam a natureza da prática docente. Conhecendo a Anália e tendo contato com as suas outras narrativas, percebo que sua atuação se encaixa naquilo que Freire chamou de "prática progressista", a indagação dela em relação à metodologia conversa, diretamente, com os itens do primeiro capítulo do livro de Freire e é lá que poderia encontrar alguma resposta para as suas indagações. Freire apresenta que uma metodologia rigorosa (e não rígida) tem relação com a exigência da "presença de educadores e educandos criadores, instigadores, inquietos, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes". A Anália apresentou elementos da inquietude, humildade e persistência, quando questionou sobre a sua clareza pedagógica e se suas intervenções foram corretas. Ela se mostra curiosa, quando se questiona para melhorar o seu fazer pedagógico e quais dificuldades ela tem encontrado nesse percurso. Ser curioso é sinônimo de criatividade, para Freire, e que, segundo ele, "nos põe pacientemente impacientes diante do mundo", acrescento, diante do nosso fazer. No capítulo final, Freire apresenta um elemento que ele classifica como uma qualidade de uma docente democrática, que "é a segurança […] com que aceita rever-se", a Anália, quando faz sua autocrítica de forma pública, coloca-se em uma posição de que tem segurança que precisa rever sua prática docente, como forma de se comprometer a melhorá-la.

Nas suas outras narrativas, a Anália expõe, de forma muito nítida, a relação da sua prática docente, da sua posição de trabalhadora, com as condições de trabalho. Nós, professores e

professoras, trabalhadores, em geral, conhecemos, como nenhuma outra pessoa, o nosso labor, as condições em que ele acontece e como elas poderiam melhorar, uma condição neoliberal que distancia os tomadores de decisão da realidade do trabalho, deixando trabalhadoras e trabalhadores sujeitos da própria sorte. Não é ao acaso que muito se discute sobre o capitalismo, suas metamorfoses e seu impacto no trabalho e na vida de trabalhadores, pois é um tema que mexe, diretamente, com a maioria da população, dentro de uma divisão de classes exposta por Marx (2023).

A professora Anália inicia uma das suas narrativas, apontando um certo alívio por estar frente a, o que ela julga, condições ideais de trabalho, pois ela pode organizar suas tarefas diárias, reorganizar seu planejamento, revisitando seu plano de aula. Ela aponta que esteve diante de "um ambiente tranquilo e favorável à concentração, atenção, trocas de saberes e uma mediação de qualidade", elementos imprescindíveis para que uma aula siga em um bom andamento, ela termina o trecho, salientando que este ambiente "ajudou a aluna com deficiência intelectual a se organizar e realizar suas atividades", mostrando que o dia tinha sido muito proveitoso na sua condição pedagógica, como se fosse um sonho docente. Esse ambiente, apontado por ela, foi devido ao fato de, naquele dia narrado, havia vinte estudantes presentes. Realmente, estamos acostumados a ter uma outra situação, dentro da nossa escola, com salas que ultrapassam trinta alunos presentes, tornando o espaço mais turbulento. No final da sua narrativa, a Anália, de forma assertiva, traz a realidade à tona. Como uma pipoca pedagógica, ela traz situações do seu cotidiano docente, que, lendo sem vivenciar, parecem uma tragicomédia. Transcrevo alguns trechos aqui:

> Trecho 1- O aluno que está andando pela sala e passando rasteira nos colegas, encontrar rapidamente um lápis ou borracha para o aluno que nunca traz material, socorrer a aluna que está chorando aos prantos porque o colega que estava andando pela sala, derrubou a

> garrafinha dela e molhou todo seu caderno, ainda tem as atividades adaptadas para serem feitas com a aluna da educação especial que ainda não tem autonomia para realizar sozinha e que por sinal já passou cola no seu rosto, nas mãos e nos colegas (Trecho da narrativa "Faltaram dez alunos", de autoria da professora Anália).

> Trecho 2- Num dia normal com 30 alunos não dá tempo de infartar porque ainda tem o aluno que está chorando porque você não foi ajudá-lo a realizar a atividade, ainda tem a galerinha que está com fome e pergunta toda hora se já é o almoço e como não falar do calorão (Trecho da narrativa "Faltaram dez alunos", de autoria da professora Anália).

A Anália, ainda, amplia a questão ambiental para a questão das condições do calor e barulho, quando afirma: nessa altura do campeonato já temos um ambiente barulhento e tumultuado.

Como um manifesto, a Anália faz um pedido de socorro, exprimindo seu sentimento, frente à situação da sala de aula.

Fui buscar a fundamentação teórica do campo das condições de trabalho e me deparei com concepções diferentes, para muitos cientistas sociais, como o grupo do Centro de Estudos Sindicais e Economia do Trabalho (CESIT), do Instituto de Economia da Unicamp. Para eles, as condições de trabalho se explicam, por meio, também, da contratação do trabalho, diferenciando do entendimento da pesquisadora Selma Venco (2021) que, baseando-se, na concepção de Michel Gollac e Serge Volkoff, que apontam os aspectos relacionados à gestão do trabalho e ao caráter ambiental do local de trabalho, publicação disponível apenas em francês.

Partindo do pressuposto de que as concepções de condição de trabalho derivam da relação do trabalhador, seu local de trabalho e o capitalismo, para analisar a revolta da Anália, recorro a um sobrevoo da condição da sociedade capitalista e seus impactos na nossa vida.

Para iniciar a discussão, vou apresentar duas visões resumidas sobre o capitalismo. A primeira, ortodoxa, aponta que o capitalismo tem, como características, a propriedade privada; o

mercado de trabalho livre; a acumulação de capital com a valorização do lucro e não às necessidades. Outra visão, aqui, estou usando o ponto de vista de Nancy Fraser (Fraser; Jaeggi, 2020), que amplia as características para **o mercado** (a troca de mercadorias). Para ela, "o capital não se valoriza pela troca de equivalentes", mas "pela não compensação de uma parcela de trabalho pelo trabalhador pela exploração" e esse mercado "depende[m] de **relações sociais** não mercantilizadas" que são transformadas em mercadorias, como a força de trabalho. Aqui, é importante ressaltar que não se trata da mais-valia, mas sim da dinâmica que as relações sociais não destacadas pela visão ortodoxa e que são estruturantes no capitalismo. Dessas relações sociais, a autora destaca: a expropriação entre raças; a subjugação de gêneros, com a separação sexual do trabalho e nos cuidados; a exploração da natureza não-humana. Mais resumidamente, nessa análise mais recente, além da propriedade privada, do livre mercado e da acumulação de capital, o capitalismo se estrutura, também, nas relações sociais que são invisibilizadas na sua remuneração e importância dentro da sociedade.

José Dari Krein (Krein, 2017) aponta que trabalhadoras e trabalhadores, desde a consolidação do capitalismo, no século XIX, enfrentam a subordinação e a exploração do seu trabalho por esse sistema, e que, nessa fase, viviam uma situação desfavorável, pois estavam sem proteção social, ficando à mercê da proteção patronal, sem a garantia de direitos e que restava aos trabalhadores três possibilidades: a fuga, todos se transformarem em capitalistas e a luta. Essa última tensionou a correlação de forças e trouxe alguns avanços (eu chamo de pequenas concessões) para os trabalhadores. Como analisou Robert Castel (Castel, 1998), houve uma metamorfose das questões sociais, na qual se desenvolveu uma "sociedade salarial" que rompeu com o dualismo de dominante x dominado, emergindo uma estratificação social, afirmando que "nada está definitivamente decidido", corroborando a concepção de Marx sobre a dialética. Essa nova posição de trabalhador promoveu benefícios para que essa classe pudesse ter acesso ao

consumo, à instrução, com estabilidade, colocando-o, como um consumidor de massa, tirando-o da situação de extrema pobreza. Juntamente, com toda essa mudança da condição do trabalhador, o capitalismo passar a ser de grandes empresas e os estados nacionais são consolidados e a propriedade deixa de ser familiar e passa a ser de Sociedades Anônimas (S.A.), a desumanização e a mercantilização humana passam a ser uma artimanha capitalista que fica cada vez mais como uma figura de impessoalidade. Quem é o responsável, o inimigo? Desde então, o Estado vem colaborando com a instituição da sociedade burguesa, como o único sistema possível. José Dari (Krein, 2017) aponta que, no período pós 2ª revolução industrial, apareceram alternativas ao sistema liberal/capitalista: a Revolução Russa, o facismo/nazismo e a social-democracia. Destacando a segunda alternativa, Clara Mattei (Mattei, 2023) apresentou recentemente um trabalho em que aponta que a política de austeridade, método capitalista para agudização da precariedade de vida do trabalhador, é promotora da ideologia fascista, o economista Luiz Belluzzo (Belluzzo, 2013), também, apresenta que, como consequência da metamorfose do capital, a entrada de pessoas em situação de precariedade alimenta a ideia fascista. No período pós 2ª guerra, e com a ameaça comunista, o capitalismo apresentou os 30 dourados, período em que tal sistema apresentou grande desenvolvimento e essa situação refletiu, também, na classe trabalhadora. Entretanto, o sistema fordista, muito forte, como sistema de produção, foi sendo substituído por outro mais flexível, com maior eficiência (aqui, leia-se maior lucratividade em menor tempo), o Toyotismo, que corrompeu, como apontou Richard Sennett (Sennett, 2009), a subjetividade da classe trabalhadora, que preferiu ter uma relação de trabalho mais flexível e não percebia que essa situação agudizaria, ainda mais, a sua condição já precária.

Retomando Nancy Fraser (Fraser; Jaeggi, 2020), "evitar o economicismo não é o suficiente", pois muitos estudos ficaram desligados da economia e que ela vê indícios de que esse abandono da crítica econômica não é por acaso, corroborando vários autores

de metodologia científica que apontam que toda pesquisa apresenta uma correlação de forças e está sob a perspectiva do pesquisador que tem uma posição teórica, ideológica e política, como apontam Arilda Godoy (Godoy, 1995) e André Cellard (Cellard, 2012), ou seja, para Fraser (Fraser; Jaeggi, 2020), "a teoria crítica se tornou a ala de esquerda do liberalismo" . Assim, é importante destacar os estudos que evidenciam o impacto da economia nas relações políticas que afetam o trabalhador. Como disse, Luiz Belluzzo (Belluzzo, 2013) faz um resgate histórico e correlação dessa materialidade com a ascensão de políticas de austeridade e da ideologia fascista. Ele aponta a capacidade do capitalismo em se modificar e se transfigurar para continuar obtendo acumulação de capital, entretanto ele apresenta que o capital fictício, ou seja, o capital proveniente da especulação financeira, em uma alavancagem da riqueza velha, é maior do que a produção de riqueza nova, em que o lucro depende cada vez menos do trabalho. Ele faz uma brilhante correlação entre esta nova ordem econômica e as políticas públicas, pois coloca o Estado, como sujeito/autor dessa nova configuração do capitalismo. Como um dos argumentos, ele apresenta a desregulamentação do Estado na economia e como isso afeta, diretamente, o serviço público. Ele, assim como Selma Venco (2021), Fábio Comparato (2013), Paulo Nogueira Batista Junior (2009) e outros pesquisadores e teóricos, apontam a transformação do Estado, que passa a ser, apenas, um gerenciador de recursos, que está comprometido com o capital transnacional de grandes corporações financeiras que acabam ditando a política pública do país, implementando reformas, dentro de uma ideologia liberal que apresenta, como solução, a racionalidade econômica, a desregulamentação e a perspectiva da individualidade em nome da eficiência, inclusive, dentro do trabalho, deixando trabalhadores sujeitos da própria sorte, sem ter a quem recorrer, ficando o trabalhador com o sentimento de solidão, sem ajuda.

Dentre essas decisões comprometidas com a ideologia gerencial-liberal do estado, estão, também, as da Educação e,

dentro dela, aquelas relacionadas às condições e ambiente de trabalho que são normatizadas por um projeto político que não tenciona, ou melhor, que aceita a condição de um Estado, apenas, fiscalizador/gerencial de atividades ligadas à ideologia liberal/privada.

Bem, depois dessa longa narrativa, volto a atenção à minha amiga Anália, que externou sua indignação em relação às condições de trabalho vividas por ela e como elas afetam, não somente a sua prática docente, mas também a qualidade do ensino dos estudantes, quando afirma que "[A]o final do dia é impossível não lembrar dos dias em que faltam 10 alunos e é possível realizar um trabalho pedagógico com muito mais qualidade em um ambiente mais tranquilo e favorável à aprendizagem dos estudantes".

Uma solução para essa preocupante realidade em que vive, não só a Anália, mas toda EMEF/EJA Padre Leão Vallerié, é a organização de todas as pessoas envolvidas, nesse processo educativo formal e institucional, de forma coletiva. Richard Sennett (Sennett, 2009) compreendeu que a subjetividade humana está cooptada pela lógica de resultados e ideias de curto prazo, assim gera-se uma desconfiança em partidos políticos, organizações sindicais e outras formas de organização coletiva, mas também afirma que essa última é um caminho chave para um tensionamento na eterna disputa entre forças no campo político e que essa organização não precisa ser formada por pensamentos únicos e iguais, mas que tenham a representação necessária para que as pessoas possam ser pertencentes e participar ativamente das tomadas de decisões.

A Anália apresentou um primeiro passo, que foi identificar, refletir e externar uma situação que afeta, diretamente, a classe trabalhadora, como trabalhadores da educação e na garantia do direito à educação de qualidade às crianças, filhos dessa mesma classe. Cabe a nós, coletivamente, nos juntarmos a ela nessa indignação e encaminhar uma luta organizada e coletiva para, de fato, participar da elaboração de políticas públicas, quer

construindo um coletivo que tenha participação direta na elaboração e proposição de leis, por meio de comissões e aliados no legislativo e na implementação e avaliação dessas políticas.

Resumidamente, para enfrentar as más condições de trabalho, como o número de crianças na sala e as condições ambientais, apresentadas nas narrativas da Anália, é preciso entender que essas situações são fruto de um sistema político-econômico-ideológico, o capitalismo, que vem se metamorfoseando, se transfigurando, ao longo da história, capturando o Estado para "celebrar suas orgias", deixando trabalhadores e trabalhadores isolados, e que para combatê-lo é necessário organizar-se coletivamente.

Deixo, aqui, para minha amiga, uma imagem que mostra que essa luta vem de longe.

The Village School por Albert Anker (1848)



(Fonte: https://www.wikiart.org/en/albert-anker/die-dorfschule-von-1848-1896)

Referências

BATISTA JÚNIOR, Paulo Nogueira. **Paulo Nogueira Batista**: pensando o Brasil: ensaios e palestras / Paulo Nogueira Batista Jr, organizador. - Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2009.

BELLUZZO, Luiz Gonzaga de Mello. **O capital e suas metamorfoses**. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

CASTEL, Robert. **As metamorfoses da questão social**: uma crônica do salário. Tradução de Iraci D. Poleti. Petrópolis: Vozes, 1998.

CELLARD, André. A Análise documental. In: POUPART, Jean et al. **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. Tradução de Ana Cristina Nasser. 3ª ed. Petrópolis. Vozes, 2012.

COMPARATO, Fábio Konder. A civilização capitalista, para compreender o mundo em que vivemos. São Paulo. Editora Saraiva, 2013.

FRASER, Nancy, JAEGGI, Rahel. **Capitalismo em debate**: uma conversa na teoria crítica. Tradução Nathalie Bressiani. - 1. ed. - São Paulo: Boitempo, 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa, tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, v.35, n.3, p. 20-29. Mai/jun, 1995.

KREIN, José Dari. O desmonte dos direitos, as novas configurações do trabalho e o esvaziamento da ação coletiva. Tempo Social, **Revista de Sociologia da USP**, v. 30, n. 1. p. 77-104. 2017.

MARX, Karl. O Capital: crítica da economia política: livro I: o processo de produção do capital. Tradução Rubens Enderle, 3ª Ed. São Paulo, Boitempo, 2023.

MATTEI, Clara E. **A ordem do capital**: como economistas inventaram a austeridade e abriram o caminho para o fascismo. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2023

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter**: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Tradução de Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Record, 2009.
VENCO, Selma. "**Estado-patrão**": rumo ao desaparecimento do emprego público? Revista Linhas. Florianópolis, v. 22, n. 49, p. 82-105, maio/ago. 2021.

FALTARAM DEZ ALUNOS

Anália Maria da Silva[9]
Segundo semestre de 2024

No início do mês de março, vivenciei um dia diferente no meu cotidiano escolar. Achei interessante registrar, como narrativa. Me sentei para fazer a chamada e, ao terminar, concluí que: Faltaram dez alunos da turma. No total são trinta alunos. Respirei com um certo alívio de poder trabalhar em uma turma com vinte estudantes e, ao mesmo tempo, pensei que tinha que rever o planejamento do dia e fazer adaptações. Revisei o meu plano de aula e fiz algumas mudanças necessárias.

Iniciamos, realizando o cabeçalho e falando sobre as atividades que aconteceriam naquele dia. O trabalho fluiu de forma produtiva. Liguei a lousa digital. Projetei a atividade. Realizei a explicação do que seria feito e entreguei as atividades. Os alunos tinham que completar as vogais dos nomes de algumas figuras. Conforme os alunos foram realizando a atividade, consegui passar de carteira em carteira para auxiliar e, também, observar como eles estavam resolvendo a atividade: se conseguiam identificar as vogais; se sabiam os sons das vogais e quais estratégias estavam usando para completar as palavras. Apesar de ser uma atividade simples, o contexto em que foi realizada garantiu o diferencial nas aprendizagens dos alunos: um ambiente tranquilo e favorável à concentração, atenção, trocas de saberes e uma mediação de qualidade: as demandas das crianças iam sendo mediadas, por mim, de forma rápida e pontual. Um lugar mais tranquilo, também, ajudou a aluna com deficiência intelectual a se organizar e realizar suas atividades. Não sobrou tanto tempo para conflitos, fofocas,

[9] Professora dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental na EMEF/EJA Padre Leão Vallerié.

choros, e afins, pois os alunos conseguiram manter um bom nível de organização. Cumprimos todas as lições propostas, brincamos com joguinhos e ouvimos umas músicas aleatórias que os alunos escolheram ao final do dia.

Esse contexto não trouxe ganhos somente aos alunos, mas, para mim, também. Realizar meu trabalho de uma forma mais tranquila sem tanto barulho e sem tantos conflitos, me trouxe, ao final do dia, a sensação de trabalho concluído com êxito e sem tanto cansaço mental. Me lembro de, ao final da aula, ter conversado com alguns colegas sobre como a quantidade de alunos por sala interfere na qualidade do trabalho e nas aprendizagens dos alunos: será que ninguém vê que precisamos de menos alunos nas turmas para conseguirmos exercer um trabalho de qualidade e humano? Ninguém vê isso?

Em um dia "normal" de aula, com trinta alunos, os professores acabam usando boa parte do tempo, tentando manter o controle e organização da turma. Cabe ao professor escolher suas lutas, quer dizer, prioridades, no momento, que podem ser: o aluno que está andando pela sala e passando rasteira nos colegas, encontrar, rapidamente, um lápis ou borracha para o aluno que nunca traz material, socorrer a aluna que está chorando aos prantos, porque o colega que estava andando pela sala, derrubou a garrafinha dela e molhou todo seu caderno, ainda, há as atividades adaptadas para serem feitas com a aluna da educação especial que não tem autonomia para realizar sozinha e que, por sinal, já passou cola no seu rosto, nas mãos e nos colegas, a professora, também, tem que se manter forte e não infartar, ao ver uma aluna que lhe trouxe um chumaço de cabelo que a colega havia acabado de cortar. E um dia Normal com trinta alunos, não dá tempo de infartar, pois, ainda, tem o aluno que está chorando, porque você não foi ajudá-lo a realizar a atividade, ainda, tem a galerinha que está com fome e pergunta, toda hora, se já é o almoço e, como não falar do calorão. A questão das altas temperaturas torna tudo mais difícil: (a essa altura do campeonato, já temos um ambiente barulhento e tumultuado). A professora faz seus discursos sobre o

comportamento. Lemos os combinados da turma, logo menos, a professora dá uns gritos e pede por favor para o fulaninho sentar e já é hora de começar as ameaças (sem Parque, sem Dia do brinquedo). E lá vamos nós tentar recomeçar uma nova atividade e dar continuidade ao trabalho.

Ao final do dia, é impossível não lembrar dos dias em que faltam dez alunos e é possível realizar um trabalho pedagógico com muito mais qualidade em um ambiente mais tranquilo e favorável à aprendizagem dos estudantes.

FIM DO 1º TRIMESTRE

Anália Maria da Silva
Primeiro semestre de 2024

Recentemente, ao preparar as documentações para o conselho de classe, fiquei lembrando de muitas circunstâncias que aconteceram nesse primeiro trimestre de aulas. E, infelizmente, as dificuldades foram as primeiras recordações que vieram à minha cabeça. Vivenciei inúmeros desafios com a classe; encontrei muitos impasses para realizar o planejamento coletivo e, também, adversidade em executar o planejamento em classe, uma vez que, as demandas de comportamento dos alunos consumiam boa parte do tempo da aula. Em um dado momento do trimestre, me vi mergulhada em tantas situações difíceis que me entreguei ao choro pelos corredores da escola. Eu chorei, na frente dos colegas de trabalho, eu chorei, na frente da equipe gestora. Enfim, nunca é fácil reconhecer que você não está conseguindo realizar algo, quanto mais ter que dizer a outras pessoas. Eu ouvi de uma colega de trabalho, que a pessoa que chora e se preocupa, é muito melhor do que a que segue em frente sem se comover com as situações. E foi assim, entre lágrimas, vontade de pedir uma licença médica, muitas reclamações, e, principalmente, apoio dos colegas que eu consegui concluir o primeiro trimestre. Fui ouvida pela equipe gestora que se prontificou a me ajudar a organizar algumas demandas. Fizemos reuniões com as famílias e com os alunos, na tentativa de resolver questões sobre comportamento. Algumas possibilidades de ajuda, no trabalho pedagógico, também, foram deliberadas. A expectativa é que os efeitos dessas ações sejam positivos e que tenhamos um segundo trimestre menos exaustivo. Ao concluir essa pequena narrativa, como um exercício de resistência pedagógica, me coloquei a lembrar, também, dos vários bons momentos que aconteceram nesse primeiro trimestre.

Fizemos pesquisa em grupo, na sala de informática, rodas de conversa, trabalho de agrupamento em classe, construção de jogos e brincadeiras, projetos sendo desenvolvidos e alunos que avançaram em seus saberes. Rolando a galeria de fotos do meu celular, encontrei algumas fotos bem legais que me ajudaram a lembrar que nem só de lágrimas, confusão e gritaria se fez essa sala de aula. Fim do Primeiro Trimestre.





Fonte: Arquivo da Autora

QUESTÕES

Anália Maria da Silva
Segundo semestre de 2024

Em uma manhã, no horário do lanche das crianças, eu estava conversando com a professora Marinalva sobre os avanços dos alunos do projeto jogos de que nós participamos na EMEF/EJA Padre Leão Vallerié. A professora Marinalva contou que uma aluna do terceiro ano já estava lendo, o que foi um susto para mim que fui professora da aluna no ano anterior. Era uma aluna que apresentava bastante dificuldade no aprendizado da escrita e leitura e que, apesar do trabalho realizado naquele ano, a aluna não evoluiu. Foi uma alegria saber que a aluna tinha avançado tanto. Mas, ao mesmo tempo, gerou, em mim, alguns questionamentos sobre as minhas práticas pedagógicas. Por que eu não consegui avanços significativos com aquela aluna? Fiquei pensando: será que eu não fiz intervenções corretas? Talvez, as propostas que realizei não eram as necessidades da aluna? Como eu avalio o meu trabalho, como professora? O que posso melhorar? Como conseguir alfabetizar todos os alunos? É claro, que, também, pensei nos fatores psicológicos, sociais e políticos que permeiam o processo escolar. No entanto, o meu foco, naquele momento, era na parte que estava ao meu alcance mudar ou melhorar: As minhas ações pedagógicas. Desde então, tenho me colocado a pensar sobre isso de uma forma mais criteriosa. Muitos pensamentos e questionamentos acabam surgindo e para me ajudar nesse momento de auto reflexão, u elaborei algumas questões para me guiar de forma organizada nesse processo. 1- Eu tenho clareza sobre quais ações pedagógicas tenho usado para trabalhar com os alunos que têm mais dificuldades? 2- Como melhorar o meu fazer pedagógico para que eu ofereça mais possibilidades de avanços aos alunos? 3- Quais são as maiores dificuldades que encontro, nesse

momento, para realizar o meu trabalho pedagógico? É claro que muitas outras questões poderiam ser feitas. Mas minha intenção não é criar um questionário de perguntas e respostas certas. As perguntas funcionam mais como um ponto de partida para realizar uma observação consciente sobre minhas práticas pedagógicas, acalmar as inquietações e refletir sobre minhas dificuldades, como professora.



Autor da foto: Carlos Henrique Callegari Coppi

CARLOS EM CONVERSA COM
FABIULLA NASCIMENTO BATISTA DE OLIVEIRA

Carlos Henrique Callegari Coppi
Segundo semestre de 2024

quem acolhe o professor: preparação para a reunião; frustração com fala de pais, acusando-a de não notar o filho em sala; "somos professores juntos";

sequelas: esquecimento do carro na escolha; dependendo do ponto, vai pedir afastamento, pois será sinal de que ultrapassou o limite;

soprando as velas: há 2 anos faz tratamento com cardiologista; crises de pânico; decisões colaborativas dos estudantes para organizar uma festa, presentes… Surpresa em casa também, com festa lá.

terceirão 2022: solidão no trabalho docente por parte dos colegas; dela, não. Grande parte dos alunos não alfabéticos no 3º ano; compartilhar vivências foi o combustível para 2022; trabalho com contação de histórias; "saímos de mãos dadas da sala dos professores para nos equilibrar" (cabeça gigante da fantasia); saída para a Sitiolândia lembrou minha saída para o Sesi (dia do vômito);

uma feira da educação na praça da Concórdia: escola pública ocupando a praça; encontro com uma amiga porto seguro (acolheu Fabiulla num momento em que ela queria largar tudo); encontro com vários amigos;

parcerias: depois de um tempo, no final do ano, o pai estúpido de outrora vira aquele que estende a mão e pede desculpas;

era só uma revisão de geografia: falar sobre alcoolismo, depressão e suicídio; momento de escuta; a aula que vira algo muito maior que a aula;

fazendo as pazes com a tecnologia: mostrar o entorno da escola, falar de questões mais globais usando o *Google Maps*; crianças que usam as tecnologias e sabem de coisas por meio delas

entre folhas, feijões e minhocas: presença da Carol explicando tudo sobre agroecologia e como esse movimento desembocou em outros, como o da horta; importância da criança que vê tudo pronto no mercado tenha noção disso ali, na terra, na produção

2023 em uma página: "Companheirismo"

a boniteza do colorido da escola: corrida para preparação da escola com trabalhos a serem expostos; lembrança da professora F e seu empenho nas redações; Fabiulla sempre escreveu demais; sonhava em ser advogada e escritora; lembrança emotiva do pai. Lembrei da vela do budismo (Budismo em quadrinhos para principiantes).

#somostodosprofessores: não somos profissionais da educação por amor, mas somos sérios e dedicados que amam a humanidade ao mesmo tempo em que pagamos contas. Problemas com uma mãe em 2019; resolvemos tudo no plural.

dos primeiros anos como professora: primeiro parágrafo do texto dela; por meio do PEIS, se descobriu professora, conheceu lugares até então desconhecidos e pode trabalhar com outros professores acolhedores. PEIS não certificava. Mãe fez pedagogia com bolsa 100% do Prouni.

sarau do imigrante: sessão terapêutica ao ter de pensar no que sentiu quando precisou deixar sua cidade natal, no Nordeste (Itabuna - BA); da mudança, foi parar no Valença 2, ao lado da Leão.

Lendo os textos da Fabiulla, penso no que venho lendo sobre budismo tibetano.

A presença dos carmas em nossas vidas, pendências e oportunidades de resolvê-los.

Fazer sempre o bem, independentemente do mal já instalado.

Fazer o bem, pois o ser humano é capaz disso.

Evitar os venenos da alma; considerar o outro, o diferente, sempre algo sagrado, em transformação, em processo. Nada finalizado. Difícil demais, não?

O pai que chegou outro dia agressivo, é o pai que pede desculpas tempos depois.

Se a agressão fosse devolvida na mesma moeda, a desculpa viria?

Pelo budismo, não, não viria. Pelo contrário, aumentaria um ciclo de raivas trocadas.

Acalmar a mente, pois os 37 estão aí quase 38;

Acalmar a mente é imperativo para a profissão, pois, de repente, podem ser mais diagnósticos e menos surpresas positivas do que aquelas de outrora.

Mas tem coisa que apenas "calmamente" talvez não role. Se for ser calma toda hora, a exposição não se levanta, as coisas não se colam nos pratinhos, o lagarto não troca de pele e haja escada para subir e descer, menina. Ao menos fortalece as coxas.

Fabiulla fala como escreve; converso pouquíssimo com ela, mas já a ouvi. Sua escrita corre, longa e caudalosa, talvez como o rio que corta sua cidade natal, deixada para trás há anos na poeira do caminhão; ela é gentil com os outros e com seus estudantes; preza pelo coletivo; encontrou na Leão isso. Leão, no budismo, protege; aqui, nas paredes azuis e brancas da prefeitura, acolhe,

abraça e junta tudo num lugar só, essa boniteza, ainda que precise apertar um *cadim*, às vezes, para que as coisas não saiam do lugar.

Vez ou outra, saem. Saem, pois isso aqui é bem orgânico e múltiplo. Saem, inclusive, em aula; onde já se viu pirâmide etária descambar a conversa para tudo o que ela significa? Relatos crus e potentes de crianças que talvez não saibam bem o que é pirâmide etária, mas já entendem o que a alimenta. Esse alimento cru é potente. As crianças não sabem, mas ali há forja delas próprias. Vão levar isso para si, ou vão conseguir se desvencilhar de coisas ruins e olhar com mais atenção para as boas? As ruins vão motivá-las para algo bom, ou algo também ruim? É cármico.

A depender de quem está conosco, isso pode se transformar de várias maneiras.

F olhou para aquela redação gigantesca e a enxugou. Fabiulla, após ganhar o concurso, precisou ela própria enxugar as lágrimas de emoção. Ela herdou do pai a lágrima que só foi rolar depois de anos, com o auxílio da professora querida. Anos depois também, sua mãe foi quem herdou da filha esse fogo de querer aprender; pedagoga também, ela; mãos dadas e juntas para o ENEM.

Do meu, herdei a mesma profissão, que encontrou solo fértil na minha mãe, também professora, além do meu irmão e da minha cunhada. Todos ensinam o que aprendem.

Minha esposa é psicóloga, pois alguém precisa manejar isso tudo, não?

Tem um escrito budista que diz assim pra gente imaginar o decurso da nossa vida como uma vela acesa. Numa fila de velas, acendo a segunda vela e apago a primeira; depois, acendo a terceira vela com o mesmo fogo, e apago a segunda. Vou nessa até o fim. O fogo é o mesmo, questiona o livro? Diz que na verdade, esse fogo é sempre diferente (até de si mesmo), mas há uma relação causal unindo a primeira vela à última. Parafraseio a própria escritora: "Dentro da professora que sou hoje, mora uma menina de 20 anos, estudante de Ciências Sociais da Unicamp, bolsista trabalho, moradora da periferia de Campinas, que iniciou a docência na educação de jovens e adultos". Dentro da professora, há tudo

aquilo o que ela viveu. Dentro de seus estudantes, tudo aquilo que ela tanto faz por eles, tudo aquilo que a Leão representa. Que sorte a deles.

Como ela costuma finalizar, “viva a escola pública!!”.

TERCEIRÃO 2022 - NARRATIVA DE UM TRABALHO DOCENTE COLETIVO

Fabiulla Nascimento Batista de Oliveira[10]
Segundo semestre de 2022

Em um dia de formação no ano de 2019 ouvi nossa psicóloga do Projeto ECOAR[11] (bem presente em nossa escola) questionar a toda equipe docente com a qual trabalhava se achavam o trabalho no magistério um tanto solitário e acredito que fomos questionados sobre as dificuldades em relação a isso. Fiquei espantada ao ouvir quase todos respondendo que se achavam realmente solitários na realidade cotidiana. Eu, porém, manifestei uma ideia contrária. Desde o início de 2018 trabalho na mesma unidade escolar e o acolhimento que tive desde o começo foi tão grande que eu nunca me senti sozinha. As vozes das minhas colegas de série ecoavam na minha cabeça como se elas estivessem ali comigo na sala de aula, mesmo que para solucionar questões corriqueiras a praticidade da vida nos exige tomar decisões sozinhos.

Na correria no corredor, nos horários de lanche, um pulo na porta da sala da colega, uns minutos antes da reunião de trabalho docente coletivo… Sempre houve aquele jeitinho para poder conversar entre pares, planejar o trabalho, organizar um evento,

[10] Professora dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental na EMEF/EJA Padre Leão Vallerié.

[11] Projeto ECOAR – Espaço de Convivência, Ação e Reflexão foi proposto para auxiliar o enfrentamento às diferentes formas de violência que se expressam na escola (e que, contudo, apresentam diferentes origens e cenários), a partir de uma prática psicossocial voltada para o desenvolvimento de ações preventivas, prevalecendo a noção da relação teoria e prática, ou seja, práxis revolucionária e crítica, com proposições de um modelo profissional para a mudança da realidade. Desde 2014, o Projeto ECOAR tem sido desenvolvido em escolas municipais de Campinas-SP. (Fonte: http://gep-inpsi.org/psicologia-escola/projeto-ecoar/. Acesso em: 05 de novembro de 2025.)

decidir quais músicas apresentar em uma festa. Tanta coisa que professor faz fora da sala de aula que a gente nem entende direito como é que consegue, mas sempre faz.

Nos deparamos de repente com uma pandemia e tudo que era certo já não era mais. Passamos a utilizar muito mais as tecnologias e dispomos de um tempo para conversa entre pares que nunca se tinha esperado conquistar. A tal história de que há males que vem para o bem! Nós, professores, passamos a utilizar instrumentos que já estavam disponíveis, mas que ignorávamos, capazes de facilitar o intercâmbio de informações, ideias, o compartilhamento de vídeos, fotos, links. Tudo ali na nossa frente, mas só o período de isolamento causado pela pandemia foi capaz de nos despertar para o uso dessas ferramentas.

Depois entramos em um momento híbrido, começamos a ir para a escola, mas não pelo mesmo tempo que ficávamos de costume. O uso das tecnologias permaneceu intenso nesse período, já que nossos alunos podiam frequentar a escola de maneira muito reduzida. No fim de 2021, porém, voltamos à realidade, ou seja, trabalho presencial, com a mesma restrição de tempo para conversa entre pares. Agora, no entanto, a tecnologia havia criado um local novo, sem restrição de espaço e tempo, ficamos mais mobilizados para planejar juntos. 2022 começou com um novo modelo para a antiga escola. Ninguém é mais professor sozinho, todo mundo é professor junto.

Em 2022 tive a oportunidade de trabalhar pela primeira vez com um terceiro ano e de acompanhar os alunos que haviam ingressado no ensino fundamental no início da pandemia. Nos deparamos com um cenário assustador, menos de um terço da turma estava na hipótese de escrita alfabética. Passar dois anos em casa quase sem realizar atividades deixou a maioria das crianças em um nível de aprendizagem muito aquém do que se espera. Um cenário trágico que desanimaria qualquer um, mas ser professor junto tornou um trabalho penoso com baixas expectativas de grandes avanços em um trabalho alegre, criativo, dinâmico e inspirador.

Fica até difícil de lembrar por quantas coisas nós passamos, quantos foram os projetos, correrias, pedidos de dinheiro para o coitado do diretor que topou todas as empreitadas, discussões longas e calorosas sobre simples decisões corriqueiras, aprendizagens para a vida.

Devo confessar que encontrei nesse grupo de terceiro ano minhas almas gêmeas pedagógicas e pude sentir de maneira mais nítida ainda como ser professor junto é algo que tira boa parte da carga onerosa e negativa da profissão. Amo ser professora? Com certeza, mas amar a profissão e se dedicar a ela não implica não passar por momentos difíceis e até angustiantes. Tem hora que o cansaço vence todas as forças. Tem hora que a criatividade some. Tem hora que dá vontade só de sair correndo mesmo. Poder compartilhar tudo isso com um grupo de cúmplices companheiras foi o combustível do desafiador ano de 2022.

Foram muitos momentos engraçados, atrapalhados e desafiadores. Nunca irei esquecer de como tentamos pegar emprestado sem o consentimento o carrinho, a enxada e a pá dos pedreiros que estavam trabalhando na escola para realizar a contação de história da Galinha ruiva (1994). Fizemos na surdina nos achando as espertinhas, quando foi na hora da contação, cadê as coisas? Os pedreiros haviam recuperado seu material de trabalho tão sorrateiramente como tínhamos conquistado. Rimos da situação e nós viramos com que nos sobrou, porque professor tem jeito para tudo!

Fui rato, tigre, narradora, Menina Bonita do Laço de Fita (1996) e Sulwe (2020). O trabalho com contações de história despertou no grupo um aspecto muito lúdico e criativo. Criamos fantasia para os personagens, inventamos nosso jeito particular de contar histórias, sempre com música no final para animar a turminha. No final do ano, ver os alunos muito empolgados em fazer a contação deles foi uma realização. Eles escolheram a história, sugeriram e produziram as fantasias dos personagens, decoraram fala, leram e releram a história para criar o fio narrativo. Foi muito prazeroso ver isso, assim como foi todo o projeto ao longo do ano. Teve marido

virando manequim de galinha, compra de peruca, ensaio improvisado depois do Trabalho Docente Coletivo (TDC), muitas conversas de discussão de como e o que fazer.

Virar personagem com cabeça gigante foi algo que eu nunca tinha imaginado na vida. Hoje, valorizo muito mais as pessoas que trabalham com essas fantasias, sobretudo se estiverem em festa infantil. Não é fácil. Aquela cabeça gigante desequilibra o corpo e a visão através dos olhos do personagem é bem precária. Saímos de mão dadas da sala dos professores para nos equilibrar. Foi demais! Dançamos e tiramos fotos com as crianças. Os olhos delas brilhavam. Teve aqueles que quase arrancaram o rabo do tigre e tentaram puxar o zíper da fantasia para ver quem estava ali. Confesso que foi meio assustador nesse momento, mas valeu a empreitada. Saímos para o recesso de julho com a vitória de ver a alegria dos pequenos na visita dos bichinhos.

Também tivemos momentos culinários: docinho de leite ninho na páscoa e bolo de fubá após contação da Galinha ruiva. Todo mundo colocou a mão na massa de alguma maneira. Ao devorar rapidamente todo o bolo um aluno falou alto na sala: - Sei o segredo desse bolo ter ficado tão gostoso! … O amor. Entendi que fazer um bolo na escola foi uma experiência única e de muita importância na vida daquele aluno, mais do que tantas vezes que poderíamos ter trabalhado o gênero textual receita e as medidas de volume com atividades de livro didático ou impressas. O cheiro de bolo de fubá percorreu a escola. O conhecimento também.

Nossos alunos tiveram a oportunidade de plantar duas vezes esse ano. Primeiro pedimos garrafas pet cortadas para serem vasos onde cada um plantou sua alface e levou para casa com a missão de cuidar. Muitos relataram que a alface cresceu e a família comeu, outros chegaram a mandar foto mostrando orgulhosamente o desenvolvimento de sua hortaliça. Posteriormente houve o projeto mais amplo, em que todas as turmas plantaram na horta da escola. A missão de regar diariamente a horta deixou os alunos muito envolvidos. Geralmente eles é que me lembravam dessa responsabilidade e controlavam a vez de quem ia.

As saídas pedagógicas também foram ótimas. Fomos no planetário, no cinema e na Sitiolândia. Além de aprender muito sobre o universo no planetário pudemos fazer um piquenique na Lagoa do Taquaral em um belo dia ensolarado com direito inclusive a ensaio da música Pula-pula pipoquinha que estávamos preparando para a festinha de encerramento do semestre. No dia do cinema deu um pouco ruim. Em determinado momento o filme desligou e as luzes começaram a piscar, depois ficou tudo escuro. De repente a sala se iluminava levemente e de repente estava um breu de novo. Vários alunos começaram a correr entre as cadeiras do cinema (até hoje não entendi o porquê). Parecia uma pegadinha ou um filme de terror, fiquei receosa da Samara (O chamado) aparecer na tela do cinema sendo que não tinha energia. Ainda bem que foi só falha na energia mesmo. Ufa! Professores e alunos voltaram vivos e intactos para casa. Ninguém gostou muito do filme que prometia mais por ser uma franquia super amada: Minions 2. Último passeio- Sitiolândia. Esperamos ansiosamente durante meses: alunos, professores, famílias, gestores. Todas as turmas do período da manhã foram juntas, 9 ônibus. Muita gente! Em pleno dia de jogo do Brasil nas oitavas de final pegamos uma chuvarada de dia inteiro. Deu dó! Os alunos conseguiram aprender e se divertir muito, mas não da maneira como esperavam. Um dia ensolarado é sempre nossa expectativa, mas nem sempre é assim. Para completar o inusitado dia, no ônibus em que eu estava o motorista logo avisou que a buzina estava queimada e não havia ar condicionado. As janelas eram quase impossíveis de abrir. Estávamos quase todos cozidos antes do ônibus sair, mas depois que conseguimos com muito esforço abrir as janelas começou a chover e tivemos que fechar tudo correndo. Para fechar com chave de ouro (rir para não chorar) ao retornar para o ônibus o motorista logo me avisou que o limpador de para-brisa não estava funcionando. Ele esperou o dia inteiro para a empresa enviar alguém para arrumar, mas isso não aconteceu. Se a chuva engrossasse teríamos que ficar parados até ela parar. Mais uma vez conseguimos chegar todos vivos e inteiros. Ufa!

Tanta cumplicidade e companheirismo não coube nos muros da escola, extrapolamos. Festa de aniversário de filha, parque aquático, churrasco em casa. Só ficaram devendo uma visita na minha casa número 2, mas essa empreitada fica reservada para 2023 quando espero que a piscina tenha finalmente sido instalada. Não conseguimos realizar o plano de repetir o sucesso da parceria pedagógica em 2023 por questões de pontuação e classificação, mas isso não impede que realizemos um trabalho inédito interciclos. Criatividade e disposição é o que não falta nessa mulherada. O grupo de whatsapp continua firme e forte, ele só não será mais um grupo de planejamento, mas de fofocas pedagógicas.

Compartilho esse texto com vocês, minhas queridas colegas de trabalho e amigas E, I e R (em ordem alfabética que é para não perder o costume) como homenagem e agradecimento pelo que vivemos esse ano. Também é para guardar minha memória, vai que um dia os neurônios começam a morrer, o *Google* é mais confiável do que eles!

Grande abraço,
Fabiulla.

Referências

MACHADO, Ana Maria. **Menina Bonita do Laço de Fita**. Ilustrações de Claudius. São Paulo: Ática, 1986.
MCKAY, Winifred. **A Galinha Ruiva**. Tradução de Fernanda Lopes de Almeida. São Paulo: Editora Ática, 1994.
NYONG'O, Lupita. **Sulwe**. Ilustrações de Vashti Harrison. Tradução de Luciano Vieira Machado. São Paulo: Rocco, 2020.

DOS PRIMEIROS ANOS COMO PROFESSORA

Fabiulla Nascimento Batista de Oliveira
Segundo semestre de 2023

Dentro da professora que sou hoje, mora uma menina de vinte anos, estudante de Ciências Sociais da Unicamp, bolsista trabalho, moradora da periferia de Campinas, que iniciou a docência na educação de jovens e adultos. Resolvi dar voz a essa menina nessa narrativa, recordando minha trajetória no Projeto Educativo de Integração Social (PEIS), num registro carregado de saudade, afeto e gratidão.

Entrei na faculdade já no intuito de ser professora e me via ansiosa no desejo de começar a lecionar, porém, nos dois primeiros anos de bolsa trabalho fui designada a áreas que não envolviam à docência. Somente no terceiro ano, consegui escolher no Serviço de Apoio ao Estudante da Universidade Estadual de Campinas (SAE/UNICAMP) para qual projeto iria. Escolhi um curso pré-vestibular, mas não fui aceita no mesmo. Voltei lá desesperada porque tinha que assinar meu contrato com urgência. A funcionária que estava realizando meu processo começou a ameaçar que iria escolher por mim caso eu não escolhesse logo um projeto para participar. Passando o olho naqueles nomes desconhecidos, acabei notando o PEIS e vi que se tratava de um projeto educacional. Resolvi apostar nele ao invés de receber algo aleatório que a funcionária do SAE pretendia me ofertar. Peguei o papel e segui até a Faculdade de Educação (FE/UNICAMP) à procura da professora orientadora Sônia Giubilei. Aquele dia mudaria minha vida, mas a jovem estudante do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (IFCH/UNICAMP) nem imaginava o rumo que essa escolha levaria.

Bati na porta e logo apareceu uma senhora muito simpática que me recebeu muito bem. Era ela, a idealizadora e fundadora do

projeto. Assinou meus papéis e me explicou um pouco como funcionava o projeto. Foi falando de socialização, tema gerador, estudo do meio… E eu pensando em escola comum, onde professor fala um monte de coisa, depois cobra conteúdo e tal. Logo descobri que essa escola do meu repertório é baseada no ensino bancário e ali onde estava chegando, a escola era outra, muito diferente. Antes de sair ela me perguntou o que eu sabia sobre Paulo Freire. Que vergonha! Eu sabia de Durkheim, Marx, Weber, Foucault, Sérgio Buarque, tanta gente…. Mas Paulo Freire não. Ela me falou que eu não podia dar aula no PEIS sem conhecer Freire. Acho que deve ter me dado alguma coisa dele para ler, mas não me lembro o quê. Saí daquela conversa com um nome ecoando na cabeça.

No sábado (dia em que as aulas aconteciam em salas emprestadas do prédio do Colégio Técnico de Campinas "Dr. Antônio de Carvalho Filho" (COTUCA) cheguei lá sem saber ao certo como seria. A primeira pessoa que avistei foi o Rafael, estudante de Geografia que eu conhecia desde o vestibular. Que alívio! Uma pessoa conhecida logo no início. A Professora Sônia explicou que nós dois ficaríamos um tempo somente assistindo as aulas dos colegas e depois de um tempo, quando já tivéssemos entendido bem o PEIS é que começaríamos a dar aula.

Ah se todo mundo tivesse esse privilégio de primeiro entender quais os objetivos e entendimento de educação a escola em que trabalha tem, antes de começar a dar aula de fato! Sônia Giubilei era uma professora muito experiente, compreendia claramente a importância desse contato prévio. De como a boniteza freiriana se apresenta no cotidiano e a gente vai se envolvendo, quando percebe, já faz parte daquele grupo que entende a educação como libertadora. Fui me conectando com o projeto assistindo as diversas aulas: português, história, geografia, matemática. Todos os professores eram muito receptivos a nossa presença nas aulas.

No meio do período, parávamos durante uma hora para a socialização. O ponto mais alto do dia, na minha opinião. Todos lanchavam e logo iam se ajeitando em roda. Na primeira socialização do ano era eleito o tema gerador do semestre. A partir

daquele tema, todas as disciplinas traziam suas propostas de conteúdo e professores e alunos combinavam apresentações, palestras, rodas de conversa, convidavam pessoas de fora, para que aquele tema fosse estudado de maneira mais ampla naquele espaço/tempo denominado socialização.

Meu repertório cultural cresceu muito com as socializações. Conheci Adoniran Barbosa, Mercedes Sosa, conheci melhor Luiz Gonzaga. Um dia, quando nosso tema era cultura caipira, combinei com o professor de matemática (que é um músico e tanto!) de apresentarmos a história das músicas caipiras no Brasil, suas raízes. Tive que pesquisar bastante para trazer essa abordagem, mas foi sensacional ver a empolgação dos alunos cantando Boate azul (entre outras músicas que apresentamos nesse dia). O conhecimento que transborda da vida real, de nossos gostos e memórias.

Os estudos do meio então… Experiências extraordinárias! Com o PEIS conheci o Memorial da América Latina, Museu do Ipiranga, Sitio do Picapau Amarelo em Taubaté, orquestra de violas de Valinhos, Aquário de Santos, Pinacoteca, Museu da Língua Portuguesa, Sala São Paulo. Passar anos no projeto me oportunizou muitas descobertas prazerosas.

Ir aos estudos do meio também tinha um ritual. Geralmente o seu M (aluno que frequentava o projeto há muito tempo) fazia uma farofa de frango deliciosa para compartilhar com a gente. A professora Sônia fazia patê de ricota. Chegávamos todos cedo para organizar o lanche coletivo e sempre estava lá aquele incrível e inesquecível patê, preparado com tanto carinho. Entendi na prática o quanto a afetividade é importante nas relações de aprendizagem. Ainda hoje vi no feed de uma aluna muito marcante do projeto, a C, uma foto da preparação do lanche para estudo do meio. Bate aquela saudade em qualquer um que tenha vivenciado esses rituais cheios de afetividade!

Um momento muito marcante na minha trajetória no PEIS foi nossa participação num simpósio de educação que aconteceu na Universidade São Francisco (não me lembro a cidade, mas sei que

não foi em Campinas). Além de participar como ouvintes nas salas, fomos convidados a formar um coral de alunos e professores para apresentação cultural do evento. Foram muitos encontros mais que agradáveis na casa da aluna Rosa, que esse ano nos deixou e partiu para um outro plano. Cada um levava um lanchinho e a gente passava a tarde de sábado ensaiando, papeando e comendo. A casa dela ficava do lado oposto da cidade para mim, mas valia muito a pena. Tínhamos dois professores músicos: o E, de matemática e o R, de Geografia. Professora Sônia também dava um suporte quanto à afinação.

O dia da apresentação superou nossas expectativas. Ganhamos camisetas bordadas com o emblema do projeto e na hora da parada para o almoço do evento chegou o momento de nossa apresentação. O auditório estava lotado de professores. Cantamos as músicas ensaiadas na maior empolgação e para encerrar acabamos repetindo a música Para não dizer que não falei das flores, do Vandré. O pessoal começou a levantar e cantar junto com a gente. "Vem, vamos embora que esperar não é saber quem sabe faz a hora não espera acontecer". Acho que nós professores carregamos essa ideologia, não esperar acontecer. Recebemos muitos abraços calorosos e elogios da plateia da educação.

Depois que eu já estava completamente apaixonada pelo projeto, comecei a me preocupar quem continuaria aquele trabalho depois que a professora Sônia se aposentasse. Quase como uma resposta às minhas preocupações, eis que surge uma doutoranda muito dedicada que passou a ser um braço direito na coordenação. A chegada da Sandra trouxe um novo horizonte para o projeto. Desde o início percebi que ela logo se tornaria professora da Unicamp também e assim, poderia levar adiante um projeto educacional que oportunizava o retorno aos estudos mesmo para os adultos que já haviam se formado na educação básica.

O PEIS não certificava. As pessoas compareciam nas manhãs de sábado, porque queriam aprender, crescer enquanto pessoas. Mesmo assim, o projeto tinha um fluxo de alunos que permaneciam por muito tempo.

Tantas histórias de vida eu conheci. Um motorista que se aposentou sem saber ler, dirigia por todo o Brasil sem GPS e sem acompanhar as informações nas placas. Orgulhava-se de não se perder. Aprendeu a ler já na terceira idade e foi até assunto de revista! Professor de Matemática que tocava na noite e falava que seu grande amor era a Matemática, mas a Música era sua amante. Com ele me atentei o quanto de conteúdo matemático encontramos na teoria musical! Tinha a dona C, que fazia os trabalhos artesanais mais lindos. Tive a sorte de ganhar um vaso pintado e com tampa de crochê feito por ela no amigo da onça. Brincadeira essa que também aprendi no PEIS. A dona L, que me contava toda orgulhosa que sua filha também fazia faculdade de Ciências Sociais. Lembro-me do dia em que fomos até a casa dela comer uma feijoada dos deuses, outro daqueles dias que me marcou muito. Ela convidou todos do projeto para irem em sua casa para um belo almoço de domingo. Que tarde gostosa vivenciamos! Dona L já nos deixou há muito tempo, mas seu jeitinho carinhoso de nos tratar estará sempre guardado na pastinha das memórias especiais.

Fiz uma disciplina de estágio no projeto e todos os alunos da licenciatura que se interessavam por ele formaram um grupo, do qual fiz parte. Havia estudantes de diferentes cursos. Ao frequentar o projeto algumas vezes, foi sugerido de trabalharmos um Cine Pipoca, onde passaríamos algum filme para os alunos no final das aulas e depois faríamos uma roda de discussão. A ideia foi abraçada e muitos alunos ficaram para o filme. Logo na primeira exibição nosso professor da universidade foi acompanhar. Ainda bem que a escolha do filme ajudou muito: Narradores de Javé. Os alunos falaram muito sobre suas experiências enquanto migrantes. A vida mais difícil e o acesso negado à educação em outros tempos. Foi um debate muito rico em que todos quiseram colaborar com suas experiências de vida.

Conheci também o C nessa época, meu companheiro na disciplina de História. Descobri a história oral e quão ele acredita e ama esse desbravar das memórias das pessoas, da história vivida e contada pelas lembranças. Fui na defesa do mestrado

dele na Unicamp. Que orgulho! Boa parte dos professores do PEIS se tornaram mestres e doutores. Alguns de nossos alunos fizeram graduação depois de frequentar o projeto, esse é o caso da minha mãe.

Havia algumas semanas que frequentava o projeto quando minha mãe perguntou se ela podia frequentar. Começamos então a ir juntas. Ela amou! Nas festas sempre levava os meus irmãos mais novos, que lembram até hoje dos momentos em que estiveram no PEIS. O sonho da minha mãe sempre foi fazer Pedagogia, mas como ela engravidou de mim quando estava no último ano do magistério, acabou apenas terminando o ensino básico e passou a dedicar a vida aos filhos. Passei o período gestacional acompanhando as aulas do Magistério e me tornei o mascotinho da turma da minha mãe, porque minha história com a escola já começou antes mesmo de eu nascer (risos). Ao frequentar as aulas no PEIS após décadas sem estudar, minha mãe foi se encorajando. Inscrevi nós duas no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e ficamos de olho nas vagas de Pedagogia. Fui fazer a prova junto com ela para incentivar, nessa época já estava quase acabando a primeira graduação. E deu certo! Ela realizou o sonho de fazer Pedagogia com bolsa de 100% do Programa Universidade para Todos (ProUni). Passou a dar aulas de Alfabetização no PEIS. Assim que terminou o curso, ingressou como professora no Estado e isso já tem mais de 10 anos. O tempo passa muito rápido.

Através da minha mãe, outras pessoas descobriram o PEIS e voltaram a estudar: M, F (que depois levou o marido), S (amiga de infância da minha mãe, de quando as duas moravam na Bahia), I (que também levou uma amiga), minha prima. Meu marido e o irmão dele também frequentaram um tempo. O meu marido sempre fala que para ele voltar a estudar, as aulas tem que ser que nem no PEIS, lá ele conseguia entender super bem os conteúdos trabalhados.

Em uma aula sobre migrações no século 20, fui surpreendida pela fala do seu M (o mesmo do franguinho delicioso) que relatou sua vida em uma colônia. Ele nos esclareceu como o trabalho era

organizado, como as pessoas viviam, que havia negros e italianos na fazenda onde ele morava. O conhecimento daquele homem ultrapassava qualquer texto que havia lido sobre o assunto. Fiquei encantada ao ouvi-lo falar. Ensinando e aprendendo, nós dois e todos naquela sala.

Nos anos que passei no projeto, ouvi muitas vezes a professora S dizer "Gente, registra o trabalho. É muito importante registrar." Ela não é de Campinas, acredito que mora em São Paulo e é professora na universidade. Confesso que eu pensava: "Registrar para quê? A S sempre vem com essa história de registrar.' Nossa, que pena que tem coisa que a gente demora muitos anos para entender e aprender, mesmo a pessoa mais experiente dando a dica insistentemente. Bobeei aos 20 e poucos anos. Agora registro nessa narrativa as memórias que me vem dos primeiros anos como professora, carregando já traços da docente que me tornei, com passagem pelo ensino fundamental 1, ensino médio, EJA regular e educação infantil.

Um dos meus sonhos de consumo é um dia poder rever todo esse povo em uma grande festa de encontro de ex-integrantes do projeto. Já estou no grupo de whatsapp "amigos do PEIS", mas até agora estou aguardando o grande dia em que esse encontro se efetivará. Uma história tão incrível como a do Projeto Educativo de Integração Social (PEIS) merece ser compartilhada.

A menina do IFCH se encantou pela educação libertadora, abraçou a escola e teve certeza que seria professora! Na Pedagogia foi buscar outras formas de ensinar. Descobriu a alfabetização de onde surgiu outra paixão. Essa história fica para outra narrativa porque essa já está muito comprida. A cada um que dessa história faz parte, agradeço de coração. Transformam o mundo ao transformar-se com poder da educação!

REUNIÃO DE PAIS: QUEM ACOLHE O PROFESSOR?

Fabiulla Nascimento Batista de Oliveira
Primeiro semestre de 2023

Fim de trimestre é aquela correria. Aplicação e correção de avaliações, preparação para reunião de conselho de ciclo, finalização de diário de classe, reflexão sobre o desenvolvimento de cada aluno e sobre a turma em geral. Depois de todo esse desenrolar de muitas tarefas, de conseguir fazer com que todos os alunos realizem todas as atividades avaliativas, chegamos no momento de encontrar as famílias para conversar sobre o trabalho realizado, os avanços da turma, as dificuldades encontradas ao longo do trajeto, as especificidades de cada um e a vivência coletiva.

Confesso que os fins de trimestre geram cansaço além do cotidiano, afinal os planejamentos semanais continuam, as aulas fluem normalmente e surgem tarefas adicionais. Apesar disso, vencemos a disputa contra estresse de corpo e mente e nos preparamos para receber as famílias no intuito de que nossa parceria para o avanço das crianças seja cada dia mais efetivo.

Começamos a pensar e propor dinâmicas para a reunião mais ou menos uma semana antes. Li alguns textos que traziam sugestões de momentos mais agradáveis em reuniões e pensei que para decidir o mais apropriado tinha que definir qual era o principal objetivo de oferecer alguma dinâmica diferenciada na reunião. Refleti e falei com minhas companheiras de série que a intenção era acolher as famílias, para que pais, mães e responsáveis sintam que a reunião de não é apenas um espaço passageiro para onde se deve ir apenas para marcar presença, mas um momento em que parceiros percebam a importância de seu próprio papel e do outro.

Sendo assim, a ideia era fazer novamente um café da manhã bem gostoso e receptivo (como havíamos feito ano passado, quando houve até mutirão para preparar lanchinho de pão com

mortadela) e realizar com os pais uma dinâmica que consistia em escrever uma mensagem positiva/elogio para o filho em papel que seria colado em um mural na sala de aula. O aluno chegaria na quinta-feira e já veria a mensagem deixada por seu familiar ou responsável.

Em um rico momento de trocas de saberes e experiências em meio ao caos do horário de almoço dos quintos anos, nós professoras, definimos que faríamos uma lembrancinha com bombom para os familiares, café da manhã e a dinâmica dos recadinhos que seria contextualizada com uma história sobre o voo das gaivotas, estimulando o cooperativismo, a parceria. Cada família receberia um pássaro onde escreveria e eles próprios colariam no painel. Rimos daquele momento em que decidimos tantas coisas no meio do barulho, entre as refeições das crianças. Brinquei que somos dotadas de altas habilidades, porque pessoas comuns mal conseguiriam se escutar ou mesmo se concentrar em meio a tanto barulho, mas como nós não somos pessoas comuns, somos professoras, conseguimos realizar uma reunião de emergência de tomada de decisões com sucesso.

Poucas horas depois do horário da escola já tínhamos definido o bilhetinho que acompanharia o bombom, o vídeo que ia falar sobre as gaivotas, a imagem do passarinho para ser copiada. Pensamos nas cores e tipo de papéis que usaríamos para compor o painel e as mensagens. Não sei se todos os professores estão trabalhando tão coletivamente quanto à gente, mas posso falar do grupo que trabalho o quanto estamos decidindo tudo coletivamente. A pandemia pode ter trazido muitos problemas, marcas irreparáveis na nossa história e ter nos tirado pessoas queridas, mas para o trabalho docente enxergo a pandemia como um divisor de águas extremamente positivo. Passamos a trabalhar num tempo/espaço alternativo que nos permite tudo compartilhar. Somos professores juntos.

Na segunda-feira, véspera da reunião, dei os pássaros para os alunos recortarem e avisei que seria para uma dinâmica da reunião de pais. Eles também me ajudaram a colar os papéis na parede e

coletaram folhas secas do parque para montarmos uma árvore. Após a saída dos alunos do transporte escolar, algumas alunas me ajudaram a colar as folhas, o que não foi tarefa fácil, pois as folhas grandes acabavam caindo por causa do peso, mas como eram as mais bonitas, insistimos em colá-las.

Terça-feira, 30 de maio. Cheguei cedo, organizei todos os materiais em cima da mesa. Grampeei os bombons nos bilhetinhos, deixei a lousa digital ligada, vídeo carregando, abertos os arquivos que seriam apresentados. Coloquei os saquinhos com as avaliações dos alunos em ordem alfabética para ficar mais fácil de achar na hora da reunião. Tudo preparado, fiquei ainda alguns minutos aguardando os pais com ansiedade.

Eu não gosto de reunião de pais. Sempre me sinto apreensiva, muitas coisas podem acontecer e eu não sou do tipo que responde muito bem. Tenho costume de engolir sapos, mesmo que me falte ar. Não me defendo, não me coloco, jamais reagi de forma calorosa diante de uma afronta. Em 2019 tive uma reunião de pais que foi bem difícil, mas nada comparado com a situação que se seguiu. Ano passado tinha uma aluna cujos pais já tinham feito um espetáculo à parte na reunião em outro ano e acho que só por isso eles acabaram se controlando nas reuniões de 2022, embora não se controlassem nem um pouco na forma grosseira como me tratavam via *WhatsApp*. Não que as famílias venham frequentemente com comportamentos agressivos, a maioria vem mesmo saber a situação do seu filho, se está tendo dificuldade, se se comporta bem nas aulas, como podem ajudar. No final do ano passado recebi muitos abraços calorosos de famílias agradecidas pelo avanço dos filhos.

Os poucos casos de falta de respeito, porém, marcam muito. Essa narrativa é mais uma forma de tentar liberar as emoções do que vivenciei no dia 30 de maio de 2023.

As famílias foram se achegando, fui distribuindo fichas de avaliação de desempenho, saquinhos de avaliações e bilhetes com bombons. Deixei previamente nas mesas os passarinhos de papel e autorização para que o aluno fique autorizado a ir em todos os estudos do meio do ano. Iniciei a reunião e fui falando e entregando

as coisas ao mesmo tempo com a ajuda da estagiária. Emprestei várias canetas para as famílias que não tinham levado (avisei, previamente, no grupo de *WhatsApp*, para levarem caneta) e, também, passei a lista de presença.

Aparentemente, tudo corria normalmente. Quando estava um pouco mais do meio da reunião, porém, o pai de um aluno levantou avisando que precisava sair mais cedo. Esse pai apenas tinha ido na primeira reunião, depois disso, não o vi mais até aquele dia. Nunca havia recebido nenhum bilhete no caderno daquela família, apenas uma fala via *WhatsApp* da irmã da criança, questionando de um episódio que havia acontecido. Respondi pelo mesmo canal em que fui questionada e acreditava que a questão havia sido sanada. Não tinha, portanto, nenhuma questão não resolvida com aquela família, pensava eu, mas estava enganada.

O pai virou para as outras famílias e disse que foi esquecido, naquela sala, pois todos haviam recebido materiais do filho, menos ele. Outras famílias avisaram que eu também não havia entregue suas coisas, quando, então, levantaram a mão e pediram. O pai disse que eu e a minha ajudante havíamos esquecido ele, assim como acontecia com seu filho, que estava esquecido na sala de aula. Nitidamente, havia, naquela fala, o desejo de que outras famílias concordassem com aquele discurso de que as crianças estavam sendo ESQUECIDAS na minha turma. Repetiu a palavra esquecido várias vezes. Alegou, inclusive, que seu filho tem Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), o que, aparentemente, era o motivo pelo qual ele estava reivindicando essa atenção. Nunca recebi nenhum laudo ou qualquer tipo de documento que tratasse sobre particularidades daquele aluno. É uma criança com bom desempenho nos conteúdos, a fala insistente do pai não estava fazendo muito sentido para mim. As pessoas presentes ficaram todas com ar de constrangimento. Começaram a cochichar, enquanto o pai continuava a reclamar, na frente de todos, inclusive esbravejando que ia falar com o diretor por causa do ocorrido. Peguei os documentos do filho e pedi que olhasse antes de ir embora. Depois que saiu, continuei a reunião, no mesmo

ritmo em que estava antes, me esforçando para conseguir a parceria com os pais que objetivava com aquele encontro.

Atendi até a última mãe, que saiu toda feliz em ouvir que seu filho, que tem tanta dificuldade de aprendizagem, estava avançando. Expliquei, para ela, exemplos de como realizo atividades paralelas de alfabetização, enquanto seguimos com o conteúdo do quinto ano. Ela saiu da escola disposta a procurar atendimento psicológico sugerido pela estagiária, visto que essa mãe já tenta atendimento para o filho, há muito tempo, mas o sistema precário do Sistema Único de Saúde (SUS) não permitiu que o menino recebesse qualquer tipo de acompanhamento.

Depois da última família, resolvi ir até a orientadora pedagógica saber como tinha sido a conversa com o pai. Ela não estava sabendo de nada, nem a vice diretora. O pai havia conversado apenas com o diretor, que ficou de me explicar o ocorrido com mais detalhes na quinta-feira, mas adiantou um pouco do que foi a conversa. Foi um misto de sentimentos ruins, nesse momento: frustração, raiva, tristeza, impotência. Senti minha humanidade ferida. Por que aquele pai achava que podia me expor, na frente de todo mundo, incitar os outros pais a reclamar e, ainda, ir à direção, achando que ele é que estava prejudicado? Qual o curso de Pedagogia que nos ensina a lidar com a falta de empatia, quando pelo o que lutamos, todos os dias, na sala de aula, é, justamente, colocar-se no lugar do outro? Que tão profissional ruim esse pai me considera a ponto de ir na reunião no intuito de me desestabilizar? Por que essa família nunca havia manifestado nada de dúvida ou insatisfação, até aquele momento, e, de repente, pode chegar como quem já tentou por todos os caminhos e nada resolveu?

Ao contar para minha querida companheira de trabalho, acabei desabando em lágrimas. Enquanto escrevo agora, também, choro, porque cada reviver desse momento dói um pouquinho de novo. Talvez, eu tenha que recontar, ainda, muitas vezes, para fechar as feridas. Vivo o dilema de que ser profissional não tira minha humanidade, de se magoar, de se sentir diminuída, desprotegida, frustrada. Fiquei pensando muito por esses dias

porque nós professores não temos quem nos acolha. Muitos professores são até ameaçados de morte, são atacados fisicamente. Que proteção temos nós que tanto nos engajamos pela educação?

Contamos com a empatia e a solidariedade de quem está no mesmo lugar que nós, profissionais da educação, que estão, diariamente, na escola, corpo docente e gestores, que sentem, na pele, todos os dias, os desafios desse mundo em constante mudança. Um dia, em um encontro *on-line,* enquanto estávamos na pandemia da Covid-19, em 2020, uma professora da nossa equipe disse: Ainda bem que a gente tem a gente. Eu não esqueço essa fala, porque é o que dá força nesses momentos mais difíceis. A gente pode não ter direitos garantidos, um salário digno, formação e condições adequadas de trabalho, muitas coisas… Mas a gente tem a gente e como ser professor junto divide todo fardo, mas também todas as alegrias da carreira.

Senti um apoio muito grande entre meus colegas de trabalho, que, também, considero meus amigos. Cada abraço, fala de conforto ou mesmo tempo de escuta foram muito importantes.

Acho que a luta para termos nossa humanidade reconhecida é uma luta coletiva. Enquanto um professor sofrer ameaça, for desrespeitado, na sala de aula, ou agredido fisicamente, todos nós seremos também.

ESPADA DE OGUM OU ESPADA DE SÃO JORGE?

Fabiulla Nascimento Batista de Oliveira
Segundo semestre de 2024

O desenrolar dos planejamentos pedagógicos tem vida própria, quando o trabalho do professor é livre. O planejamento é um caminho proposto, nos orienta com objetivos, mas as aventuras, as grandes e animadas descobertas, essas surgem no percurso, sem previsão, desde que estejamos atentos para nossa realidade, para as demandas que surgem. Ano passado, discuti, no seminário temático na escola sobre currículo formal, real e oculto. Acho que passar pelos três tipos de currículo é necessário, nunca ficar engessado, mas estar aberto às possibilidades, atento às circunstâncias.

Realizamos a coleta de folhas de plantas do bosque, ao lado da escola, para mapear as espécies presentes, nele, e, ao mesmo tempo, observar as características das plantas para criação de um herbário. Saímos de um lugar em que tudo era só um monte de verde para um lugar em que reconhecemos e nomeamos plantas que estão ao nosso redor. Os alunos fizeram desenhos e frases, mostrando o que eles aprenderam com aquela experiência. Das plantas observadas duas tiveram mais destaque: Maçã de elefante (principalmente, por ser exótica, com um fruto muito chamativo) e Espada de São Jorge (por reconhecerem, estar presente nas casas e, também, por lembrar a Babosa).

Dias depois, como estávamos estudando a África, resolvi me aventurar e ver se algumas daquelas plantas eram de origem africana, para, assim, fazer uma ligação entre os conteúdos de Ciências e Geografia. E não é que a Espada de São Jorge tem sua origem no continente africano? Descobri, também, que ela é, popularmente, chamada de Espada de Ogum, em alguns lugares, afinal o orixá guerreiro Ogum tem características muito próximas

do santo católico São Jorge, que teria matado um dragão e, por isso, também é considerado um importante guerreiro. Lembramos do sincretismo religioso bem presente, no Brasil, porque os povos africanos não podiam cultuar seus orixás e, assim, usavam os santos católicos para continuar com suas crenças de uma maneira que fosse aceitável para o colonizador.

Puxa, a discussão da plantinha foi longe. Por que São Jorge superou Ogum, se sua origem é no continente africano? Eis que a Carol (doutoranda que está desenvolvendo esse trabalho conosco) descobriu que há uma discussão, na taxonomia, em relação aos preconceitos presentes nos nomes científicos de muitas plantas. Os cientistas do mundo estão debruçados sobre isso. Plantas que receberam nomes que ofendem negros, mulheres e judeus. Grupos nada perseguidos ao longo da história, não é mesmo?

Dias depois dessas descobertas, eis que surgiu, na escola a nova edição da revista *Qual É*, que foi entregue para os alunos. Ao abrir, logo, na primeira página, estava lá aquela discussão: o racismo presente na taxonomia. De agora em diante, ao descobrir qualquer nova espécie de planta ou animal, o cientista deve propor um nome científico a um comitê de ética que irá decidir se o nome é apropriado ou não. O artigo faz referência ao termo *kaffra*" que foi substituído pelo termo *affra*, pois o primeiro faz referência a uma expressão ofensiva ao povo negro na África do Sul, ao passo que o novo termo é uma homenagem ao continente africano. Dessa vez, nós professoras, fomos mais ligeiras que o *Google*. Fiquei contente! Li e discuti o artigo da revista com os alunos. Falamos sobre observação/características de plantas, África e racismo, tudo junto e misturado, porque o conhecimento é transdisciplinar. Coisa de escola pública!



Autora da foto: Juliana Cristina Chaves Buldrin Baiocchi

FABIULLA EM CONVERSA COM *MAGDA APARECIDA TEODOSIO RIBEIRO*

Um papo de meninas professoras

Fabiulla Nascimento Batista de Oliveira
Segundo semestre de 2024

Último encontro em que temos, como proposta, falar sobre as narrativas de outra pessoa. Perceber os temas apontados pelo colega para estudarmos posteriormente. Pensei no dia do sorteio que tinha tido muita sorte em ter ficado por último, por ter mais tempo para ler, refletir e escrever. Quando o nome da Magda foi sorteado, então, foi uma alegria e tanto! Apesar da gente não trabalhar no mesmo segmento e nem horário, do pouco que nos encontramos, na escola, a Magda é uma pessoa da qual tenho um bom repertório. Descobri, ao sentar para realmente escrever, que não é tão simples falar de alguém de quem temos admiração. Eis que esta narrativa se torna um desafio, porque pode não conseguir transmitir os sentimentos que a constroem.

Antes de falar da obra, gostaria de falar um pouco sobre nossa narradora. De presença marcante, uma mulher preta, alta, elegante e eloquente. Mineira, lá do meião de Minas Gerais, terra que sempre foi passagem, para mim, nas idas e vindas da Bahia. Sempre que passo por Teófilo Ottoni, lembro da minha companheira de magistério. Geógrafa, atuante nos anos finais do ensino fundamental e na educação de jovens e adultos. Encabeça e abraça muitos projetos na escola. Sonha com mais projetos para, quando se aposentar. Já me convidou, inclusive, para atuar nesse pós-período de professora. Fico pensando de onde sai tanta energia e tanta potência!

Nos aproximamos, por meio do projeto Desafios em 2019. Toda quinta-feira, o grupo de cursistas ficava, depois do horário de trabalho docente coletivo, para as discussões sobre violência,

principalmente. Depois de um tempo, começamos a receber os alunos indicados pelos professores que precisavam de atendimento, devido a comportamentos apresentados em sala. Realizávamos entrevistas, a partir de uma escuta atenta para tentar ajudar esses alunos, diante da realidade que estavam vivenciando. Foi uma experiência muito rica, para mim, que só não continuei, no projeto, em 2020, porque veio a pandemia da Covid-19 e tirou todo mundo dos seus planos. Ficamos com todos os projetos parados em 2020.

Por meio do Desafios, também, tive a oportunidade de conhecer, indiretamente, o Papo de Meninas, visto que a Magda sempre conversava conosco sobre demandas e desdobramentos de lá. Dois projetos que se completam e que preenchem a nossa escola. Não consigo ver a Leão sem eles. Ano passado, como trabalhei com um quinto ano, super recomendei as alunas a participar do Papo de Meninas em 2024. Hoje, encontro, frequentemente, com minhas ex-alunas, todas empolgadas e empenhadas no projeto. Elas se reúnem toda quarta-feira, no contraturno das aulas, então, acabamos nos encontrando no período da manhã, momento em que, às vezes, também dá para trocar umas ideias com a Magda.

No dia da nossa mostra Ubuntu, perguntei, várias vezes, para as alunas se já estava na hora da apresentação do Papo de Meninas. Estava com receio de perder. No fim, tive o privilégio de fazer o registro dessa apresentação. Elas recitaram o poema Múltiplas, de Valéria Pisauro. O projeto é premiado e apresenta-se, em diferentes espaços, mostrando para a educação de Campinas o quanto é importante o empoderamento das meninas, que não são só promessas para o futuro, mas são cidadãs plenas.

Em Memórias na passarela, Magada nos revela o desejo da Escola Municipal Dr. Edson Luis Chaves (vizinha nossa) de desenvolver um projeto semelhante ao Papo de Meninas. A gestão da escola convidou e as meninas se organizaram para a apresentação. A intenção era, simplesmente, fazer uma roda de conversa, um bate papo de *responsa*, como, habitualmente, acontece, no projeto, mas um grupo tão autônomo e tão peculiar, aumentou a complexidade da situação, tornando o encontro um

parque de diversões das recordações. As meninas decidiram organizar um desfile de roupas e acessórios que tivessem significado para cada uma. No dia combinado, foram até a escola Edson Luis Chaves, reuniram-se, na sala de informática, e brilharam com seu desfile carregado de sentimentos e intensas reflexões. Assim, Magda nos relata o acontecimento:

> Consegui imaginar as emoções desse momento com a escrita de nossa narradora. Não é tão comum vermos adolescentes expressando-se dessa maneira no ambiente escolar. O ambiente escolar, científico, de prioridade do cognitivo, que busca ordem e desenvolvimento, acaba marginalizando os sentimentos, os sonhos, "aquilo que nos move" de verdade. É mais comum vermos a escola que quantifica os conhecimentos adquiridos e ranqueia os estudantes. Não é difícil entender o sucesso de um projeto como esse. Escutar as meninas, em seus momentos de alegria, tristeza, saudade, orgulho de si mesmas…compartilhar esse aglomerado de emoções com quem passa pelo mesmo processo e também com uma professora incrível, daquelas que a gente nunca esquece! (Trecho de uma das narrativas escrita pela professora Magda ao longo do nosso Projeto).

Ao ler todas as narrativas da Magda, penso que a escuta comprometida, que valoriza o sujeito que fala e sobre o que ele fala, é uma grande marca do seu trabalho. O poema "Cê mana" faz uma reflexão sobre o diálogo com os alunos sobre o ciclo dos dias letivos, o recomeçar, na segunda-feira, após o descanso de ser livre do fim de semana. Em defesa pessoal, além do relato reflexivo de toda a proposta desenvolvida, tanto com o público masculino, quanto com o feminino, ela nos traz a história de vida de uma mulher de oitenta anos que passou grande parte de sua vida, sofrendo e lutando, porque o marido, grande amor de sua vida, tornou-se alcoólatra. Mãe de nove filhos, viveu, tranquilamente, apenas, a primeira década de casada, depois, por influência do vício do marido, vivenciou momentos de brigas e vários conflitos. Magda, em sua escuta atenta e humana, nos aponta que "Aquele

momento revelava o porquê daquela aluna ter voltado para a escola. Ela estava resgatando a sua liberdade."

A narrativa Autoconhecimento nos revela M. Um jovem negro que se tornou cabeleireiro pelo esforço próprio, quebrando o ciclo da família de perder seus entes para a violência. M é, constantemente, parado pela polícia e orgulha-se de exibir os documentos, ao mesmo tempo em sente alívio por perceber que está tendo a oportunidade de fazer diferente. Não é fácil sair de um círculo de violência. Por meio do relato de M, Magda nos aponta uma importante e difícil questão, o racismo no Brasil.

> Quando passa perto de uma viatura policial, ou é abordado na rua, fato muito comum, afinal se trata de jovem negro, ele segura seu documento de identidade, erguendo-o bem alto, com um sentimento de orgulho e alívio. Lembrando-se dos tempos em que teve que fugir no passado. Essa simples ação representa não apenas seu compromisso com uma vida honesta, mas também a conquista de um futuro, em que a legalidade substitui o medo e a incerteza (Trecho da narrativa "Autoconhecimento" de autoria da professora Magda).

M é um homem negro de vinte e nove anos, acostumado a ser abordado. Lélia Gonzalez ao falar sobre a situação da juventude negra no país, aponta que

> O privilégio racial é uma característica marcante da sociedade brasileira, uma vez que o grupo branco é o grande beneficiário da exploração, especialmente da população negra. E não estamos nos referindo apenas ao capitalismo branco, mas também aos brancos sem propriedade dos meios de produção que recebem seus dividendos do racismo (Gonzalez, 2020).

Quando se trata de competir, no preenchimento de posições que implicam recompensa materiais ou simbólicas, mesmo que os negros possuam a mesma capacitação, os resultados são sempre favoráveis aos competidores brancos. E isso ocorre em todos os níveis dos diferentes segmentos sociais. O que existe, no Brasil,

efetivamente, é uma divisão racial do trabalho. Por conseguinte, não é por coincidência que a maioria, quase absoluta, da população negra brasileira faz parte da massa marginal crescente: desemprego aberto, ocupações refúgio em serviços puros, trabalho ocasional, ocupação intermitente e trabalho por temporada etc. Ora, tudo isso implica em baixíssimas condições de vida, em termos de habitação, saúde, educação etc.

Um dos mecanismos mais cruéis da situação do negro brasileiro na força de trabalho se concretiza na sistemática perseguição, opressão e violência policiais contra ele. Quando seus documentos são solicitados (fundamentalmente, a carteira profissional) e se constata que está desempregado, o negro é preso por vadiagem; em seguida, é torturado (e, muitas vezes, assassinado) e obrigado a confessar crimes que não cometeu. De acordo com a visão dos policiais brasileiros, "todo negro é um marginal até prova em contrário" (Gonzalez, 2020, p. 46).

M sente, na pele, o peso da opressão de uma sociedade, estruturalmente, racista. Magda é uma educadora que compreende o estudante, como sujeito completo, enxerga essa realidade e aplaude as conquistas do seu aluno, que, com as mãos trêmulas e o coração acelerado, escreve suas primeiras palavras na lousa, palavras estas, que significam mais do que um conjunto de letras, mas um "testemunho da sua resiliência e coragem".

Resiliência, também, encontramos na história de Ma, que, envolta em tarefas do cotidiano, nunca havia ido ao *shopping*, mesmo que este ficasse em seu trajeto diário para o trabalho. Só tinha uma ideia de como era o *shopping, por meio* dos relatos de outras pessoas e, por isso, nutria uma grande curiosidade. Marcou a data, produziu-se toda e foi realizar seu sonho. Encantou-se com as luzes, com a porta automática, as vitrines… Mas deparou-se com o desafio do novo: a escada rolante. O desafio dessa tecnologia, o constrangimento de cair, na frente das pessoas, a percepção da solidariedade de quem a ajudou, foram as impressões trazidas por Ma do seu primeiro passeio no shopping. Quantas Ma ocupam nossas salas de aulas… sobrecarregadas pelo peso da

sobrevivência, sonhadoras de uma vida melhor, esperançosas pelas conquistas com a volta aos estudos.

Magda nos fala que Ma se apropriou de uma decisão, lutou pelo seu objetivo e, ainda, estimulou os colegas da classe com a sua narrativa a não desistir dos seus sonhos, apesar das muitas dificuldades e adversidades na desafiadora leitura de mundo. Se a sala de aula não fosse esse espaço, também, de fala e escuta, Ma não dividiria sua conquista com os colegas, não multiplicaria esse estímulo à busca dos sonhos.

Não há como não citar, novamente, Paulo Freire, com a mesma fala, com a qual participei, ao dizer sobre o trabalho da companheiríssima de Magda, a Laedna. Freire (Freire, 2011) evidencia, de maneira quase poética, o quanto as trocas favorecem o aprendizado, tanto do aluno, quanto do professor, pois ambos, sendo sujeitos nas relações de aprendizagem, ensinam ao aprender e aprendem ao ensinar.

> É tarefa daqueles que sabem que pouco sabem, e, por isso, sabem que sabem algo e podem, assim, chegar a saber mais, em diálogo com aqueles que, frequentemente, pensam que nada sabem, para que estes, transformando seu saber que nada sabem em saber que pouco sabem, possam assim, igualmente, chegar a saber mais (Freire, 2011, p. 26).

Muita boniteza do pensamento freiriano, muita boniteza nas aulas de Educação de Jovens e Adultos (EJA), na EMEF/EJA Padre Leão Vallerié! Tenho que dar um viva à escola pública, mais um, não resisto. Que espaço impressionante de resistência! Carrega o peso de ser um aparelho ideológico do Estado, reprodutor e reforçador das condições materiais de existência capitalista, ao mesmo tempo que é transgressão, espaço de contestação do sistema. Maria é ouvida, é inspiração para os colegas e para a professora, que narra sua história com notável admiração.

A escuta crítica e afetiva da nossa professora mineira não se restringe aos estudantes. Na narrativa Inclusão, Magda nos relata os desafios enfrentados para a inclusão de uma aluna deficiente

auditiva no projeto Papo de Meninas. Burocracia, canseira para conquistar o direito de ter intérprete. Tempo passando e as coisas demorando para desenrolar. Pedido de troca de horário de profissionais, substituições. Muita canseira, quase derrota, mas, no fim, a empreitada deu certo e a D passou a participar dos encontros do projeto. Todo esse empenho, porque a mãe da D pediu a Magda, para que a filha, pudesse ter, também, a rica experiência no Papo de Meninas. Sua filha mais velha havia participado do projeto e foi muito importante para a formação dela. A mãe sentiu a necessidade de que a filha mais nova, também, fizesse parte do projeto e desafiou Magda, que, prontamente, foi buscar formas de garantir essa participação.

Com os colegas de trabalho, nossa geógrafa de plantão, também, mostrou que estava sempre de olhos e ouvidos atentos. Esse acontecimento, ela não registrou, em uma narrativa, mas eu o faço agora. No momento mais frágil do meu período, como professora na Padre Leão, Magda foi abrigo. Eu, desesperada, chorando de soluçar, avisei a ela que não poderia ficar no encontro do grupo de estudos, naquele dia, porque não estava bem. Ela não me deixou ir embora. Conversou, procurou entender o que aconteceu. Como uma leoa, me carregou para a sala do diretor, para conversar sobre o desenrolar daqueles acontecimentos. Lembro que eu estava com uma panela enorme na mão (acredito que a E havia levado para me devolver a panela bem nesse dia) e ela pegando a panela e colocando na mesa. "Deixa isso aí, Fabiulla, a gente vai conversar com o diretor M". Era como se ela estivesse me orientando, emocionalmente, porque eu estava tão abalada que precisei desse tipo de comando. Já, na sala do diretor, ela foi colocando o desenrolar dos acontecimentos, o quanto eu estava abalada, que aquela situação não tinha como continuar. É bom demais ter alguém com quem contar, ainda mais quando estamos vulneráveis. A Magda tem um lugar especial nas minhas memórias e na minha vida.

Em outro momento, em uma viagem que fiz à Bahia, tive a triste experiência de ver minha cidade natal e toda a região

destruída, pessoas desabrigadas, estradas fechadas. Vi raízes de árvores gigantes caídas, arrancadas pela força da água, casas com marcas de lama até o teto. Vi o rio da minha cidade invadir o centro comercial e destruir tudo o que tinha nas lojas. Vi o caos, o desespero. Nesse turbilhão de acontecimentos, presa em um paraíso tropical, sem poder visitar minha família, porque a rodovia entre Itabuna e Ilhéus ficou vários dias interditada, senti a necessidade de deixar uma contribuição para além do que eu, sozinha, poderia fazer. Recorri a uma corrente do bem. Muitas pessoas ajudaram, até pessoas que eu não conheço. Mas ouvir a voz da minha amiga mineirinha em um áudio falando o quanto a gente - a mineira e a baiana- sabe, na prática, o que é o sofrimento do povo, afinal, o povo do Vale do Jequitinhonha enfrenta as mesmas dificuldades que os nordestinos, foi um abraço ofertado de outra maneira. *Tamo junto*, Magda e seguimos na esperança de um mundo melhor para todos, ao invés de um mundo melhor apenas para alguns.

Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 57. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Organização de Flávia Rios e Márcia Lima. -1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

MEMÓRIAS NA PASSARELA

Magda Aparecida Teodosio Ribeiro[12]
Segundo semestre de 2023

Como sempre, seguimos o cronograma produzido nas duas primeiras rodas de conversa do ano letivo, no projeto #papodemenina. E lá estávamos nós, conversando sobre os próximos eventos: *Prô*, qual será o tema da próxima semana? A JM, já acelerava o processo. Abri o caderno e falei para todas: Dia do Estilo. Vão pensando e vamos conversar no grupo! Não demorou muito e algumas meninas já se aproximaram de mim, no intervalo, para falar o que estavam pensando: *Prô*, e se fizéssemos um desfile com uma roupa que tivesse um significado para nós? Poderia ser um calçado, um acessório, uma música. Uma iniciava a frase e as outras completavam. Vagueavam nas indagações! Calma, meninas. Ainda temos seis dias para pensar!… Imagine se a ansiedade e a aceleração vão permitir. Eu me questionava!

A diretora da EMEF Dr. Edson Luís Chaves, com uma professora, tinha solicitado a participação no próximo encontro. Estavam pensando em iniciar um projeto, na escola, nos moldes do #papodemenina. Senhor, como será isso? Eu já tinha pensado em todas sentadas na roda, conversando e compartilhando suas experiências, como habitualmente. Imagine!!! E as características peculiares desse grupo, jamais as abandonariam nesse dia. E o dia chegou. Assim que entrei na escola, as meninas vieram entusiasmadas, mostrar as mochilas repletas de objetos que usariam na produção do evento - roupas, calçados, maquiagens. Com palavras carinhosas e argumentos persuasivos, elas demonstravam que estavam prontas para compartilhar suas

[12] Professora de Geografia dos Anos Finais do Ensino Fundamental e da Educação de Jovens e Adultos na EMEF/EJA Padre Leão Vallerié.

memórias mais preciosas. Como se estivessem em um parque de diversões de recordações, mal podiam conter a empolgação de revelar os segredos dos seus passados.

Fomos para a sala de informática. A diretora e a professora T se acomodaram, no círculo, logo a música tomou conta do ambiente. A Beyoncé e a Anitta estavam, ali, complementando o espetáculo. A nossa orientadora pedagógica, Ju, já estava a postos, observava com um olhar atencioso para não perder nenhum movimento. E foi assim que começou…

Após muito diálogo e empurra-empurra, encorajados, decidiram quem iria iniciar. Fizeram uma fila na porta e começaram a caminhar a passos largos. Apoiavam as mãos, na cintura, viravam a cabeça, de um lado para o outro, iam e voltavam; apropriando-se daquele pequeno território transformado em palco, repleto de luz que irradiava os sonhos, por meio do tecido do tempo. No início, meio tímidas e, aos poucos, tomadas pela empolgação, já pulavam, dançavam sozinhas ou agrupadas. A emoção era indescritível! Após usufruir daquele momento ímpar, voltavam para mostrar o porquê da exposição. Expressavam com autonomia, olhos brilhantes, as tantas vozes, como melodias que buscavam harmonizar o passado e o presente. E o que nós adultas, vimos, ali, foi o privilégio de assistir a uma exibição magnífica. Um macacão que contava a alegria do último Natal em família. Um vestido de princesa, que relatava a emoção de ser daminha no casamento da tia. Um pijama que envergonhado, insistia em demonstrar o conforto de se envolver em cobertores, em uma noite fria. Uma *legging* e uma camiseta, que aproveitaram o máximo ao lado de um pai que partiu para a eternidade, no ano anterior. Um tênis surrado, que o avô deu com o seu primeiro salário de aposentado. Uma saia rosa, que saiu sozinha pela primeira vez. Uma blusa que foi ao *shopping* com as melhores amigas. Uma bolsa que foi escolhida, sozinha, com o próprio dinheiro. Pulseiras, brincos e, até um anel, presenteados por uma avó que perdeu a luta para um câncer. Um macaquinho que empoderava a sua usuária. Uma tiara reluzente da primeira

comunhão. Uma roupa comum que proporcionava liberdade. Enfim, as falas ganhavam movimento e, na passarela, transformaram-se em pluralidade da convivência.

As convidadas ficaram perplexas com a riqueza da apresentação e eu tive a oportunidade de confirmar que as memórias são a base da nossa história pessoal e desempenham um papel fundamental na nossa compreensão de quem somos e como nos relacionamos com o mundo.

DEFESA PESSOAL

Magda Aparecida Teodosio Ribeiro
Segundo Semestre de 2023

Esperávamos ansiosas pela dinâmica com as meninas que viriam à escola, ensinar defesa pessoal. Fizemos a divulgação, nas salas de aula, e foi um auê!!! E o curioso é que a maioria das meninas queria descobrir o pulo do gato, já que os meninos são sempre mais fortes. As expectativas eram gigantes!!!!

Pensamos em levar todas as meninas que estavam, na escola, para o pátio, onde iriam ser a apresentação e a dinâmica. Mas, o que faríamos com os meninos? Decidimos, então, trabalhar o mesmo tema com eles. Porém, de uma forma diferente. Um documentário que demonstrasse relatos da vida cotidiana. Das atitudes machistas de pais que, por anos, educaram seus filhos, contribuindo para a (de)formação da sua masculinidade. E que, infelizmente, foram assimiladas. E, na vida adulta, esses filhos estão reproduzindo comportamentos tóxicos nas suas relações interpessoais e, principalmente, matrimoniais.

A intencionalidade daquele momento, era levá-los a uma reflexão. Nos mobilizamos, na correria. Em menos de vinte minutos, todos os alunos estavam na sala de informática, assistindo ao Silêncio dos Homens. Como diz o Guilherme Nascimento Valadares (2019), um dos idealizadores do projeto *Papo de Homem*, que possui um portal para falar sobre masculinidade e fez uma pesquisa com mais de vinte mil pessoas para realizar a produção: Silêncio, aqui, tem sentido amplo. É emocional, verbal, social, tanto individual como coletiva. Em uma postagem, Guilherme esclareceu: O silêncio observado entre os homens não é uma grande conspiração masculina, é como fomos criados. A maioria de nós, foi treinado para sufocar o que sente, aguentar o tranco e peitar a vida, como machos. Essa era a cutucada

que precisávamos para, posteriormente, iniciarmos um debate potente.!!!

No pátio, fizemos uma roda de conversa e iniciamos com uma apresentação pessoal - nome e função de cada participante-. Logo, as palestrantes iniciaram. Foi muito interessante! Vimos meninas/mulheres que chegaram tímidas e muito envergonhadas, se mexendo, saltando das cadeiras, como elas falavam. Em seguida, já se sentiam livres para falar das agressões sofridas nos seus relacionamentos. Incrível, pois todas levantaram o braço, quando a A (palestrante) perguntou quem já sofrera violência no relacionamento!

Sem constrangimentos, ali, naquela roda de conversa, e na possibilidade de se defender, outras vidas eram manifestadas. Como se, no cotidiano da sala de aula, encenar fosse um dos critérios para conseguir se relacionar com os colegas e com os profissionais da escola. Jamais imaginaríamos que mulheres, visivelmente, satisfeitas e alegres, tivessem passados e presentes, tão marcantes, doídos, sangrentos e, por que não, tenebrosos?!!!!

Na prática, a dinâmica foi exigente! Aprenderam que, além da percepção aguçada mantida durante o conflito, os movimentos têm que ser precisos para imobilizar o agressor. Não é um contexto tão simples, como na teledramaturgia!

Além da necessidade de estar no controle da situação, sabemos que, no momento do conflito, não conseguimos gerenciar nossas emoções. Mas valeu a pena! As meninas se voluntariaram no treinamento. As táticas eram envolventes e objetivas. Aos poucos, foi perceptível o avanço no interesse e na disciplina no desenvolvimento da dinâmica. Elas saíam do tatame exultantes, confiantes, realizadas, apresentando autoconfiança, empoderamento e certas de que o amanhã será um novo dia. E que, até, poderiam passar por situações de violência. Mas, agora, seria diferente! Afinal, receberam a tão sonhada noção de defesa pessoal. Era claro, em cada rosto, cada gesto, cada comentário, como: Se eu tivesse conhecimento dessas técnicas, não teria passado por tanto sofrimento!

A aluna mais experiente da nossa escola chegou a mencionar: Professora, isso é muito importante! Deveria ter uma professora dessa matéria em cada escola. As meninas ficam sofrendo aí na mão de macho, não pensam que podem ter uma vida diferente! Concordei com ela. Sabedoria popular, na experiência de uma mulher de oitenta anos.

Voltamos para a sala de aula. Elas estavam eufóricas! Cada uma tinha um relato a fazer. Os meninos já haviam voltado também. Não queriam, naquele momento, falar sobre a experiência deles. Foi nítido, que o documentário incomodou. Forçados a sair da zona de conforto, transparecia uma certa inveja da animação e disposição das meninas. Perguntei como foi a atividade, e alguns falaram bem pouco do tema. Mas acharam importante! Retomaremos o assunto, no momento oportuno!

A aluna mais experiente da nossa escola, pediu para falar: Professora, eu estava, lá, na roda, pensando na vida das mulheres. Como somos ingênuas!!! Eu queria falar do meu casamento. Um momento tão importante na vida e que vai entornando de um jeito, que a gente nem percebe! Deixe-me contar o meu calvário. Assim, ela começou:

Conheci um belo rapaz quando eu era Mocinha (esse era o meu apelido). Ele estava dentro dos moldes que o meu pai exigia: honesto, trabalhador, respeitoso, de família boa. Era uma beleza! E ainda cheirava… como gostei daquele rapaz. Ele, com dezoito anos, e eu, com vinte. Não me importava com a diferença de idade. Se bem que ele não falava muito, mas gostava de mim. Fiquei apaixonada! Era tão bom, quando ele segurava na minha cintura e falava como eu estava bonita. Ele gostava dos vestidos rodados que eu vestia. Não eram muitos, mas o de florzinha e o de bolinha eram os que mais chamavam a atenção dele. E como eu queria agradar aquele homem!!! Até parei de falar em estudar. Um sonho de infância que não consegui realizar. Descobri que ele não gostava da ideia.

O tempo foi passando, o amor foi aumentando e o meu pai achava que já estávamos muito grudados e que era melhor eu me

casar para não ficar falada. Imagina, naquela época, qualquer fofoca antes de casar, já nascia uma puta! Eu não poderia desonrar o meu pai, a minha família. E nem eu! Mas era coisa da cabeça dos meus pais. O homem nem falava direito. Só me olhava e eu já me sentia. Queria muito que ele fosse o pai dos meus filhos. E assim aconteceu ... casamos!

Os primeiros dez anos foram maravilhosos! Cheios de dificuldades, mas a gente se amava. E dava conta de tudo, os filhos foram chegando! Vingaram nove. Que orgulho! Eles sempre foram muito bons. Um presente de Deus! Mas, infelizmente, ganhei uma concorrente. Uma maldita que entrou na minha vida e não saiu mais. Aí, eu não tive mais o meu marido só para mim e meus filhos. Tive que dividir com ela (a cachaça). Ficou muito difícil a convivência. Sem ela, ele era um bom homem. Mas não estava mais conseguindo viver sem ela. O meu filho mais velho até colocou ele em uma clínica para acabar com aquela relação. Não adiantou muita coisa. Foi sair de lá e ele já ia para os bares atrás dela. E nossa vida virou um inferno!

Decidi me separar dele. Ele fazia promessas e, depois, continuava a me trair. Era uma loucura. Mandei-o dormir no quarto dos fundos. Não adiantava muito. Ele chegava com ela e brigávamos. Nos agredíamos! Eu chorava, reclamava, amaldiçoava. Mas, quando ele estava sozinho, lá estava eu me perdendo nos braços dele. E foi assim por mais vinte anos, vivemos entre tapas e beijos. Até que um dia, ele jogou querosene em mim e disse que iria acabar com aquela perturbação. Foi horrível! Ele chegou a riscar o fósforo. Meus filhos avançaram em nós e eu fiquei fora de mim. Fui para cima dele e pedia para ele me matar logo. Ele não teve coragem. E os meninos gritavam: Para com isso, Mãe. Ele está bêbado! Eu não queria nem saber. E é por isso que eu falo: se eu soubesse dessa defesa, antes, ele jamais teria encostado as mãos em mim. Naquele momento, percebi que eu tinha perdido. Que o meu casamento tinha acabado.

Passaram-se alguns anos, pouco contato mantínhamos. Falávamos só o necessário e ficamos assim! Ele adoeceu,

permanecendo mais tempo no hospital que no quarto dos fundos. Os meninos ajudavam no que ele precisava.

Em uma tarde ensolarada de domingo, deitei para descansar um pouco! Percebi uma movimentação nos fundos. Logo, a minha filha chegou gritando no meu quarto: Mãe, vai lá, o Pai está te chamando! Levantei e fui ver o que era. Ele estava deitado embaixo de uma coberta surrada, esticou o pescoço e falou bem baixinho: Mocinha, eu acho que vou embora. Nem sei o que dizer para você! Olhei bem nos olhos dele e falei: Pois eu sei. Você foi a minha maior desgraça, mas também foi o meu maior amor. Siga o seu caminho! Foi assim que ele se despediu da vida.

E ela continuou com o relato: Sabe professora, não desejo essa vida para ninguém! Ser explorada, abusada, violentada, ninguém merece.! Apesar dos meus oitenta anos, posso ser um exemplo para as alunas mais novas. Falam que as mulheres têm que ter voz. Mas eu acho que temos que ter é atitude. Hoje, eu sou uma mulher feliz, faço o que eu quero. -Olha eu aqui!

Aquele momento, revelava o porquê de aquela aluna ter voltado para a escola. Ela estava resgatando a sua liberdade. O seu direito de ir e vir, negado, até então, por uma sociedade machista e preconceituosa.

Referência

VALADARES, Guilherme Nascimento (idealizador). **O Silêncio dos Homens** [documentário]. Direção: Ian Leite & Luíza de Castro. Produção: Monstro Filmes / Instituto PdH. Brasil, 2019.

AUTOCONHECIMENTO

Magda Aparecida Teodosio Ribeiro
Segundo semestre de 2023

Na periferia de uma metrópole, onde a esperança, muitas vezes, parecia distante, vivia um jovem chamado M. Sua jornada de vida estava repleta de desafios e vulnerabilidades, que poucos poderiam imaginar. No entanto, o que torna a sua história notável não é apenas a adversidade que ele enfrentou, mas a resiliência, coragem e força que o levara a uma incrível transformação.

Hoje, com vinte e nove anos, M decidiu embarcar em uma nova jornada, frequentando a Educação de Jovens e Adultos noturna, para aprender a escrever e a ler - um sonho" -. Seu desejo por conhecimento e habilidades literárias é alimentado por uma profunda sede de explorar novos horizontes e uma determinação inabalável em superar as adversidades que marcaram sua vida.

M não se limitou à sua busca por conhecimento, apenas, na escola. Ele, também, tentou aprender a cortar cabelo por conta própria, vendo, nisso, uma oportunidade de adquirir uma profissão. Foi assim que conseguiu um dinheiro e comprou uma tesoura, um pente e uma maquininha no camelô. Pensava o tempo todo: Não repetirei a história dos meus tios e do meu irmão. Quero fazer a diferença. Apesar de não receber nenhum apoio!

Seus primeiros passos na área, foram marcados por tentativas e erros. Como disse M: Fiz muita merda na cabeça dos outros… Mas, sua determinação nunca vacilou. Foi quando, em um momento crucial da sua jornada, ele cruzou o caminho de uma pessoa bondosa, alguém disposto a lhe dar uma oportunidade de aprender e trabalhar. Essa pessoa não apenas compartilhou seus conhecimentos, mas também acreditou no seu potencial, oferecendo-lhe um meio de transformar sua paixão em uma carreira profissional.

Mesmo enfrentando o desafio de, ainda, não dominar a leitura e a escrita, M encontrou uma fonte de felicidade no fato de ter escolhido um caminho longe do mundo do crime. Sua vida foi marcada por tragédias, incluindo a perda de familiares queridos para a violência. No entanto, ele não permitiu que a escuridão do passado o consumisse. Em vez disso, encontrou conforto e satisfação em seu trabalho no salão, onde pode se dedicar ao que mais gosta: cortar cabelo. Essa jornada é uma prova da sua resiliência e força extraordinárias, demonstrando que, mesmo nas circunstâncias mais difíceis, é possível construir um futuro luminoso.

As lembranças do passado são como um combustível constante para ele, especialmente, as memórias carinhosas da sua avó, que o criou com amor e dedicação, até 2016, quando a morte os separou bruscamente. Ela sempre deu o seu melhor para ele, e as lições de vida que transmitiu, ainda, ecoam em seu coração. Cada vez que ele enfrenta um obstáculo ou se sente desafiado, se lembra do amor e do sacrifício da sua avó, usando essas lembranças, como inspiração, para continuar seguindo em frente com retidão e honestidade.

Quando passa perto de uma viatura policial, ou é abordado, na rua, fato muito comum, afinal se trata de jovem negro, ele segura seu documento de identidade, erguendo-o bem alto, com um sentimento de orgulho e alívio. Lembrando-se dos tempos em que teve que fugir no passado. Essa simples ação representa não apenas seu compromisso com uma vida honesta, mas também a conquista de um futuro, no qual a legalidade substitui o medo e a incerteza.

Para M, o retorno à sala de aula representa um grande passo, uma jornada repleta de significado e potencial. Aprender a ler e a escrever é o domínio de uma habilidade fundamental, que abrirá as portas para um mundo de oportunidades. Cada dia esse ambiente de aprendizado, proporciona-lhe crescimento, evolução e um caminho que, outrora, parecia inalcançável.

Em uma noite muito fria, após o delicioso jantar que a V, cozinheira muito querida, acabava de servir, M chegou à sala de

aula, determinado a escrever na lousa a lição que ele fizera em casa. Ele caminhou, lentamente, até o quadro, uma mistura de nervosismo e empolgação dançando em seus olhos, segurou o giz com as mãos trêmulas, seu coração batendo forte, falou: Será que vou conseguir?!!! Com cada traço hesitante, ele começou a escrever suas primeiras palavras, a turma observando com respeito e admiração, pois era visível a sua emoção e satisfação. As letras que surgiam no quadro eram mais do que meras palavras, eram a materialização de anos de esforço, um testemunho da sua resiliência e coragem. O sorriso que iluminava seu rosto, enquanto ele terminava, era a expressão pura de uma conquista incrível, uma jornada de aprendizado que ninguém jamais esquecerá.



Autora da foto: Kátia Guimarães

MAGDA EM CONVERSA COM
JONATHAN HENRIQUE SEMMLER
Diálogo com um Jovem professor

Magda Aparecida Teodosio Ribeiro
Segundo semestre de 2024

O cotidiano de um professor, sempre perpassa por jornadas exigentes e comprometedoras. Refletir sobre o motivo que nos leva a escolher essa profissão é uma questão complexa que nos obriga a reavaliar nossa postura diariamente. Logo, penso que você, Jonathan, já está nesse exercício! Então, vamos iniciar a nossa prosa???

No Salto para Dentro, Pulo para Fora, você menciona a possibilidade de

> fazer ser o cotidiano escolar, a instituição de delírios que nos forçam sonhar, que nos permitam existir, que façam das aulas ministradas o momento de estesia do conhecimento, banhado pela sabedoria da experiência. E que a doutrina defendida seja uma doutrina que busque o sentido mais ancestral e vivo da educação: um fazer colocar para fora aquilo que está ou foi colocado para dentro, para promover e projetar a descoberta do mundo (Trecho de uma das narrativas escritas pelo professor Jonathan ao longo do nosso Projeto).

Busquei alguns escritores, educadores e autores que pudessem me auxiliar na ponte que possibilitasse o acesso à realização desse momento de estesia. Como professora de geografia, decidi partir da estação em que estamos, apesar das altas temperaturas apresentadas nos últimos meses. Pensando na Primavera Silenciosa, onde a Rachel Carson (1970) desencadeou um debate social sobre o uso de pesticidas químicos, a responsabilidade da ciência e os limites do progresso tecnológico, lá, em 1962, na sociedade estadunidense, com o mesmo Medo e Ousadia, que nos propôs Paulo Freire (Freire; Shor,

1986), empoderar e desenvolver mecanismos para uma luta na perspectiva de uma educação libertadora e emancipatória. Torna-se, assim, um dever ressignificar esse cotidiano escolar.

Nesse contexto do cotidiano, Michel Foucault (2013) explora como as estruturas de poder e disciplina moldam nossas ações, comportamentos e até pensamentos, influenciando o que parece ser normal ou natural no dia a dia. Nessas instituições, como a escola, o cotidiano dos sujeitos é organizado para garantir que sigam normas e regras sem resistência. Embora Foucault (2013), não veja o cotidiano, como algo neutro ou, simplesmente, dado, mas como um campo, em que as relações de poder estão sempre em jogo. E que, apesar do cotidiano ser moldado por sistemas disciplinares, normalização e controle, também, pode ser um espaço de resistência e subversão. Vamos à luta, companheiro! Esperamos que a resistência possa ou deva ser fomentada e desenvolvida, na sala de aula, não podemos permitir que as escolas matem os artistas. Como você, Jonathan, ratificou: Nós precisamos promover a liberdade criativa e caótica dos artistas, permitindo a ruptura pela criatividade. E quanta criatividade, não jovem?! Temos alunos que pensam, por meio dos pincéis nas telas frias que são aquecidas pelo imaginário juvenil. Dos papéis que, de nervuras em nervuras, concluem-se grandiosas dobraduras. Nos passos da dança, revelando o rap, o samba, o rock, o axé e, porque não, o *funk*?!!! Um aluno com talentos ou interesses nas artes, contribui, de várias maneiras, para o ambiente educacional e para a sua própria formação pessoal. E descrevendo o nosso escritor em comum, Jaques Rancière (2007), no Mestre ignorante, retrata que a emancipação que buscamos ou pretendemos buscar na nossa prática pedagógica, abre uma ruptura com a lógica de todas as pedagogias. A prática dos pedagogos se apoia na oposição da ciência e da ignorância. Eles se distinguem pelos meios escolhidos para tornar sábio o ignorante: "métodos duros ou suaves, tradicionais ou modernos, passivos ou ativos, mas cujo rendimento se pode comparar" (Rancière, 2007). Ainda nessa perspectiva, Paulo Freire, em Pedagogia da Autonomia (1996), demonstra que o educador progressista, democrático e

emancipador, tem, como dever, reforçar a capacidade crítica do aluno, trabalhando a rigorosidade metódica, implicando não só em ensinar os conteúdos curriculares, mas ensinar a pensar certo. E pensar certo é ter a mente aberta, não considerando estar, demasiadamente, correto em tudo. Viver em constante exercício da pesquisa para conhecer o que, ainda, não conhece e indagar a respeito do que pensa conhecer. Acredito que a escrita de uma narrativa do cotidiano escolar, já favorece um pontapé inicial para nos conectar com esse vasto campo da pesquisa.

Ao narrar, Entre Eros e Horácio, além da característica do esquecimento dos professores Jonathan e a Laedna (mãe da EJA), ou melhor dizendo, "das memórias involuntárias de esquecimentos breves", você traz um conceito bonito que muito foi explorado no filme Sociedade dos Poetas Mortos e que teve a sua origem no mundo romano, quando, no império em decadência, a regra deveria ser *Carpe Diem* - Aproveite o Dia -. Não sabemos o que virá amanhã. E o conceito, curiosamente, justifica a vida laboriosa do aluno W (da EJA), que desejando ser, aproveita todas as oportunidades, fazendo da aula uma potência de conhecimento, ensino e aprendizagem. Usufruindo a expressão *Carpe Diem*, com a profundidade que ela carece. Talvez, até involuntariamente, ele mergulha na educação emancipadora, não só sendo receptor de informações, mas coautor do conhecimento proposto por você e fundamentado por Paulo Freire. Essa participação ativa é fundamental para a formação de cidadãos conscientes, capazes de questionar e transformar o mundo ao seu redor.

Em seguida, na narrativa Árvores do Campo Grande, você traz a ascendência e a característica aguerrida da MR, que sofrera vários Acidentes Vasculares Cerebrais (AVCs), chegando a uma situação de gravidade diversas vezes. Entretanto, as suas raízes fortes e fincadas em solo familiar, nos proporcionou o deleite de tê-la, como aluna da EJA na Padre Leão Vallerié.

Ah, Jonathan… você teve a percepção, por meio da MR, que ser árvore é marcar o tempo com a temporalidade da experiência e não se curvar aos submundos das tempestades. Pois ter raízes é ser

árvore, ser árvore é ser resiliente. Isso, a MR trouxe para a sala de aula e, lá, ela encontrou você, um adubo poderoso que colaborou com o seu arvorejar, possibilitando-a florir e frutificar, para além das estruturas educacionais, para o verbo viver…

No Cheiro da Massinha, visitamos o seu primeiro espaço educacional institucionalizado. A escola do Jô - e como ela cheirava! - Ele expressa o início dos desafios da socialização. Nos leva para a década de 1990, quando estudava na pré-escola e era habitante de Charqueada. Cidadezinha que vivenciava o charme de contar com apenas quatorze mil habitantes, aproximadamente, no interior de São Paulo.

Apesar de externar os cheiros e os afetos, com um prazer adocicado na narrativa, demonstrou, também, a tristeza da personagem do seu primeiro livro, uma cebola triste com todas as suas camadas e sua identificação com ela. Menciona a vida difícil, o trabalho pesado dos pais e o sonho do futuro. Transita pela adolescência e reencontra a tristeza na despedida da pureza do cheiro da massinha. Já conseguia perceber o peso da vida adulta e o aumento das responsabilidades. Com a introdução dos novos conhecimentos, se afastava, gradativamente, da sensação agradável do cheiro da massinha. Entretanto, via a possibilidade da construção de sonhos, por meio da modelagem intelectual. Embora, o cheirinho ficasse no estado memorial das camadas da saudade, a preocupação da vida adulta foi chegando com a complexidade que lhe é peculiar, mas, também, resgatando viabilidades para desenvolver tessituras na confecção de sonhos que materializassem o desejo de modelar o mundo.

Quantos afetos, cheiros, lembranças!!!!

Enfim, para chegarmos, aqui, e pensar em um processo avaliativo desse *estado sensorial na educação infantil*, recorro a outro educador e filósofo que também nasceu na pequena cidade de Charqueada - cidade do Jô - o Cipriano Luckesi (2011). Ele propõe uma visão transformadora da avaliação, que vai além da atribuição de notas e classificações. Ele defende uma avaliação formativa, contínua, ética e emancipadora, que promova o desenvolvimento

integral do aluno, valorizando o processo de aprendizagem, em vez de focar nos resultados. Propõe uma prática voltada para o crescimento e a superação de dificuldades. Avaliar, segundo Luckesi (2011), não deve ser um ato de julgar ou punir, mas sim de cuidar, orientar e motivar. Pensando nesse cuidado que o aluno deve receber, na sala de aula, venho problematizar com algo que me inquietou nesse momento de idas e vindas na leitura das narrativas. Por que sabendo que os cheiros são carregados de afetos, carinhos, memórias e significados intensos, permitimos que eles permaneçam povoando as nossas recordações e não proporcionamos encontros valorosos com eles, com o conteúdo curricular, no decorrer do processo educativo???

Ao final da narrativa da massinha, você relata: O cheiro das massinhas tem mesmo seus afetos. As camadas das cebolas, também… E, no fim, é tudo fluidez. Pelo panorama que nos apresenta o mundo, nesse momento, concordo com você. E, no fim, é tudo fluidez!

Quem faz essa análise e traz, como pensamento central, o conceito de fluidez da vida, é o sociólogo Zygmund Bauman (2007). Ele aborda a ideia de que, na sociedade moderna, tudo se torna cada vez mais incerto, efêmero e flexível, incluindo as relações humanas, as identidades e, até mesmo, as instituições sociais. Segundo Bauman (2007), nesta era líquida, as pessoas são forçadas a adaptar-se, constantemente, a novas condições e circunstâncias. As mudanças são tão rápidas, fazendo com que a vida seja percebida como um fluxo contínuo, sem um ponto de estabilidade ou de segurança duradoura.

Concordo com o Bauman (2007), também! Tudo é muito rápido e o tempo que temos na sala de aula, durante os cinquenta minutos, pode ser pouco, quando o tema é agradável e nos afeta. Ao contrário, lamentavelmente, passa a ser insuportável e cansativo, quando o assunto transparece enfadonho no rosto do aluno. Entretanto, a sala de aula é o lugar. Lugar de fala, de escuta, de aprender, de ensinar, de compartilhar, de socializar, de contar, de emancipação, de democratização, de chorar, de sorrir, de resistir. Independente do

tempo que ficamos ou passamos por lá. Quanta riqueza podemos mencionar!!!!!

Saiba, meu jovem, que muitos sonhos estão sendo concretizados. Muitos sujeitos estão se preparando para a descoberta do mundo, auxiliados com o seu saber. Talvez, o cheiro da massinha tenha sofrido alterações, ao passar pelo forno e se transformar em uma saborosa pizza ou um bolo de fubá, como aquele servido no Café com Leitura da Laedna. Mas o importante dessa magia do ensinar e aprender no cotidiano escolar é que você está, realmente, permitindo que o pulo para fora, traga o conhecimento e a experiência que você colocou para dentro, ao longo dessas três décadas. Orgulho do Sr. Gerson e da Sra. Fabiana Semnler, seus pais. É assim, meu jovem! E quem diria que o Jô de Charqueada, se fez Jesus para a molecada?

Finalizando a nossa prosa, espero que eu tenha colaborado para esse fazer reflexivo que tanto admiro.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

CARSON, Rachel. **Primavera silenciosa.** Tradução de Rachel de Queiroz. 1. ed. Rio de Janeiro: Difel, 1970.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 42. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 1. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e ousadia**: o cotidiano do professor. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem**: proposta e prática. 17. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante**: cinco lições sobre a emancipação intelectual. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

CAMPO GRANDE

Jonathan Henrique Semmler[13]
Segundo semestre de 2023

À MR
do Leão do Campo Grande,
Campinas

MR participava, até semestre passado, das aulas de Português da EJA Leão do Campo Grande, às segundas-feiras; isso, quando, ainda, era um Jacarandá. Agora, que se transformou em Primavera, cresceu e passou a ir às aulas em outro dia.

MR, da Primavera do Leão do Campo Grande, agora, participa das aulas de Português da EJA Leão às quintas-feiras, e parece, para todos, bem mais disposta a enfrentar esse novo momento de vida transformada. Não há nada como uma metamorfose!

Quando, ainda, era um Jacarandá - é assim que acontece a transformação das estações semestrais na EMEF/EJA Padre Leão Vallerié, uma floresta do Campo Grande, onde os alunos não crescem em números, mas em árvores.

Quando, ainda, era um Jacarandá, MR confidenciou para as outras mudas da sala um conjunto de histórias e a única resposta que todos conseguiram oferecer para ela foi: Que mulher porreta você, hein, menina?!

Nessa floresta de metamorfoses - de criar florestas transfiguradas em conhecimentos que se movem pela metrópole nos arredores do Campo Grande - MR nos confidenciou a ancestralidade dela. Contou a história dela.

---

[13] Professor de Língua Portuguesa dos Anos Finais do Ensino Fundamental e da Educação de Jovens e Adultos na EMEF/EJA Padre Leão Vallerié.

Ano passado, MR sofreu com diversos AVCs e quase morreu diversas vezes. Atualmente, faz fisioterapia, fonoaudiologia e não consegue trabalhar. Por destino, MR tem raízes fortes fincadas em uma rede de apoio familiar.

A recuperação da MR é inacreditável. Já fala muito bem, embora com alguma dificuldade. Consegue entender as coisas, embora com certa calmaria no pensamento. MR tem seu tempo.

MR exerce, intelectualmente, o trabalho de ser uma desbravadora dos mundos que se abrem aos submundos. Com força heroica, defende aonde ela quer ir e onde ela quer ficar. Particularmente, costumo ser fã das pessoas que enfrentam os impositivos, embora para marcar o seu lugar no mundo.MR me lembra da ideia de sermos árvores. Um certo poeta maravilhoso, que não sou eu, falou sobre isso. Certa vez, levei às de Jacarandás do Leão do Campo Grande, o Manoel de Barros, o tal poeta, para falar com eles sobre a vida e sobre as árvores.

Sumariamente, todos os meus alunos fizeram cara de quem chupou limão verde e disseram que detestaram os poemas. Fizeram isso, porque queriam falar de amor. E vejam que falta de sensibilidade a minha: mal sabia eu que estava, na verdade, cercado de mudas de árvores do Jardim das Delícias. Não reparava, até aquele momento, que estava cercado de trovadores.

No rol dos poetas brasileiros, Drummond seria um equivocado para os meus alunos da Leão. No poema sobre os Sobreviventes, ele afirma - imaginem essa bobagem! - que o último trovador morreu, em 1914, provavelmente, em alguma trincheira da guerra. Uma pena o Drummond não conhecer o Campo Grande, nem poder trocar um momento de conversa com as mudas crescidas do Leão.

Rapidamente, joguei com cuidado o Manoel em um canto da mesa e embebedei meus alunos de Florbela Espanca, Camões e Vinícius de Moraes, sacando um outro livro de dentro da mochila. Eis, aqui, um fascínio da EJA: sempre precisamos ter, na mochila da experiência, umas cartas na manga.

Manoel de Barros é um poeta brasileiro de alta grandeza no *status* dos escritores de poesia nacional. Fala muito das árvores, do Pantanal, e nos leva a ver a vida como que pela sensação de estarmos protegidos no quintal da casa da vó. Seguros dos medos, protegidos pelos bolinhos de chuva, longe da vida assassina dos excessos e perto da ancestralidade das histórias de família.

Quando a sala de aula se torna um quintal de vó - e esse esforço tremendo só faz sentido para os que dividem essa ancestralidade - os vínculos de transmissão de humanidade são criados e somos capazes de transformar tudo em um Jardim de Delícias, diria melhor: em um Campo Grande.

É curiosa essa experiência ancestral de fazermo-nos voltar às raízes e ao cotidiano. Enfim, voltarmos para a vida. Nesse retorno, MR, Manoel, os Trovadores, as Mudas de futuras Primaveras projetam-se com a nitidez de um *ecrã* em 4K.

A vida se veste de cores tão belas, tão nítidas, tão claras, que a retina não é capaz de captá-las todas, mas é capaz de senti-las todas. Fincar raízes e proteger-se com bolinhos de chuva é ser árvore. E ser árvore é marcar o tempo com a temporalidade da experiência e forçar qualquer pessoa medrosa dos anos de ser capaz de vê-los com a força de não se curvar às tempestades. Ter raiz é ser árvore, e ser árvore é ser forte, e ser forte é ser uma MR.

CHEIRO DA MASSINHA

Jonathan Henrique Semmler
Primeiro semestre de 2024

À M,
Professora.

Os cheiros têm, em si, muitos afetos. Isso, porque afetam nosso corpo para criar ou trazer memórias. Especialmente, os cheiros que são bons.

Toda criança tem uma primeira escola, a escola da infância, época de descoberta do mundo pela descoberta do corpo.

A primeira escola era cheirosa.

O ano era, na década de 1990, em um período conhecido como pré-escola, a escola antes da escola, como se isso fosse possível para alguém.

Naquela época, na pequena cidade cercada pelos limites do mundo, então, com seus mais de quatorze mil habitantes, as crianças, na pré-escola, aprendiam a escrever.

Tem aí uma lembrança engraçada misturando as letras e os cheiros, o que os poetas chamariam de sinestesia. O primeiro livro lido inteiro, por mim, do começo ao fim, era a história de uma cebola triste. E ela era triste porque vivia sozinha, visto que, pelo seu excesso de camadas e cheiro ácido, faziam as pessoas chorar; e, por isso, se afastavam.

Já criança, na pré-escola, eu ficava pensativo. Um pouco triste, também. Afastar-se das pessoas pela acidez do cheiro era até compreensível, mas, agora, afastar-se por conta das camadas… Qual o sentido disso? Uma cebola com perfume mais doce sofreria com esses problemas?

Mas o cheiro tem suas memórias e seus afetos. Havia, na escola, um cheiro doce, perfumado, colorido, tátil. Esse cheiro fez

parte da atmosfera dessa escola por muitos anos até deixar de existir. Era o cheiro da massinha de modelar.

Talvez, esse cheiro fosse a contrapartida de um outro mais desagradável, o de cimento misturado com água, usado para a construção da casinha, onde eu quase morava. Vida difícil, pais muito jovens e já casados, trabalhando sempre pesado. E, com todos esses pesares, o tempo da educação que vinha de casa ensinava muito.

Mas o cheiro da massinha tem suas memórias e tem seus afetos.

As aulas da escola antes da escola - se é que isso existe - eram perfumadas por ele, embora a gente pudesse brincar pouco com as modelagens. Com as massinhas, acho que eu inovava e construía casinhas coloridas. E, com o cheiro doce, o sonho futuro.

Esse cheiro ia e voltava, passava pelo nariz, e pelas mãos, e pelo olhar com forças diferentes, conforme evoluía a vida. Na escola da adolescência, hoje, dos anos finais, esse cheiro de massinha não existia mais, porque ficou na da infância.

E como é triste essa despedida da pureza do cheiro da massinha. A vida se transformava, as responsabilidades aumentavam, e as camadas, antes, doces ficam cada vez mais complexas - e mais ácidas.

Mas o cheiro da massinha tem as suas memórias e os seus afetos.

As novas aulas, sem o perfume dele, ainda, tinham seu encanto. As contas, as letras, as sintaxes substituíam o cheiro da massinha; ou pelo menos tentavam, mas não tinham tanto sucesso. Gostoso mesmo é construir casinhas, porque é como construir sonhos.

Conforme o tempo fluía, como ele foi feito para ser, o cheirinho ficava, cada vez mais devorado da realidade sensível e, cada vez mais distante da memória, ganhando uma camada de saudades.

Na escola do ensino médio, preparado para a vida adulta, foi tudo muito médio, tal qual essa escola da média adolescência se comprometia em ser. Agora, meio criança meio jovem, eu tinha

notas médias, participação média, presença média, convivência média.

Era difícil manter o tal foco, quando as casinhas de massinhas de modelar da infância ganham agora as palavras nos livros didáticos. Matemática é até interessante, mas não era a ponto de ser um olhar de Capitu. Ou um deboche de Brás Cubas. Ou uma sensação de *spleen* sensível só nos poemas do Baudelaire.

Mas o cheiro da massinha tem suas memórias e os seus afetos.

Os perfumes foram mudando, perdendo seu cheiro doce e ganhando um cheiro mais ácido, tal qual a consciência da vida quando ela surge. As notas, as médias, o vestibular, as dissertações argumentativas, substituíram a cheirosa massinha, mas não o desejo de modelar o mundo, de modelar os sonhos.

Conforme o tempo foi passando e a monotonia desejável da vida adulta ganhando camada, aquela criança que brincava com as massinhas de modelar sonhos não se tornou engenheiro ou arquiteto de prédios - lidar com cimento sempre foi um problema; deixou de ser massa e virou matemática.

Aquela criança, em algum momento, percebeu até que era uma cebola: trazia, em si, as camadas da vida - e muitas delas de fazer chorar - mas um perfume gostoso para aqueles que entendem que a acidez se resolve com o calor da água quente que flui pelas gentilezas dos gestos.

No fim, é isso.

O cheiro das massinhas tem mesmo suas memórias.

O cheiro da massinha tem mesmo os seus afetos.

As camadas das cebolas, também, porque é só descascando a vida que chegamos ao interior cheiroso das metáforas.

HÁ ESCOLAS QUE MATAM OS ARTISTAS

Jonathan Henrique Semmler
Segundo semestre de 2023

À LR
de Rio Claro

No meio de uma troca de aula, recebi uma pedrada. Foi uma aluna que atirou.

Foi durante essa troca de aula que a LR me abordou para comentar sobre um evento promovido pela escola para reconhecer os alunos artistas. Confessou-me as inseguranças de apresentar para os colegas - conhecidos e desconhecidos - e para as famílias. A pergunta da LR retumbou na minha cabeça a semana toda com a violência de um pêndulo sobre o fim do mundo, arrebentando o metal barulhento e irritante, provocando os hipersensíveis aos barulhos repetitivos.

- Professor, é verdade que tem horas que as escolas matam os artistas, não é? É tão triste isso! - disse a LR sem saber do tamanho da pedra lançada no meu vazio existencial de professor que gosta dos artistas e tenta libertá-los da gaiola da insensibilidade.

Fiquei pensando sobre isso a semana toda. Até chegar o evento no sábado, onde pude trazer uma singela reflexão sobre isso.

Existe - e espero que vocês concordem comigo! - um inferno pessoal na vida dos artistas, já que eles são sempre, como diria Drummond, o último dos trovadores, já que eles são sempre os últimos que defendem a sensibilidade, mesmo na pior das situações.

O Drummond fala sobre isso em um poema sobre a guerra. Ele afirma que o último trovador (no caso, um sujeito dotado de sensibilidade), morreu, em 1914, em uma trincheira de guerra. Mas

a sensibilidade, talvez, tenha entrado em estado de suspensão momentânea.

E eu sempre me pergunto: por que será que ele morreu? Por que será que os artistas são mortos aos poucos pelo excesso de falta de sensibilidade?

Acho que, talvez, isso seja o primeiro caminho do desafio do artista de inscrever a existência dele no mundo.

Vou trazer, rapidamente, uma historinha: o nosso poeta homenageado da noite, Dante Alighieri, foi ele quem criou *A Divina Comédia*, uma obra que não só revolucionou a literatura em sua tradição, mas também fundou o italiano literário / padrão / poético e inscreveu a Itália para todo o sempre no pensamento universal do ocidente. E uma das consequências dessa obra, para o poeta, foi o exílio dele.

Dante foi expulso de Florença, porque os poderosos - pares de Dante, também um político poderoso - ficaram incomodados pelo fato de o poeta ter colocado, no inferno, todos os males do período. Sabem quais eram esses males? A corrupção de Florença, as mentiras que corriam por Roma, os excessos dos vícios que podem fazer mal, a venda de relíquias mentirosas da igreja e a moralidade mentirosa da época.

Agora pensem comigo: a consequência do escritor foi o exílio do artista. Imaginem: o considerado maior poeta da Itália pelos últimos setecentos anos – isso, porque não tivemos mais setecentos anos ainda - foi exilado dentro do próprio país e pelos próprios italianos! Incoerente, não é mesmo?

Mas acho que Florença e a Itália, como um todo, resolveram esse problema. É um truísmo admitir a importância desse país para o Renascimento e para as referências estéticas de toda uma sociedade pelos mesmos últimos setecentos anos. E acredito que o mundo, tem horas, se abre mal aos artistas, pois, normalmente, o mundo defende o tedioso, o chato, o cansativo e o burocrático, como um agir correto, enquanto o caos da criatividade é silenciado em meio a relatórios e semanários.

E aí matamos ou perdemos os artistas. O aluno artista - O ARTISTA! - é aquele que traz a anormalidade da beleza, do incômodo, da angústia e promove o belo - o que, como sabem os nossos estudantes, é o que provoca e não necessariamente traz o que é bonito. Na arte, a beleza é tão fantástica, quanto a feiura do grotesco.

Nós precisamos promover a liberdade criativa e caótica dos artistas, permitindo a ruptura pela criatividade. Nós temos, e isso nos orgulha, muitos artistas no colégio e nas escolas. Temos alunos que pensam lindamente pelo pincel, que cria formas sobre as telas, pelos dedos que tocam melodias ao piano, pela voz que vai pelo microfone, movendo almas e corações, pelas palavras que viram discursos, poemas e canções. Só precisamos fazer disso uma tradição. E reconhecer os artistas, motivando-os a ser artistas!

Pessoas podem dizer que isso é bobagem, porque há outras coisas mais importantes para priorizar, como gramática, matemática, física etc. Mas é sempre bom lembrar de novas histórias! Conto-lhes abaixo:

Luis de Camões, o maior poeta lusitano pelos últimos quinhentos anos, era estudioso de gramática, navegação e de astronomia, essenciais para a sobrevivência náutica. Leonardo Da Vinci era estudioso de anatomia, arquitetura, engenharia e pintura; e revolucionário da arte. Guimarães Rosa era médico, diplomata, estudioso de biologia e poliglota. Goethe era advogado… e foi o escritor que revolucionou a literatura nos séculos XVIII e XIX com Werther e Fausto.

Todos tinham sua vida burocrática. Mas todos tinham em comum o quê? Acho que o desejo da vontade de vida; da vontade de fazer tudo de modo poético, apaixonado e belo. De tentar um algo a mais para além da felicidade de cumprir os prazos e as burocracias.

Um sujeito preocupado com o tempo não lida com a vileza dos prazos semanais, quando o seu principal sonho é alcançar a eternidade na memória das pessoas que vivem o mundo. Nós

somos aqueles que precisam ser capazes de ver, de fora, a grandeza da vida e oferecer para a grandeza da vida um sentido.

Por isso, é necessário um pedido - com muito carinho: permitam-se conceder aos artistas desejar o mundo.

AMOR É COMO CRIANÇA

Jonathan Henrique Semmler
Primeiro semestre de 2025

À Dona T
do Pudim de Leite
na EMEF/EJA
Sylvia Simões Magro

Dona T sabe ler - mas ela não sabe que sabe ler.

As delicadas mãos de uma avó cuidadosa mexem o lápis, dizendo aos professores que a certeza dela é a da incapacidade.

Todo movimento dos lápis e dos dedos dizem, para quem sabe ler os gestos, um grandioso não sei. O primeiro aviso foi simples:

- Eu não sei escrever; as letras, aqui, ficam perdidinhas. A Diretora falou para eu não desistir, então, eu estou aqui. - disse-nos, na primeira aula.

Ouvidos atentos, desejos a postos, trabalho em início.

O receio de Dona T pareceu manhoso e de uma teimosia que precisava ser modelada, reordenada, recriada. A insegurança dela estava na feiura das letrinhas confusas.

Faltava-lhe a forma, porque o redondinho da grafia inglesa não aparecia como ela desejava. Faltava-lhe a bela letra, a caligrafia, a boa letra (*καλή γραφή* - em grego).

Ela não queria escrever, porque, faminta de alguma coisa que não sabíamos do que se tratava, comia as letrinhas para formar os sons. Ela precisava aprender a ouvir, e nós precisávamos aprender a dialogar com o tempo da Dona T - a escutá-la.

Ela não queria falar com a voz. Queria falar com o lápis. Esse som silencioso que grita, ao pressionar do jeito certo o lápis e a brigar com as palavras até elas conseguirem dizer o que Dona T queria dizer sem que precisasse se explicar.

Dizer é difícil, quando precisamos escrever. Todo mundo sabe disso, mas não sabe que sabe disso.

Dia desses, tivemos aula de xilogravura. Mas, em vez de madeira, usamos EVA. O Professor R tem essa mania de brincar com materiais e mudar o princípio grego das coisas. Da madeira, *ξύλο*, foi para EVA, mas manteve a gravura.

Nessas horas, os professores aprenderam, na atividade de artes, a chegar à própria beleza da escuta, cuja apoteose aconteceu no fim de uma sexta-feira gelada.

Dona T, ao ir embora, conversou, confidenciosamente, rapidinho, com a Professora Á, que, como boa ouvinte, a escutou.

- Que bom que a gente tem esses professores. Muito obrigada - disse Dona T.

- Agradeço pelo carinho - respondeu a professora.

- Sabe que a gente é igual criança, né? Precisa de paciência, de calma, porque a gente entende devagarzinho, mas entende.

Dona T, já curiosa e ousada, aprendeu na raiz da experiência um provérbio que estudamos na aula passada: Amor é como criança: precisa de muito carinho.

Com muito carinho, temos calma e aprendemos, juntos, a desafinar com a beleza do amor pelo que fazemos e, assim, a conquistarmos a nossa bela e boa canção.



Autora da foto: Juliana Cristina Chaves Buldrin Baiocchi

JONATHAN EM CONVERSA COM *CARLOS HENRIQUE CALLEGARI COPPI*

Jonathan Henrique Semmler
Primeiro semestre de 2025

As conversas com o Carlos não são de ocasião, mas de oportunidade. Nas leituras que fiz dos textos escritos por ele, uma imagem recorrente me surgiu: a de preocupação. Carlos é um homem preocupado. Não no sentido paranoico da palavra, mas no de quem se (pré)ocupa em cuidar das coisas para que elas saiam bem, com fluidez e beleza. Ele é artista nas aulas de Arte e artista nas oportunidades que a escola oferece.

Lembro-me de uma vez em que ele falou sobre C, seu filho. Há, em Carlos, um brilho no olhar, ao pensar nas coisas, como se pensa em um filho: com o cuidado de proteger as infâncias e as primeiras vezes. Foi isso que percebi em suas leituras. Essa sinceridade em zelar pelos detalhes, em mexer nos modelos, em transformar a si e a escola em um processo simbiótico. Ler Carlos é descobrir que o professor é a escola e a escola é professora.

Conversar com os textos de Carlos permitiu-me, também, descobrir um exercício de sensibilidade e cuidado com o outro. Na história Das Primeiras Vezes, a minha favorita, C é tanto filho, quanto símbolo. É o começar e o recomeçar do zero.

O zero, aqui, não é um ponto de inércia, mas um lugar de força e progresso. O curioso, nessas histórias, é descobrir as temporalidades que ele promove no contato com o filho, que aprendeu a não usar mais fraldas, enquanto ele, Carlos, aprendeu a ser feliz com essa grande conquista.

É, também, descobrir o desafiador cargo da Coordenação de Ciclo, no qual as fraldas da docência precisam ser tiradas para aprender a lidar sozinho com os professores, as questões

pedagógicas e as aulas em meio às cobranças. Mas é, na sala de aula, que Carlos, verdadeiramente, acontece.

Isso fica claro em todos os momentos das suas narrativas. É, ali, que os alunos experimentam o diferente, a sujeira, a arte, o inimaginável, o criativo. É, na sala de aula, que ele provoca a inteligência dos alunos para que se tornem engenheiros elétricos, promovam o novo, o inovador, e tragam luz para as próprias vidas.

E é, também, na sala de aula, que ele descobre, pela primeira vez, como as emoções nos ensinam e como precisamos aprender com elas. A crescer com elas. A estabelecer um marco zero para um novo Carlos que está por vir. Enfim, posso dizer que conversar com Carlos é conversar com um professor-pai-coordenador-humano de múltiplos e sensíveis atributos, que nos permite ver a vida na docência e a docência na vida

DAS PRIMEIRAS VEZES

Carlos Henrique Callegari Coppi[14]
Primeiro semestre de 2024

2024 começou como um ano de primeiras vezes para mim.

A *primeira* primeira vez foi logo no início do ano, quando, pela primeira vez, meu filho dormiu um período da tarde sem usar fraldas; da primeira vez, também, foi quando ele fez xixi de pé, na frente do vaso sanitário, sem ajuda de ninguém. Só quem é pai sabe a alegria disso. Pulo da vida pessoal para a vida escolar.

Em fevereiro, pela primeira vez, assumi a coordenação de ciclo da escola. Ciclo III, Sexto e Sétimo anos. No ano passado, eu até desempenhei algumas funções desse cargo, mas, agora, é oficial. Sempre que penso nessas questões de cargos, de hierarquia, isso mexe comigo, pois envolve demandar aos meus colegas professores e, claro, responder pelas ações que faço em parceria com a gestão. O medo da crítica, ou de prejudicar quem está comigo na escola, é grande e, em um primeiro momento, nos anos anteriores, isso me afastou da ideia de pleitear tal vaga. Somado a isso, o fato de precisar participar de reuniões noturnas por conta da função, me tirava da cabeça a coordenação, pois trata-se do único horário em que posso curtir meu filho e dividir a responsabilidade com minha esposa. Mas é isso. Encarei, por entender que o momento era favorável (e, absolutamente, necessário), e, agora, estou me desdobrando com questões burocráticas e, algumas poucas vezes, com questões pedagógicas. Nisso, me debruçarei depois.

---

[14] Professor Adjunto de Artes dos Anos Finais do Ensino Fundamental e da Educação de Jovens e Adultos na EMEF/EJA Padre Leão Vallerié / Espaço Concórdia.

Na escola, ainda, pela primeira vez, proporcionei a primeira vez em alguma coisa aos meus alunos. Na EJA, minhas vovós nunca tinham mexido com tanto material de arte como no dia em que levei minha bolsa azul jeans à aula. Nessa bolsa, carrego giz pastel seco, oleoso; tintas (aquarela e acrílica); lápis de cor aquarelável; nanquim; pincéis; canetas diferentonas… E dei tudo nas mãos enrugadas das vovós e vovôs. A ideia era, justamente, a exploração, a sujeira que faz um pedacinho de carvão no papel (e nas mãos); o mesmo com o giz pastel seco. Não pedi nada específico, naquele primeiro momento, mas solicitei que elas e eles manipulassem e experimentassem aquilo tudo. Qual material suja mais? Qual tinta é mais transparente, ou, quanto de água eu uso em uma aquarela para clarear, ou escurecer minha pintura? Lápis aquarelável dá o mesmo efeito da tinta? E o nanquim, como é possível aquele preto intenso se tornar cinza? A produção foi variada naquele dia e, após a confiança que foram adquirindo com tais materiais, as(os) estudantes começaram a criar eles próprios suas composições. Em se tratando de planejamento de aula, nesse semestre, ainda, trabalharei com a produção de tintas com eles, então, experimentar antes, para mim, é fundamental.

E, agora, na escola, ainda, uma primeira vez não tão boa ou gratificante. Desde que entrei, na prefeitura, nunca vivenciei o luto por algum colega de trabalho. R, cuja voz era mansa e baixinha, quando a colocava para fora, prendia minha atenção; professor de História, antigo dono de livraria, o homem parecia um oráculo falando, sempre com riqueza de detalhes, sempre com a humildade de quem tem muito o que falar, mas compartilhava, só quando aparecia a oportunidade. R e eu não éramos amigos no sentido máximo da palavra, mas era aquele que sempre perguntava do meu filho, sempre comentava: como tá grande! E sempre sorria com algum vídeo que eu mostrava a ele. Ele se foi, após uma série de eventos que lhe foram debilitando. Não éramos amigos a ponto de tocarmos nesse assunto, mas ele estava buscando se aposentar, já havia cumprido tudo aquilo que o sistema exigia dele, mas se foi sem a chance de aproveitar o descanso merecido. Não éramos

amigos, então, não sei em que pé tal aposentadoria estava, mas, a contragosto dele - pois sei que ele não suportava isso - sentia pena de vê-lo trabalhando tanto (em três escolas nesse início de ano). Via-me nele nesse aspecto. Vou precisar trabalhar quanto para descansar? Aliás, vou descansar?

O que me passa é que, das primeiras vezes de tudo, esse luto foi intenso. Foi de supetão e, para essa primeira vez, a gente nunca está preparado. Pensei em um trecho de música do Emicida (2013) em que ele diz (referenciando seu pai) que "sente saudades não do que viveu, mas do que poderia ter vivido". Hoje, sentados à mesa da sala dos professores, contaria ao Rafael que o Caetano, meu filho, *tá* fazendo xixi em pé. Agora, só vou pensar nisso.

Referência

EMICIDA. **Crisântemo** (feat. Dona Jacira). Álbum: O Glorioso Retorno de Quem Nunca Esteve Aqui. São Paulo: Laboratório Fantasma, 2013. Música gravada em 2013.

QUANDO O M. A. FEZ UM CIRCUITO ELÉTRICO

Carlos Henrique Callegari Coppi
Primeiro semestre de 2024

A EJA proporciona momentos, realmente, fantásticos na vida do professor, não é? Se não concorda, "prepare o seu coração para as coisas que eu vou contar" (Vandré; Barros, 1966).

Como parte do meu planejamento na disciplina de Artes, comecei o ano, falando com os estudantes sobre cores e como nós a percebemos. Iniciamos a conversa, experimentando materiais diversos de artes, como giz pastel oleoso, pastel seco; aquarela; guache, e, dessa experimentação, concluímos que materiais diferentes produzem resultados diversos no papel; misturas que são feitas de forma rápida com guache e pincel, precisam de dedos que sujem o que foi rabiscado com pastel seco; nanquim, quando diluído em água, produz tons de cinza que, se bem organizados, viram um belo degradê. Feito isso, eles aprenderam que, em um círculo cromático, temos cores primárias, secundárias e terciárias e que tudo se cria, a partir da mistura.

E, rapaz jovem, esperto demais, durante uma das aulas, mandou essa: Mas professor, se você disse que a luz branca do Sol possui todas as cores do arco-íris, porque, quando eu misturo todas as cores das tintas, eu não crio o branco? Então, o negócio começou a se desenhar. Quando falamos de tintas, temos os pigmentos que a compõem e que, portanto, vão se comportar como pigmentos. Misturando as cores primárias (azul, vermelho e amarelo), ao invés do branco esperado, obtemos o preto, ou um cinza bem escuro. Então, de onde vem o branco? Para responder o E, naquela ocasião, falei que o branco é obtido de pigmentos naturais, formados em processos que levaram milhares de anos para acontecer (chamados óxidos de chumbo, de zinco, de titânio, por exemplo) e que ele não

surgiria, a partir de misturas como as que estávamos fazendo. Mas, e aí? Aí que surge a figura do MA.

Percebi que para responder o E com mais propriedade, precisaria de algum aparato que servisse para misturar luzes, igual ou semelhante ao usado pelo Iberê Thenório na Imagem 1, isso, porque, quando falamos de luz, as cores primárias já não são mais aquelas que usamos nas tintas; na combinação e mistura de luz, as primárias serão o vermelho, o azul e o verde. A saber, em nossos olhos, temos células chamadas cones que são responsáveis por captar, justamente, esses três comprimentos de onda; a partir dessa captura, tais células, variando nas misturas das três cores, criam as cores que observamos ao nosso redor.

Quando estávamos nos aproximando do fim da aula, comentei com o MA que eu precisaria aprender a fazer um circuito elétrico com três bocais para colocar, em cada um, uma lâmpada de cada uma das cores mencionadas. Ele, já mais velho, um tanto arqueado, com sua voz suave, mas grave, disse: *Fêssor, eu sou pedreiro. Sei fazer isso aí que o senhor quer. Posso fazer para a próxima aula.*

Paulo Freire pula no céu, vibrando com essa fala. Ora, se a leitura do mundo precede a leitura da palavra, o que MA trouxe foi todo o mundo que ele dominava (e domina) e que, a mim, no meu ler e escrever, faltava. Na minha pressa em responder E, pensei, até, em procurar vídeos no *YouTube* para aprender a fazer tal circuito elétrico, sem saber se daria certo, se atenderia ao que eu precisava; na minha pressa, esqueci de jogar para a sala se alguém saberia fazer. E foi, ali, na conversa, despretensiosamente, que MA já assumiu a bronca e se comprometeu a fazer. Dito e feito.

Na semana seguinte, o aparelho, ali, já funcionando, pleno, pronto para ser utilizado em sala. As lâmpadas, eu comprei depois. E vejam só como funciona bem!

Ao colocarmos as lâmpadas coloridas, percebemos que as sombras projetadas dos objetos ao redor adquirem cores diferentes: ciano, magenta e amarelo; quando aproximamos um objeto de uma superfície branca, as tais três cores vão se misturando em vermelho e azul/roxo, e, por fim, na ausência de luz, temos o preto; por outro

lado, quando afastamos tal objeto, as luzes vermelha, verde e azul deixam o ambiente todo branco. Está aí a diferença, E.



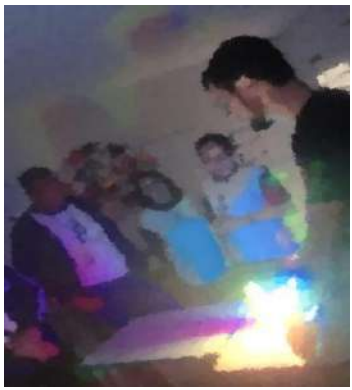



Imagem 1, 2 e 3: Iberê Thenório em Manual do Mundo (Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=J72tAwjjDF8) e Imagem 4: Em sala de aula, da esquerda para a direita, com MA, Ed e I

Referência

VANDRÉ, Geraldo; BARROS, Théo de. **Disparada.** Intérprete: Jair Rodrigues. São Paulo: RCA Victor, 1966. Disco de vinil.

DAS PRIMEIRAS VEZES (PARTE 2)

Carlos Henrique Callegari Coppi
Segundo semestre de 2024

Foi em uma sexta-feira que explodi, pela primeira vez, no ano, esmurrei a lousa branca, quebrando-a. Para uma primeira vez dessa, no final do ano, olha, talvez, seja lucro, mas nada justifica tal ação. Não o farei, então, contudo vou contextualizar.

Pela primeira vez, na vida, passei por um divórcio. Aliás, estou passando, e isso tem me consumido de uma forma absurda. Embora estejamos, eu e minha ex-esposa, conversando e nos respeitando, nesse período, fato é que a cabeça não anda lá essas coisas. O fato de eu não verbalizar muito daquilo que eu sinto impactou nossa relação e, quando há tanta coisa acumulada, parece que uma gota já transborda o copo; foi isso o que me aconteceu. Naquela semana, quinta de noite, começamos a discutir por mensagens de áudio; trocamos farpas e jogamos na cara um do outro algumas coisas entaladas. A gente não digere esse banquete em uma sentada, diga-se de passagem, então, acordei, na sexta, com muita coisa por dizer e muito irritado também. Havia tomado chuva e pedi para trocar minha primeira aula com outro professor que ali já estava. Ele topou. Sequei meus pés, troquei de roupa e, na segunda aula, entrei na sala. Nessa troca de aulas, dois estudantes jovens da EJA saíram da sala; saíram e, lá pelas tantas, outra estudante veio me falar que eles estavam brigando com alguém. Saí em disparada. Encontrei os dois voltando para a sala e dei um esporro neles sem abrir brecha para ouvir o que havia, de fato, acontecido. Nem havia começado minha aula, ainda, sabe? Já estava nesse ponto. Me excedi muito com eles e não permiti que eles entrassem na minha sala. Tirano.

Quando fui começar - finalmente - a aula, uma das estudantes mais velhas percebeu que faríamos um ensaio e, por consequência,

barulho na sala. Pediu licença e saiu da sala. Isso me derrubou. Segunda vez que ela me faz isso, como se fosse algo insuportável (nunca foi). Ela levantou, saiu, foi para a outra sala de aula e eu fiquei passado; nisso, brotaram lágrimas nos olhos e comecei a chorar em sala. Foi aí que saí do papel de professor e voltei a ser humano (dá para dissociar uma coisa da outra? Não sei). Sei que eles me viram, ali, exposto, humano, frágil e vieram me abraçar. Consolaram. Expliquei para eles pelo que estava passando, sobre o divórcio, sobre o que estava sentindo; eles todos ouviram e, de certa forma, dar a aula, depois disso, foi muito tranquilo. Se eu fizesse isso com maior frequência, eu teria mais sucesso nas aulas?

De cabeça calma, chamei de volta os dois meninos. Eles sentaram nas cadeiras e eu ajoelhei na frente deles. Pedi desculpas. Falei que estava com a cabeça cheia, que havia sido estúpido com eles e que aquilo não se repetiria. Gozadamente, disseram que "foi de boa"; "nem pareceu que o fêssor tava puto". Veja só a violência com a qual os meninos lidam e naturalizam…

Na outra sala, falei com os outros estudantes sobre minha situação. Eles ouviram, aumentaram a conversa, dizendo das suas relações com maridos e esposas também. Disseram que são coisas da vida e que vão rezar pelo meu casamento. Um dos meus colegas professores estava na sala nessa ocasião. Ele não se pronunciou, mas, depois, veio falar comigo sobre a vivência dele em relação ao divórcio com sua ex-esposa. Disse que estaria, lá, para me ouvir e trocar comigo essas sensações todas.

Ao final da aula, após o almoço, seu MA, aquele que me fez o circuito elétrico para a aula de cores, ele chegou perto de mim, perguntou o nome da minha esposa e, com as mesmas mãos calejadas do tempo e do fazer de pedreiro, repousou-a, delicadamente, na minha cabeça, perguntando se poderia orar por mim e por ela. Disse algumas palavras.

Amém.



Autora da foto: Juliana Cristina Chaves Buldrin Baiocchi

JULIANA BAIOCCHI EM CONVERSA COM
LEILA MUNHOZ SILVA
Otimismo da vontade: um manifesto

Juliana Cristina Chaves Buldrin Baiocchi
Segundo semestre de 2024 (revisitada no primeiro semestre de 2025)

Na tentativa de traduzir como me vi/senti, ao ler as narrativas da professora e amiga Leila Munhoz Silva, que proponho discorrer nas linhas que seguem, como um caleidoscópio, que pretende registrar diferentes dimensões capturadas em um lindo jogo de luz que produz imagens refletidas, a partir de diferentes formas, cores e sensações.

O olhar crítico, reflexivo, indagador da professora, diante de tantas questões vivenciadas no cotidiano escolar, nos convida a reafirmar nosso compromisso ético e responsivo com a educação pública. Como um manifesto em defesa da escola pública, suas narrativas são apresentadas, apontando dilemas, contradições, desafios, a partir de problematizações importantes que nos levam sempre à reflexão de como é possível, apesar das pedras no caminho, transcender, resistir, re-existir…

Me enxergo na jovem professora que se orgulha da profissão, que não se resigna, que se movimenta, diante dos dilemas, que ressignifica, cotidianamente, sua prática. O exercício ontológico, dialógico freireano nos conecta. Muitas das suas considerações me levam a imagens do início de minha formação, quando, ainda, adolescente, me encontrei com a ideia de "ser mais" (Freire, 1996) e, logo adiante, no exercício da profissão, fui construindo sentidos, como um ser de incompletude que se experiencia em processos de vir a ser.

Diante da consciência dessa incompletude, é, no otimismo da vontade, que a amiga professora Leila abriga seu posicionamento no mundo, quando, muitas vezes, sem saída ou, quando o

desânimo assola, recupera forças no coletivo. No outro, com o outro, pelo outro, consegue ser ela:

> Não tem como ficar travada na primeira parte daquela frase "O pessimismo da inteligência..." Porque vejo resultados, vejo união, vejo revolução, transgressão, vejo persistência, vejo compromisso profissional e ético, vejo pesquisa, vejo dedicação... É o otimismo da vontade que nos move. Que nos move para uma ação consciente, não ingênua. Crítica e cheia de vontade de fazer diferente (Trecho da narrativa "Pessimismo da Inteligência e Otimismo da Vontade" de autoria da professora Leila).

Nas palavras da professora ecoam princípios que mobilizam as finalidades históricas da educação em uma dimensão coletiva e transformadora, como aponta Caldart (2023), que considera a escola, como um espaço de relações para a formação humana. Leila compartilha desejos, sonhos e utopias que mobilizam, em mim, sentimentos de esperança na educação, no ser humano, na vida. Com ela, sinto que não estou só; com ela, sempre é possível sentir a força do coletivo.

Imagens de quando estava em sala de aula povoaram meus pensamentos, à medida que essa professora ia narrando sobre sua construção, como professora. Quando ia conversando consigo mesma na análise do que escrevera em seus portfólios na graduação e suas práticas atuais, como professora:

> A proposta das salas temáticas conversa bastante com esse novo olhar da aula de ciências e matemática. E também da importância do outro na construção do conhecimento. Estamos replicando essa experiência da separação das tintas e eu nem lembrava que já tinha visto isso algum dia. Nesta narrativa de 2008, algum professor do curso grifou a parte do "aluno encontrar a solução sozinho". Acredito que não fomos claras o suficiente e ficou parecendo que o construtivismo é somente deixar o aluno fazer tudo sozinho. E sabemos que não é bem assim. A sala temática é uma proposta que envolve várias turmas e várias disciplinas. Foi um desafio elaborar essa proposta, mas esse "fazer pedagógico diferente" está nos dando

> muito prazer também. (Trecho da narrativa "Primeiro Semestre de 2008 e 2024 - Conversando com Narrativas Antigas" de autoria da professora Leila).

Produzir conhecimento com os estudantes, prazer que, também, pude experienciar e que abriga grandes e bonitas memórias da minha docência. Leila nos sinaliza que forma é conteúdo e que é possível repensar os modos de construção de aulas em que a relação com o conhecimento, entre docente e discente, faça sentido para ambos. É a professora que não se conforma com a rigidez do ordenamento curricular, abrindo espaços para a criação e autoria docente, como aponta Arroyo (2013), e consegue alargar *espaçostempos* na construção de fazeres pedagógicos diferentes, para uma educação emancipadora.

Educação que se faz em comunhão, junto com as subjetividades de cada um e cada uma. A respeito disso, consigo enxergar, nas formas de acolhimento e nas marcas de pertencimento, o grande papel dessa professora na constituição desse lugar escola.

Leila agrega e congrega todos com simplicidade e amorosidade. Quando discorre sobre chegadas e partidas, em uma das suas narrativas, descreve bem o poder do encontro. A imagem de quando cheguei à escola, como orientadora pedagógica, e a forma com que fui recepcionada por ela e pelo grupo, nunca será esquecida. Acabava de sair da sala de aula e, agora, teria uma outra função, a qual já havia vivenciado em outra rede de ensino, com experiências não tão receptivas. Senti que, ali, poderia viver uma outra experiência em que o lugar de gestão não tivesse sido tão impregnado da construção hierárquica. Posso me constituir professora-orientadora pedagógica na EMEF/EJA Padre Leão Vallerié, porque a Leila e todos os docentes me acolheram, no entendimento de que uma escola se constrói coletivamente. Quando Leila fala sobre a despedida da querida vice-diretora M, expressa com generosidade e reconhecimento histórico a importância das pessoas na construção de uma escola:

> Tudo isso me faz pensar como a identidade da escola se constitui das pessoas que fazem parte dela. Paulo Freire já dizia: "Não se trata só de prédios, salas, quadros, Programas, horários, conceitos... Escola é, sobretudo, gente. Gente que trabalha, que estuda, que alegra, se conhece, se estima ..." A EMEF/EJA Padre Leão Vallerié é feita daquelas primeiras pessoas que ergueram os seus tijolos, aqueles que escreveram lições na parede sem lousa, aqueles que levavam cadeiras para se sentarem, aqueles que persistiram em trabalhar em uma escola longe com difícil acesso, que participaram de greves e manifestações, que toparam gerir uma escola grande e cheia de desafios, professores que, diariamente, querem dar o máximo e o melhor sempre. A escola tem o jeitinho de um, a pegada do outro, o olhar do fulano, a personalidade do ciclano...e essa identidade é sólida (e está em transformação constante ao mesmo tempo). Uma identidade reconhecida de longe, até por quem não nos conhece de perto. (Trecho de uma das narrativas escritas pela professora Leila ao longo do nosso Projeto).

Como seres históricos e sociais, fazemos história e construímos identidades na relação com os outros. Relação que pode ser de amorosidade, nas palavras de Bakhtin (2017), somente o amor pode ser esteticamente produtivo, somente em correlação com quem se ama é possível a plenitude da diversidade. Posso dizer que as marcas da Leão em cada uma e cada um são profundas, porque atingem o lugar dos afetos. Em tempos de avanço do processo de desumanização que se dá pela via da individualização, competição e coisificação dos sujeitos, o estabelecimento de relações fragilizadas são marcas dessa sociedade capitalista neoliberal. Mas nos propomos, como sugere Caldart (2023), na contramão desse sistema, a partir da concepção de formação humana, pensar o acolhimento humano, como parte do trabalho educativo. Trabalho que é construído, cotidianamente, articulado às reflexões sobre as práticas, a partir dos princípios educativos. Um Projeto Político-Pedagógico compartilhado e vivido que reverbera e extrapola os muros da escola.

A esse respeito, Leila relata, em uma das suas narrativas, sobre a importância de compartilhar o que fazemos em nossa escola. Apesar da insegurança de falar, em outros espaços, sobre práticas que podem ser consideradas comuns, há o reconhecimento do que fazemos, como algo potente, algo que vale a pena ser socializado.

> Somente, quando saímos do nosso território, é que percebemos outras realidades e conseguimos ter uma dimensão maior do trabalho realizado e, nesse caso, me sentir mais orgulhosa e, assim, mais confiante para compartilhar tudo o que temos feito. Não temos a fórmula mágica da educação e nem fazemos nada muito inovador e pioneiro, porém, quando avaliamos nossa prática, fazemos um comparativo da gente com a gente mesmo, e conseguimos observar um grande avanço no que diz respeito ao planejamento, organização pedagógica, coletividade e trabalho por projetos. E percebo que são esses fatores que chamam atenção daqueles que ouviram nossas apresentações. Além do fato de que temos um grupo que compartilha muitos objetivos e ideais, e que, de certa forma, topa enfrentar novos desafios juntos (Trecho de uma das narrativas escritas pela professora Leila ao longo do nosso Projeto).

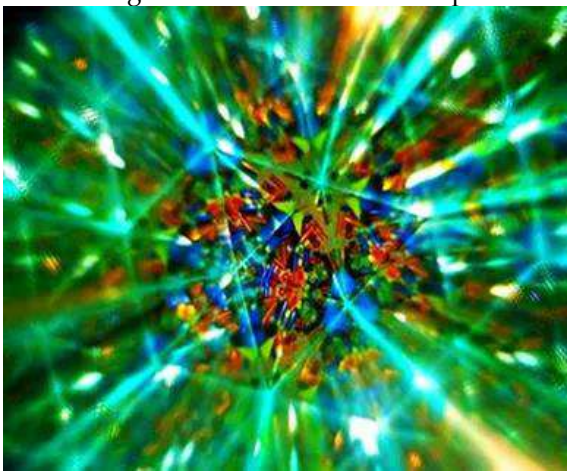
Compartilha, também, como se vê, como professora, em que acredita e o que espera:

> Sou professora, porque acredito que a educação pode dar oportunidade de escolhas. Quero que meus alunos possam ter escolhas na vida. Quero que tenham sonhos grandiosos, ou pequenos, se assim quiserem, que sejam ou tenham isso ou aquilo, mas que escolham. Que possam ter possibilidades de escolha, neste mundo, e que sejam plenamente felizes. A felicidade e a superação desses alunos da periferia, já são, por si só, uma afronta para a sociedade. É um ato de revolução. Acho que, aqui, estamos em sintonia. Queremos que nossos alunos possam ter tudo aquilo que quiserem. E que sejam capazes de querer mais do que acham que podem. (Trecho da narrativa "Primeiro Semestre de 2008 e 2024 - Conversando com Narrativas Antigas" de autoria da professora Leila).

A crença na educação, como possibilidade de transformação social, e a busca pela aproximação do discurso às práticas que podem ser potentes mobilizam Leila, assim como me afetam também. Para além da visão romântica da educação, Leila expressa em ato político o seu fazer e nos convida a refletir, a partir do pessimismo da razão, a transcender, por meio de um otimismo que nos revela humanos e, por isso, em processos de construção de nossos atos.

Leila me ajudou a pensar sobre as dores, as pedras no caminho, os desafios, mas também e, principalmente, me fez sentir orgulho da profissão, da escola pública, me chamou à luta, a sentir que a vida é movimento, e a reafirmar, como em um manifesto, que o que ela (a vida) espera de nós, como bem disse Guimarães Rosa (1956), é coragem!

Imagem vista de um caleidoscópio



(Fonte: https://educador.brasilescola.uol.com.br/estrategias-ensino/caleidoscopio.htm)

Referências

ARROYO, Miguel G. **Currículo**: território em disputa. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

BAKHTIN, Mikhail. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. Org., trad., posf. e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2017.
CALDART, Roseli Salete. **Sobre as tarefas educativas da escola e a atualidade**. São Paulo: Expressão Popular, 2023.
FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz & Terra, 1996.
ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão**: Veredas. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956.

SOBRE A BELEZA DO INESPERADO

Leila Munhoz Silva[15]
Primeiro semestre de 2023

Era para ser uma sexta-feira normal. Eu seguiria o planejamento e passaria as seis aulas com os alunos, pois era um dia sem janela. O começo do dia já dava indícios de que essa ideia inicial não iria vingar, pois logo precisei sair da sala e separar os jogos para o projeto monitoria, enquanto os alunos finalizavam uma tarefa. Nesse momento, conversando com a vice-diretora e com a orientadora pedagógica, chegam a professora Adriana da Unicamp, a estagiária Y e o orientando Marcelo. E ouço algo assim: Leila, Adriana vai entrar na sua sala hoje.

Pois bem, quando vi, estavam todos eles na minha sala e mais um convidado: a Múmia Felipe. Fizemos uma roda com os alunos, dentro da sala de aula, o que já é um desafio, uma vez que temos pouco espaço e muitos alunos. A professora Adriana colocou um sarcófago no meio da roda. E, antes, de iniciar a atividade de produção de texto coletiva, o Marcelo se apresentou e tocou *Se essa rua fosse minha,* ao violino, para as crianças. Eu nunca iria imaginar que, no meio do meu dia, teria um momento, envolvendo sarcófago, múmias e violino. Toda essa história me fez lembrar de Drummond de Andrade (1930), em seu poema No Meio do Caminho: No meio do caminho tinha uma pedra tinha uma pedra no meio do caminho. Em meu contexto, penso a pedra não como algo negativo, como um tropeço ou desvio de caminho. A pedra constrói um caminho diferente daquele, inicialmente, pensado, mas que pode me surpreender. No meio do caminho, as pedrinhas podem até ser de brilhante, como na canção. Em cima da pedra,

[15] Professora e Coordenadora de Ciclo dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental na EMEF/EJA Padre Leão Vallerié.

posso ter uma visão mais ampla do meu caminho. Posso saltá-la, posso criar castelos ou posso só parar para contemplá-la. E esse é o exercício diário do professor, especialmente, um exercício, para mim, com que me frustro, quando algo foge ao meu controle.

Tenho pensado em como devo encarar a falta de controle sobre as coisas e o tempo. Sobre como o inesperado pode ser tão potente e como temos que estar de peito aberto para essas possibilidades. Nesse dia, foi a presença do pessoal da Unicamp, mas, diariamente, pequenas coisas acontecem. Um aluno faz um comentário que aguça a curiosidade de todos, um bichinho aparece no canto da sala, o tempo vira completamente, o espaço que imaginou usar estava ocupado…

Na correria do dia a dia, acabamos esquecendo que o currículo é vivo e o planejamento é flexível. E que fique claro que essa reflexão não retira a importância do planejamento e das condições de trabalho, ela só propõe uma leveza no olhar do professor para os imprevistos da escola.

Nesse dia, meus alunos descobriram o que é um sarcófago, construíram uma história divertida, ouviram e tocaram um violino. E eu, inocente, achava que iriam estudar classificação silábica naquele momento pós-recreio. Aprenderam muito mais do que isso. Eu, também, aprendi. Aprendi como se pronuncia o nome da estagiária e de onde vem o professor violinista. E aprendi, principalmente, que devo continuar no meu exercício diário de tentar ver a beleza do inesperado.

Referências

DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. **Alguma poesia**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1930.

SE ESSA RUA FOSSE MINHA. Música tradicional brasileira. [S.l.: s.n.], s.d.

COMEÇO, MEIO E FIM

Leila Munhoz Silva
Primeiro semestre de 2023

> *"Alunos, prestem atenção na hora de escrever o texto! Pensem certinho sobre o começo, meio e fim da história […]", disse a professora.*

No dia 02 de junho de 2023, a estagiária Y realizou uma proposta muito bacana em nossa turma do quarto ano C. Ela construiu com os alunos um jornal com capa, desenhos, fotos e notícias. Foi muito legal vê-los na construção da escrita das notícias e ver o resultado final depois. Nesse dia a Y comentou como estava nervosa com a intervenção pedagógica e isso me fez lembrar do meu tempo de estágio.

No ano de 2008 (terceiro ano da faculdade na Unicamp), o professor Guilherme orientou o processo de estágio da minha turma e comentou sobre algumas vagas na EMEF Padre Francisco Silva. Eu e minha colega da faculdade fomos para essa escola. Fiquei com o quarto ano da professora C, que logo me perguntou o que eu poderia oferecer para a turma. Fui pega de surpresa e falei: Ah, eu toco violão, posso trazer algumas músicas sobre os conteúdos da sua aula. E, assim, começou minha trajetória no estágio. Logo depois, a professora C foi substituir alguém, na gestão escolar, e a professora S entrou em seu lugar.

Lembro-me de ficar olhando a professora, lá, na frente, e desejar com toda força que algum dia aquele lugar, também, fosse meu. Me lembro de sentar pertinho de alguns alunos específicos para tentar ajudá-los no processo de alfabetização. Lembro-me de quando a professora precisava sair rapidinho e eu ficava responsável pela turma. Me lembro do carinho das crianças, das cartinhas e, até, da festinha surpresa de despedida. Lembro-me de

pensar nas músicas que poderiam colaborar com as aulas da professora. E me lembro de quando propus e desenvolvi o projeto de aula que falava sobre educação ambiental.

Não me lembro se fiquei muito nervosa, mas acredito que sim. Assim como ficou a Y, quinze anos depois desse meu primeiro momento professora. No seu último dia de estágio em minha sala, falei para ela que, depois que a gente se forma na faculdade, a gente percebe que precisa aprender um mundo de coisas para dar aula. Qual conteúdo que dou em cada ano? Como se preenche o diário? O que são todas essas siglas de reuniões? Será que posso fazer isso? Posso fazer do meu jeito? Qual é o meu jeito?

A gente vai se tornando professora com o tempo. Isso é fato. Prestei o concurso de Campinas em 2008, mesmo sem ter me formado ainda, pois eu já sabia o que queria. E deu certo. Em 2009, entrei como Agente de Educação Infantil e, em 2011, como Professora das séries iniciais na EMEF/EJA Padre Leão Vallerié, na qual permaneço, até hoje. Recém-formada e com vinte e dois anos, sentia que estava cheia de energia e entusiasmo para ser a professora que eu sonhava. Nossa…vou mudar o mundo! E, então, percebemos que não é tão fácil assim. Em nossos sonhos, as salas não são superlotadas, a escola tem uma infraestrutura perfeita, o sistema não é tão burocrático, suas metodologias são apreciadas pelas famílias e as crianças não passam por mil problemas em casa. E, quando percebemos o quanto é difícil, simplesmente, fazer uma roda em classe, é que a ficha cai. Normalmente, passamos por um período de euforia pedagógica mesclado por um período de estagnação, para, depois, chegarmos a uma consciência madura do nosso fazer pedagógico. Não acho que esse processo é linear. Acho que passamos por todos esses momentos diversas vezes em nossa trajetória de trabalho.

Hoje, me sinto melhor professora do que em 2011. Sou mais consciente daquilo que preciso melhorar e tenho mais clareza da forma como quero trabalhar. O chão de uma sala de aula nos ensina muito! A universidade, também, nos prepara para o como fazer, mas acredito que colabora, principalmente, com os porquês

daquilo que resolvi fazer. Porque uma ação, sem reflexão, compromisso e responsabilidade social e política, de nada vale para uma educação na qual eu acredito. Sou professora porque acredito que a educação pode dar oportunidade e escolhas. Quero que meus alunos possam ter escolhas na vida. Quero que tenham sonhos grandiosos, ou pequenos, se assim quiserem, que sejam ou tenham isso ou aquilo, mas que escolham. Que possam ter possibilidades de escolha nesse mundo e que sejam plenamente felizes. A felicidade e a superação desses alunos da periferia, já são, por si só, uma afronta para a sociedade. É um ato de revolução.

Nesse último dia de estágio da Y, minha colega da escola me chamou à porta e avisou que chegou o momento da sua aposentadoria. Uma professora que passou vinte anos só nessa escola e que, até seus últimos dias, se mostrou tão dedicada para os alunos. Mesmo com a idade chegando, com os anos intensos de trabalho e com momentos pós-pandemia, ela continuou pensando em formas diversas para alfabetizar seus alunos de primeiro ano e em como trabalhar seus jogos e cantinhos pedagógicos com uma turma lotada e com a escola em reforma. Então, pensei em como é importante garantir boas condições de trabalho, de tempo, de salário, para garantir saúde aos profissionais e a qualidade da educação.

Chegou ao fim a jornada de trabalho da minha amiga e me dei conta que eu, na verdade, estou só na metade do caminho. Escrevo, aqui, como se tivesse cheia de certezas sobre tudo e, na verdade, só sei que nada sei. Não sou uma professora cheia de citações e referências bibliográficas, mas sinto dentro de mim e vejo, em minhas práticas, um pouquinho de cada educador que me afetou de alguma maneira especial.

Espero que, em 2038 (aproximadamente), eu esteja bem, com saúde e feliz por estar chegando à minha aposentadoria e satisfeita com a minha contribuição para com a educação brasileira. Que possamos aproveitar e evoluir a cada momento da nossa trajetória, aproveitar o começo, o meio e o fim.

COMEÇO - 2008



MEIO – 2023



Fonte: Arquivo da Autora.

PESSIMISMO DA INTELIGÊNCIA E OTIMISMO DA VONTADE

Leila Munhoz Silva
Primeiro semestre de 2024

"O pessimismo da inteligência não deve abalar o otimismo da vontade". Esta frase de Romain Rolland, que ficou conhecida pela citação de Gramsci (2000), e que chegou, até mim, no último encontro do projeto de pesquisa, veio em boa hora. Há momentos do ano letivo em que duvidamos do que estamos fazendo e ficamos cansados de ficar remando contra a maré. E essa frase conseguiu explicar minhas angústias atuais. Eu enxergo todas as dificuldades por que passamos. Vejo cada injustiça e falhas do sistema. Entendo que a escola pode ser reprodutora do *status quo*. Que, talvez, só começando do zero, para que ela tenha sucesso efetivo. Que ela é só uma parte de um todo que precisa funcionar. Que, se a saúde, a segurança, a família, a alimentação, não estiverem funcionando direitinho, nós também não conseguimos avançar. Em um cenário desse, fica difícil ter esperanças, não é? Todos os dias, eu me vejo e vejo meus colegas, saindo cansados da escola, fazendo o máximo que podemos, o melhor que podemos. E quase que diariamente, recebemos uma informação que desanima e, até, adoece. Mas, nesse mesmo dia, eu vejo sorrisos no estacionamento da escola. Leio uma mensagem no grupo do *WhatsApp*, dizendo que uma criança e sua mãe se sentiram acolhidas em nossa escola, vejo uma professora em roda com seus alunos no meio de um gramado. Outra montando um super material com uma caixa de papelão e um pedaço de E.V.A. Um professor abraçando uma criança, e esta, saindo com um sorriso emocionante. Uma Orientadora Pedagógica que tenta e tenta de novo e de novo. Uma professora feliz que o ovo de sua experiência ficou molinho. A outra, comenta os resultados dos jogos para o reforço pedagógico. Uma professora pede ajuda e,

quando vê, três pessoas estão à disposição... Não há como ficar travada, na primeira parte daquela frase: "O pessimismo da inteligência…" porque vejo resultados, vejo união, vejo revolução, transgressão, vejo persistência, vejo compromisso profissional e ético, vejo pesquisa, vejo dedicação... É o otimismo da vontade que nos move. Que nos move para uma ação consciente, não ingênua. Crítica e cheia de vontade de fazer diferente.

E pensando nesse fazer pedagógico diferente que surgiu a proposta metodológica das SALAS TEMÁTICAS, cuja proposta conversa com a ideia de ateliê, oficina, reagrupamento por ciclo e trabalho por projeto. De maneira tímida, propõe que, uma vez na semana, as turmas de quarto e quinto anos passem por cinco salas diferentes. A cada final de mês, queremos fazer uma breve avaliação para poder melhorar a proposta. Ficarão por um mês todo em uma mesma sala e, depois, trocarão. Desse modo, durará, por cinco meses, essa metodologia. As professoras ficarão fixas nas salas:

-Professora Vi = Clube de leitura
-Professora Marinalva = Experiências científicas
-Professora Ve: Matemática divertida
-Professora Si: Ponte Aérea
-Professora Leila = Jornal e tecnologias

CLUBE DE LEITURA

Objetivo: Incentivar a leitura, a escrita e construir uma memória afetiva com o ato de ler; expressar sua compreensão da leitura, por meio de desenhos, da oralidade e teatro.

Nos quatro encontros, os alunos irão ouvir a leitura da professora, ler alguns livros, individualmente, e, algumas vezes, em grupo. A cada dia, irão registrar, em caderninho próprio, algumas informações e produzir algum material: desenho, peça teatral e *Podcast*. Além disso, receberão vídeos surpresas dos autores dos livros que leram nesta sala temática.

PONTE AÉREA

Objetivo: despertar o sentimento de empatia e respeito com outras culturas; incentivar a escrita e a leitura; conhecer alguns países do continente americano e suas características.

Serão cinco os países estudados: México, Estados Unidos, Cuba, Argentina e Peru. Em caderninho próprio, confeccionado para esta sala (passaporte), as crianças irão registrar as informações pesquisadas sobre cultura, turismo, geografia, curiosidades e a bandeira. Além disso, farão atividades de leitura e escrita sobre algo específico do país e entrarão em contato com o idioma local.

MATEMÁTICA DIVERTIDA - JOGOS MATEMÁTICOS

Objetivo: Trabalhar os conceitos matemáticos: cálculos, problemas matemáticos, unidades de medida, medição, raciocínio lógico, geometria, sistema monetário, por meio de jogos e atividades práticas e divertidas. Atividades propostas: jogos, medir espaços e objetos da escola, construir desenhos com tangram, bingo, simetria com malha e mercadinho.

EXPERIÊNCIAS CIENTÍFICAS

Objetivo: Aprender alguns conteúdos de ciências, por meio das experiências; compreender que a ciência e a tecnologia estão presentes em tudo e podem se transformar em algo positivo ou negativo em nossas vidas; Incentivar a curiosidade e a investigação para levantamento de hipóteses. Experiências propostas: Coca-Cola com mentos, ovo que pula, mudança da cor das flores, bexiga que murcha e enche na água quente e gelada, foguete, pasta de dente de elefante, tinta e filtro de café, entre outras. Também registram a experiência em um caderno próprio da sala temática.

JORNAL E TECNOLOGIAS

Objetivo: Incentivar a escrita e leitura; Contato inicial com as tecnologias digitais: *Google Doc*, *Canva*, *sites* de pesquisa; conversas sobre assuntos atuais; trabalho em grupo e pesquisa.

Nesta sala temática, os alunos produzirão cartazes no *site Canva*, vão fazer pesquisas sobre notícias atuais, escreverão resumos, para, depois, montar um jornal digital da turma.

Muitas são as dificuldades encontradas para a realização dessa proposta: espaço físico, compra de materiais, apoio de outros profissionais, impressão das atividades, organização do tempo etc. Como estamos começando, agora, essa ideia, resolvemos não misturar os alunos e não lhes deixar escolher a ordem das salas, pois, ainda, estamos em fase de teste, e sabemos que essa outra logística demanda bastante e, nesse momento, não estávamos dispostas a passar por isso. Também, decidimos que iríamos iniciar com a própria turma, pois conhecemos os alunos e, assim, poderíamos ficar mais à vontade para essa fase de teste. Vantagens: as crianças estão adorando participar. Sinto, também, que as professoras estão gostando, mesmo com um certo receio no início da proposta e cansadas, ao final de cada dia, mas sinto que todas estão gostando. Eu estou gostando bastante! Fico feliz em poder proporcionar essas aulas prazerosas para mais de cento e cinquenta alunos. Ainda é muito desafiante organizar todas as salas, mas conto com a ajuda e apoio das minhas colegas professoras, orientadora pedagógica e a parceira da coordenação de ciclo. Também, podemos aproveitar esse período para construir nossas próprias metodologias e testar algumas ideias. Pensar no que gostamos ou não. No que funciona ou não. E ter essa liberdade para criar e realizar é muito importante para professoras inquietas, como eu e minhas colegas, que, com toda confiança, generosidade e competência, abraçam as ideias e as transformam em algo muito mais potente e maravilhoso do que foi pensado inicialmente. É interessante como esse assunto conversa com minhas leituras sobre trabalho coletivo, pois vejo o quanto as diferenças entre nós só potencializam a proposta, a qual só reafirma, também, a necessidade de mais tempos pedagógicos entre pares para trocarmos e construirmos, de forma mais coletiva e democrática cada ação do projeto.

Poder mexer com as estruturas do currículo, do planejamento e repensar tempos e espaços escolares é uma forma de transgressão. É emocionante e prazeroso (e muito trabalhoso). É pelo "otimismo da vontade" que proponho, é pelo "otimismo da vontade" que acolhem e é pelo "otimismo da vontade" que uma escola se move em tempos pessimistas.

Referência

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. Vol. 1. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

PRIMEIRO SEMESTRE DE 2008 E 2024 - CONVERSANDO COM NARRATIVAS ANTIGAS

Leila Munhoz Silva
Primeiro semestre de 2024

A bordo de uma máquina do tempo, chamada portfólio, converso com o meu eu de dezesseis anos atrás. Uma moça de vinte anos, solteira, sem filhos, morando com os pais e irmãs e estudante do terceiro ano de pedagogia.

Leila, desde sempre você escreve tudo correndo, acompanhando sua mente e rotina acelerada. Agora, nós utilizamos mais vírgulas. Melhoramos, nessa parte (eu acho…). Mas lhe entendo. Você estava em uma correria louca de faculdade e estágios. Também, me lembrei que você ficou bem triste, quando deu errado o estágio remunerado da prefeitura. Mas fique tranquila. Ainda, nesse ano (2008), você prestará um concurso que mudará sua vida. No ano que vem, você será agente de Educação Infantil e logo, logo, em 2011, professora dos Anos iniciais da rede municipal de Campinas. Você vai se assustar com a escola que irá escolher. Sim, é longe da nossa casa. Mas, acredite, você vai amar trabalhar lá.

Vamos combinar o seguinte: você traz alguns trechos das narrativas escritas no primeiro semestre de 2008, encontradas no portfólio do nosso curso e eu vou lhe atualizando sobre o nosso trabalho atual. Vamos lá…

> *Pretendo ser uma professora que busca o contato com o meio ambiente, que busca novas formas de explicar uma mesma coisa, atividades criativas, saber usar com criticidade os livros didáticos, entender que aprender não é algo homogêneo e que devemos buscar novas formas de avaliação. Menos decoreba, mais entendimento. Usar os espaços físicos da escola, aproveitar as diversas realidades e*

ambientes próximos. Uma professora que faz com que os alunos consigam visualizar o que se aprende, fazer aquilo se tornar útil à realidade da criança, algo prazeroso de estudar.
(1º semestre de 2008 - narrativa Memória da formação escolar - matemática e ciências- Projeto integrado - Professora Elisabeth Barolli, Anna Regina Lanner de Moura e Guilherme do Val Toledo Prado).

Esses textos apareceram na hora certa. Mesmo cheia de desejos e ideias, no início de nossa trajetória profissional, somente, agora, sinto que estamos no caminho daquilo que acreditávamos desde sempre. Você vai entender muita coisa na hora certa. Vai ver as inúmeras dificuldades que encontramos no dia a dia. É necessária uma maturidade pedagógica para certas coisas também. Só o tempo para ajudar mesmo. Nós, agora, trabalhamos a temática cidadania planetária e, com isso, proporcionamos momentos de reflexão e conhecimento, por meio de caminhadas pedagógicas no entorno da escola. Hoje, temos uma visão mais ampla sobre educação socioambiental e esse contato com o meio ambiente. Hoje, sabemos que os alunos precisam questionar mais sobre tudo e não ficar em uma visão rasa de vamos cuidar do verde. Você usará livros didáticos sim, mas saberá selecionar, somente, o que é importante. Vai tentar pensar em aulas diferentes e divertidas, mas também dará muitas aulas expositivas tradicionais, que acha que nunca fará. E tudo bem. Estamos indo bem... Próximo trecho:

Na quarta parte do livro Terra dos Homens de Saint-Exupéry, o autor conta os pensamentos que lhe ocorreram, durante uma viagem de trem que partia da França com destino à Polônia. Durante a viagem, ele percorreu vagões de madrugada e parou no vagão da terceira classe que estava lotado de operários poloneses, voltando, às pressas, e deixando a vida na França. Lá, ele notou as fisionomias das pessoas, os gestos, assim, ele imaginava como seria ou teria sido a vida daquelas pessoas. Aquele amontoado de gente não parecia feliz, as pessoas tinham perdido a qualidade humana, alguma hora iriam acordar, mas o Homem dentro deles não despertaria. Certas situações nos fazem perder a essência humana, somos apenas carne, apenas um monte de barro sem o sopro da vida. Não somos uma flor cuidada, isolada,

favorecida, os homens estão sem jardineiros. As coisas como estão nos transformam em seres irresponsáveis por aquilo que cativamos. Penso que a sociedade, o sistema, se transformou em uma máquina de entortar homens. A falta de melhores condições de vida e possibilidades a todos faz com que alguns percam a chance de se emancipar, como seres humanos, se sentirem completos. As qualidades das pessoas são sufocadas por isso, como diz o autor (Saint-Exupéry, 1968, p.153): "É Mozart assassinado, um pouco, em cada um desses homens". O resgate da humanidade é necessário, as pessoas têm direito de viver plenamente, de ter oportunidades, de descobrir as suas vocações e qualidades. A política corrupta, o neoliberalismo, a pobreza, a violência, a fome, a desigualdade ... isso tudo nos faz perder o sopro da vida, viramos só corpo. A escola e o professor devem pensar sobre essa questão, pois sem uma responsabilidade de compromisso com a função e profissão, seremos mais uma máquina de entortar homens, ou de fazer um exército de clones, ou de alunos sem liberdade e tratados sem respeito. Se somos formados pelo biológico e, principalmente, pelo social, é de extrema importância as pessoas terem a chance de construir suas vocações, seus gostos. Oportunidades de terem boas relações sociais, de terem contato com educação, com as artes, viagens com uma casa, comida etc. De certa forma, os professores são jardineiros. Nós podemos ser responsáveis pelos alunos, cuidar com compromisso social, científico e político, adubar sonhos com esperança e respeito, ensinar os usar os instrumentos da linguagem e da sabedoria, assim cultivar o crescimento do aluno. Ou podar os sonhos, a qualidade e a liberdade dos alunos. Pensando nessas questões, devemos analisar e elaborar nossas práticas pedagógicas.
(1º semestre de 2008 - narrativa: Leitura/apresentação do texto: Terra dos homens - Antoine de Saint Exupéry IV parte - Práticas de ensino - Prof. Guilherme do Val Toledo Prado)

Aff, Leila! Esse final foi bem clichê. Pior que continuamos bem românticas com o mundo. Na verdade, descobri, recentemente, que temos o otimismo da vontade. Achei muito bom esse termo para nós. Sobre o trecho selecionado, é muito bacana pensar na máquina de entortar homens. Tão complicado pensar a escola, como mera reprodutora do *status quo* desse sistema que, conscientemente, entorta as pessoas. Mas, com consciência das nossas limitações, estamos tentando uma educação integral com nossas crianças. O

trabalho com os Grupos Sociais abre uma discussão importante com nossos alunos e, no Sarau, conseguem desenvolver habilidades diversas da arte, música, dança, desenho, entre outras. Dentro do projeto da Fapesp de que estamos participando (sim, ainda, temos contato com a Unicamp), fiz uma narrativa e escrevi o seguinte: Sou professora, porque acredito que a educação pode dar oportunidade de escolhas. Quero que meus alunos possam ter escolhas na vida. Quero que tenham sonhos grandiosos, ou pequenos, se, assim, quiserem, que sejam ou tenham isso ou aquilo, mas que escolham. Que possam ter possibilidades de escolha, neste mundo, e que sejam, plenamente, felizes. A felicidade e a superação desses alunos da periferia, já são, por si só, uma afronta para a sociedade. É um ato de revolução. Acho que, aqui, estamos em sintonia. Queremos que nossos alunos possam ter tudo aquilo que quiserem. E que sejam capazes de querer mais do que acham que podem.

> *Na disciplina de Fundamentos de ciências, nessas últimas semanas, estudamos e refletimos sobre as aulas de atividades práticas, o uso de experimentos no ensino da Ciências. As atividades experimentais sobre o conhecimento físico, baseadas nos trabalhos de Piaget nos quais ele afirma a importância da relação sujeito e objeto na construção do conhecimento. Sendo assim, o professor propõe um problema e oferece os materiais, mas não dá pistas e deixa o aluno encontrar sozinho a solução. Depois, os alunos, interagindo com os objetos, observam as reações, manipulam os materiais até terem um efeito desejado, e começam a refletir sobre o que aconteceu, o que conseguiram, como resultado, estabelecendo uma relação de causa e efeito para, depois, registrar o que aconteceu em forma de escrita e desenho. (...) Gostei muito da atividade de separação de tintas, nunca tinha feito e fiquei super curiosa com o resultado, sem contar que achei muito bonito como os papéis ficaram depois. Com certeza, acho válidas as atividades práticas, mas devem ser trabalhadas, anteriormente, para terem um bom resultado com os alunos. Quero fazer isso, quando for professora. Achei as aulas muito legais. (...) Na disciplina de Fundamentos de matemática (...), o importante é entender que a criança precisa sentir a necessidade de medir alguma coisa para solucionar certos problemas do cotidiano, sentir vontade e necessidade de usar um tipo de linguagem e instrumentos para isso.*

(1º semestre de 2008 - 2ª narrativa integradora: Projeto integrado - Professora Elisabeth Barolli, Anna Regina Lanner de Moura e Guilherme do Val Toledo Prado).

Muito legal me lembrar desses acontecimentos agora. A proposta das salas temáticas conversa bastante com esse novo olhar das aulas de ciências e matemática. E, também, da importância do outro na construção do conhecimento. Estamos replicando essa experiência da separação das tintas e eu nem me lembrava que já tinha visto isso algum dia. Nessa narrativa de 2008, algum professor do curso grifou a parte do aluno encontrar a solução sozinho. Acredito que não fomos claras o suficiente e ficou parecendo que o construtivismo é somente deixar o aluno fazer tudo sozinho. E sabemos que não é bem assim.

A sala temática é uma proposta que envolve várias turmas e várias disciplinas. Foi um desafio elaborá-la, mas esse fazer pedagógico diferente está nos dando muito prazer também.

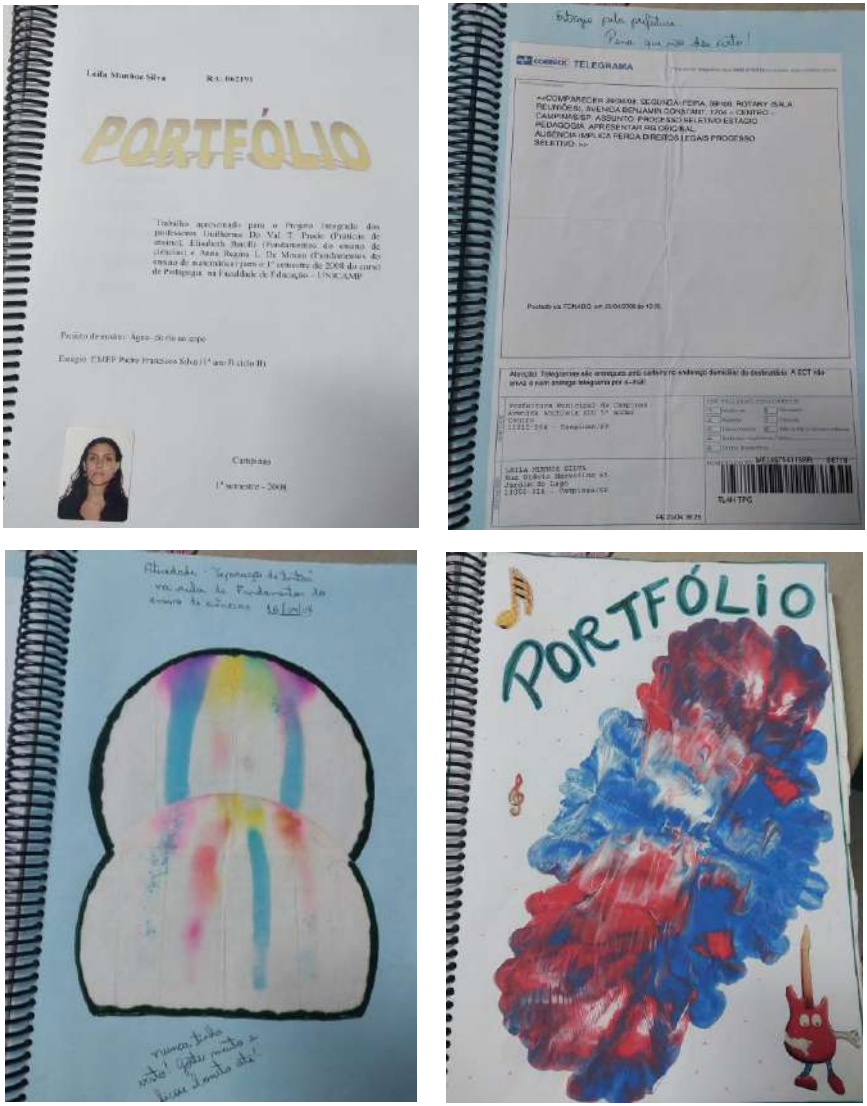
(...), mas do que eu, realmente, mais gostei foi a aula de revisão das nossas narrativas sobre as disciplinas que tivemos nos dois anos de curso (...). Eu gosto de conversar sobre como acontecimentos iguais podem chegar às pessoas e marcá-las de maneiras diferentes. Também, fico um pouco saudosista, nesses momentos, relembrar de algumas coisas que esquecemos sem querer, ver o quanto, no hoje, somos marcados pelo que fizemos no ontem, pela escolha que fizemos, pelo modo como olhamos as coisas. Já começo a pensar que estamos na reta final do curso de Pedagogia e isso me traz medo e insegurança, mas traz, também, muita, mas muita vontade mesmo de começar!!! E relembrar todo esse percurso foi muito gostoso.
(1º semestre de 2008 – 3ª narrativa integradora Projeto integrado – Professora Elisabeth Barolli, Anna Regina Lanner de Moura e Guilherme do Val Toledo Prado).

E lhe digo mais: Depois de treze anos de magistério, você, ainda, estará bem animada!!! A situação da educação está bem complicada, salas cheias, falta de estagiários, professores de apoio e educadores, passamos por uma pandemia e as crianças só

pensam em celular e redes sociais, mas você continua animada. Vamos ver o que a outra Leila falará sobre essa nossa animação daqui a uns dez anos. Hoje, conseguimos comprovar o que você falou sobre o quanto o ontem nos constitui. Hoje, vejo muito de você e de tudo o que leu e aprendeu aí na universidade.

> *(...) Também penso, agora, que é muito interessante tentar fugir desse modo antigo de tratar os conteúdos, de forma separada, sem relação com as outras matérias, sem relação com a vida dos alunos. Também, penso que os alunos sabem muito mais do que imaginamos, que a sinceridade e o companheirismo são importantes na relação professor-aluno. É muito necessário que a nossa prática seja coerente com nosso discurso. Que vejamos além do que os alunos nos mostram. (...) Que é importante sermos colegas dos alunos, mas não devemos esquecer do nosso dever, como profissionais da educação. Que a nossa relação com os colegas de trabalho pode ser difícil e que isso pode atrapalhar muita coisa. Inclusive, percebo, agora, o que está fora dos portões da escola, também, está dentro da escola. (....) Vi tudo isso nesse semestre (estágio e projeto), pensei e refleti muito sobre (com a ajuda das narrativas) e, agora, penso de forma mais efetiva que tipo de professora eu quero ser…*
> *(1º semestre de 2008 - Narrativa final - Projeto integrado - Professora Elisabeth Barolli, Anna Regina Lanner de Moura e Guilherme do Val Toledo Prado)*

Hoje, a relação com os colegas de trabalho tem sido ótima. Não me lembro o que você viu no estágio sobre isso, mas, aqui, na escola, o seu grupo tem um forte senso de coletividade e é formado por pessoas muito dedicadas e competentes. Você tem grandes amigos na escola. Bem, acho que temos um encontro marcado em uma próxima narrativa para conversarmos sobre o segundo semestre de 2008 e sobre o nosso segundo semestre de agora, 2024. Aguente firme. Não se cobre tanto. Até mais.



Fonte: Arquivo da Autora.

Referência

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de; BRAGA, Rubem (trad.). **Terra dos homens**. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 1986.



Autora da foto: Kátia Guimarães

LEILA EM CONVERSA COM
MARIA LAEDNA DELFINO BORGES SILVA
Sensibilidade, dedicação e poesia - a EJA da Laedna

Leila Munhoz Silva
Segundo semestre de 2024

As narrativas da Laedna têm uma marca principal presente na maioria dos seus textos: a poesia. Nem sempre em forma de poemas, mas sempre uma escrita poética e sensível. Na narrativa Visita, o que me vem à cabeça é o quanto os professores se envolvem e se sentem responsáveis pelos alunos. Já ouvi colegas tristes por saberem de situações pelas quais seus alunos estavam pensando, colegas perdendo o sono, colegas arrecadando alimentos e roupas para doações. Não é função do professor ser o responsável por tudo. Nós não damos conta de tudo e estar de frente a todas essas fragilidades sociais, nos adoece e entristece. Mas me parece que, assim como Paulo Freire, em Pedagogia da Autonomia (1996), a Laedna recusa os fatalismos e prefere a rebeldia que nos confirma, como gente e que jamais deixou de provar que o ser humano é maior do que os mecanismos que o minimizam. Ela vai atrás e busca um contato mais humano e um diálogo mais direto e próximo com seus alunos. Nessa narrativa, Laedna conta o dia em que visitou uma aluna e conheceu sua casa. Um texto descritivo e cheio de detalhes que fala sobre violência doméstica, vícios e a triste realidade de mulheres brasileiras e estudantes da EJA. A aluna que vai para escola alterada e que, por algumas vezes, causa tumulto, é a mesma aluna que gosta de fazer desenhos de roupas e faz luz e fogo com uma tira de trapo.

Em outra narrativa, a Laedna mostra, novamente, sua habilidade poética e faz um cordel sobre a educação, já dando indícios das suas origens. Conversando com ela, descobri que é nordestina, nasceu em Umarizal, no Rio Grande do Norte. Fez

faculdade de Letras e Pedagogia. Tem duas filhas e duas netas. Tem quarenta anos de magistério. Trabalhou na Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos. Já trabalhou nas redes particular, estadual e municipal. Organizadora dos eventos da noite. Idealizadora do Café com leitura. Cozinheira de mão cheia e especialista em bolinhos. Só pelo histórico, já reconhecemos a potência que é essa professora e conseguimos compreender tanta dedicação e seriedade que leva em seu trabalho. Nesse mesmo texto, conseguimos refletir sobre o tempo pedagógico Trabalho Docente Coletivo (TDC) e suas principais funções. Ela comenta de como gostou das leituras do dia, das reflexões, do chá e do suco. Um TDC menos preocupado com as demandas do dia a dia e mais focado nas pessoas, ali, presentes. Em conversas produtivas. Em estar todos juntos. Não há como dizer que não houve formação nesse dia. O processo formativo pode percorrer de diversas formas e caminhos.

Na narrativa seguinte, conseguimos conhecer a proposta do Café com Leitura. Mesmo sendo um projeto muito comentado na escola, foi interessante conhecer os detalhes metodológicos. O encontro é mensal e os alunos são recepcionados em uma sala com livros expostos e um café caprichado. Inicialmente, o momento é de leitura e, depois, compartilham fragmentos mais marcantes para cada um.

> O ambiente perfumado é um despertar para os sentidos, cheiros e sabores em um convite para viagens ao mundo da imaginação, resgatando e reforçando a importância da literatura em nossas vidas; escrevemos o futuro, entendendo a história sua, minha, deles, nossas. (Trecho da narrativa "Café Com Leitura" de autoria da professora Laedna).

E, se não bastasse um texto bem descritivo, na quarta narrativa, encontramos um acróstico do CAFÉ COM LEITURA para compreender melhor esse acontecimento. Esse acróstico só reforçou, em mim, o quanto tem gente que se esforça para fazer

poesia, por meio de poemas. E tem gente, como a Laedna, que consegue colocar poesia em tudo com facilidade. Em textos, nas aulas, na comida, na vida…

Nesse trecho da narrativa, conseguimos observar a importância da literatura nessas aulas da EJA. Por meio da leitura e do diálogo que acontecem, o aluno consegue imaginar outros mundos e refletir sobre sua vida e questões que o aproxima ou distancia dos seus colegas e das outras realidades. Tudo isso, em um ambiente charmoso e aconchegante. Não tem como dar errado algo que misture chantilly e livros.

***C**afé com leitura,*
***A**h, como me encanta!*
***F**é na liberdade para questionar*
***E**ssas amarras do acreditar treinado.*

***C**om o saber quero brincar, brindar...*
***O**s medos e preconceitos ao som de*
***M**uitas vozes espantar!*

***L**etras, palavras, frases, cantigas,*
***E**ssa poeira de ideias,*
***I**nfinitos saberes, que lentos e galopantes*
***T**eimam e se erguem ao som das histórias*
***U**tópicas, porém pulsantes e*
***R**eais como toque na inconsistência do ser.*
***A**manhecer, florescer, fazer acontecer!*

(Narrativa "Acróstico" de autoria da professora Laedna).

Queria fazer um poema, também, mas me falta essa habilidade de brincar com as palavras. Então, trouxe um poema de Ricardo Azevedo (1999) sobre o ato de ler o mundo.

A leitura é muito mais
do que decifrar palavras.
Quem quiser parar pra ver

pode até se surpreender:
Vai ler nas folhas do chão,
se é outono ou se é verão;
Nas ondas soltas do mar,
se é hora de navegar;
E no jeito da pessoa,
se trabalha ou se é à-toa;
Na cara do lutador,
quando está sentindo dor;
vai ler na casa de alguém
o gosto que o dono tem;
e no pêlo do cachorro,
se é melhor gritar socorro;
e na cinza da fumaça,
o tamanho da desgraça;
e no tom que sopra o vento,
se corre o barco ou vai lento;
também na cor da fruta,
e no cheiro da comida,
e no ronco do motor,
e nos dentes do cavalo,
e na pele da pessoa,
e no brilho do sorriso,
vai ler nas nuvens do céu,
vai ler na palma da mão,
vai ler até nas estrelas
e no som do coração.
Uma arte que dá medo
é a de ler um olhar,
pois os olhos têm segredos
difíceis de decifrar.

Com essas narrativas, levanto as seguintes temáticas: Educação de Jovens e Adultos; A importância da leitura; A busca por novas metodologias e didáticas; A dedicação dos professores, mesmo com tantas dificuldades encontradas; O ser humano por trás de cada professor (suas habilidades e potencialidades).

Também, consigo traçar um paralelo com minhas narrativas e minha forma de trabalhar. O Café com Leitura, por exemplo, me fez lembrar da Sala Temática Clube de Leitura, ao tentar proporcionar uma memória afetiva com o ato de ler. Nossas narrativas trazem a marca de professoras dedicadas e sonhadoras. Um traço de esperança e uma inquietação com o fazer pedagógico. Laedna, assim como eu, também, me parece adepta ao pensamento de que "O pessimismo da inteligência não deve abalar o otimismo da vontade", conceito esse sobre o qual já escrevi em outra narrativa.

Não há como falar da Educação de Jovens e Adultos e da importância da leitura, e não falar de Paulo Freire. Educador reconhecido no mundo todo pelo seu método de alfabetização de adultos e que assumiu um posicionamento pedagógico político. Para ele, é importante uma educação não bancária e sim libertadora, que valorize os diversos tipos de saberes, que faça o aluno ler o mundo em primeiro lugar, para que assim ele possa ler as palavras de maneira consciente e crítica (Freire, 2003). E, nessa leitura de mundo, o educando questiona, problematiza, se conscientiza com relação à sociedade opressora e busca uma libertação, por meio do conhecimento. Na EJA, fica muito evidente, também, a importância e a necessidade de uma relação de autêntico diálogo entre educadores e educandos. Fico pensando, também, o quanto deve ser difícil envolver jovens e adultos, que não conseguiram finalizar seus estudos na idade certa por diversos motivos, e que, muitas vezes, estão cansados e desmotivados no momento que retornam para a escola. Propostas, como o Café com leitura e outros projetos, que observo de longe, reforçam a necessidade de o professor da EJA se reinventar e manter os alunos, na escola, com carinho, respeito, competência, dedicação, criatividade e responsabilidade social e política.

Finalizo esta narrativa dizendo que, para algumas pessoas, uma aula normal já seria suficiente. Um café normal já seria suficiente. Um bolinho somente, já seria suficiente. Uma vida comum, um esforço comum, já estaria ok… mas para quê gastar o tempo da vida com o medíocre/normal/banal, se podemos fazer

como a Laedna faz com seus bolinhos irresistíveis e no seu dia a dia em sala de aula? Ela coloca uma **calda de chocolate por cima**, para dar um *tcham* em tudo o que se propõe a fazer. E, assim, a EJA fica mais gostosa com um toque da professora Laedna.

Desejo ter a energia dessa minha colega, depois de tantos anos de magistério. Desejo saber cozinhar igual, também, mas acho que isso só em outra vida.

Referências

AZEVEDO, Ricardo. **Dezenove poemas desengonçados**. São Paulo: Ática,1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 17. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

TDC - RECADOS???

Maria Laedna Delfino Borges Silva[16]
Segundo semestre de 2023

O texto misto de hoje é um agradecimento à Orientadora Pedagógica R, por sua flexibilidade com as demandas e o horário mágico do Trabalho Docente Coletivo (TDC), ao Professor G, por nos proporcionar seu tempo e experiência e, também, por sua expressão encantada com o repente e o cordel, no TDC da EMEF/EJA Padre Leão Vallerié, no dia 08 de novembro de 2023 e, por fim, nós, os Leoninos.

Lembrei- me do sertão e suas intempéries e essas duas palavras (sertão/intempéries) definiram, por um momento, a sala de aula, a profissão.

Falta-me a alta habilidade de repentista, mas me arrisco no cordel.

Até aqui, foi um dos melhores TDCs do ano. O calor do dia que aquecia a alma ajudou, mas não foi só isso. Não foi o chá de folhas de laranja com mel e *Stevia*, não foi o suco gelado de acerola, nem a deliciosa água saborizada com abacaxi e hortelã. Foi o cuidado das falas, a preocupação se a proposta do Projeto Narrativas estava clara e fluindo, a disposição para colaborar e esclarecer dúvidas. E a chave de ouro, com certeza, estava na relevância dos textos lidos, essa leitura deleite não programada, muita emoção. A ansiedade e a carga emocional, no texto da Marjory, o tecido do tempo no maravilhoso texto da Magda, retratando memórias, medos e coragem das nossas meninas-mulheres no *Papo de Meninas*, a esperança, a busca por afeto e

[16] Professora de Língua Portuguesa da Educação de Jovens e Adultos na EMEF/EJA Padre Leão Vallerié.

dignidade, mesmo no meio do caos, das nossas alunas, mulheres-meninas, no texto visita.

Ah, já ia me esquecendo! Cordel, sextilhado, sem respeitar a regra das sílabas poéticas, poeticamente, discordo de tal regra.

No sertão do ensino, aqui, na EJA Leão,
Acontece uma belezura Freiriana que fascina.
Nas intempéries da sala de aula, desafios vêm e vão,
Mas o movimento de quem aprende e ensina
É o que nos coloca em ação,
Nos equilibramos em corda fina.
Educação é o fio que nos envolve, move,
É o laço, o nó que nos faz crescer enfrentando barreiras.
No chão da escola, ou no galope do imaginário,
Nas palavras lidas e escritas, nas viagens das leituras,
Ah! Como brilha a chama do conhecimento.
A caminhada é longa, as conquistas são muitas e raras.
E em cada docente ou discente se descobrindo,
Despertam-se paixões adormecidas,
Tornando o mundo um lugar mais amplo, cheio de poesia,
Plantamos sementes de sabedoria vividas.
Assim, como o cordel, sobre momentos, palavras, afetos…
Ser professora, na EJA, são encantos e tensões celebradas!

VISITA

Maria Laedna Delfino Borges Silva
Segundo semestre de 2023

Se parecer ficção, disfarça a dor e, assim, será possível olhar de frente para o inaceitável dessa realidade quase imutável das violências humanas. Dessas mulheres que, ainda, são meninas, pois não foram orientadas, cuidadas e amadas, que, para além do estigma e da dor, surpreendem e enfeitam a sua maneira de existir em lutas únicas.

O chão de terra batida estava bem varrido, coberto por tapetes, meticulosamente, centralizados, cama de solteiro (para dois), bem arrumada com pedaços de tecidos fixados na janela imaginária, imitando cortinas, pequeno guarda-roupa sem portas, com roupas, rigorosamente, enfileiradas e organizadas, algumas cobertas com capas.

- Essas são as melhores, Professora! Disse a estudante.

Caixas de madeira à esquerda da entrada, com sapatos. Do lado direito, aos pés da cama, outra caixa, com algumas divisórias, maquiagem, esmaltes, produtos para cuidar das unhas e cabelos. Uma linda pasta vermelha, o item de maior valor.

- Aqui, guardo os lápis, cadernos e desenhos. Quer ver as roupas que desenhei? Perguntou.

No teto, quase chegando até a porta, o inusitado lustre dourado com folhas brancas. Tudo dentro de um barraco de três por dois metros, construído com diversos materiais: paletes, plástico, tecidos e pedaços de telhas de fibra. Baixo e com uma única entrada, sem janelas.

Pequeno paraíso em aflição, objetos descartados, tesouros da rejeição, pedaços de esperança resgatados do abandono, transformando o barraco em um refúgio de sombras, vulnerável e perdido. No entanto, há um zelo que não se apaga, uma chama que

permanece e se agarra em cada canto, a vida resiste por mais triste e fria que seja a realidade.

Cenário desolado e inclemente, vício desesperador, entre crack, álcool e desalento.

Fico constrangida, quando meu olhar indiscreto pousa sobre um trapo pendurado. As pedras e tecidos surrados indicam o local para o banho (de balde), com água do córrego. Ela explica envergonhada:

- Ele usa para iluminar!

Diante da minha expressão de não entendimento, pega uma lata meio grudenta, mostra e completa:

- Colocamos óleo usado de cozinha em uma lata de conservas, também, uma tira fina e comprida de trapo, passando pelo bico meio retorcido, como um pavio de vela. Fogo e temos luz!

Embaixo da árvore, a pia, sobre ela, panelas limpas, sobrepostas, uma panela sobre tijolos, madeira queimando, fogão. Tempo de cozimento do feijão, único alimento do dia, três horas.

No corpo, as marcas das agressões. Nas expressões e gestos, a revolta, o medo, a teimosia em existir. Ela vem para escola alcoolizada e drogada. Faz cenas, tem crises de histeria, quer brigar, chamar atenção. Ele faz papel de bom moço, educado e falsamente amoroso. Raiva! Como protegê-la? Ela grita por socorro.

Com motivos, sem qualquer motivo, as lágrimas rolam. Elas movimentam a impotência, constroem pontes imagináveis, onde o coração encontra força para sobreviver. O frenético estender das mãos sem esperar o toque, o socorro, o resgate!



Fonte: Arquivo da Autora.

CAFÉ COM LEITURA

Maria Laedna Delfino Borges Silva
Segundo semestre de 2023

O Projeto Café Com Leitura, da EJA Leão, tem como objetivo incentivar e descobrir o gosto pela leitura, promovendo a troca de experiências em rodas literárias. Os encontros são mensais, na última semana do mês, das dezenove às vinte e duas horas e proporcionam atividades envolventes, prazerosas e colaborativas em sala de aula.

Antes do início das aulas, as mesas são cobertas com toalhas leves e coloridas, quase sempre cor de laranja. Os livros são organizados sobre a mesa principal, no centro, um baleiro com balas de café e bombons, as cadeiras em volta. Na bancada, no fundo da sala, uma cafeteira, chaleira, potes com mel e canela, leite condensado, chantilly, colheres e copos.

Com um pequeno arranjo de flores e grãos de café, está pronto o agradável e aromático espaço dos cafés, chás, bolos e bolachas. O ambiente perfumado é um despertar para os sentidos, cheiros e sabores, em um convite para viagens ao mundo da imaginação, resgatando e reforçando a importância da literatura, em nossas vidas; escrevemos o futuro entendendo a história sua, minha, deles, nossas.

Durante a primeira parte do encontro, todos se reúnem em volta da mesa de livros, escolhendo os títulos entre literatura infantil e biografias da coleção *Black Power*. Enquanto fazem suas leituras silenciosas, desfrutam dos diversos sabores e saberes. A ideia é criar um ambiente acolhedor e descontraído, onde todos se sintam à vontade para experienciar, fantasiar, refletir, contextualizar, problematizar…

A partir das vinte e uma horas, inicia-se a segunda parte do encontro. Nesse momento, são feitas indicações literárias pelos

professores participantes, que levam em consideração os interesses e necessidades dos participantes e dos conteúdos. Também, reflexões e contextualizações sobre as obras lidas, buscando a compreensão mais profunda dos temas abordados. A intenção é oferecer modelos de falas e apresentações para os mais inibidos, pois, nesse momento, os alunos são convidados a trocar opiniões e reflexões sobre as obras lidas.

A leitura de fragmentos marcantes é uma das principais atividades nessa etapa do encontro. Os participantes têm a oportunidade de conhecer trechos importantes das obras, discutir seus significados e refletir sobre como podem aplicar ou relacionar essas histórias às suas próprias vidas.

O Projeto Café Com Leitura visa não apenas a ampliar o repertório literário dos participantes, mas também estimular o pensamento crítico, a empatia e o protagonismo na luta por um mundo mais inclusivo e igualitário.

O cuidado e todos os detalhes da ambientação proporcionam uma atmosfera agradável e atraente, na qual todos são valorizados e incentivados a descobrir o prazer da leitura, a expandir horizontes, conhecer novas histórias e compartilhar experiências, seja de superação, identificação ou descoberta.

O Café Com Leitura é uma ferramenta para demonstrar e despertar o amor pelos livros e pela palavra escrita. É gratidão a todos que me ensinaram, compartilharam, ofertaram e oportunizaram momentos de contação de histórias: declamadas, musicadas ou escritas, meu portal dos mundos.

ACRÓSTICO

Maria Laedna Delfino Borges Silva
Primeiro semestre de 2024

Café com leitura,
Ah, como me encanta!
Fé na liberdade para questionar
Essas amarras do acreditar treinado.

Com o saber quero brincar, brindar...
Os medos e preconceitos ao som de
Muitas vozes espantar!

Letras, palavras, frases, cantigas,
Essa poeira de ideias,
Infinitos saberes, que lentos e galopantes
Teimam e se erguem ao som das histórias
Utópicas, porém pulsantes e
Reais como toque na inconsistência do ser.
Amanhecer, florescer, fazer acontecer!



Autora da foto: Maria Laedna Delfino Borges Silva

MARIA LAEDNA EM CONVERSA COM *MARINALVA JUSTINO DO CARMO*

Maria Laedna Delfino Borges Silva
Segundo semestre de 2024



Começo a narrativa com um acróstico, resumo dos textos lidos, tentei não romantizar, como solicitado no seu texto, mas adoro enfeitar a realidade. Então, corro o risco de falhar.

Marinalva rima com estrela d'alva,
Apenas, o irmão gêmeo da terra, o planeta Vênus.
Reconhecido objeto mais brilhante no céu noturno.
Inspirando crianças a sonhar, realizar,
Navegando pelo saber, na prática, no cotidiano.
Assim, você segue, acompanhando cada passo, cada dor no percurso.
Lutando para impregnar o mundo com o fazer pedagógico,
Vivenciando os ideais de freire,
Ampliando horizontes com Freinet.

Quero conhecer melhor a escritora Marinalva. Percebi que as histórias de vida dos autores me encantam tanto ou mais que suas obras.

Busquei fotos, além do perfil; amei a selfie acima; pouco me contaram; sugeriram muitas perguntas. O que guarda por trás do profundo olhar? Ou do sorriso fácil? Pensei em ser sua estagiária por um dia, um café, um bate-papo…

O Amontoado de tarefas, a loucura da profissão e da vida, não permitiram. Voltei à leitura do texto: Final de trimestre e a professora está como? Encontrei nosso elo, somos Freirianas e, como freirianas, praticamos o Verbo Esperançar (Freire, 1992). Paulo Freire foi citado em todas as narrativas estudadas, com minhas citações preferidas.

Não era sua intenção, mas, depois de tudo que você narrou no texto, me convenceu: - Temos Super Poderes!

Só uma Super Heroína aprende até na observação de um hamster, ensina como permanecer em uma corrida infinita e continuar equilibrada.

Quando li bell hooks (2013), Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade, descobri que Paulo Freire (1987) me ensinou a ser a transgressora que sou, lendo a Professora Marinalva, descobri que somos Super heróis.

> […] A academia não é o paraíso, mas o aprendizado, é um lugar onde o paraíso pode ser criado. A sala de aula com todas suas limitações continua sendo ambiente de possibilidades. Nesse campo de possibilidades, temos a oportunidade de trabalhar pela liberdade, exigir de nós e de nossos camaradas uma abertura da mente e do coração que nos permite encarar a realidade ao mesmo tempo em que, coletivamente, imaginemos esquemas para cruzar fronteiras, para transgredir. Isso é a educação como prática da liberdade […] (hooks, 2013, p. 273).

Final de trimestre é material suficiente para toda a narrativa, mas estou evitando falar das políticas para não perder a habilidade

de colorir o mundo. Sendo assim, vamos à sala de aula, como se anuncia nos próximos textos.

> [...] Enfim, a aula como acontecimento, transforma o vivido em curiosidade, perguntas, pesquisas, hipóteses, ou seja, o professor e o aluno juntos produzindo o conhecimento, compartilhando o caminho e vivências significativas. (Trecho da narrativa "Me Sentindo como na Roda dos Hamster" de autoria da professora Marinalva).

Fraude nas eleições, O que fazer com o conhecimento que construímos e Tateio Experimental são maravilhosas narrativas das práticas, currículo e conteúdos, que estão atrelados ao cotidiano, ao coletivo, ao fazer junto. Freire enfatizou a necessidade de um ambiente que permita a expressão de ideias, fazer perguntas e construir conhecimento, a partir das próprias experiências. Nesse sentido, a atuação deve ser facilitadora na exploração do mundo, ajudando a conectar o aprendizado com a realidade. Essa abordagem promove o desenvolvimento integral dos alunos, não apenas em termos cognitivos, mas também sociais e emocionais.

Em resumo, ao pensar na educação, à luz das ideias de Paulo Freire, é crucial criar um espaço de aprendizado, onde cada atividade tenha um propósito claro que ajude a entender e dar sentido ao vivenciado. Isso não só enriquece o processo educativo, mas também forma indivíduos mais críticos e conscientes do seu papel na sociedade.

Também, remete a Célestin Freinet (1973), tanto Freinet quanto Freire defenderam uma educação que favoreça a reflexão crítica. Ambos enfatizaram a importância da participação ativa dos alunos no processo de aprendizagem. Freinet propõe a aprendizagem, a partir da prática e da experiência, enquanto Freire defende um diálogo constante entre educador e educando. Para ambos, a educação deve ser contextualizada na realidade dos alunos. Freire fala sobre a mediação entre o conteúdo escolar e a

realidade social dos estudantes, enquanto Freinet trabalha com projetos que têm relação direta com a vida cotidiana dos alunos.

Freinet utiliza métodos que incorporam a experiência e os interesses dos alunos, Freire, também, valoriza o conhecimento prévio dos educandos, como ponto de partida para a aprendizagem.

Ambos veem a educação, como um meio de libertação. Freire fala sobre a conscientização e a superação da opressão, enquanto Freinet busca uma educação que liberte das amarras de um sistema educacional tradicional e autoritário.

Atualmente, quem, também, se aproxima das propostas de Freire e Freinet na educação cidadã é o pedagogo e filósofo brasileiro Dermeval Saviani (2009), que ao longo da sua obra, tem enfatizado a importância de uma educação que propicie a formação de cidadãos críticos e atuantes na sociedade. Saviani (2009) reconhece a importância de contextualizar o aprendizado. Ou seja, a educação deve partir das vivências e da cultura dos alunos, promovendo uma aprendizagem que faça sentido para eles e que esteja enraizada em suas realidades sociais. As defesas são semelhantes ou aproximam-se muito nos três autores.

> [...] o dominado não se liberta se ele não vier a dominar aquilo que os dominantes dominam. Então, dominar o que os dominantes dominam é condição de libertação (Saviani, 2009, p. 50-51).

No texto Fraude nas eleições - Representante de sala, você, Marinalva, aplicou, com maestria, o exercício da cidadania e todos os conceitos listados. A atitude do aluno, que buscou um atalho para alcançar sua meta, revela a necessidade de orientações claras sobre a importância do respeito às regras e da honestidade nas interações sociais.

Essa experiência foi um convite para a promoção de um diálogo construtivo, no qual você ensinou não apenas sobre os valores democráticos, mas também sobre as consequências das ações. O exercício da cidadania, nesse contexto, foi além de um

simples ato de votar, tratou-se de compreender que a verdadeira representação deve ser fruto da confiança e respeito mútuo.

A decisão de impugnar a eleição foi uma ação firme e importante. Não era apenas corrigir um erro, mas, acima de tudo, educar sobre a importância da ética e da honestidade. Em vez de puni-lo de forma brusca ou, simplesmente, cancelar a eleição, optou-se por uma abordagem didática.

Convidou o aluno e seus colegas para uma roda de conversa, discutiram o que havia acontecido. Fizeram perguntas que incentivaram todos a refletir sobre as implicações das suas ações. O que significa ser um representante? Como devemos agir quando queremos algo?

As crianças entenderam que um verdadeiro líder não compra votos, mas conquista a confiança e o respeito dos outros, por meio de ações honestas. A experiência se transformou em uma oportunidade para aprender a fazer escolhas corretas, mesmo quando a tentação é grande. Essa lição se estende para a vida dentro e fora da escola.

Continuaremos a estudar, discutir e promover uma educação libertadora, ir além da resistência e do domínio.

Para o grupo, proponho mais encontros presenciais, mais bate-papo, música, ócio, cafés e guloseimas. Precisamos nos conhecer melhor, como pessoas e nos fortalecer, como grupo. E, no atual contexto político, termino com *Eu Só Peço a Deus*, de Mercedes Sosa e Beth Carvalho.

Referências

CARVALHO, Beth; SOSA, Mercedes. **Eu Só Peço a Deus** [vídeo]. YouTube, 23 dez. 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Z2F30_8shcQ. Acesso em: 05 nov. 2025.

FREINET, Célestin. **Pedagogia do bom senso**. São Paulo: Moderna, 1973.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
HOOKS, bell. **Ensinando a Transgredir**: a Educação como Prática da Liberdade. Tradução de
Marcelo Brandão Cipolla. 1. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.
SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**: fundamentos históricos e filosóficos da educação brasileira. 25. ed. Campinas: Autores Associados, 2009.

O QUE FAZER COM O CONHECIMENTO QUE CONSTRUÍMOS

Marinalva Justino do Carmo[17]
Segundo semestre de 2023

A educação ambiental é algo muito discutido, dentro dos processos educativos, mas fico pensando o quão distante estamos de uma educação ambiental que promova mudança e conscientização da sociedade, diante desse tema que é tão caro para toda a vida no planeta. Penso que nossas palavras devem estar alinhadas às nossas ações. Se falo sobre reciclagem, mas não me preocupo com a coleta seletiva, esse conhecimento, provavelmente, ficará descolado da realidade, mas, quando me preocupo em promover atitudes e mudanças, dentro do universo dos nossos estudantes, ou seja, o ambiente escolar, com certeza, isso fará sentido para eles e terá o efeito de ondas sonoras, capazes de alcançar outros espaços de convivência do aluno.

Em nossa escola, temos discutido esse assunto há algum tempo e levado nossos estudantes a refletir sobre essas questões, porém acredito que, ainda, devemos repensar hábitos e processos, dentro da escola, afinal uma ação vale muito mais do que palavras. Se, de fato, queremos uma Educação Ambiental que promova mudanças, no entorno da escola, devemos, além de ensinar, nos mobilizar para uma ação efetiva. Essa é a beleza da educação, estamos no processo, aprendendo e ensinando, é um borbulhar de sentimentos e indagações. Perguntei para a Leila, na sala de professores: Qual o destino do lixo produzido na escola? E ela me respondeu: Sabe que eu não sei. Rimos juntas e refletimos que esse era um bom lugar para começar transformando o que é possível

[17] Professora dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental na EMEF/EJA Padre Leão Vallerié.

dentro da escola, daí já viajamos… falamos sobre as lixeiras para coleta seletiva e a utilização do lixo orgânico para o processo de compostagem, isso seria muito útil, já que temos uma horta na escola. Em outro dia, na mesma sala dos professores, conversava com a M, a vice-diretora da escola, sobre a utilização dos copos descartáveis, que, além de prejudicar o meio ambiente, é um veneno para nossa saúde, estamos tomamos um cafezinho envenenado com BPA (bisfenol A). Rimos e concordamos em pensar uma ação para mudar isso. São pequenas mudanças que fazem a diferença.

Essas inquietações surgiram com mais força, a partir do trabalho desenvolvido pelo ciclo I (referente as turmas do 1º ao 3º ano do Ensino Fundamental), a partir do qual os alunos dos primeiros anos vinham discutindo o caminho do lixo, os impactos dos descartes incorretos desses materiais para o meio ambiente e para a vida no planeta. Iniciamos, indagando as crianças sobre o que elas sabiam a respeito desse assunto, apresentamos algumas imagens sobre as ilhas de plástico e realizamos leituras e discussões sobre informações a respeito da formação dessas ilhas, assistimos a reportagem do *Jornal da Record* que falava sobre a ameaça do lixo plástico para a vida marinha, o que causou grande interesse nos alunos.

Nesse percurso, surgiu a necessidade de um projeto que envolvesse todo o ciclo I, marcamos uma reunião com o grupo de professores para discutir algumas ideias trazidas pela coordenadora de Ciclo Leila. Durante a reunião, a professora C, nossa colega, hoje, aposentada, teve a ideia de, a partir de uma atividade já pensada para os alunos dos primeiros anos, aprofundar o tema do lixo nos segundos e terceiros anos. Os alunos dos primeiros anos fariam uma caminhada pedagógica para observar a questão da limpeza das ruas no entorno da escola e recolher os materiais descartados de forma incorreta que encontrássemos nas proximidades. Hoje, após a experiência e meu breve contato com Freinet (2004), prefiro chamar de aula-passeio.

Ficou decidido que, após a realização dessa etapa, os alunos dos segundos anos fariam a separação e a classificação dos resíduos

sólidos e a confecção de cartazes com gráficos sobre o tema; os alunos dos terceiros fariam entrevistas com os alunos das etapas anteriores e produção de texto. As colegas me perdoem se esqueci algum detalhe (risos).

Como combinado, no dia 01/06/23, os alunos dos dois primeiros saíram com sacos e luvas para recolher os lixos que encontrassem pelo caminho. Essa experiência foi fantástica! Os alunos pareciam que estavam salvando o mundo, tamanha a euforia e entusiasmo. Todos estavam engajados no processo e uma das minhas alunas falou que esse passeio era muito melhor do que o passeio que fizemos, ao Parque Ecológico de Campinas, realizado no dia 17/05/23. Foi um trabalho de cooperação, aguçado pela curiosidade e interação entre os alunos. No final do dia, estavam todos felizes e com a sensação de dever cumprido, inclusive, essa professora que vos fala. Faço minhas as palavras de Paulo Freire: "*Educar é impregnar de sentido o que fazemos a cada instante!*"

Esse trabalho fez tanto sentido para meus alunos que, durante um bom tempo, eles recolhiam todo papel ou plástico que encontravam pela escola e vinham me mostrar; também, escolheram esse tema para a escrita coletiva do projeto Estante Mágica, intitulado Se liga no lixo. Que, talvez, mereça outra narrativa.

Finalizando o relato, minhas colegas, também, fizeram um belíssimo trabalho nos segundos e terceiros anos, dando continuidade e envolvendo todo o ciclo em um trabalho coletivo, de cooperação entre os professores e alunos.

Algumas fotos para ilustrar:



Fonte: Arquivo da Autora.





Fonte: Arquivo da Autora.

Referência

FREINET, Célestin. **Pedagogia do Bom Senso**. Tradução de J. Baptista. São Paulo: WMF Martins Fontes, 7.ª ed., 2004.

FRAUDE NAS ELEIÇÕES - REPRESENTANTE DE SALA – 2024

Marinalva Justino do Carmo
Primeiro semestre de 2024

A primeira assembleia de classe do quarto ano B foi realizada no dia 07/03/2024 na sala de aula com vinte e cinco alunos presentes. Iniciamos, retomando alguns aspectos do funcionamento das assembleias e sua importância para a escola. Após a conversa, expliquei sobre a mudança na composição dos representantes de sala, seriam eleitos três meninos e três meninas que passariam a integrar a Comissão Própria de Avaliação (CPA), durante o ano, sendo um menino e uma menina representantes a cada trimestre.

Vários estudantes, voluntariamente, se candidataram ao cargo e tiveram a oportunidade de apresentar os motivos e propostas para que os colegas pudessem escolher a melhor opção de representatividade.

Foi bastante interessante esse momento. Vários alunos disseram que queriam ser representantes, porque era o seu sonho, porque nunca foram, porque sempre quiseram. Um aluno, o mais improvável, mudou o rumo do debate, quando disse que queria ser representante para lutar pela volta do futebol no horário do recreio, a partir de então, os estudantes começaram a fazer suas propostas e promessas de campanha, visando ao bem do coletivo e não apenas aos seus desejos e vontades.

Os alunos estavam bastante eufóricos com a votação. E alguns acabaram se excedendo nas promessas. Um dos alunos prometeu que daria um brinquedo para quem votasse nele. A princípio achei que era só uma brincadeira e não dei muita importância. Transcorrida a eleição, esse aluno ganhou em primeiro lugar, fizemos todas as anotações dos demais ganhadores e pensei que estava tudo resolvido; ledo engano, não estava. Para minha

surpresa, uma aluna me procurou, no horário do recreio, e me perguntou se poderia mudar seu voto. Eu disse que não e indaguei sobre o motivo. A aluna me explicou que o aluno vencedor do pleito havia prometido um brinquedo para quem votasse nele e que, agora, estava anotando os nomes para pagar a promessa. Resumo da ópera, houve uma interferência na votação por compra de votos, como admitiu o próprio aluno.

Voltamos para a sala, após o recreio, e iniciamos uma discussão sobre a necessidade da lisura nos processos eleitorais, conversamos que esse tipo de atitude prejudica os demais candidatos e é considerado crime eleitoral passível de prisão e cassação de mandato. Perguntei para os alunos que votaram no candidato em questão que se ele não tivesse prometido o presente, ainda votariam nele? Eles disseram que sim, porque gostavam das suas ideias e eram amigos, porém, quando perguntei se os demais candidatos queriam refazer a votação, foi uma confusão, alguns já eleitos tinham medo de não conseguir ganhar novamente, outros queriam uma nova eleição e, por fim, diante do impasse, coube-me decidir. Talvez, o correto seria impugnar a candidatura do aluno, porém confesso que quis saber se, de fato, os alunos tinham entendido a gravidade do ocorrido.

Para minha surpresa e da estagiária L, houve uma grande mudança nos resultados, apesar dos alunos falarem que não votaram por causa do presente, apenas uma aluna não mudou o seu voto, os demais votaram em outros candidatos. Eles não só entenderam o poder do voto e sua importância, como deram uma resposta nas urnas, demonstrando que o seu voto faz a diferença nos processos eleitorais.

Concluída a contagem de votos, os vencedores do pleito e os seus eleitores comemoraram, com grande entusiasmo, olhei para o aluno que quis burlar o sistema e ele estava chorando, me aproximei e tentei iniciar um diálogo, ele, porém, permaneceu calado. Expliquei que ele teria grandes chances de vencer sem precisar comprar votos, afinal ele é um aluno bastante querido e popular entre os colegas.

Hoje, escrevendo esta narrativa, fiquei pensando sobre a importância de uma educação cidadã, que visa à formação de pessoas que conhecem e exercem seus direitos e deveres, por meio do diálogo e do respeito ao próximo, que sejam críticas, questionadoras, que não aceitam a injustiça, que lutem pela liberdade e o direito de todos, envolvendo e propiciando a participação da família, da escola e de toda a comunidade.

Nesse sentido, vejo o quanto nossa escola está engajada em fazer acontecer uma educação para a cidadania, no dia a dia, no diálogo com os estudantes, nos coletivos, como a CPA, as Assembleias de Classe, o Grêmio Estudantil e muitos outros instrumentos que visam a formar cidadãos.

Concluo com a citação de Paulo Freire (2000, p. 67): "Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda".

Referência

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

ME SENTINDO COMO NA RODA DO HAMSTER

Marinalva Justino do Carmo
Primeiro semestre de 2024

Final de trimestre e a professora está como?

Me sinto como em uma corrida infinita, acho que, por isso, lembrei-me de F, meu hamster de estimação. Ele já se foi, mas deixou alguns ensinamentos, apesar de ficar horas correndo na sua roda, ele tinha seu tempo de descanso. Correr é um exercício muito bom, mas não pode ser contínuo, pois pode levar à exaustão, ou seja, ao completo esgotamento físico, mental e emocional.

No auge da loucura cotidiana, muitos são os conselhos: organize melhor sua rotina, beba água, se alimente bem, faça exercícios, durma mais cedo, pratique um *hobby*, conselhos muito úteis, mas eu pergunto: Alguém está conseguindo?

Eu tenho a impressão de que, quando vejo minhas colegas de trabalho esgotadas, ao final do dia, muitas vezes, nem água conseguimos beber e o pior é a sensação de que ainda não terminou, pois estamos levando trabalho para casa.

Equilíbrio é a palavra de ordem, mas como parar a roda dos prazos, das avaliações a serem preparadas, depois, corrigidas e lançadas no sistema, dos alunos faltosos que embaraçam o meio de campo? Como parar a avalanche de demandas, que nos são impostas pelo cotidiano escolar e pela estrutura de um sistema de educação que não sabe muito bem o que é uma sala de aula?

Às vezes, me pergunto se quem criou o Diário Digital ou o *Integre*[18]… sabe quais são as demandas mais importantes de um

[18] O *Integre* é um sistema que permite a gestão integrada de toda a rede escolar do Município de Campinas, com a criação de um banco de dados único que contém as informações dos alunos, como aproveitamento escolar e frequência, entre outras. Estas informações podem ser acessadas via Internet. (Fonte: https://

professor. Talvez, se eles nos perguntassem, poderíamos dizer formas de simplificar o trabalho, mas não somos ouvidos, somos forçados a fazer tarefas e mais tarefas burocráticas e sem sentido. Não demonstram preocupação ou empatia com o trabalho do professor, que, muitas vezes, devido às muitas demandas, trabalham em casa muito horas não remuneradas.

Nossa tendência é querer dar conta de tudo, nosso trabalho distingue-se de muitos outros, com uma jornada, que, após cumprida, o profissional está livre para fazer o que mais lhe convém. Nós não, temos que fazer caber, nos nossos tempos pedagógicos, uma infinidade de tarefas e, muitas vezes, não enxergamos o limite entre nossa vida pessoal e nossa vida profissional.

Elas, as tarefas, vão se amontoando. O professor não as esquece, algumas vezes, sim, risos… quando estamos envolvidos com nossos alunos e nosso fazer pedagógico, mas há sempre alguém que não nos deixa esquecer por muito tempo (Mais risos).

E, dessa forma, seguimos…

O discurso parece sempre romantizar a educação. O professor trabalha por amor, o professor doa o seu tempo e, muitas vezes, os seus recursos, afinal o professor é um guerreiro, salvador da pátria, só que não. O professor não tem superpoderes, nós somos humanos como todos, na nossa humanidade, também, precisamos de cuidados.

O professor precisa de tempo para ser criativo, o professor precisa de tempo para estudar, ler, se informar, pesquisar. O professor precisa ser ouvido, acolhido e valorizado. O professor precisa de melhores condições de trabalho, de salas de aula menos lotadas, de uma melhor infraestrutura escolar. Não podemos ser ingênuos, achando que podemos vencer na força da boa vontade e do amor. Segundo Paulo Freire, "Ser professor e não lutar é uma contradição pedagógica".

---

transparencia.ima.sp.gov.br/noticias/sistemas-da-educa%C3%A7%C3%A3o-recebem-evolu%C3%A7%C3%A3o. Acesso em: 05 de novembro de 2025).

Não estou dizendo com isso que devemos parar de girar a roda do conhecimento, dos saberes, da criatividade, do ensinar enquanto aprende e aprender enquanto ensina. Sim, nossa busca por mudanças no processo de ensino não pode parar, mas. enquanto fazemos isso, nossa luta por dignidade e pelo reconhecimento do nosso trabalho também não.

Precisamos resistir, não só no sentido de ser resistente, aguentar, mas no sentido de impor limites, de não ceder, defender-se.

Nessa semana, estava lendo um texto que me inquietou muito, denominado Aula como acontecimento, de João Wanderley Geraldi (2010), que suscitou muitas questões a serem respondidas na minha mente: Será que estamos de fato, ultrapassando o modelo de professor controlador do processo de aprendizagem do aluno ou ainda somos operadores da parafernália didático-pedagógica?

Como se desvencilhar dessa herança cultural que nos direciona a retornar a ela, para melhor aprendê-la? Tenho a impressão de que por mais que nos esforcemos para romper com esse círculo vicioso, sempre voltamos ao mesmo lugar, obrigados pelas circunstâncias diárias, pelas exigências do mercado, pelas políticas educacionais, pela definição dos conteúdos a serem ensinados e pelos sistemas de avaliações.

O mundo está passando por uma crise, segundo o autor essa crise perpassa o nosso modelo de pensar o mundo e nele habitar. Essa roda que não para de girar e a identidade do professor, ao mesmo tempo que é definida pela estrutura global da sociedade e pelas políticas impostas de cima para baixo, também, tem se mostrado transformadora, à medida que o professor rompe com essa lógica e passa a ter o acontecimento da sala de aula, como ponto de partida para que as perguntas dos alunos sejam respondidas, para que a pesquisa e a curiosidade movam a roda do cotidiano escolar, a reflexão sobre o vivido, sem a pressa de cumprir uma demanda, um planejamento ou um conteúdo específico, mas o aprendizado significativo, que instiga a busca, que não coloca o conhecimento em caixinhas, que não tem respostas prontas dadas pelos livros didáticos.

Enfim, a *Aula com acontecimento*, transforma o vivido em curiosidades, perguntas, pesquisas, hipóteses, ou seja, o professor e o aluno, juntos, produzindo o conhecimento, compartilhando o caminho e vivências significativas.

Lendo esse texto, tenho mais clareza sobre o lugar a que desejo chegar, minha busca continua firme e forte, apesar do desabafo do final de trimestre.

Referência

GERALDI, João Wanderley. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.



Autora da foto: Marinalva Justino do Carmo

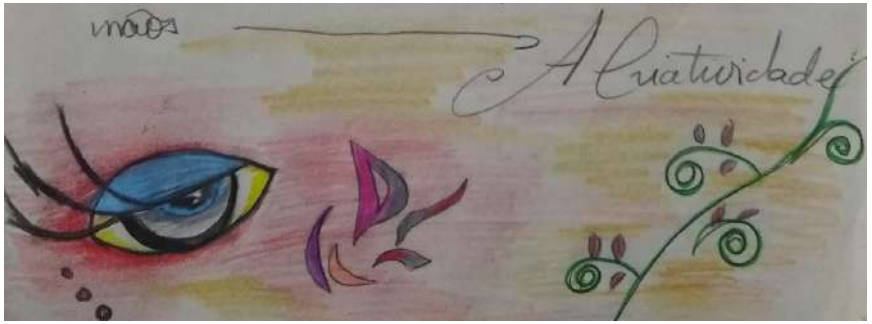
MARINALVA EM CONVERSA COM *KATIA GUIMARÃES*

Kaká - um acontecimento

Marinalva Justino do Carmo
Segundo semestre de 2024

Começo dizendo que foi um privilégio ler, observar, me emocionar, reviver e viver um pouco do universo da professora Kaká, posso dizer que me perdi e me encontrei nos traços, desenhos e escritas; viajei no mundo dos sentidos e sentimentos. Foi incrível!

Recorte da narrativa



Agradeço, também, ao Guilherme, Adriana e Inês por essa proposta de ler as narrativas dos nossos colegas. Que riqueza! Quanto aprendizado! Confesso que fiquei apavorada; risos. Não tinha ideia de como seria um deleite e uma satisfação.

Voltando ao dia 30 de julho de 2024, dia do nosso encontro *on-line* do Projeto FAPESP com o objetivo de discutir uma proposta para os próximos quatro meses. A princípio, não entendi muito bem, fiquei um tanto apreensiva com o desafio, tentei esclarecer algumas dúvidas, durante a reunião, e acredito que entendi, espero que sim: ler e estudar as narrativas de um colega, tematizar, relacionar com um ou mais autores e sugerir um estudo sobre o

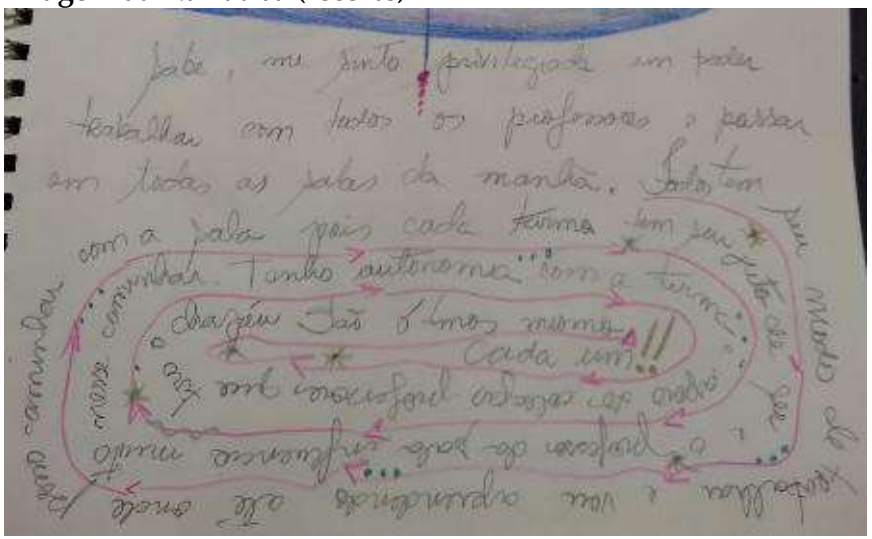
assunto, que poderia ser apresentado, como uma narrativa, mas não ficou engessada a forma de apresentação.

Até aqui, tudo bem, passamos para o sorteio do colega e da sequência de apresentações. O nome sorteado, para mim, foi o da professora de Arte Kaká, já comecei a pensar o quanto seria desafiante, afinal, suas narrativas eram carregadas de sentimentos e sentidos expressados por seus desenhos, pensei que, talvez, eu não fosse capaz de traduzir o quê, de fato, ela queria expressar. Para ficar mais desafiante, fui sorteada para ser a primeira a apresentar, no nosso próximo encontro, junto com o Augusto, professor adjunto de Educação Física. Tinha vinte dias, não parece tão pouco, mas, por coincidência, nesse período, também, havia as demandas de preparação das avaliações na escola e outras demandas particulares, que, com certeza, ocupariam grande parte do meu tempo.

Enfim, vamos ao que interessa, iniciei a leitura das narrativas e quero destacar alguns trechos que vou transcrever, mas também vou colocar um recorte do texto/arte para que o leitor possa apreciar os movimentos e a coreografia das letras, bem como os desenhos, arabescos e cores… Começo por esse recorte:

> Sabe, me sinto privilegiada em trabalhar com os professores e passar em todas as salas da manhã. Todos têm seu modo de trabalhar e vou aprendendo até onde posso caminhar com a sala, pois cada turma tem seu jeito de ser… O professor da sala influencia muito nesse caminhar. Tenho autonomia com a turma e apoio dos colegas professores, que tiro o chapéu. São ótimos mesmo. Cada um!!! (Trecho de uma das narrativas escritas pela professora Kátia ao longo do nosso Projeto).

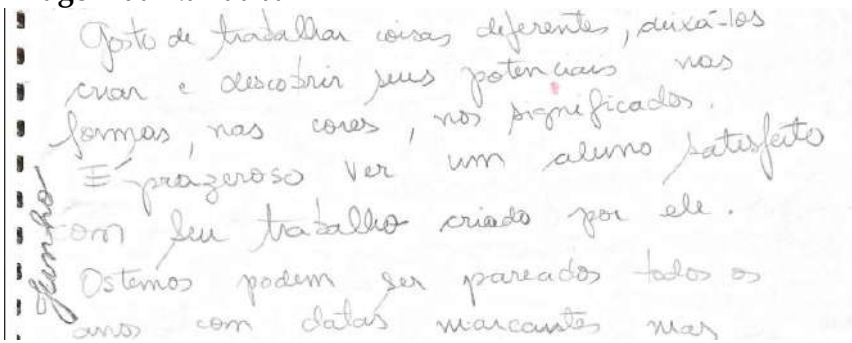
Imagem da Narrativa (recorte)



Esse trecho mostra algo muito importante que, algumas vezes, nos esquecemos, a força do coletivo e, ao mesmo tempo, a singularidade, identidade de cada um. não há como trabalhar de forma engessada na educação, cada turma tem seu DNA, e o professor precisa trabalhar com essas características e particularidades. Percebo, exatamente, isso nas aulas da Kaká, que está sempre conversando com o professor da sala sobre suas propostas (coletivo), adaptando a prática para cada turma (DNA) e, ainda, dando autonomia para cada aluno no seu fazer pedagógico. Mais um recorte:

> Gosto de trabalhar coisas diferentes, deixá-los criar e descobrir seus potenciais nas formas, nas cores, nos significados. É prazeroso ver um aluno satisfeito com seu trabalho, criado por ele (Trecho de uma das narrativas escritas pela professora Kátia ao longo do nosso Projeto).

Imagem da Narrativa



Nesse ponto, um turbilhão de questionamentos invade minha mente, e sinto que perdi alguma coisa, parece que nós, professores polivalentes, estamos sempre correndo atrás de prazos, conteúdos e demandas… Onde está o prazer e a satisfação do professor e do aluno? Sobra pouco tempo para a criação e para o deleite da descoberta. Parafraseando Rubem Alves (2001), penso que o essencial da vida é o voo, a descoberta, a liberdade de traçar nossas próprias rotas ou caminhos, se somos aprisionados, perdemos a alegria e o encantamento.

Novamente, faço a pergunta de sempre: Como nos libertar desse sistema educacional que não nos dá muitas possibilidades de mudanças?

Me vejo, muitas vezes, como um pássaro engaiolado, lutando, desesperadamente, para conseguir *pequenos voos*, mas, hoje, ao parar e pensar sobre a minha colega de trabalho, eu vejo que ela tem conseguido voar, mesmo que em meio ao caos, mesmo que sem muitas condições, em um espaço apertado, com uma sala lotada e por aí vão todas as dificuldades que nós, professores, conhecemos muito bem.

Percebo que suas aulas são sempre *um acontecimento*, os alunos esperam, ansiosamente, por esse momento; para quem olha de fora, até, parece loucura.

Para corroborar com meus devaneios, destaco esse trecho de outra narrativa da professora Kaká: *As atividades têm que ser*

diferentes sempre, sinto essa necessidade de mostrar, trazer coisas novas, propostas diferentes e criativas e deixá-los voar nas ideias e criações.

Imagem da Narrativa



Se tenho que tematizar, então, lá vai: *Aula com um acontecimento.* Essa tem sido minha busca e o motivo das minhas inquietudes, desde o começo desse ano, inclusive falei sobre isso em uma das minhas narrativas intituladas: Me sentindo como na roda dos hamsters. Minha percepção é de que muita coisa precisa mudar, e isso passa pela força do coletivo. Precisamos abrir as gaiolas. As nossas próprias e, também, dos nossos alunos.

Ao ler e interpretar os escritos da professora Kaká, percebi seu entusiasmo na descoberta criativa dos seus alunos, algo, de fato, construído por eles sem muita ou com pouca interferência sua. É assim que enxerguei a força do seu trabalho, expressa em suas narrativas.

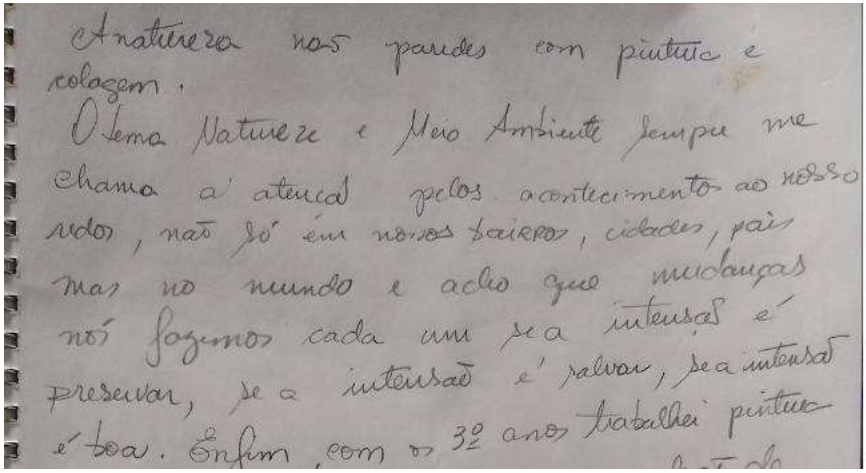
Sugiro a leitura e o estudo do texto *Aula como acontecimento*, de João Wanderley Geraldi (2010), que nos faz refletir sobre o controle dos processos de aprendizagem que estão postos no nosso

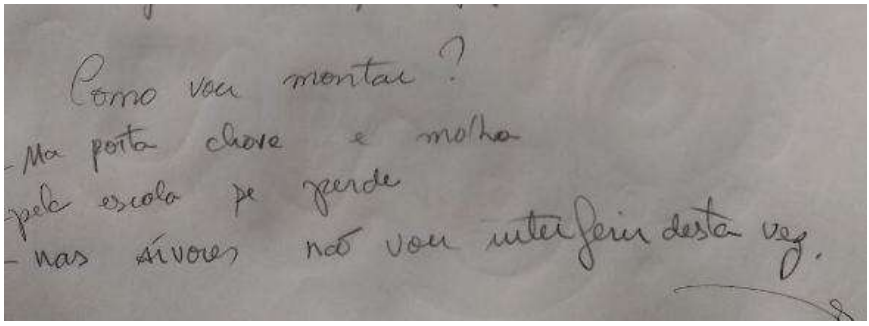
cotidiano. Como também nos faz pensar sobre a relação que o sujeito tem com o conhecimento, tanto professor, como aluno.

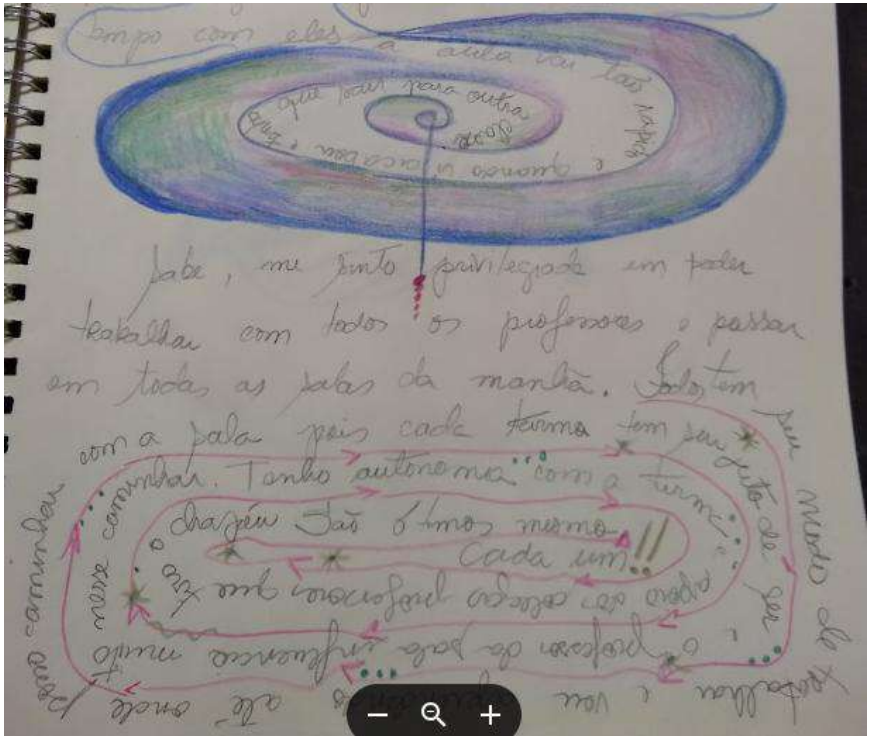
Outro autor que considero importante ler e estudar seus escritos é Célestin Freinet (2004), com suas ideias de livre expressão, autonomia, cooperação e trabalho.

Finalizo, deixando uma pergunta para reflexão: Como incentivar o voo dos nossos alunos, como repensar o ensino e aprendizagem nos libertando da lógica imposta pelo sistema educacional vigente?

Mais alguns recortes das narrativas da Kaká que corroboram com a discussão:

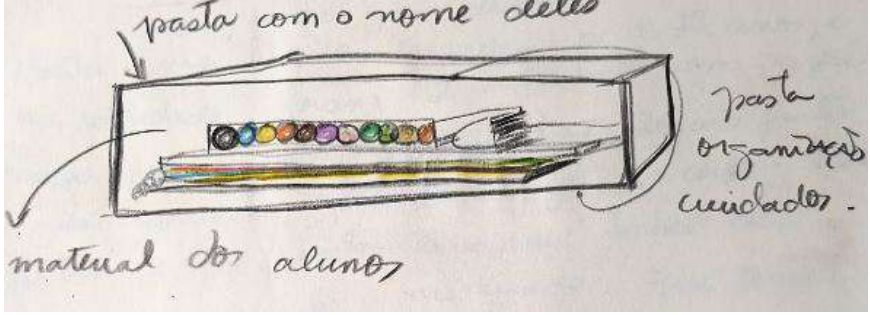





Isabela, me sinto privilegiada em poder trabalhar com todos os professores e passar em todas as salas da manhã. Cada um tem seu modo de trabalhar com a sala pois cada turma tem seu jeito de ser. Tenho autonomia com a turma de trabalhar o que eu quero, mas converso com o professor de cada sala para ver o que eles estão trabalhando. Cada um faz do seu jeito. Não somos mesmo!!

Idéias mil vem a mente agora
é tempo para fazer tudo isso acontecer
material que usaremos e criaremos mas
tenho que organizar o material deles
e estes verem a importância de se organizar
Pensei em pastas onde colocaremos
cada um seu material (caderno de
artes) bloco de folhas coloridas, canetinhas
giz de cera) e seu nome fora p/ usarem
todas aulas.

Legal dar essa noção de organização
do material, o cuidado e depois vamos
conversar sobre o respeito entre eles em
sala. É necessário essas paradas
para nos acertarmos conversarmos

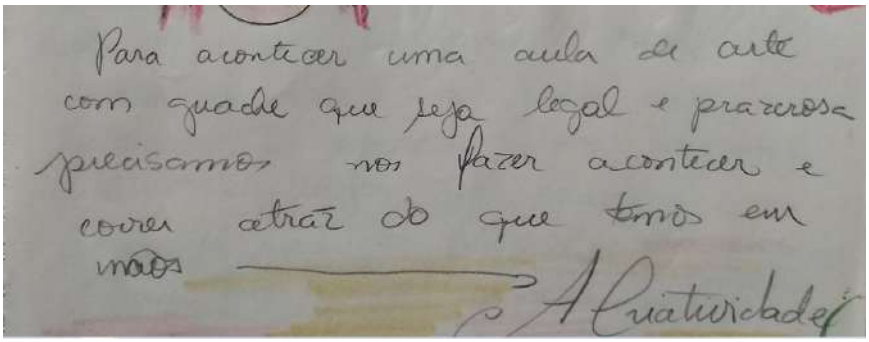


Estou de licença. Porque, horrível é a sensação mas deixo me cuidar para voltar com tudo e bem. Tenho muitas ideias para se cumprirem ao longo do ano e sem pressa, chego lá!!

As atividades que desenvolvo muda o feito da aplicação conforme a fala dando o como trabalharei com eles pra poder ter um retorno satisfatório de aluno aprendizado para com os alunos e comigo mesmo, pois nestas tentativas muitas vezes frustradas vou moldando como devo trabalhar, proceder pra poder ter um retorno [illegible] lados. (Claudia PI)

O ideal seria uma sala de arte com mesas grandes, com 2 tanques perto p/ usarmos, prateleiras p/ guardarmos as atividades e arquivos p/ desenhos feitos. Um espaço de arte com música ao fundo, muita luz, um espaço de artes

Queroooooo.....



Referências

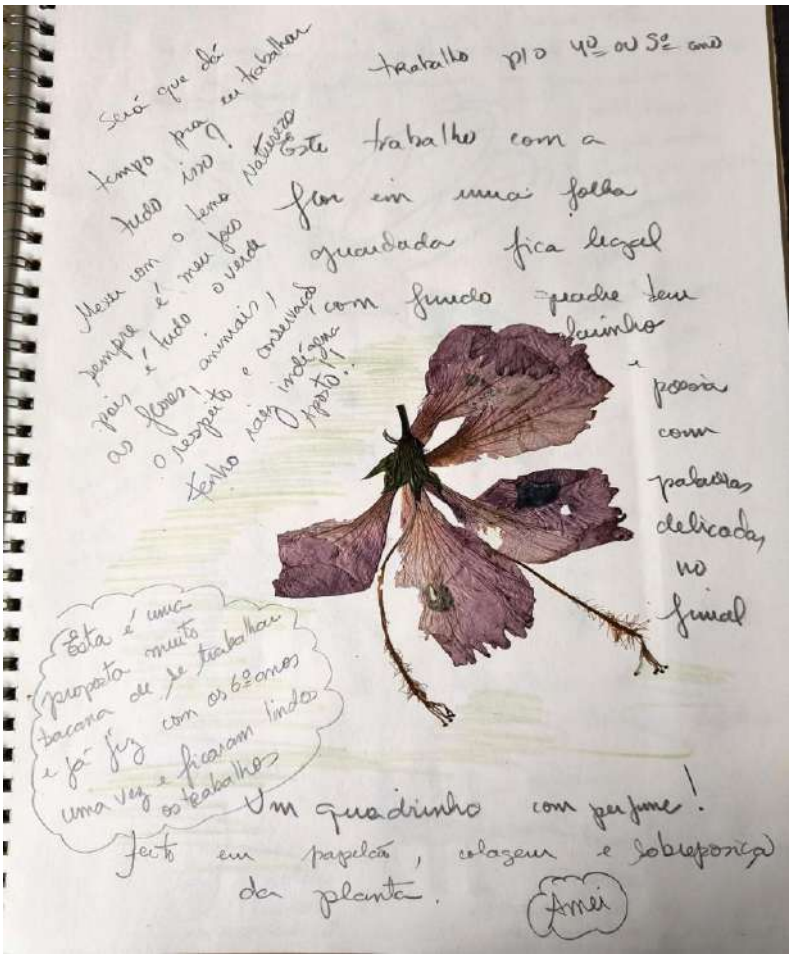
ALVES, Rubem. **Gaiolas e asas**. Folha de São Paulo, São Paulo, 5 dez. 2001. Coluna Opinião.

FREINET, Célestin. **Pedagogia do Bom Senso**. Tradução de J. Baptista. São Paulo: WMF Martins Fontes, 7.ª ed., 2004.

GERALDI, João Wanderley. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

SERÁ QUE DÁ TEMPO PARA EU TRABALHAR TUDO ISSO?

Kátia Guimarães[19]
Segundo semestre de 2024



[19] Professora de Artes dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental na EMEF/EJA Padre Leão Vallerié.









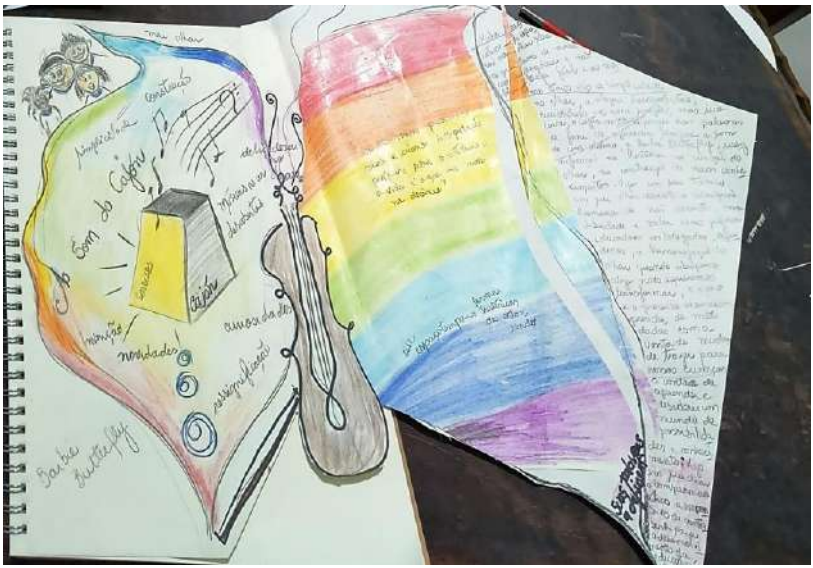

Fonte: Arquivo da Autora.

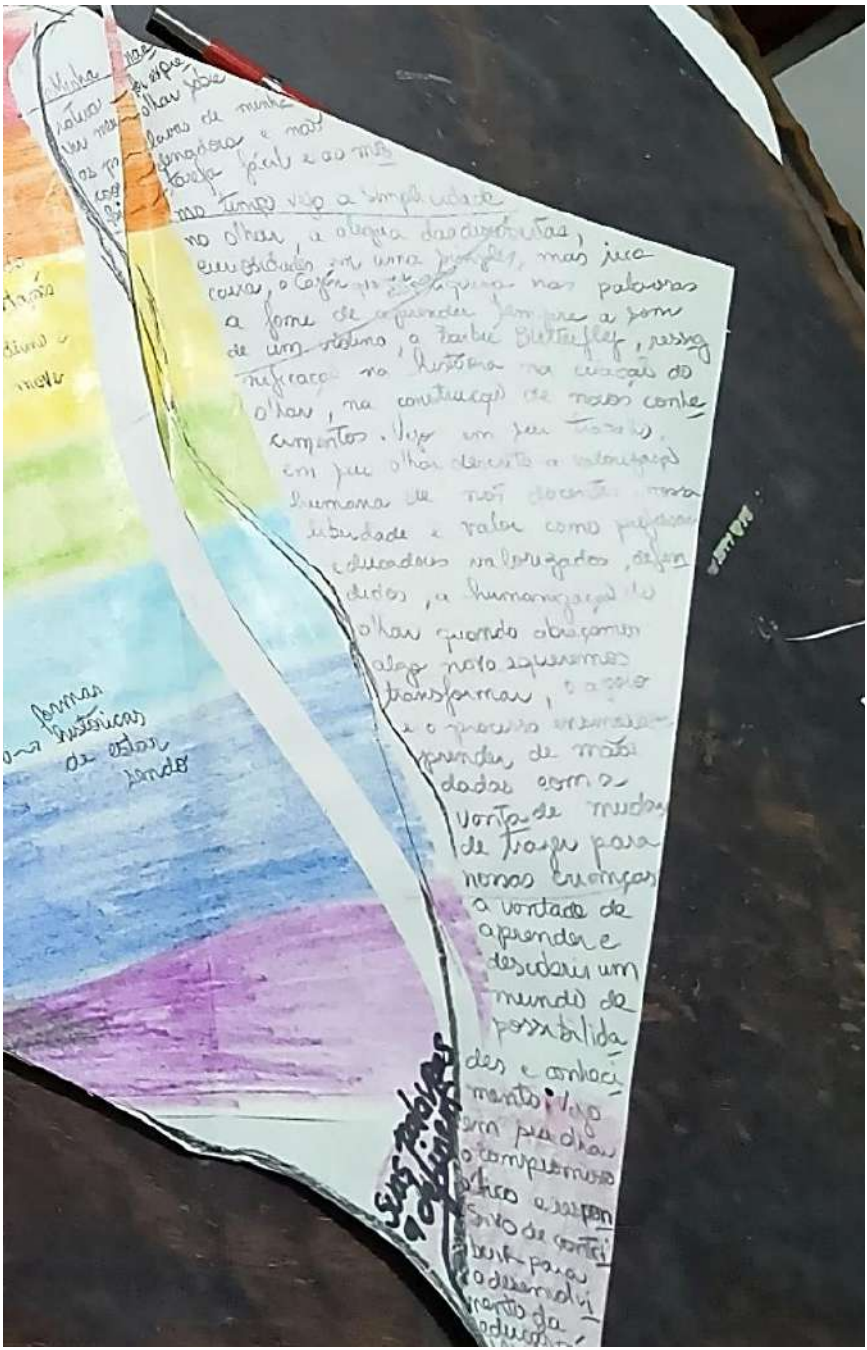


Autora da foto: Kátia Guimarães

KÁTIA EM CONVERSA COM
JULIANA CRISTINA CHAVES BULDRIN BAIOCCHI

Kátia Guimarães
Segundo semestre de 2024





AO SOM DO CAJÓN…

Juliana Cristina Chaves Buldrin Baiocchi[20]
Primeiro semestre de 2023

Mais uma manhã daquelas ensolaradas e livre de grandes ocorrências em que se podia escutar os gritos, risos e empolgação das crianças, tomando todo o espaço da escola. Mas, de repente, ouvi um som incomum, uma batida sonora que despertou curiosidade. Saí da minha sala e fui ver do que se tratava.

As crianças foram convidadas a manusear e tocar o instrumento de percussão *Cajón* que temos na escola e é muito usado pelo grupo da Seresta do professor N. Dri e M viram, no instrumento, uma linda oportunidade de colocar as crianças do quarto B, que já estavam em seu horário de brincadeira e parque, para criar. A alegria do D era extrema, poder manusear o *Cajón,* que, como uma caixa encantada, produz um som que nos faz querer dançar, bater palmas e cantar… foi lindo! As crianças, em roda, e o *Cajón,* no meio, iam se revezando, criando batidas e tentando introduzir melodias. M, de forma sensível, ia incentivando a participação das crianças. *A ancestralidade que pulsa,* disse ele!

E eu, muito curiosa com o instrumento, porque nem sabia o nome, fui pesquisar… Me encantei, sobremaneira, com sua história. De origem afro-peruana, negros escravizados separados dos seus instrumentos de percussão, improvisavam batidas em caixas e gavetas que, posteriormente, evoluiu para o *Cajón*, e, hoje, é considerado pelo governo peruano, Patrimonio Cultural da Nação. Era com esse instrumento, carregado de história, que as crianças estavam criando e se divertindo. Pensei com meus botões: elas precisam conhecer essa história também!

[20] Orientadora Pedagógica na EMEF/EJA Padre Leão Vallerié.



Fonte: Arquivo da Autora.

CAMINHOS DO MAR E DA VIDA…

Juliana Cristina Chaves Buldrin Baiocchi
Primeiro semestre de 2024



Fonte: Arquivo da Autora.

Junto ao desafio de buscar o encontro escolar fora da escola e buscar caminhos que nos levem a acumular afetos, dividir alegrias e compartilhar momentos que possam produzir, no grupo de professoras e professores, experiência estética humana.

O passeio realizado ao Parque Estadual da antiga Serra de Santos - Caminhos do mar, em 2023, nos fez ver detalhes, de cima da serra e no caminho de descida, compartilhar juntos, saberes, hipóteses, risos e esperanças com neblina no rosto e cheiro de vegetação molhada.

O encontro com o mar e a possibilidade de enxergar que os conhecimentos extrapolam as quatro paredes da sala de aula, nos faz lutar juntas(os) para que as(os) estudantes, na Leão, também

possam enxergar, cada vez mais, a imensidão da vida e sua relação com o que são, esperam e querem ser nesse vasto mundo…

UM GRUPO DE PROFESSORAS E PROFESSORES: INDÍCIOS E SINAIS DE QUALIDADE SOCIAL NA EDUCAÇÃO PÚBLICA

Juliana Cristina Chaves Buldrin Baiocchi
Segundo semestre de 2023 (revisitada ao final do ano de 2023)

Tantos sinais no cotidiano me levam a crer que os(as) docentes dos anos iniciais da EMEF/EJA Padre Leão Vallerié têm mobilizado práticas educativas outras que dão a ver a materialização dos princípios educativos do Projeto Político-Pedagógico da nossa escola, construindo, coletivamente, uma prática pedagógica com qualidade socialmente referenciada.

A preocupação em planejar coletivamente, buscando modos de fazer que consideram a formação integral e humana são visualizados, por meio dos encontros entre pares via *Google Meet* que acontecem, semanalmente, e fortalecem as relações entre as professoras do ano e as ajuda a pensar possibilidades metodológicas para a prática. Os(as) docentes, por unanimidade, aceitaram, desde o retorno às aulas presenciais (2021/2022), ampliar, compulsoriamente, a jornada de trabalho em duas horas semanais, com o recebimento de pagamento (Hora Projeto), posteriormente, validado pela Secretaria Municipal de Educação (SME) com a proposta do *Reordenamento Curricular*. Possibilidades essas que favoreceram um percurso autoral qualificado das propostas de atividades pedagógicas, considerando as peculiaridades dos(as) estudantes na construção do conhecimento.

Os Trabalhos Docentes Coletivos (TDCs) focados na formação centrada na escola e na reflexão sobre a prática, propiciou a dialogicidade formativa, contribuindo com a instrumentalização dos(as) docentes em torno das práticas educativas que fizessem sentido, a partir dos princípios e objetivos educacionais pactuados pelo grupo no Projeto Político-Pedagógico (PPP). De forma

colaborativa, as pautas e temáticas são construídas, a partir das demandas levantadas pelos(as) docentes, a partir dos desafios do cotidiano escolar. Nesse ano, avançamos um pouco mais no entendimento e problematização sobre a educação especial inclusiva, sobre a valorização dos *saberesfazeres* docentes, sobre valorização humana e participação democrática implicados na grande temática da cidadania planetária, eixo temático de trabalho da escola.

O acompanhamento das aprendizagens dos estudantes nas diversas dimensões que os constituem, como balizadores importantes para a percepção de qualidades, também, é um dispositivo imprescindível de atuação da orientação pedagógica e gestão como um todo. Trimestralmente, são realizadas sondagens diagnósticas de leitura, escrita e matemática que são convertidas em dados estatísticos, facilitando a visualização e a análise na dimensão do desenvolvimento da aprendizagem. Além e principalmente, da contínua avaliação e acompanhamento dos aspectos sociais, afetivos, relacionais dos(as) estudantes na constante busca por parcerias com as famílias e intersetoriais para apoio às crianças.

O tripé: planejamento coletivo - formação continuada colaborativa - acompanhamento/avaliação das aprendizagens, em um contexto baseado em relações de parceria e confiança, indicam um solo fértil para ver florescer sementes plantadas desde 2019. As parcerias firmadas com diversos atores internos e externos, também, são imprescindíveis, pois, como diz o provérbio africano, *é necessária uma aldeia inteira para educar uma criança.* É junto *com* que conseguimos construir uma comunidade educativa que potencializa o desenvolvimento de uma educação humanizadora. Junto *com* a Universidade pública (GEPEC e LOED – UNICAMP/FAPESP), na reflexão sobre a educação que queremos e sua qualidade social, na produção de narrativas pedagógicas que

produz (sobre)vivência, junto *com* o ECOAR[21], *com* os(as) docentes de bastante e pouca experiência, *com* educadores de diversos segmentos da sociedade civil, *com* a comunidade escolar, *com* profissionais da Secretaria Municipal de Educação (SME).

Todos esses indícios de produção de qualidade social são vistos, quando nos propomos a olhar com cuidado para o trabalho cotidiano, como sujeitos ordinários na composição de uma história escrita a diversas mãos e tecidas na esfera micro, no dia a dia, em meio a grandes contradições, avanços e retrocessos, permeada por desafios históricos educacionais, mas que pode se traduzir em ações potentes e significativas a todos e todas.

Foi bonito ver a alegria e o brilho no olhar da professora que, no desenvolvimento de um projeto com seus estudantes, sentiu e expressou a alegria vinda deles, em comentários do tipo: *"Adorei esta atividade, prô!"* Era só uma caminhada pelo bairro para a coleta de resíduos jogados, no ambiente, e teve tanto significado para aqueles estudantes. Ver as crianças produzindo coisas e criando interpretações próprias sobre o cotidiano e a vida é o que me movia na docência. A professora sentiu algo especial, vindo da satisfação e do entusiasmo do seu fazer pedagógico. Me reconheci naquele momento!

É a escola que leva seus estudantes a extrapolar os muros físicos e do conhecimento, proporcionando diálogos com a arte, com os grupos sociais, com a inclusão, a literatura, a cultura brasileira e afro-brasileira, em um encontro profundo com a diversidade e com sua identidade.

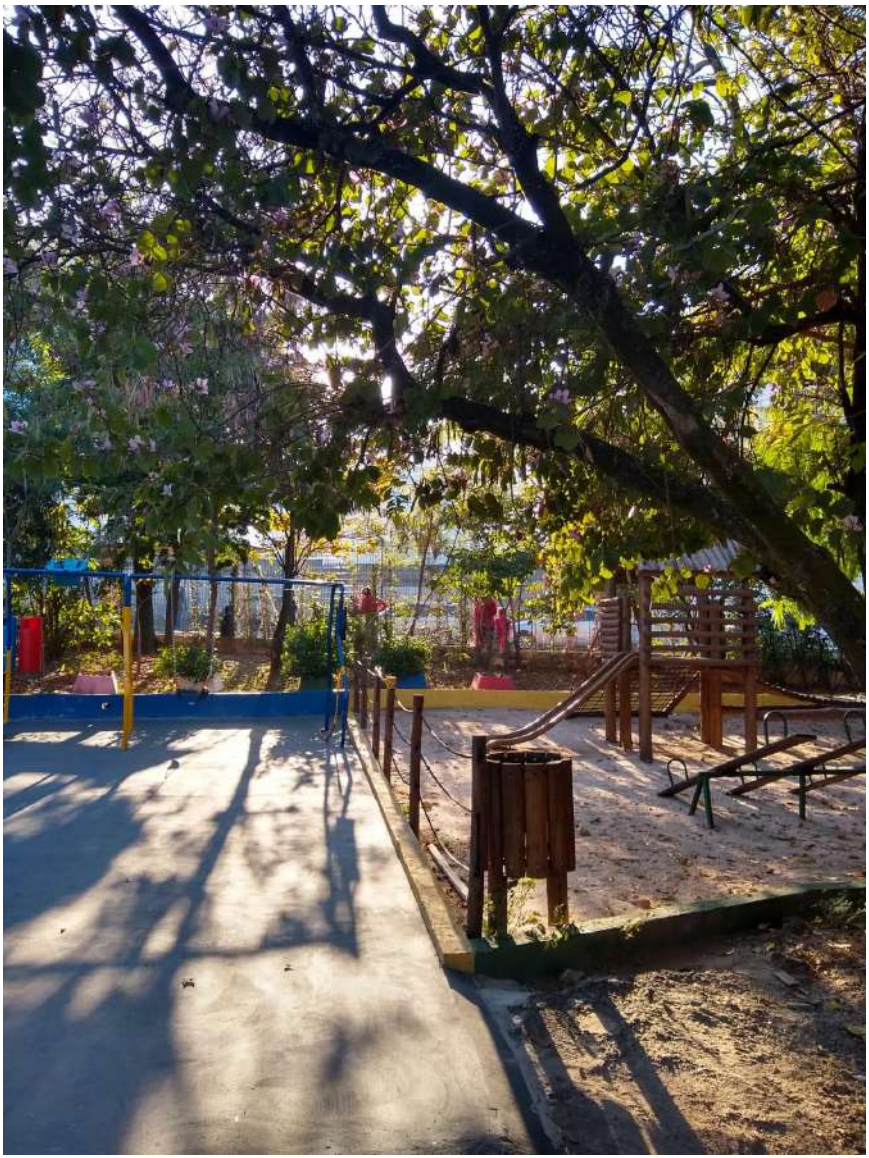
---

[21] Projeto ECOAR – Espaço de Convivência, Ação e Reflexão foi proposto para auxiliar o enfrentamento às diferentes formas de violência que se expressam na escola (e que, contudo, apresentam diferentes origens e cenários), a partir de uma prática psicossocial voltada para o desenvolvimento de ações preventivas, prevalecendo a noção da relação teoria e prática, ou seja, práxis revolucionária e crítica, com proposições de um modelo profissional para a mudança da realidade. Desde 2014, o Projeto ECOAR tem sido desenvolvido em escolas municipais de Campinas-SP. (Fonte: http://gep-inpsi.org/psicologia-escola/projeto-ecoar/. Acesso em: 05 de novembro de 2025.)

Tão bonito ver, quando professoras e professores desejam proporcionar experiências e possibilidades aos estudantes em um sublime processo de *ensinaraprender.* A ideia que surge, aqui, é ampliada, ali, e, quando se vê, estão todos(as) envolvidos(as) com produções exclusivas e fruto de criatividade de docentes e estudantes.

As caminhadas pedagógicas no entorno da escola, os estudos do meio, as assembleias de classe, os projetos nos ciclos - saraus, coleta de resíduos e reflexões sobre as questões socioambientais, as reflexões sobre o sistema monetário na festa junina, a salada de frutas, as releituras de obras de arte, os jogos de alfabetização, a Educação Física humanizada, coordenação de ciclo, a Comissão Própria de Avaliação (CPA)… tudo isso nos diz de um grupo de professoras e professores muito potentes que nos constitui. E, realmente, como sujeitos ordinários, inventamos a vida cotidiana na escola e somos convidados a narrar sobre nossas práticas, enredando, juntos, uma história nesse lugar tão singular.

Esses sinais calam fundo, em mim, à medida que me percebo professora orientadora pedagógica que faz parte e vive nesse grupo. Trago comigo o compromisso ético e responsivo de contribuir para o desenvolvimento da educação pública com qualidade social, considerando os processos formativos implicados para a viabilização da educação que acreditamos, nesse *espaçotempo*, como formas históricas de *estar sendo*.



Autora da foto: Marjory Alana Marcello

DAS PARCERIAS QUE FAZEM O CAMINHAR MAIS BONITO

Marjory Alana Marcello[22]
Primeiro semestre de 2023

Fevereiro de 2023. Recebi com alegria a notícia de que a professora adjunta C, de Educação Física, permaneceu em nossa escola, e, agora, na EJA (no ano anterior, ela atuou à tarde). Pensei logo em como isso poderia ser importante para os alunos, que sempre fazem colocações no sentido de não terem a Educação Física em horário de aula, e sim no contraturno. Fui logo me apressando em chamar a professora, de canto: C, vamos fazer um pouco de Educação Física no período de aula? A gente pode trabalhar em dupla docência! C me olhou com algum estranhamento, já que, ainda, não tinha vivenciado algo do tipo, mas me deu um crédito e assentiu. E foi, assim, que começamos essa empreitada.

Comecei sugerindo um conteúdo comum às duas disciplinas (Ciências e Educação Física): qualidade de vida. Dava para trabalhar juntas esse tema, cada uma trazendo a perspectiva da sua matéria e, inclusive, aproveitando para mostrar para os alunos que o conhecimento não está fragmentado em caixinhas. Essa questão me parece, ainda, mais importante na EJA, pois os estudantes trazem vivências de escolas de anos atrás, em que tudo era bem compartimentado e cada professor ensinava só a sua matéria. Que fantástico a gente poder oferecer uma oportunidade concreta para eles repensarem isso! Fico (sou) super ansiosa!

Em março, comecei a introdução da temática da qualidade de vida, ligando-a à alimentação saudável que estávamos estudando.

[22] Professora de Ciências dos Anos Finais do Ensino Fundamental e da Educação de Jovens e Adultos e Apoio a Gestão na EMEF/EJA Padre Leão Vallerié.

Vou tecendo, com eles, os conteúdos da perspectiva da ciência e introduzindo que esse tópico tudo tem a ver com a Educação Física, pois para termos qualidade de vida, precisamos, também, da prática de exercícios e do movimento do corpo. Nesse momento, alguns estudantes lamentaram não terem a Educação Física no período da noite. Pronto! Era o que eu precisava para trazer a minha proposta de forma bem tranquila para eles!!! Meu sorriso se abriu, escandalosamente, e os estudantes perceberam que eu tinha novidades e já foram perguntando o que era. Disse que tinha uma novidade, que, na semana que vem, eu viria dar aula e que traria junto comigo uma professora, a C, e que ela é da Educação Física, pois tem tudo a ver com o que estamos estudando. "Mas a gente vai ter duas professoras? Eles me perguntaram estranhando. E eu disse que sim, daquele meu jeito empolgado de sempre, que eu sei que eles estranham, mas adoram. Disse, ainda, que vamos falar juntas, pois o que estamos estudando é das duas matérias. Eles comentavam, entre si, coisas do tipo: Nunca vi isso! Mas, como já estabeleceram uma relação de afeto comigo, concordaram e se mostraram abertos. Perguntaram se, também, vai ter aula prática. Disse que sim, claro. Foram muitos os sorrisos largos que se abriram. Pronto! Eu os convenci completamente. Ufa!

Combinei com a C sobre a próxima semana, ela já estava com as coisas bem organizadas também. E animada. Chegamos à sala de aula, na semana seguinte, e C começou a apresentação e, depois, fomos falando juntas. Os alunos participaram bem, e, depois, saímos para prática. Gente, que coisa mais bonita de ver e viver! Senhores, idosos, adolescentes, todos juntos, todos participando dentro das suas possibilidades, mas PARTICIPANDO. Vivendo o corpo, o movimento, a consciência desse corpo. Dou muito crédito à C por isso, pois ela fez uma introdução muito acolhedora à prática, que acredito que deixou todos bem à vontade. Como, às vezes, as palavras não dão conta de explicar tudo, fiz alguns registros fotográficos desses momentos (aliás, AMO registros).



Fonte: Arquivo da Autora.

Na outra semana, já, em abril, voltei à sala. Dessa vez, sozinha. E a primeira coisa que ouço, depois do boa noite foi: Veio sozinha, hoje, professora? Hoje, sim, eu disse. E, então, eles me questionaram se a C não viria mais. Gostaram muito da aula em dupla - foi assim que eles chamaram. Gostaram demais, também, de ter a Educação Física no período da noite. Acharam que ia ser muito difícil, mas do jeito que a professora C fez, até que ficou fácil. Enfim, vão me narrando o que aquelas experiências significaram para eles, o que sentiram, o que aprenderam. Me emociono. Que bonito poder viver isso. VIVER! Porque isso mostra uma escola viva, que está em movimento, tentando oferecer o melhor para esses e essas estudantes. Puxa! Que ideia boa essa que eu tive. Ainda bem. Vou pensar em mais.

Saí das aulas, contei tudo para C. Ela ficou contente com o que fui narrando. Me disse que nunca tinha pensado nessa questão da falta de Educação Física, no turno das aulas da EJA, e que percebeu que isso precisava muito ser discutido. C acabara de entrar no Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF – UNESP) e precisava pensar e propor seu tema de pesquisa. Olha ele surgindo aí. Aqui, na escola pública. Na periferia de Campinas. Na EJA. Falo para ela ir fundo, eu estarei à disposição. Depois, a gente pensa em mais coisas e vai complementando essas experiências.

Nesse mesmo dia em que conversamos das nossas aulas e do mestrado da C, voltei para casa. Fui no carro, pensando: que coisa mais deliciosa e potente é essa de ser professora em minha vida!

Voltei para essa narrativa, depois de alguns dias… *14 de abril de 2023*. Recebemos o comunicado do Departamento Pedagógico da Secretaria Municipal de Educação (DEPE/SME), que estabelece a realização do Seminário Temático do Ensino Fundamental e o Documento Orientador em seu anexo, regulamentando a participação. Imediatamente, pensei no meu trabalho com a C. Entendo que deveríamos apresentar no Seminário para podermos socializar com os colegas de Rede sobre nossas experiências em dupla docência, na tentativa de incentivarmos outros a fazerem

tentativas similares. C ficou um pouco insegura, é a primeira vez que está trabalhando com EJA e teria que falar com pessoas que têm anos de experiência, mas disse que estaremos juntas a todo momento e que sempre é tempo de começar (reflexão: engraçado, anos atrás, era eu a C, queria que alguém tivesse me encorajado, que bom poder fazer isso), ela concordou. O prazo para inscrição de comunicação era até 24/04, e, no cotidiano da escola, dez dias não passam, voam. Mas falei com a C e combinamos de tentar. Em meio a alguns atropelos e trabalhando de forma bem interessante juntas, conseguimos. Resumo enviado. Ufa! Agora é aguardar para ver se é aceito. Depois, volto para cá de novo.

31 de maio de 2023 - Dia de apresentações das comunicações no Seminário Temático. Fomos, C e eu, para apresentar nosso trabalho. Infelizmente, ficamos em sala separada dos demais docentes da EJA da nossa escola, pois eles estavam apresentando um outro trabalho, do qual, também, participamos. Eu estava bastante tranquila, reencontrei amigos e colegas de outras escolas que, há tempos, não via. Iniciei a apresentação e C entrou falando da Educação Física, lindamente, nem dava para perceber o nervosismo. Deu super certo e os presentes se mostraram muito interessados no nosso trabalho, na forma de organização da nossa EJA, no debate sobre a Educação Física na EJA. Conseguimos estabelecer um longo diálogo entre pares, bastante produtivo e, inclusive, com sugestões de estendermos para outros tempos-espaços a conversa sobre a Educação Física e a dupla docência na rede municipal. Um sucesso! Quando acabou a sessão, dei um abraço na C; ela estava sorridente. Ufa, passou! Fiquei feliz, e em paz. Voltei para casa com a sensação de dever cumprido. Às vezes, me sinto professora dos alunos, às vezes, me sinto um pouco professora dos colegas também. Aliás, professora ou incentivadora? Não sei. Mas todos esses lugares do sentir são super importantes para mim. Fico feliz. Em tempo: é a primeira vez que sou comunicadora em Seminário, em nove anos de rede municipal.

Fiz uma publicação sobre isso em meu Instagram: https://www.instagram.com/p/CtAal1wxbtU/?igshid=MTc4MmM1YmI2Ng==.

Só complementando: os alunos seguiram, perguntando das aulas em dupla docência e a C e eu já fizemos mais algumas experiências.

04 de junho de 2023, domingo. 22h00. Estou me organizando para deitar, quando apareceu no meu Instagram que aquele era o último dia para inscrever trabalhos no "XI FALA OUTRA ESCOLA - Professora, Presente! Resistindo a abismos, reafirmando coletivos". Fiquei agitada. Tinha falado em outro momento com a C sobre participarmos desse evento, levando nosso trabalho. Era uma possibilidade de falarmos com/para pessoas de outras redes, de encorpar a discussão. Mas… Nosso recesso é tão curto, duas semanas apenas! E aí… Cinco dias de evento, fica puxado. Acabamos não retomando. Ainda assim, um impulso me moveu naquele domingo à noite e eu decidi abrir o *Chromebook*, e fui escrever o resumo nos moldes solicitados pelo evento. Depois, converso com a C… se ela puder/quiser participar, vai ser maravilhoso, e se ela não puder, vou sozinha, levando o nome dela, é claro. 23h35min, submeti o trabalho. Tudo ok. Só, então, pensei que a C vai querer me matar no dia seguinte, com esse arroubo que me tomou. Na segunda de manhã, mando mensagem para C, contando que submeti um resumo do nosso trabalho para o FALA Ela riu. Disse que acordou bem cedinho para trabalhar e viu uns *e-mails* que não entendeu muito bem, mas que, agora, tudo fazia sentido. Rimos juntas. Disse a ela que ter uma amiga/companheira de trabalho, como eu era; assim: cada mergulho um flash! (risos). A C disse que iria verificar certinho, mas que acreditava que iria participar do evento comigo. Ela não estava brava, ufa! Vamos aguardar o aceite do trabalho. E ele veio poucos dias depois. Disse pra C que eu me responsabilizaria pelo pôster, pois eu que a coloquei nessa. Ela discordou, me dizendo que estamos juntas. Gente, que bonito é o que a escola nos permite construir. Me sinto emocionada!

10 de julho de 2023, segunda-feira. Primeiro dia de recesso. Dia de abertura do XI FALA OUTRA ESCOLA - Professora, Presente! Resistindo a abismos, reafirmando coletivos e da nossa apresentação. Combinei, na semana anterior, com a C de encontrá-la na UNICAMP de manhã. Cheguei à UNICAMP, pendurei nosso pôster, entrei na sessão de abertura. Percebi que a C estava demorando um pouco; mandei mensagem. Só, então, me dei conta de que esqueci que a C não fez UNICAMP e não dei muitas coordenadas pra ela, quanto à localização. C disse que atrasou um pouco, a filhinha dela estava doente e teve que deixá-la com a mãe, mas estava a caminho. Depois, me mandou mensagem, perguntando onde era, pois entrou na universidade e viu a faixa no centro de convenções, mas não havia ninguém lá. Acontece que, naquele dia, as atividades eram todas na Faculdade de Educação. Mandei a localização pelo *Whatsapp* e, logo, ela chegou. Disse que nunca ia achar. Eu rio e peço desculpas por não ter considerado que ela não se formou ali. Acaba a sessão de abertura, fomos almoçar por Barão Geraldo mesmo. Como a C não conhece muito bem, disse para irmos com meu carro. Demos uma passada por Barão, mostrei para ela a casa, onde era a república em que morei, comentamos da doideira que é a vida em república, um monte de gente e várias tretas, mas também festas e momentos de diversão. O assunto se estendeu, quando chegamos ao restaurante: vida universitária, vivências, partilhei sobre meus tempos de mestrado e doutorado, C me contou sobre como estava o mestrado, falamos de como a vida mudou e como a maternidade veio e mudou tudo ainda mais, um turbilhão de coisas! Conversas que, infelizmente, a escola não nos permite ter, naquele ritmo frenético em que tudo se dá lá dentro. Voltamos à UNICAMP, a mostra tem bastante público e é necessária uma reorganização para que todos pudessem apresentar e assistir. O pessoal da organização nos comunicou que iríamos a uma sala de tamanho maior, e as pessoas com trabalhos expostos, irão lá na frente falar sobre os seus trabalhos. C já olhou para mim e brincou: Não basta você me inscrever no negócio, ainda vai fazer eu ir lá na frente apresentar! Rimos. Talvez, de nervoso. Mas fomos.

Nossa apresentação chegou, a C começou problematizando a questão da Educação Física na EJA e, dali, seguimos. Alguns colegas se manifestaram, inclusive, uma pessoa que faz o mesmo programa de mestrado da C, super legal! Conseguimos dialogar com os colegas e o trabalho foi super bem recebido e até elogiado. Me deu um alívio enorme! Saí da UNICAMP, pensando que esse é o primeiro evento de educação em que apresentei. Quando fiz Biologia, apesar de ser licenciatura, muito cedo entrei no estágio na área da biologia molecular do câncer e lá segui, fiz iniciação científica, mestrado e doutorado. Apesar de ter vários anos de sala de aula e ter vivido muitas experiências interessantíssimas, sempre achei que eventos da academia na área de educação não eram para mim. Não sei muito bem como construí esse pensamento, mas acho que ele veio se embutindo dentro de mim com os vários narizes tortos que encontrei dentro das escolas, quando relatava que meu doutorado foi em biologia molecular e não na educação. Fico pensando que coisa besta é essa, pois o doutorado na minha área de formação tinha uma validade enorme na minha atuação como professora. Mas, depois, fiquei pensando, também, que, já, na escola, fiz uma segunda graduação e me formei em Pedagogia, me pós-graduei na área por mais de uma vez. Ainda não entendo porque me deixei tomar por essa ideia de que eventos na educação não me pertenciam. Mas sinto como uma conquista ter criado coragem e me permitido me inscrever nesse evento. Assim como me sinto orgulhosa de ter me permitido pertencer a este projeto FAPESP, que vem me possibilitando parar para olhar o tanto de coisas que acontecem na escola, o tanto de conhecimento que produzimos e o tanto de coisas que esses conhecimentos nos possibilitam construir. Me sinto grata. Acho que, finalmente, posso encerrar essa narrativa.

AS COMIDAS SAUDÁVEIS DA AMÉRICA LATINA: REELABORANDO PRÁTICAS, AGORA DE FORMA INTERDISCIPLINAR

Marjory Alana Marcello
Primeiro semestre de 2023

Quando o ano letivo iniciou, V, professor de Geografia, me procurou:

- *Ow*, você vai trabalhar alimentação saudável com os oitavos, não vai? Ele sabia que sim, pois acompanhara meu trabalho com oitavos anos em anos anteriores. Sempre comentava que era bem legal a prática de produção/degustação de receitas saudáveis que eu realizava com os alunos. - Vou sim. E fiz aquela cara de curiosidade/ansiedade que sempre faço, quando alguém não está me dando informações completas sobre algo.

- Ah, então… É que vou trabalhar América Latina com eles, você acha que rolava uma prática integrada entre os conteúdos?

Meus olhos já brilharam: --Rola, claro que rola, com alimentação saudável, né? Dá pra pensar a guacamole, alguma coisa com quinoa ou milho selvagem do Peru, ou alguma outra coisa, eu posso procurar!

V abriu um sorriso:

-Ah, que massa! Então vamos fazer! Também posso procurar.

E ficou assim, um combinado que agrada a ambos. Saímos sorrindo. Penso sobre como é bom já conhecermos nossos colegas, nesse retorno à sala de aula, já reconhecemos aqueles com quem poderemos estabelecer parcerias e como elas podem se dar de forma tranquila. V é um deles.

Em março, se anunciou meu afastamento. V fez cara de levemente chateado, no momento do Trabalho Docente Coletivo (TDC), em que o anúncio foi feito. Olhei para ele e afirmei, baixinho:

-Ainda faremos tudo o que combinamos.

Ele deu um sorrisinho nervoso e soltou:

- Ufa! Mas vai ser bom, também, ter você dando essa força na gestão, você manja muito! Acenei de forma positiva e sorri. Passou a tensão. Ao longo dos próximos dias, fomos trocando informações sobre como estão caminhando os conteúdos, como estamos estabelecendo as relações entre os dois componentes curriculares, para chegarmos ao momento em que trabalharíamos juntos. No meio desse processo, V me questionou quanto ao oitavo A, pois não eram meus alunos, e sim da Professora B. Disse a ele que faremos a prática com eles sem problemas, que os alunos da escola são todos nossos, e que acho bem justo que eles tenham acesso às mesmas oportunidades de aprendizagem que os outros dois oitavos. Ambos concordamos. Tudo certo. Fiquei de ver no horário semanal qual o melhor dia para a aula prática acontecer e sinalizei para o V que precisamos de aula dupla com cada turma, ele sinaliza que, talvez, na segunda. Também, decidimos o cardápio: guacamole e ceviche. Bom demais! Marcamos para abril, provavelmente, dia 17.

Os dias voaram e o dia 17 acabou não sendo a melhor data. Remarcamos para 24.

23/04, domingo. V me mandou mensagem, confirmando se iriam rolar as práticas. Confirmei e me voluntariei a fazer as compras, ele concordou.

24/04, segunda-feira. De manhã, fui em busca de abacates. Três mercados e os abacates não estavam no ponto que eu gosto para fazer a guacamole. Mandei mensagem para o V, e ele me disse que ia ver na quitanda, onde costuma comprar. Deu tudo certo. No fim, no quarto mercado eu, também, achei abacates no ponto. Temos abacates em abundância, eba! Saio catando facas, garfos, vasilhas, tábuas e outros utensílios de que vamos precisar, enfio tudo em uma sacola retornável. *Bora* colocar tudo que temos conversado em prática! Nesse dia, eu e V chegamos mais cedo, estávamos ansiosos. Para o V, seria a primeira vez! Para mim, a primeira, depois de três anos sem executar, e, ainda, com uma turma que não conheço tão bem. V me perguntou sobre os procedimentos que precisaríamos

adotar, expliquei. Ele disse que separou uma *playlist* da América Latina para colocar na caixinha, enquanto cozinharmos. Puxa, que massa! Eu nunca pensaria nisso!

Fomos primeiro ao oitavo B. Turminha da pesada! Energia, ali, não falta! Todo mundo fala muito, e fazem "tudo ao mesmo tempo agora" (Titãs, 1991). Às vezes, fica um pouco caótico, precisam de mediação constante. Mas são curiosos e participativos. V vai à frente, logo, eu entro na sala. A carinha de felicidade deles ao me verem, teve até uns gritinhos! Meu coração se encheu de alegria! Imagino que vai ser uma tarde incrível! Fiz uma breve retrospectiva de como trabalhamos os conteúdos de ciências e geografia, até aquele momento, relembramos vivências. Eles sorriram, querendo falar e participar. V retoma com eles as pesquisas dos alimentos típicos de cada país da América Latina. Eles citaram vários nomes dos quais conseguem se lembrar, perceberam que vou mudando de feição, conforme falam, especialmente, quando chegam ao guacamole. É esse que a gente vai fazer, professora? Dei um aceno com a cabeça que sim. Eles gritaram! É a forma de demonstrar a excitação com aquele momento. Expliquei, então, os ingredientes base da receita. Perguntamos se conheciam coentro e se toleravam bem. Alguns não sabem, optamos por deixar o coentro à parte, e colocaria quem quisesse no seu pratinho. Eles iam fazendo caras e comentários do tipo: Não vou comer isso não! E eu só gosto de abacate com açúcar. E outros mais. Retomei a importância de experimentarmos para podermos saber do que gostamos ou não. Ainda que meio contrariados, concordaram. A segunda receita, não conseguiam dizer. Explico, então, que é o ceviche. *Cê o quê?* E fui à lousa anotar algumas coisas e explicar sobre os ingredientes do prato. Indaguei sobre a pimenta. Alguns disseram não tolerar. Combinamos de fazer o mesmo que com o coentro: picamos e deixamos à parte, aqueles que pudessem/quisessem, colocariam no seu prato. A resistência a esse prato pareceu ser maior: Mas vai ser peixe cru? Credo! Expliquei que o peixe cozinha no limão, conforme já tinha mencionado antes, eles faziam cara de incrédulos, mas pareciam querer pagar pra ver. Saímos da sala,

então, para o local, onde prepararíamos os alimentos, que é uma tenda na parte externa, ao lado da sala da orientação pedagógica. Já estava tudo limpo e organizado por mim e pelo V. Peço a eles que observem bem o ambiente, da forma que o estamos recebendo, devemos devolver. Ou seja, ao final, limparemos tudo, lavaremos os utensílios etc. Todos concordaram. Distribuí as toucas para colocarem nas cabeças, passei borrifando álcool 70% nas mãos de cada um. Todos prontos. Começamos a dividir as tarefas: Preciso de duas pessoas que saibam mexer bem com faca afiada pra cortar o peixe! O R e o F logo se apresentaram e disseram que ajudam em casa, e que eu podia confiar. V foi ajeitando o som. Dividi as equipes responsáveis pela lavagem e corte dos tomates e das cebolas. Precisei de mais um grupo para cuidar de amassar o abacate. Um pequeno grupo cuidou da pimenta e do coentro. Tarefas divididas, a mágica começou a acontecer!

Aquela turma tão enérgica estava super concentrada nas atividades, muitos demonstravam bastante intimidade com aquilo e deviam auxiliar as famílias em casa no preparo dos alimentos, inclusive, uma grande parte dos meninos - sentia-me feliz por estarem aprendendo isso em casa, serão homens melhores que muitos da minha geração. Fui dando uma orientação e outra, e me deliciando com aquilo que via. V ia passando pelos grupos e dando algumas dicas também. Via que eles iam seguindo direitinho as orientações. Terminaram de picar, me procuraram para misturar os ingredientes, iam dando jeito de lavar as coisas utilizadas, tudo em um certo caos organizado. Tudo pronto, hora de provar. Alguns alunos observaram que o peixe já havia mudado a cor. Deve ter cozinhado, né, professora? Acenei que sim. Sorri. Eles sorriam de volta. Bem que você falou! Novamente, eu sorri. Vários dos que disseram que não provariam, acabaram sendo vencidos pela curiosidade e desejavam experimentar o que produziram. Os que eu e o V percebemos que não estavam se movimentando nessa direção, tentávamos um convencimento, funcionou. Começaram os pedidos para repetir. E os pedidos aumentavam, e aumentavam. A receita que parecia tão grande e excessiva, acabou. Eles estão

satisfeitos, orgulhosos e fazendo muitos comentários, entre si, sobre aquela vivência. Meus olhos brilhavam de novo. Penso no quanto vivenciar aquilo estava sendo importante para mim, diante da tristeza que um mês atrás vivi ao deixá-los. Me lembro de que sempre dá para ressignificar. Penso no que aquilo tudo poderia representar para eles também. Que bonito é a gente poder experenciar coisas com sentido na escola! Marca a vida da gente para sempre! Chegamos ao final da aula, e eles já queriam saber de uma próxima… Sugiro uma salada de frutas na próxima, cada um traz duas frutas da sua casa. Eles amavam!!! Se sentiam, ainda, mais incluídos no processo. Ficamos de combinar uma data e me despedi. Fiquei para reorganizar as coisas na tenda, pois, embora tivessem limpado tudo com primor, precisava organizar os ingredientes para próxima turma e as estações de trabalho. Enquanto isso, V direcionou o oitavo ano B para a sala de aula.

Vamos, então, para o oitavo A. V foi primeiro, cheguei uns minutinhos depois. V estava meio sem voz, então vou precisar tomar a frente. Os alunos se assustaram um pouco com a minha presença, ainda me entendiam como gestora, apenas, pois não foram meus alunos. Olham desconfiados. Quebrei o gelo com uma *boa tarde* bem animada e falei para eles que estava lá para coisa boa. Vários sorrisos foram se abrindo e suspirei aliviada. Expliquei para eles que estava lá a convite do professor V para propor uma integração de conteúdos de Geografia e Ciências, que culminaria em uma prática. Eles disseram que o professor comentou mesmo que iriam cozinhar, pareciam animados. Fiz as amarrações do conteúdo de alimentação que eles veriam em ciências (ainda não chegaram lá com a professora Bruna, pois a mesma se afastou por quase um mês) com o que eles viram em geografia. V, retomando as pesquisas sobre os alimentos típicos da América Latina. Como não tinha tanta intimidade com a turma, conduzi de forma mais direta e já dei a eles os dois nomes das receitas que trabalharíamos. Falei sobre os ingredientes e as formas de preparo. Percebi que, verbalmente, eles interagiam menos, não porque não quisessem, mas porque, ainda, estavam um pouco receosos por não me

conhecerem tão bem. Mas os olhares estavam atentos e as cabeças balançando em concordância comigo. Chegamos aos ingredientes mais polêmicos: o coentro e a pimenta. A turma toda concordou em provar coentro, muitos disseram que as famílias já usam em casa. Vamos colocar coentro, mas a pimenta reservarmos só para aqueles que desejarem/puderem. Combinado. *Bora pra prática!* Comecei com a distribuição de toucas, e já veio uma reação completamente diferente da turma anterior. As meninas quiseram ir ao banheiro para colocar as toucas, temiam ficar feias se não as colocassem diante do espelho. Duas alunas perguntaram com alguma insistência se o uso era obrigatório, e insisti que sim; questão de higiene. Liberei para que elas fossem até o banheiro arrumar a touca na cabeça. Que situação inusitada! Em muitos anos de prática, nunca tinha vivido aquilo! As meninas demoraram um pouco para voltar, e os meninos já foram se apropriando das tarefas, começaram a dividir os grupos e queriam executar tudo. Pedi que um deles fosse até o local dos banheiros e chamasse bem alto as meninas, o que aconteceu. Começamos, então, o trabalho com os alimentos. Percebi que vários alunos, ali, tinham uma intimidade menor com os utensílios de cozinha, meninos e meninas. Imaginei que não deveriam ter muito essa vivência em casa. Me lembrei que, nessa idade, eu já cozinhava e auxiliava bastante a minha mãe. Mas, entre uma dificuldade e outra, tudo se ajeitou e as receitas saíram. Alguns poucos se recusaram a provar as receitas, mesmo diante de intervenções minhas e do V, mas aqueles que trabalharam bem ativamente se sentiram super orgulhosos do que produziram e estavam provando. Queriam oferecer aos funcionários para que provassem. Sugeri que chamassem a nossa Orientadora Pedagógica R para provar. Ela adorava! Achei incrível eles terem usado o coentro, e eles se sentiram, ainda, mais orgulhosos! Bonito de ver! Surgiram vários papos, enquanto degustavam; percebi um grupo de três alunos explicando tudo para R, desde que eu entrei na sala. Sorri. Pareceu que fez sentido para eles. Me alegrei. Fez bastante sentido para mim também. E, ainda, pude estreitar laços com a turma. Que

delícia! Seguimos o mesmo procedimento da turma anterior e fiquei para reorganizar as coisas na tenda, pois, embora tivessem limpado tudo direitinho, precisava organizar os ingredientes para próxima turma e, também, as estações de trabalho. Enquanto isso, V direcionou o oitavo A para a sala de aula.

Chegou a vez do oitavo C. *Aaaahhh, o oitavo C!* Turma com a qual estabeleci um vínculo super forte e lindo, no início do ano. Foi de uma dor imensa o dia da minha despedida, e todos nós choramos muito! Essa turma tinha uma peculiaridade: uma estudante surda (D), a qual a mãe alegava que se alimentava, apenas, de sopa, desde sempre, mas que tinha aceitado algumas ofertas de alimentos na refeição da escola. Penso na D antes de entrar: como será que ela vai reagir a tanta mudança na rotina? Além de surda, a D tinha hipótese diagnóstica de autismo. Esperava que ela quisesse participar e provar tudo. Cheguei à sala, um pouquinho depois do V. Uma comoção diante dessa chegada, vários coraçõezinhos desenhados no ar. Essa molecada me quebrou as pernas, percebi que já estava toda derretida! Risos. Vamos lá, pessoal, temos muito trabalho pela frente! E todos silenciaram e me devoraram com os olhos. Fiz a retomada do que estudamos juntos sobre alimentação e depois da continuidade com a K. V retomou as pesquisas, eles se lembraram de muitos nomes. Já sabiam quais eram as receitas, pois as outras turmas já haviam falado, mas participaram super bem daquela dinâmica. Indaguei sobre o coentro e a pimenta. Toparam tudo! Disseram que se é para provar, então, queriam provar na íntegra, sem adaptações! QUE INCRÍVEIS! Fiquei surpresa e super feliz com aquela postura, estavam mergulhando de cabeça na proposta. Olhei para o V, que estava animadíssimo também. Fomos para a tenda. Expliquei o esquema de trabalho. Distribuí as toucas, tudo tranquilo por ali, sem reclamações. As meninas zoaram o V de que ele devia usar a touca na barba, já que quase não tem cabelos. Ele aceitou e juntos fizeram uns arranjos com a touca. Eu ri. Voltei à atividade: começamos a distribuir tarefas. Cada grupo se organizou para executar suas tarefas e estavam bem organizados. A D topou

participar, com a mediação da professora bilíngue L. Elas ficaram responsáveis por espremer os limões de que iríamos precisar. Tudo andando bem, de forma organizada. Os grupos iam terminando as tarefas e lavando as louças. A turma estava muito organizada, foi a mais rápida das três salas! A grande maioria, super curiosa para provar as receitas recém produzidas, também, conseguiram vencer o preconceito do peixe cru. Provaram, repetiram, repetiam de novo, inclusive a D!!! D aceitou provar as duas receitas e quis repetir. Sinalizou que gostou bastante! Fiquei tão feliz!!!! Pedi para L comentar com a mãe dela sobre esse fato, ela ficou de fazê-lo. Olhei ao redor e vi que os alunos comentavam das receitas, entre si, falaram que iriam contar aos pais para fazerem em casa. Observei para o V que iria mandar pelo *WhatsApp* as receitas que produzimos, pois, de fato, as famílias poderiam querer reproduzir em casa, ele concordou. Sobrou tempo para conversarmos sobre aleatoriedades, eles me contaram os babados da escola, demos risada à beça! Quando perceberam que o tempo estava chegando ao fim, pediram por mais aulas assim. Sugeri para eles, assim como pro oitavo B, a sala de frutas coletiva. Eles amaram! Ficamos de pensar a data e o V cederia a aula, ele super consentiu. V encaminhou os alunos para sala, enquanto eu ia guardando os utensílios já limpos que utilizamos.

Deu a hora da saída e o V me procurou.

- Pô, que massa, deu tudo certo! Eu via você e a A fazendo essas coisas e sempre quis fazer, foi massa!

Me sinto feliz nessa felicidade. Me sinto feliz em compartilhar o que sei e aprender no processo. Digo para o V que foi um prazer e que estava grata de que, lá, em fevereiro, ele tenha me procurado para esse convite. Me coloco à disposição para pensarmos em mais atividades juntos. Encerramos o dia cansados, mas realizados, cada um saiu com seu sorriso para seguir seu rumo pós-aula. Voltei para casa, pensando no quanto a gente sempre pode arejar, mudar, retomar, remoldar nossas práticas. E como elas seguem sendo bonitas, mas, potencialmente, ainda mais significativas. Que eu não me esqueça disso nos dias duros.



Fonte: Arquivo da Autora.

Referência

TITÃS. **Tudo ao mesmo tempo agora**. In: **TITÃS**. Tudo ao mesmo tempo agora [CD]. São Paulo: WEA, 1991. 1 disco sonoro.

D. E ANÁLIA

Marjory Alana Marcello
Segundo semestre de 2023

Após o intervalo da tarde
a professora-coordenadora vai
em busca de seu café,
quando uma cena
lhe prende a atenção:
a borboleta e a formiga,
trabalhando com a alfabetização.
A história delas é longa,
vem de antes da transformação.
A borboleta era lagarta,
seu veneno queimava muitas mãos!
Mas a formiga e seu exército
dela nunca desistiram,
era trabalho duro
de verão a verão.
A lagarta metamorfoseou,
virou borboletão!
Hoje se reencontraram
e a professora-coordenadora,
uma formiga dentre tantas na história,
foi tomada de emoção!

A PRIMEIRA VEZ EM UMA LIVRARIA

Marjory Alana Marcello
Segundo semestre de 2023

No fim de julho, o Jonathan me procurou. Disse que estava conversando sobre leitura com uma das suas turmas (Primavera) e eles pensaram na possibilidade de ir a uma livraria. Muitos dos estudantes ou não conheciam ou já tinham ido a uma livraria há muito tempo. Ele queria saber se eu achava possível essa ida. Prontamente, respondi que sim, e que achava que as turmas Jacarandá também iam gostar. Me propus a agilizar a questão do transporte em meus horários de coordenação, e disse que eu poderia acompanhar a ida, como professora. Ele se animou e disse que iria à Livraria da Vila para acertar com eles se teriam condições de nos receber, quando etc. Combinamos uma data para o final de agosto, mas, como a escola é, extremamente, dinâmica, uma outra atividade acabou sendo marcada para essa data e remarcamos para o dia 13 de setembro.

Chegou o dia, uma alegria só! Os alunos estavam entusiasmados em fazer essa aula-passeio, comentando várias coisas entre si. Especulavam como ia ser a livraria, se os atendentes iam nos receber bem, perguntavam uns aos outros se já tinham ido a esse *shopping*, enfim, demonstraram curiosidade e empolgação, AMO ver isso! Nosso trajeto foi meio estranho, o motorista fez um caminho muito longo e não usual, me irritei um pouco, pois tempo gasto em um caminho longo significa menos tempo para permanecer onde queremos, mas, foquei no fato de que chegamos todos bem e sem intercorrências…

Chegando à livraria, fomos bem recebidos pelos trabalhadores de lá, e os alunos puderam caminhar, livremente, pelo espaço, inclusive, folheando as obras. Muitos olhos brilhantes e várias fotos sendo tiradas! Começaram, então, a fazer comentários: Nossa tudo

bem organizado! Deve dar um trabalhão, hein, professora? Nunca pensei em que tipo de livro eu gosto. Cheira o livro, você vai ver, é uma delícia! Entre outros. Eu ia caminhando entre eles e interagindo à medida que interagiam comigo. Às vezes, eu, também, comentava sobre uma ou outra obra que eles pegavam nas mãos. Um casal de alunos, adolescentes, sentou-se, na área infantil, um encostadinho no outro, folheando obras infantojuvenis. E então… um momento de tensão! Alguns adolescentes saíram da livraria sem pedir, e um dos alunos da minha turma veio me alertar, quanto a isso, preocupado de que os meninos causassem pelo *shopping*. Quando me dirigia à saída da livraria, uma outra aluna me informou que o Jonathan já tinha ido atrás deles e que eu podia ficar. Fiquei meio tensa, sem saber se meu colega precisava de alguma ajuda, mas entendi que os alunos, mesmo os adultos, precisavam da minha presença ali. De certa forma, ter a figura adulta de referência é importante para eles, especialmente, quando se encontram em um ambiente que não lhes é muito familiar. Voltei, então, a caminhar pela livraria e parei, quando encontrei um título que vinha namorando já há um tempo. Quando comecei a folheá-lo, um aluno se aproximou de mim e disse:

- Grande aqui, né, professora? Eu nunca tinha vindo numa loja dessa!

Parei de folhear o livro para poder lhe dar atenção, e ele comentou comigo que nunca teve livros e, até pouco tempo atrás não sabia ler, pois começou a trabalhar bem novo e trabalhava o dia todo, não conseguiu estudar quando criança/adolescente. Comentou, também, que gostava de ler livros mais curtos, tipo de criança, como os que tínhamos na escola, porque aqueles livros (como o que eu folheava) eram muito difíceis. Mostrei a ele a sessão de infantis e infantojuvenis, e ele perguntou se ele podia entrar nela, porque já estava meio velho para isso. Disse a ele que não existe idade para ler, toda idade é idade e que podemos ler aquilo que gostamos mais e que nos sentimos bem lendo. Ele abriu um sorriso imenso! Falei para ele ir lá dar uma olhada; e ele foi, bem

feliz. Acabei abandonando o livro que eu folheava, e fui dar uma circulada novamente, quando um outro aluno se aproximou:

- Professora, livro é caro, né?

Falei que realmente não andava muito barato comprar livros, especialmente, os físicos, e comentei com ele sobre o *kindle*, que a Prefeitura enviou para os alunos, mas muitos não se interessaram em levar pra casa. Comentei que com o *kindle*, acabava ficando mais em conta, pois não tinha o gasto do papel, encadernação etc. Ele me ouviu fascinado e disse que não tinha nem ideia de que isso existia! Fiquei pensando que deveríamos ter dialogado melhor sobre o *kindle,* antes de oferecê-los aos alunos, possivelmente, haveria mais interesse e eles se beneficiariam bastante.

Ficou o aprendizado para uma próxima. Enquanto falava com esse aluno, o professor Jonathan voltava com o grupo de adolescentes, um pouco bravo, mas com tudo resolvido. Voltei a circular pela livraria, quando notei um grupo, uns seis ou sete estudantes, folheando um livro de Sebastião Salgado e conversando com um funcionário da livraria. Estavam extasiados com as fotos daquele livro, comentavam sobre suas interpretações e faziam perguntas ao funcionário, que, gentilmente, as respondia e acrescentava provocações para os alunos pensarem, era uma dinâmica linda de se ver! Quando me aproximei deles, um dos alunos me disse:

- Professora, que livro sensacional, a senhora já viu?

Fiz que sim com a cabeça, e logo acrescentei:

- Temos esse livro na escola, chegou esse ano, junto com outros do mesmo autor!

O olhar de espanto e encanto que se seguiu foi hipnotizante! Então, uma aluna comentou:

- Mas professora, é muuuito caro! A escola que comprou?

Respondi que não, que a Prefeitura/Secretaria de Educação que fez a compra e enviou à escola, comentei, também, que recebemos um *e-mail* falando que haveria formação para os professores poderem trabalhar com o livro em sala de aula, e eles comentaram que ia ser muito bom, porque aquele livro era demais.

Concordei e pedi que aguardássemos, e que, enquanto não tivéssemos esse trabalho mais direcionado, eles poderiam ir até a orientação pedagógica e solicitar o livro para folhear, ver, contemplar. Eles disseram que ficavam encabulados, com medo de atrapalhar, pois sabem que somos muito ocupadas. Eu disse que não se preocupassem, pois aquele espaço é de todos e eles nunca incomodam. Sorriram. Continuei meu passeio/observação pela livraria e logo o Jonathan me informou que já era tempo de reunirmos os estudantes para irmos embora. Uma pena, passou voando! Mas fomos comunicando os alunos aos poucos, alguns pediram para ir ao banheiro, consentimos.

Na saída, três alunas se aproximaram de mim, logo após a ida ao banheiro. A K comentou que quando elas entraram no banheiro uma mulher ficou encarando e fez cara de nojo. Ela complementou dizendo que esse pessoal rico é assim, não gosta de ver pobre no *shopping* deles, por isso que eu prefiro o Bandeiras (Shopping Parque das Bandeiras). Comentei que o *shopping* não é de nenhuma daquelas pessoas e que eles são tão visitantes como nós e que pessoas que fazem aquilo que elas relataram devem ser pessoas de caráter duvidoso, pois dinheiro não compra caráter. As duas alunas adultas concordaram e falaram que tem muita gente rica que não presta, que faz mal para os outros e, também, que é melhor ser pobre e honesto do que rico e mau caráter. Concordei com tudo e perguntei como estavam se sentindo. Elas disseram que se sentiam melhor, por terem compartilhado comigo, e, pela conversa, me agradeceram. Disse que não há um porquê e, também, que é direito delas de que elas ocupem todo e qualquer lugar da cidade, independentemente, do que os outros falem ou pensem. A O, uma senhora de sessenta e oito anos, disse que quer voltar à livraria sim, na próxima, trazendo o marido. Comentou que, para ele, também, será a primeira vez e que acha que ele vai gostar. Incentivei que faça mesmo.

No ônibus, na volta, fui em silêncio, tentando ouvir e prestar atenção àquilo que estão dizendo. Seu A, sentado à minha frente, virou para trás e falou que gostou muito do passeio, mesmo os

livros sendo muito caros. Foi a primeira vez que ele foi a uma livraria. Aquilo tem um significado muito especial para mim, pois quando comecei a ser professora do A, neste semestre, ele não podia nem ouvir sobre aula-passeio, imediatamente, rejeitava e dizia que não era aula e era perda de tempo. Fui fazendo alguns enfrentamentos com ele, tentando oferecer contrapontos para convencê-lo do contrário. Aos poucos, vou conseguindo, e ele, gostando! Fico feliz! Na semana que vem, tem show de forró, então, perguntei a ele se ele irá, ele disse que sim, e eu completei dizendo que estou gostando de ver essa nova atitude, e ele sorri. Vou escutando os outros alunos compartilhando sobre a experiência e fico pensando no quão importante são esses momentos na escola. Proporcionar a primeira vez a várias pessoas, uma responsabilidade e uma alegria imensas! Todos os dias, tenho vontade de seguir nesses caminhos que escolhi na educação, mas, em alguns, a vontade é maior. Hoje é um deles.

NARRATIVA SEM TÍTULO 2

Marjory Alana Marcello
Segundo semestre de 2023

Enquanto a outra escola se apresenta,
os olhos dela buscam os meus.
Menina-mulher, dizem "de maior".
Eu vejo uma moça, 18 anos.
Sorriso e doçura de menina.
Diante do teatro,
parece se amedrontar e se apequena.
Logo ela, menina-gigante!
Tantas coisas enfrentou nessa vida!
Nossos olhos se encontram.
Sorrio. Aceno.
Vai dar tudo certo, digo.
Ela sorri, parece um afago.
Minutos depois, seus olhos ansiosos buscam os meus novamente.
Sorrio, aceno. Falo palavras de encorajamento.
Repetimos esse ritual muitas vezes.
A prof. C ri e sorri, acompanhando.
Ela finalmente lê seu texto, linda. Se supera.
Seus olhos buscam uma vez mais os meus, dessa vez, a última.
Sorrio e sussurro: muito bem! Viu? Deu tudo certo!
Ela sorri um sorriso enorme, lindo. Alívio!
Seus olhos me agradecem.
Meu coração se aquece.
É sobre ser porto seguro.

Para minha aluna D

Situando a narrativa acima. Eu a produzi, logo após o evento de culminância do 10º EJA EM DEBATE, (...) no qual nossos estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) se apresentaram, lendo suas máximas proletárias produzidas em um trabalho realizado ao longo deste semestre na escola.



Autora da foto: Marinalva Justino do Carmo

AS TRÊS AULAS DE TODA TERÇA E QUARTA

Miriã Ferreira Braga[23]
Segundo semestre de 2024

Fiquei um bom tempo me questionando sobre como começar minha primeira narrativa... A bem da verdade é que, no fundo, eu estava chateada por não me lembrar de algo extraordinário que tivesse acontecido nos últimos dias. Na minha cabeça de professora/pesquisadora entusiasta e, completamente, apaixonada pela educação básica, eu deveria ter um evento extremamente marcante, uma prática pedagógica mirabolante, um resultado de trabalho incrível para apresentar aos colegas. Obviamente, a narrativa não nasceu. O motivo é bem simples: estou cansada, bastante cansada. Esse cansaço normal que bate todo fim de trimestre e que parece vir mais forte (pelo menos para mim) no final do ano. Nesse contexto, em minha busca pelo tema da minha narrativa e, consequentemente, na constatação da minha sobrecarga, eu me perguntei: O que me faz ficar, genuinamente, feliz a essa altura do campeonato? A resposta a essa questão me arrancou uma risada sincera: a primeira coisa que veio à minha cabeça foram as três últimas aulas de terça e quarta. O riso se deu pelo fato de que, no início do ano, as mesmas aulas me causaram um completo desespero. Logo após a atribuição das turmas, descobri que, devido ao fato de termos que alinhar as aulas de Língua Portuguesa às aulas da professora de Libras, eu daria três aulas seguidas no nono A, durante a terça, e três aulas seguidas durante a quarta. Fiquei assustada e desanimada: Três aulas seguidas?! De português?! Para adolescentes? Não vai render! Vão me odiar. Vai ser horrível. No início, foi bem difícil. Cheguei à

[23] Professora de Língua Portuguesa dos Anos Finais do Ensino Fundamental na EMEF/EJA Padre Leão Vallerié.

turma com uma casca grossa. Ao ouvir as primeiras reclamações, já, logo respondi: Não fui eu que fiz o horário não, viu? Na minha arrogância, já presumi um cenário péssimo e cheguei pronta para ele. Com pose de brava, de quem, também, estava, ali, só pela obrigação. O que eu não esperava é que aquele horário improvável, com aqueles adolescentes agitados e, por muitas vezes, naquele ambiente insalubre (40ºC), faria os meus dias tão felizes! As crianças (que são maiores do que eu), de um jeito que só elas sabem fazer, fizeram daquela sala um ambiente de carinho, de risos, de trocas, de discussões e de muito aprendizado. Por diversas vezes, me peguei sorrindo pelo simples fato de estar entrando na sala. Na turma, sentia e percebia que era respeitada e não temida. As aulas eram dinâmicas, a leitura era fluida, participativa e recheada de comentários. A conversa ia longe: começava em uma oração subordinada substantiva subjetiva, passava pelo templo dos ratos, na Índia, pela crença na reencarnação e terminava com um debate sobre o respeito pelas religiões. Há uma dinâmica tão feliz, durante as aulas, que ela, por si só, me dava vontade de continuar. Não estou, aqui, romantizando o trabalho ou dizendo que não há problemas. Apenas estou refletindo sobre o fato de que estou cansada, sim, muito. Mas também estou completa, estou feliz.

MEU MENINO ZEZÉ: CORAÇÃO DE OURO

Miriã Ferreira Braga
Segundo semestre de 2024

Desde muito cedo, entendi que o livro Meu Pé de Laranja Lima (Vasconcelos, 1968) seria um de os meus preferidos na vida. O que não sabia é que, na escola, como professora, conheceria um menino especial. Um que me lembraria muito o pequeno Zezé…

A mensagem da mãe chegou na hora do almoço. Despretensiosamente. Nela, a mulher reclamava do filho. O texto, na verdade, mais parecia um desabafo. Muitas reclamações. Um pedido de ajuda. Era nítido o desespero da mãe, mediante as atitudes do filho. Imagino que esse mesmo desespero foi o que a motivou a escrever aquelas particularidades para mim.

Normalmente, já estava habituada a receber mensagens de familiares que buscam, na escola, uma salvação para suas crianças rebeldes. Porém, aquelas mensagens, em específico, eu não consegui responder imediatamente. Não consegui assimilar. Tudo o que a mãe dizia com tanta convicção era tão estranho para mim. Tão distante…

Não acho que a mãe mentiu em suas considerações, até mesmo, porque muitas das suas falas iam ao encontro do que era dito pelos meus colegas de profissão em relação ao menino. No entanto, comigo era muito diferente. Ele tentava, se esforçava, sentava à minha mesa para tirar dúvidas e, o mais importante: era respeitoso, carinhoso e preocupado. Sempre disposto a me ajudar. Como ele podia ser tão diferente com as outras pessoas? Em outros contextos? Mesmo sem entender, falei com a mãe que tentaria ajudar, por meio de uma conversa com o estudante.

Em meio às minhas reflexões, lembrei-me do menino Zezé, que, quando entrava na sala de aula, deixava seu demônio do lado de fora. Lembrei-me, inclusive, de um momento na narrativa em

que Zezé falava que, caso contassem à professora, dona Cecília Paim, suas travessuras, ela não acreditaria. Essa lembrança trouxe um vago sorriso ao meu rosto. Senti-me, naquele momento, como dona Cecília Paim, com um pequeno Zezé em minha turma.

Depois do almoço, chamei meu estudante para uma conversa. Um diálogo difícil. Desses em que a gente consegue ter uma noção de como é a vida das crianças para além do muro da escola. Uma vida que, por diversas vezes, é cruel e, extremamente, injusta. No fim do diálogo, estávamos nós dois com os olhos marejados. Ele, assim como os outros alunos, sabe que eu não gosto muito de abraços. Talvez, por isso sua surpresa, quando eu disse: Me dê um abraço. Gosto muito de você, meu menino do coração de ouro.

Referência

VASCONCELOS, José Mauro de. **Meu pé de laranja lima**. Rio de Janeiro: Editora Melhoramentos, 1968.

POR QUE VOCÊ QUER TANTO SABER SOBRE A MINHA VIDA?

Miriã Ferreira Braga
Segundo semestre de 2024

Um dia para lá de cansativo. A aula, no sétimo ano, era acompanhada por um calor insalubre de trinta e quatro graus. Trinta crianças. Algumas gritavam. Outras, inquietas, devido à temperatura, andavam de carteira em carteira. Eu já tinha pedido silêncio. Nada. Nenhuma resposta positiva por parte das crianças. O barulho continuava. Tive vontade de chorar. Bati o apagador no quadro algumas vezes. Nada. Bati a mão na mesa. Gritei. No fundo, eu só queria sair da sala.

No meio de tudo isso, aparece meu aluno autista. Ele me pediu uma atividade. As dele já tinham acabado. E agora? Eu não tinha nada adaptado. Cogitei sair da sala e procurar algo no armário. Impossível. As outras crianças derrubariam a sala, enquanto eu estivesse fora. Naquele momento, eu precisava de uma tarefa que ocupasse o tempo do estudante e que me permitisse continuar tentando impor um pouco de paz àquele local.

Sem pensar muito, na verdade, sem pensar nada, pedi a ele que escrevesse um texto, contando um pouco sobre sua vida. Passei o comando no caderno e o enviei de volta para o seu lugar. No meio de toda aquela confusão, o esqueci. Deixei que sua tarefa fosse orientada pela cuidadora e fui tentar dar conta dos outros vinte e nove pré-adolescentes eufóricos.

Não há surpresa alguma no fato de que pouco consegui com meus apelos de silêncio. Olhei o relógio e, para minha felicidade, faltavam apenas dez minutos para acabar a aula. Eu sairia dali e respiraria um pouco. Nesse meio tempo, meu aluno autista voltou para me entregar seu texto. Ao pegar o caderno, percebi que ele

havia escrito apenas duas linhas. Imediatamente, o questionei e disse que seu trabalho estava muito pequeno.

Nessa nossa interação, ele me olhou e disse:

- Não vou fazer essa atividade. Por que você quer tanto saber sobre a minha vida?

Aquela pergunta abalou todas as minhas estruturas e me fez ter vergonha de mim. Da minha prática pedagógica. Do meu atuar docente. Aquela atividade em nada era contextualizada, em nada agregava conhecimento ao estudante. Em nada contribuía para a construção do conhecimento. Era apenas uma tentativa desesperada de ocupá-lo mediante a todo aquele caos que consumia a sala de aula.

Terminei o dia na escola e voltei para casa. Em casa, chorei. Chorei de frustação, chorei de cansaço, chorei de raiva. Raiva de mim, raiva daquele ambiente caótico, raiva daquele calor, raiva daquela sala lotada... e me questionei: onde coloco toda a teoria acadêmica quando me deparo com uma realidade tão agitada? Onde está a pedagogia naquele calor que me estressa e que estressa os estudantes? Onde está a didática em uma sala tão cheia, tão barulhenta? Onde está a contextualização das tarefas, enquanto eu bato o apagador no quadro tal qual um general? Onde eu estou no meio disso tudo? Onde os estudantes estão? Onde eu quero estar?

Depois da crise, adaptei atividades e elaborei exercícios. Às vezes, ser professora é incrível. Às vezes, ser professora é desafiador. Mesmo assim, sigo. Fazendo o melhor que posso, nas condições que tenho.

SOBRE AS(OS) PROFESSORAS(ES) AUTORAS(ES)

Anália Maria da Silva
Formada em Pedagogia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), com pós-graduação em Alfabetização e Letramento pela Faculdade Venda Nova do Imigrante (FAVENI). Atuo, como professora do Ensino Fundamental - Anos Iniciais desde 2009. Na rede de Campinas, desde 2016.

Augusto César Lima e Silva
Graduado em licenciatura plena em Educação Física pela Unesp - Rio Claro. Coautor do livro Atletismo se aprende na escola. Foi Professor da rede pública estadual e, hoje, é professor da rede pública municipal de Campinas, trabalhando na educação básica. É presidente da Associação dos Professores Adjuntos 1 e 2 de Campinas. Mestrando em Educação pela Faculdade de Educação da Unicamp.

Carlos Henrique Callegari Coppi
Nascido em Mogi Guaçu, fez faculdade de licenciatura em Artes Visuais pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), formando-se em 2014. Entrou na Prefeitura Municipal de Campinas em 2019, lecionando em turmas do Fundamental 2. Em 2020, entrou na Educação de Jovens e Adultos no Espaço Concórdia e, também, na EMEF EJA Padre Leão Vallerié, onde atua até hoje.

Fabiulla Nascimento Batista de Oliveira
Nascida em Itabuna, Bahia, mudou-se aos nove anos para a cidade de Campinas, São Paulo. Formou-se em Ciências Sociais e Pedagogia. É pós-graduada na área da Educação. Leciona nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental na rede municipal de Campinas desde 2014. É ex-aluna da EMEF/EJA Padre Leão Vallerié da qual hoje faz parte da equipe docente com muito orgulho.

Jonathan Henrique Semmler
É professor de Língua Portuguesa na Prefeitura Municipal de Campinas e no Colégio Koelle, atuando em disciplinas de Literatura, Produção de Textos, Leitura e Pensamento Crítico.

Juliana Viana Fachinele
Jovem de 44 anos, nascida em 30/09/1981, na cidade de**U**beraba - MG, formada em Pedagogia com **L**icenciatura plena em Educação Infantil e Anos **I**niciais do Ensino Fundamental, no **A**no de 2005, **N**a Universidade de Uberaba (UNIUBE) e **A**tualmente professora Adjunto I, concursada em 2009, na cidade de Campinas - SP.

Sou Juliana Viana Fachinele, nasci no Triângulo Mineiro, na cidade de Uberaba - MG, em minha casa, havia uma biblioteca com poucos livros infantis, mas que me encantavam, profundamente, e até mesmo as imagens das enciclopédias desbotadas e os livros de estudos, despertando o desejo de estar dentro de cada um deles e explorar cada um como se fosse devorá-los em minha fome inesgotável de histórias que eu acabava reconstituindo em minha mente e vivendo cada aventura. Além de professora, gosto de estar com minhas filhas, Katherine e Scarlet, fazer trilhas, pintar, estar em contato com a natureza, principalmente, o mar, rios e cachoeiras e tirar fotos de paisagens e cotidiano e, nesses momentos, é onde me conecto com a poesia que exala do meu ser.

Juliana Cristina Chaves Buldrin Baiocchi
Pedagoga, Mestra em educação pela Faculdade de Educação da UNICAMP. Orientadora Pedagógica dos anos iniciais na EMEF/EJA Padre Leão Vallerié, Campinas/SP. Participa do Grupo de Estudos Cotidiano Escolar, Práticas Pedagógicas e Formação (GRECOTIDIANO - LOED/UNICAMP).

Katia Guimarães
Formada em Educação Artística pela PUC, fiz algumas especializações pela Unicamp em Artes e suas linguagens,

apresentação de trabalhos desenvolvidos em Seminários pela Unicamp e "Fala Outra Escola". Professora de Artes aposentada pelo estado de SP. Nas narrativas descritas e desenhadas vejo novas possibilidades de novos olhares, conhecimentos, gritos, sussurros e descanso nas palavras, conhecimentos e reconhecimentos, aprendizados e relatos do meu ser.

Leila Munhoz Silva
Pedagoga formada pela UNICAMP. Especialista em gestão escolar, supervisão educacional e orientação pedagógica. É professora dos anos iniciais na rede municipal de Campinas/SP na EMEF/EJA Padre Leão Vallerié.

Magda Aparecida Teodosio Ribeiro
Graduada em Ciências Sociais e Geografia. Pós-graduada em Educação de Jovens e Adultos e, Direitos Humanos, Responsabilidade Social e Cidadania Global. Professora de geografia na Rede Municipal de Campinas (Ensino Fundamental e EJA). Coordena dois projetos na EMEF/EJA Padre Leão Vallerié: Desafios Encontros e Caminhos nos Percursos Educacionais e #PapodeMenina. Integrante do projeto Bem Me Quero - Empoderamento Feminino, prevenção à violência de Gênero e ao feminicídio -, e do Grupo de Trabalho Gênero e Sexualidade, para a atualização das Diretrizes Curriculares da Secretaria de Educação da Prefeitura Municipal de Campinas. Membro do Coletivo Negro com Práticas Pedagógicas em Africanidades (CONEPA). Educadora Antirracista, Feminista e militante dos Direitos Humanos.

Maria Laedna Delfino Borges Silva
Professora de EJA II | Gestão Escolar | Ensino Superior. Professora Freiriana, com foco na consciência crítica e na leitura da realidade, trinta e cinco anos de atuação na Educação de Jovens e Adultos (EJA) na Rede Municipal de Campinas e história de contribuição na Rede Estadual de Educação de São Paulo, atualmente, aposentada. Possui ampla experiência na gestão escolar, vinte anos

de exercício no cargo de Diretora de Escola. Atuou na Educação infantil, Ensinos Fundamental e Médio. Especializada em Letras, Pedagogia, Didática, Gestão de Pessoas e Tecnologia Digital aplicada à Educação. Formação mais recente pela Unicamp.

Marinalva Justino do Carmo
Nasceu em Londrina/PR. Formada em Pedagogia pela Universidade Anhanguera - UNIDERP em 2012. Especialista em Alfabetização e Letramento pela Faculdade Campos Elíseos desde 2017 e, em Psicopedagogia Institucional pela Faculdade de Conchas – FACON, em 2018. Trabalha na área da Educação, desde 2009, atualmente, é professora do Ensino Fundamental na escola EMEF-EJA Padre Leão Vallerié - Prefeitura Municipal de Campinas. Descobri na Educação uma grande paixão, especialmente na alfabetização e letramento dos pequenos, porém, em minhas narrativas, encontramos uma realidade dura e exaustiva enfrentada por nós, professores, todos os dias.

Marjory Alana Marcello
Graduada em Licenciatura em Ciências Biológicas (2009) e em Pedagogia (2019). Especialista em Orientação, Supervisão e Gestão Escolar (2020), em Pedagogia Social e Educação de Jovens e Adultos - EJA (2021), em Alfabetização e Letramento (2021), em Psicopedagogia e Educação Especial (2021), em Políticas Públicas Educacionais (2021), em Psicopedagogia com ênfase em diagnóstico psicopedagógico (2023), Mestra em Clínica Médica - Área de Concentração Ciências Básicas (2011) e Doutora em Ciências (2015). Atualmente, cursando especialização em Educação 5.0: Metodologias Ativas e Ensino Híbrido. Vínculo profissional: Coordenadora Pedagógica na rede municipal de Paulínia - SP (desde fev/2024). Membra eleita do Conselho Municipal de Educação de Paulínia (gestão 2025-2027). Tem experiência na área de Educação - como docente no Ensino Fundamental 2 e EJA (disciplina: Ciências) e como gestora escolar (orientação/coordenação pedagógica) - e na Pesquisa acadêmica,

nas áreas de Biologia e Oncologia Molecular e Genética Humana/Médica. Tem interesse nas temáticas que envolvem políticas públicas e intersetorialidade na educação, em narrativas do cotidiano escolar e em formação de professores, especialmente, nas áreas de ensino de ciências, avaliação e educação para a diversidade

Miriã Ferreira Braga
Professora efetiva da rede municipal de ensino de Campinas e doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Possui mestrado acadêmico em Linguística pela mesma instituição e é licenciada em Letras (Português e Inglês) pela Universidade do Estado de Minas Gerais. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Linguística Aplicada, atuando, principalmente, nos seguintes temas: teorias de letramento, letramentos acadêmicos, práticas didáticas, ensino de Língua Portuguesa e gêneros textuais. Trabalhou como professora de Língua Portuguesa na rede privada e na rede pública de ensino, lecionando para todas as séries do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio.

Rogério Gerolineto Fonseca
Licenciado e Bacharel em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Mestre e Doutor em Geografia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Tem experiência em docência no Ensino Regular e na Educação de Jovens e Adultos (EJA) dos Anos Finais do Ensino Fundamental, no Ensino Médio e no Ensino Superior. Desde 2022, atua, como professor de Geografia na rede municipal de ensino de Campinas.

SOBRE AS(OS) ORGANIZADORAS(ES)

Adriana Varani
Professora Livre Docente da Faculdade de Educação da Unicamp, no Departamento de Ensino e Práticas Culturais. Coordenadora do Grupo de Estudos Cotidiano Escolar, Práticas Pedagógicas e Formação – Grecotidiano. Participa do grupo de pesquisa Loed/FE/Unicamp. Possui Mestrado e Doutorado em Educação na Unicamp e Pós-Doutorado na Unirio. Encantada com o tema dos cotidianos escolares, tem se envolvido em estudos sobre formação docente em redes de coletivos docentes, cotidiano escolar, experiências não convencionais de escola, organização do trabalho pedagógico e política de formação de professoras e professores. *E-mail*: drivarani@gmail.com

Carollina Martins de Paiva Ribeiro
Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (FE/UNICAMP), com bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Possui Mestrado em Educação (2021) e Bacharelado em Ciências Biológicas (2016), ambos obtidos na Universidade Federal de Lavras (UFLA), e Licenciatura em Ciências Biológicas (2025) pela Universidade de Taubaté (UNITAU). Integra o Laboratório de Observação e Estudos Descritivos (LOED) e o Grupo de Estudos Cotidiano Escolar, Práticas Pedagógicas e Formação (GRECOTIDIANO), ambos da FE/UNICAMP. *E-mail*: carollinampribeiro@gmail.com

Guilherme do Val Toledo Prado
Professor Titular da Faculdade de Educação da Unicamp. Coordenador do Gepec - Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada e participante do Nozsoutres - Círculo de Estudos Narrativos em Educação. Vice-diretor da Faculdade de

Educação da Unicamp (2024-2028). Graduado em Pedagogia (1987), mestre em Metodologia de Ensino (1992) e doutor em Linguística Aplicada - Ensino e Aprendizagem de Língua Materna (1999), obtidos na Universidade Estadual de Campinas. Livre-Docente em Educação Escolar (2015). Professor Titular em Educação Escolar (2024). Realizou estágio pós-doutoral pelo Departamento de Didática e Tecnologia Educativa da Universidade de Aveiro (Portugal), em 2007-2008, sob a supervisão da Profa. Dra. Idália Sá-Chaves. Com experiências na área de Educação, ênfase na Prática de Ensino e Estágio Supervisionado nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, bem como consultoria e assessoria a projetos educativos centrados na escola. Atualmente, coordena o projeto Fapesp "Narrar e (sobre)viver em processos de *ensinaraprender*: pesquisa em movimentos formativos nos/dos/com os cotidianos escolares" (Processo nº. 22/06842-2). *E-mail*: toledo@unicamp.br

Inês Ferreira de Souza Bragança
Professora Livre-Docente na Área de Educação Escolar da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e docente colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Educação Processos Formativos e Desigualdades Sociais da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP/Uerj). Pós-Doutora pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e pela Universidade de Buenos Aires (UBA), Doutora em Ciências da Educação pela Universidade de Évora - Portugal, Mestre em Educação e Pedagoga pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Coordena o Centro de Memória da Educação da FE/Unicamp e é membro da Diretoria da Associação Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica (Biograph). Coordena, também, o Grupo Interinstitucional de *Pesquisaformação* Polifonia – Gepec/Unicamp e o Núcleo Vozes FFP/Uerj - (https://grupopolifonia. wordpress.com) e a pesquisa em rede Experiências instituintes de formação docente, uma abordagem narrativa (auto)biográfica: diálogos

latino-americanos – CNPq (https://pesquisasemrede.wordpress.com). *E-mail*: inesfsb@unicamp.br

Juliana Cristina Chaves Buldrin Baiocchi
Pedagoga. Mestra em Educação pela Faculdade de Educação da Unicamp. Orientadora Pedagógica dos anos iniciais na EMEF/EJA Padre Leão Vallerié, Campinas/SP. Participa do Grupo de Estudos Cotidiano Escolar – Grecotidiano – Loed/Unicamp.
E-mail: jbuldrin@gmail.com

Livro composto pela fonte Palatino Linotype
Impresso p miolo em papel Pólen Natural 80 g/m²
Capa em papel Cartão Supremo 250 g/m²
Finalizado em abril de 2026 por 2R Print Gráfica





As narrativas que nos oferecem as professoras e os professores da EMEF/EJA Padre Leão Vallerié não são narrativas em que se põe em cena uma "abstração escolar". Não se fala da escola a partir de uma ausência. Fala-se *da* escola; fala-se *na* escola; fala-se *com* a escola; fala-se *a partir* da escola. É por isso que, em lugar de uma abstração pretensamente neutra, limpa, objetiva sob temperatura e pressão apropriadas, com iluminação controlada, o que esse corpo docente nos oferece é um lugar, são palavras que brotam de um território específico e dos encontros das pessoas com esses territórios, dos encontros das pessoas com outras pessoas, e dos encontros das pessoas consigo mesmas.

Luiz Antonio Callegari Coppi

Pedro e João Editores
20 AÑOS
pedroejoaoeditores.com.br

ISBN 978-65-265-2707-8